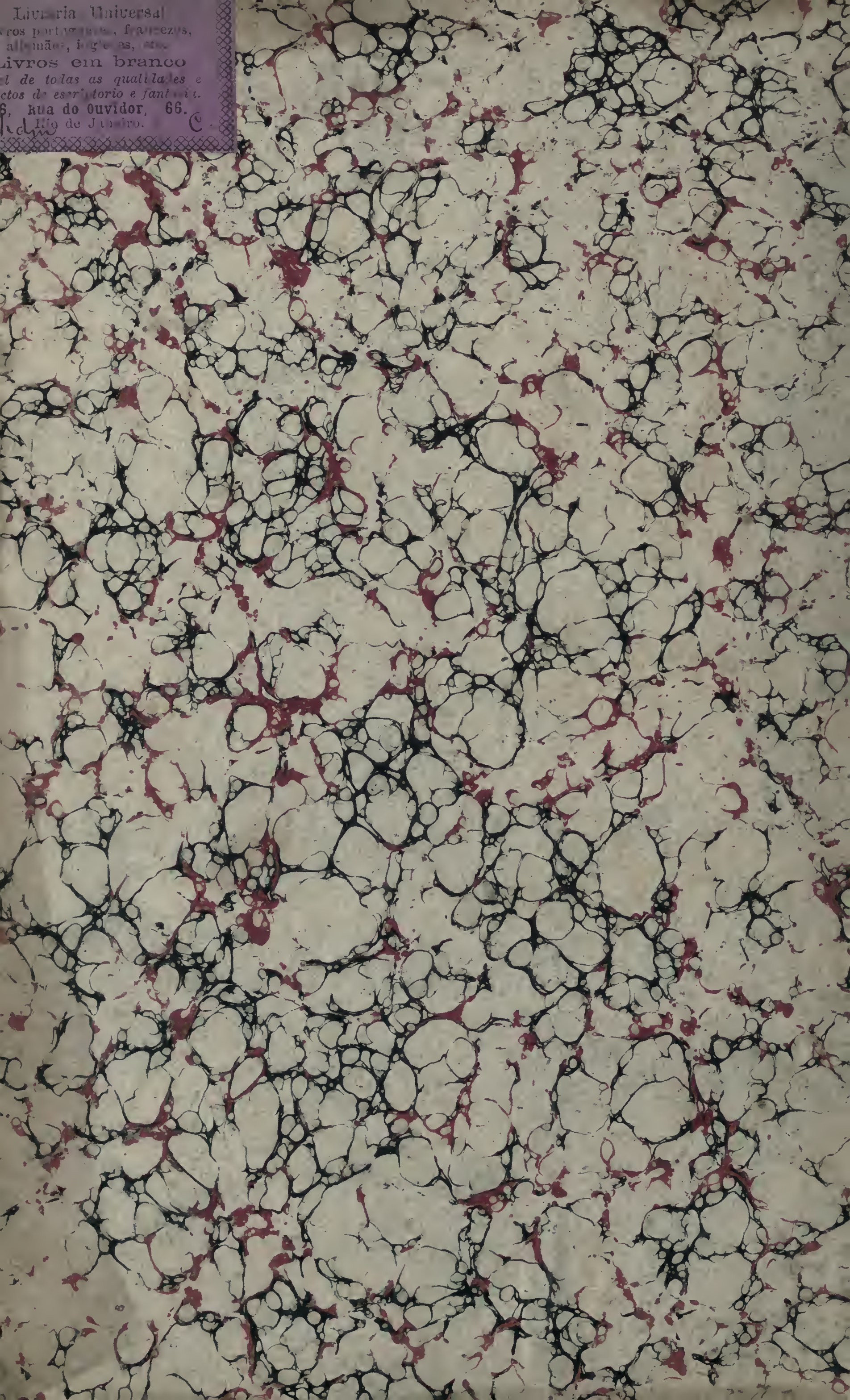

Livros em branco
Rua do Ouvidor, 66.



FABIOLA

OU

A EGREJA DAS CATACUMBAS

CARDEAL WISEMAN

FABIOLA

OU

A EGREJA DAS CATACUMBAS

ROMANCE RELIGIOSO

REVISTO E CORRIGIDO SOBRE A TRADUCÇÃO DE LISBOA, DE 1863

POR

M. J. DE MESQUITA PIMENTEL

VOLUME I



LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON
96 — LARGO DOS CLERIGOS — 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4 — LARGO DE S. FRANCISCO — 4-A
BRAGA

1872

TYPOGRAPHIA DE MANOEL JOSÉ PEREIRA
Rua de Santa Thereza, 4 e 6

PRIMEIRA PARTE



FABIOLA

CAPITULO I

A CASA CHRISTÃ

Amigo leitor, convido-vos a que, n'uma tarde de septembro do anno da graça de 302, me acompanheis pelas ruas de Roma.

O ástro diurno, já declinando, dista apenas duas horas do seu occaso; o dia é sereno, o ardor do sol vae pouco a pouco sendo substituido por uma viração mais fresca, de sorte que grande multidão sáe das casas, dirigindo-se para o lado dos jardins de Cesar, ou para os jardins de Sallustio, que occupam um logar opposto, para gosar o passeio da tarde, e saber as noticias do dia.

Mas, a parte da cidade aonde vamos conduzir o nosso leitor é conhecida pelo nome de Campo Marcio.

E' a planicie comprehendida entre os septe montes da velha Roma e o Tibre.

Antes de terminar o systema republicano, este campo, de ha muito inculto, para servir aos exercicios athleticos e guerreiros do povo, tinha sido pouco a pouco adornado com edificios publicos.

Pompeu, tinha alli edificado o theatro do seu nome; Agrippa o Pantheon e os banhos.

Gradualmente foi sendo occupado por casas de particulares; em quanto que os montes, que no começo do imperio eram considerados a parte aristocratica da cidade, estavam occupados por magnificos edificios.

Foi assim que o Palatino, depois do incendio de Nero, foi julgado insufficiente para residencia do imperador; bem como o Circo Maximo que lhe era annexo.

O Esquilino foi adoptado para os banhos de Tito, edificados sobre as ruinas da Casa de Ouro, o Aventino para os de Caracalla; e, na epocha em que escrevemos, Diocleciano havia mandado cobrir a área sufficiente para a edificação de diversos edificios importantes, com a construcção das suas Thermas [1] sobre o monte Quirinal, pouco distante dos jardins de que já fizemos menção.

O sitio do Campo Marcio, aonde particularmente dirigiremos nossos passos, é um d'aquelles tão conhecidos, que podemos descrevêl-o a quem tiver algum conhecimento topographico da antiga ou moderna Roma.

Nos tempos da republica, havia no Campo Marcio um grande espaço quadrado cercado por um estrado, um pouco elevado, e dividido por anteparos, onde os comicios ou reuniões de tribus do povo tinham logar, a fim de emittirem os seus votos.

Chamava-se a este logar Septa ou Ovile, pela sua similhança a um aprisco.

Augusto poz em practica um plano, descripto por Cicero n'uma carta dirigida a Attico, transformando esta construcção mesquinha n'uma fabrica sumptuosa.

A Septa Julia como depois lhe chamaram, era um rico portico de 1000 pés de alto por 500 de largo, sustentado por columnas, e ornado com bellas pinturas.

1 Banhos mornos.

Das suas ruinas ainda hoje se póde dar ideia; o edificio occupaav o espaço, agora tomado pelos palacios Doria e Verospi (seguindo o actual Corso), o Collegio Romano, a Egreja de Santo Ignacio e o Oratorio da Caravita.

A casa aonde convidamos o nosso leitor a entrar é exactamente situada no lado opposto a este edificio, pelo lado do sul, incluindo a área que occupa, o logar onde hoje existe a Egreja de S. Marcello, estendendo-se d'ahi até ás faldas do monte Quirinal.

Já vemos que, como quasi todas as casas nobres dos romanos, occupa uma grande extensão de terreno.

O exterior apresenta apenas uma apparencia simples e tristonha.

As paredes são lisas, sem ornato algum de architectura, e com raras janellas.

No centro de uma das faces d'este quadro, ha uma porta, *in antis,* isto é apenas decorada por um tympanum, ou cornija triangular, descançando sobre duas columnatas. Usando do nosso privilegio como «Artistas de ficção,» de entidades invisiveis, entraremos com o nosso leitor, ou, como os antigos diziam, como a nossa sombra.

Passamos o portico sobre o qual lemos com prazer, em lettras de mosaico, o amigavel *Salvè,* ou *sêde bem vindo,* e achamo-nos no *atrium* ou primeiro pateo da casa, rodeado de arcadas.

No centro do pavimento de bello marmore, repuchava um jorro de agua pura, que alli descia do aqueducto de Claudio nos montes tusculanos, e fazia ondulações, cahindo em uma bacia um pouco elevada, d'onde trasbordava em ondas de espuma, e vinha cahir n'outra bacia maior que lhe ficava inferior: na sua passagem, o vento desprendia um fino orvalho que ia humedecer as raras e brilhantes flôres, que em elegantes vasos estavam collocadas em volta do recipiente.

Sobre a arcada vemos armações, dispostas com gosto e riqueza, leitos com ornatos esculpidos em marfim e prata; mezas de madeiras orientaes, e sobre ellas candelabros, lampadas e outros objectos de uso, de prata e de bronze; bustos primorosamente cinselados, vasos, jarras e outros objectos d'arte. As paredes do vestibulo são ornadas com pinturas, evidentemente antigas, comtudo apresentam todo o brilho em suas côres, e toda a frescura de execução.

São estas as pinturas separadas entre si, por nichos com estatuas, representando umas e outras assumptos historicos ou mythologicos; mas não podemos deixar de observar, que nada a vista encontra, que

possa fazer córar ainda o rosto mais pudico, nem offender o mais delicado espirito.

Um nicho vasio, ou uma pintura coberta com uma cortina, prova não ser isto effeito do acaso.

O tecto que é construido em fórma de cupula, tem no centro um grande quadrado aberto, chamado *impluvium;* coberto com um bocado de lona escura, que resguarda o sol e a chuva.

Um crepusculo artificial deixa-nos apenas vêr quanto descrevemos; mas dá ainda mais effeito ao que nos está mais distante.

Atravez d'um arco, opposto áquelle por onde entrámos, divisa-se um pateo interior ainda mais rico, ornado com bellos arabescos doirados, e cujo pavimento é formado por marmores de variadas côres.

O panno que forra a abertura do tecto, que além d'isso é coberto por um grosso vidro ou talco (lapis specularis), está um pouco puchado, e deixa penetrar um brilhante, mas fugitivo, raio do sol que se vae retirando: é este o logar onde começamos a vêr que não nos achamos em uma casa encantada, mas sim em uma casa habitada. Diante de uma meza, por detraz das columnas de marmore Phrygio, está sentada uma matrona que se vê não estar ainda muito avançada em annos, cujas feições nobres ainda que meigas, mostram ter já soffrido grandes dôres em tempos passados.

Mas, uma influencia poderosa subjugou a lembrança d'essas dôres passadas, ou uma esperança enviada do ceu veiu adoçal-as; e estes elementos, dominando o pesar, deixaram-lhe tranquillo o coração. A simplicidade da sua apparencia fórma um contraste estranho com tudo o que a cerca; seus cabellos, em que brilham bastantes como fios de prata, em vez de ligados por algum artificio, cáem soltos; seus vestidos são da fórma e da côr mais simples, sem nenhum bordado ou enfeite, além de uma fita de purpura chamada *Segmentum,* que indica o estado de viuvez: e, nem uma joia, nem um adorno precioso, de que as damas romanas tanto usavam, se lhe divisa.

A unica coisa de valor que a isso se assimilha, é um cordão ou cadeia delgada de ouro, que tem ao pescoço, e da qual pende um objecto, cuidadosamente occulto por dentro do seu vestuario.

Na occasião em que d'ella estamos fallando, está attentamente empregada em acabar uma obra, que evidentemente se vê não ser para seu uso pessoal.

Sobre uma rica tira de brocado de oiro, está bordando com fio fi-

nissimo do mesmo metal; e, de quando em quando, recorre a uma das elegantes bocetas que tem sobre a meza, d'onde tira uma perola, ou uma outra pedra preciosa engastada em oiro que colloca no bordado.

Parece estar destinando estes ornatos de seus bellos dias para um alto fim.

Com o decorrer do tempo, póde perceber-se-lhe alguma agitação em seu rosto até então tranquillo e apparentemente absorto no trabalho.

De vez em quando levanta os olhos para a porta da entrada; escuta para vêr se sente passos, e parece inquieta.

Olha atravez do vidro do tecto, para vêr a luz do sol que já quasi toca o seu occaso; depois para uma *clepsydra* ou relogio de agua que tem juncto a si, sobre uma peanha; mas, quando um signal de maior desasocego começava a divisar-se-lhe no rosto, bateram uma pancada na porta da casa; levantou-se rapidamente, e com um olhar onde transparecia a satisfação, foi ao encontro da visita tam anciosamente esperada.





CAPITULO II

O FILHO DE UM MARTYR



heio de alegria, graça e candura, tal é o joven que entrou; com passos ligeiros atravessou rapidamente o atrio, e se dirigiu para o interior do edificio, deixando-nos apenas o tempo de attentarmos n'elle para o podermos descrever.

Mostra ter perto de quatorze annos, é bastante alto para tal edade, reunindo á fórma delicada e elegante um porte varonil.

O pescoço e os braços nús, estão desenvolvidos pelo exercicio; nas feições transluz a franqueza e a bondade; e a testa espaçosa que o cabello naturalmente encaracollado adorna, parece cercada de uma aureola de intelligencia.

Usa os vestidos communs aos mancebos da epocha; a curta *prætexta* até ao joelho, e uma bulla ou ornato espheroidal de oiro lhe pende do pescoço de uma cadeia do mesmo metal.

Um rollo de papeis e pergaminhos, que traz um criado velho que segue o nosso joven, mostra que elle se retirou da eschola. [1]

Em quanto temos estado a occupar-nos d'elle, recebeu um abraço da mãe, e sentou-se a seus pés.

Ella encarou-o por algum tempo em silencio, como para descobrir em seu rosto a causa da sua demora, porque tinha chegado uma hora mais tarde do que esperava.

[1] Este costume suggere a Santo Agostinho a bella idéa, de que os judeus eram os pedagogos dos christãos, porque lhes forneciam livros que elles mesmos não entendiam.

Mas, no olhar do joven havia uma tal expressão de candura... em seus labios um sorriso tam innocente, que a duvida dissipou-se immediatamente, e, ella dirigiu-se-lhe n'estes termos:

Que te deteve hoje, meu caro filho?

Espero que não fosse nenhum accidente desagradavel que te detivesse no caminho?!...

Oh! nenhum, tranquillisae-vos querida mãe; ao contrario, tudo foi muito bem, tam bem, que ouso apenas contar-vol-o.

Um olhar terno mas reprehensivo, fez com que o joven sorrisse, e elle continuou:

Bem, vou cumprir o meu dever.

Vós sabeis que não me sinto feliz, e que me foge o somno, se por acaso passa um dia, em que vos não conte tudo bom ou máu, que durante elle me aconteceu.

A mãe sorriu-se novamente com a idéa de que elle nunca lhe referira coisas más. Ha tempos, li que os scythas deitavam todas as tardes n'uma urna uma pedra branca ou preta, conforme o dia lhes tinha sido feliz ou adverso; se eu tivesse por costume fazer o mesmo, lançaria na urna uma pedra preta, todos os dias que tivesse deixado de vos contar o que faço.

Mas, hoje, pela primeira vez, entro em duvida, e tenho um escrupulo de consciencia, se deverei dizer-vos tudo.

Estremeceu o coração da mãe accommettido pela duvida, ou seria um excesso de ardente sollicitude que animou o brilho de seu olhar, fazendo com que o joven tomando-lhe a mão e beijando-a ternamente replicasse?

Tranquillisae-vos querida mãe!... vosso filho nada fez que possa dar-vos desgosto...

Dizei-me, quereis que vos conte tudo o que me aconteceu hoje, ou sómente o que causou a minha demora?

Conta-me tudo, meu querido Pancracio, nada que te diga respeito me póde ser indifferente.

O joven começou: este dia, ultimo que passei na eschola, parece-me singularmente abençoado, ainda que cheio de estranhas occurrencias.

Primeiro obtive o premio na declamação que o nosso bom mestre Cassiano nos deu para exame que teve logar de manhã; e isto fez com que eu fizesse importantes descobertas.

Era o assumpto que o verdadeiro philosopho devia estar prompto a morrer pela verdade.

Eu nunca ouvi nada mais frio, nem mais insipido, (creio que não faço mal em o chamar assim) do que os trechos declamados pelos meus condiscipulos. Não era culpa d'elles, pobres rapazes!... que verdade possuem elles, ou que estimulo, que os faça desejar morrer para sustentar os vãos e absurdos principios da sua crença?

Mas um christão, ao contrario, que magnifico assumpto se lhe apresentava para compôr um bello thema!

Assim me acconteceu. Meu coração dictou; todos os meus pensamentos convergiram para mesmo poncto, e escrevi um trecho, repleto das theorias que me haveis ensinado; recordei-me d'essas lições com que tendes desenvolvido a minha intelligencia, e ainda mais dos sãos exemplos que de vós tenho tido. Filho de um martyr, escrevi possuido dos sentimentos que animaram meu pae. Mas, quando chegou a minha vez, ao declamar o trecho que havia composto, vi que o que havia feito me poderia ser fatal, pois na franca manifestação dos meus sentimentos, quasi me havia trahido revelando a minha origem.

No meu enthusiasmo a palavra «christão» escapou-me dos labios em vez da palavra philosopho, fallei em morrer pela fé, querendo dizer pela verdade.

Ao meu primeiro descuido vi Cassiano fitar-me; ao segundo, uma lagrima lhe rolou pela face, e inclinando-se affectuosamente para mim, disse-me baixinho: cuidado! meu filho, ouvidos attentos te escutam.

Que dizes? interrompeu a mãe, Cassiano é christão?!

Eu escolhi a sua eschola para a tua educação, pela sua reputação de saber e virtude; e, agora bem digo a Deus pelo ter feito.

Mas, n'estes tempos de tyrannia e perseguição, somos obrigados a viver como estrangeiros na nossa propria terra, a custo conhecendo os rostos d'aquelles a que podemos chamar nossos irmãos.

De certo que, se Cassiano deixasse perceber que segue a nossa crença, em breve a sua eschola ficaria vasia.

Continúa, meu querido filho; eram as suas apprehensões bem fundadas?

Receio que sim; porque em quanto a maior parte dos meus condiscipulos applaudia enthusiasticamente a minha declamação, vi o olhar penetrante de Corvino fixar-me tenazmente, e morder os beiços encolerisado.

Quem é elle, meu filho, e porque razão se mostrava tão agastado?

Elle é o mais velho e o mais forte de entre nós; mas, infelizmente para si, o menos favorecido de intelligencia; porém isso não é culpa sua.

Corvino, não sei porque, tem para commigo uma má vontade e um rancor manifestos; nunca púde descobrir a causa.

E elle ameaçou-te, ou fez-te algum mal?

Sim, minha mãe, e foi essa a causa da minha demora.

Porque quando nós sahiamos para a rua, juncto ao rio, se dirigiu a mim com um modo insolente, diante dos nossos condiscipulos, e me disse: Pancracio, consta-me que é esta a ultima vez que devemos encontrar-nos «aqui» (e pronunciou com emphase esta ultima palavra); mas, antes de nos deixares, tens uma divida a pagar-me.

Quizestes mostrar a tua superioridade sobre mim e sobre os outros teus condiscipulos, e eu vi teus olhos fitarem-me de uma maneira provocadora, em quanto declamavas a tua pomposa composição; ai de ti! um dia te farei arrepender das expressões que soltaste, talvez em breve; porque meu pae, como sabes, é Prefeito da cidade (a mãe estremeceu); e tracta-se de alguma cousa, que deve interessar-te de perto.

Comtudo, antes de nos deixares, vou vingar-me.

Se prezas a honra do teu nome,[1] e se elle não é uma palavra vã, vamos disputar-nos a victoria, corpo a corpo, n'uma lucta mais leal e decisiva do que a da palestra ou da intriga.

Lucta commigo, toma o *cestus*,[2] arma-te, e vamos!

Estou ancioso por humilhar-te diante de todas estas testemunhas de teus insolentes triumphos.

A pobre mãe approximou-se afflicta, para melhor ouvir, e disse com voz sumida.

E que lhe respondeste, meu querido filho?

Respondi-lhe que se enganava; porque eu nunca tinha desejado humilhar os meus condiscipulos, nem me arrogava nenhuma superioridade sobre elles. E quanto ao que me propões Corvino, lhe disse eu, sabes quanto sempre odiei esses combates, que começando n'uma simples experiencia de forças, terminam, quasi sempre, n'uma lucta encarniçada, a que só preside o espirito de vingança.

[1] *Pancratium*, era o exercicio, do pugilato, da lucta, etc.

[2] Manilha usada no pugilato.

Como queres tu, pois, que eu encete agora essa prova, se acabas de confessar que são esses máos designios com que costuma terminar que te levam a desejar encetal-a.

Os nossos condiscipulos tinham formado um circulo em torno de nós; e eu claramente vi que todos me eram contrarios; porque desejavam presenciar uma d'essas scenas crueis que tanto os recreiam. Adeus meus camaradas, disse eu, sêde felizes. Deixo-vos como sempre vivi comvosco: em paz.

Não será assim, replicou Corvino, com as faces accesas em cólera; mas...

Um forte rubor corou as faces do joven, a voz prendeu-se-lhe, estremeceu, e custando-lhe a dominar esta commoção, balbuciou... não posso!... não ouso dizer-vos o resto!...

Quero sabel-o, dize-m'o, pelo amor de Deus, pelo respeito que consagras á memoria de teu pae; disse a mãe, pondo-lhe a mão sobre a cabeça, não me occultes nada.

Nunca mais terei socego, se não me dizes tudo.

Que mais te disse ou te fez Corvino?

O joven procurou tranquillisar-se, e depois continuou:

Não será assim! exclamou Corvino, não partirás assim! cobarde; sectario do culto de um asno! [1]

Occultaste-nos tua habitação; mas acharei meio de a descobrir, e, por agora, leva esta lembrança minha, para te recordares de que me vingarei de ti!

Dizendo isto, deu-me um tremendo murro na face que me fez cambalear, em quanto os rapazes que nos cercavam soltavam um grito selvagem de contentamento.

Elle começou a chorar, e, sentindo-se mais socegado, proseguiu:

Oh! como o sangue me escaldava nas veias! como o coração parecia querer devorar-me o peito; e uma voz murmurar-me ao ouvido: cobarde! era de certo o genio do mal.

Senti-me bastante forte, talvez porque a cólera me dava forças, para agarrar o meu antagonista pelo pescoço e fazel-o morder a terra!...

Pareceu-me ouvir os gritos de applauso que teriam proclamado a minha victoria, que faria voltar as opiniões a meu favor e contra elle.

[1] Uma das muitas calumnias que corriam entre os pagãos.

Foi a lucta mais difficil da minha vida; nunca o poder das paixões teve em mim tanto imperio.

Oh! meu Deus! escudai-me contra a minha fraqueza!

E que fizeste meu filho? balbuciou a tremula matrona.



O joven procurou tranquillisar-se... (Pag. 12.)

Elle replicou: o meu bom anjo venceu o demonio que me tentava.

Lembrei-me do nosso divino Redemptor em casa de Caiphas, cercado por seus inimigos que o esbofeteavam e escarneciam d'elle, e perdoando cheio de bondade.

Não devia eu desejar imital-o?[1]

Estendi a mão a Corvino e disse-lhe:

Que Deus te perdoe, como eu o faço; e que a sua benção desça sobre ti e te cubra de bens!

[1] Esta scena tem por base um acontecimento verdadeiro.

Cassiano chegou n'este momento, tendo visto tudo a alguma distancia, e a multidão de meus companheiros dispersou-se.

Eu roguei-lhe pela fé que ambos professamos, que já reciprocamente tinhamos dado a conhecer, que não punisse Corvino pelo que me tinha feito; e obtive a sua promessa.

E agora querida mãe, murmurou o joven, reclinando-lhe a cabeça no seio, não deverei eu chamar ao dia de hoje um dia feliz?





CAPITULO III

A DEDICAÇÃO



éstes declinára o dia, durante a conversação que fez objecto do precedente capitulo.

Uma mulher edosa entrou desapercebida, accendeu as luzes dos candelabros de marmore e bronze, e retirou-se.

A luz veiu realçar o effeito do extatico grupo formado pela mãe e o filho; que ambos tinham ficado silenciosos, depois da virtuosa matrona Lucina ter respondido á ultima pergunta de Pancracio, beijando-o na testa.

Não era só o amor materno que agitava seu peito; não era só a satisfação da mãe que tendo educado seu filho na practica de virtudes tam bellas, quanto difficeis de sustentar, as vê realçadas e estrictamente desempenhadas por uma creança.

Tão pouco era a alegria de que essa creança fosse seu filho; na sua opinião era um verdadeiro heroe de virtude, em tão tenra edade; pois de certo que, com mais rasão que a mãe dos Gracchos que os mostrava ás matronas da republica Romana, como sendo as suas joias mais preciosas, esta mãe christã poderia cheia de satisfação mostrar á egreja o filho que segundo seus sanctos preceitos havia educado.

Para ella foi este momento de uma alegria immensa, d'envolta com um pensamento sublime.

Era chegado o tempo que durante tantos annos tinha anciosamente esperado; e que tinha pedido a Deus com todo o seu fervor de mãe.

Ella fazia como muitos paes, que encaminham seus filhos desde o berço, para os mais sanctos e mais nobres destinos do mundo; espreitam avidamente o desabrochar de suas inclinações, e procuram guiar-lhes a vontade ainda vacillante para o sanctuario do Senhor.

Similhante a Samuel, filho de Anna, Pancracio era filho unico; e esta dedicação da mãe, esta abnegação de tudo o que lhe era mais caro, deve por isso considerar-se um acto de heroismo.

Que contraste se apresentará mais estranho e singular do que este? se compararmos esta mãe com as antigas matronas Felicitas, Symphorosa, ou a obscura mãe dos Machabeus que preferiram vêr seus filhos immolados a vêl-os tornados inimigos do Senhor?!

Eram estes pensamentos tão diversos que n'aquelle instante occupavam a mente de Lucina, em quanto com os olhos fechados, como absorta n'uma idéa reservada, pedia ao ceu lhe désse forças.

Ella bem sabia que ainda que o seu dever a impellia a fazer o generoso sacrificio de tudo o que tinha de mais caro sobre a terra; e ainda que havia muito tempo que pedia a Deus chegasse o instante de realisar este sacrificio, para si seria elle um verdadeiro martyrio.

E que se passava então no espirito d'aquelle joven, que tambem se conservava silencioso e absorto?

Nem o mais leve vislumbre de orgulho lhe apontava na mente um brilhante destino no futuro.

Elle não via de certo na sua visão, uma Basilica veneranda avidamente visitada, 1600 annos mais tarde, pelo contrito romeiro e pelo devoto peregrino, conhecida pelo seu proprio nome, que tambem seria o da proxima porta de Roma. [1]

Não divisa tambem, mais tarde ainda, uma egreja edificada em honra de seu nome, nas margens do distante Tamisa, que ainda depois de profanada, seria ardentemente procurada como ultimo logar para repousarem os corações fieis á sua cara Roma. [2]

Nem imagina, que um rico docel, ou *ciborium* de prata macissa, pesando 287 arrateis será um dia mandado collocar sobre a urna que contiver as suas cinzas pelo papa Honorio I. [3]

E ainda menos se lembra, que o seu nome figurará um dia no mar-

[1] Egreja e porta de S. Pancracio.

[2] Velha egreja de S. Pancracio, cemiterio dos catholicos.

[3] *Anastacius*, Biblioth., *in vita Honorii.*

tyrologio, que o seu retrato coroado de um esplendor será collocado sobre um altar, e reverenciado, como o joven martyr pela fé christã.

Na ingenua simplicidade de seu coração, joven e christão, elle só pensava que era o seu dever obedecer ás leis do seu Deus, observar os dictames do Sancto Evangelho; e, se julgava este dia feliz, é porque tivera occasião de cumprir o seu dever, quando uma dura prova o tinha exigido.

Não havia orgulho, nem amor proprio n'esta reflexão; aliás teria desapparecido todo o heroismo d'aquelle acto.

Quando, levantando os olhos, depois d'esta longa e silenciosa meditação, á luz dos candelabros que allumiavam o recincto divisou no rosto de sua mãe que então o encarava, uma expressão magestosa, mas de uma ternura, como não se lembrava de jámais lhe ter visto.

Era quasi um olhar inspirado: transluzia-lhe no rosto uma expressão de arrebatamento; parecia que um anjo a fortalecia.

Silencioso e quasi insensivelmente, ajoelhou diante d'ella; e n'esta posição ficava bem. Não tinha ella sido o seu anjo da guarda, que o livrara do mal? e não via elle em sua mãe uma sancta cujas virtudes tinha procurado imitar desde a infancia? Lucina rompeu o silencio com um tom cheio de emoção.

Chega emfim a occasião, meu querido filho, «disse ella,» que tem sido, ha tanto tempo, o objecto dos meus mais ardentes votos, e que o meu amor de mãe desejava e temia, ao mesmo tempo.

Anciosamente tenho eu observado o desenvolvimento que o germen das virtudes christãs tem tomado em ti, e agradecia a Deus a maneira porque via arreigarem-se os sentimentos do bem em teu coração. Tenho reparado na tua docilidade, na tua diligencia, na tua piedade e no teu amor por Deus e pelo proximo.

Vi com alegria a viva fé que possues, a tua indifferença pelas coisas mundanas e o interesse que tens pela indigencia.

Mas com maior anciedade ainda, tenho esperado a occasião que devia mostrar-me decisivamente se te contentarias com o pobre legado da fraca virtude de tua mãe, ou se quererias ser o herdeiro das nobres virtudes que ornaram teu pae, que soffreu o martyrio.

Deus seja louvado, chegou hoje esse dia!...

Que fiz eu, pois, para que mudasse a vossa opinião, fazendo-me parecer melhor a vossos olhos? perguntou Pancracio.

Escuta meu filho. O dia de hoje, ultimo que devias passar na es-

chola onde tens sido educado, foi abençoado pelo Todo Poderoso, querendo dar-te uma lição, e experimentar se serias capaz de supportar uma affronta; tiveste um procedimento muito superior ao que se póde esperar de uma creança, e por isso considerar-te-ei d'ora em diante como um homem, porque realmente pensas e obras como tal.

Que quereis dizer, minha querida mãe?

O que me disseste, ha pouco, da tua declamação d'esta manhã, «replicou ella,» prova quanto o teu coração está animado de sentimentos nobres e generosos; acho-te bastante sincero e justo para não teres escripto e proclamado enthusiasticamente que é um glorioso dever morrer pela fé, sem que essa fosse a tua convicção; e tal a creio eu.

Sim replicou o joven, essa convicção sinto-a aqui no peito, gravada em caracteres de fogo; direi mesmo que provar que a possuo é o maior desejo da minha alma.

Que maior felicidade póde um christão desejar sobre a terra?

Muito bem, meu filho, dizes a verdade: continuou Lucina.

Mas eu não me contentaria só com palavras.

O que succedeu prova-me que tu pódes soffrer intrepida e corajosamente, não só a dôr, mas, o que ainda é mais para o ardor da tua edade, a pungente ignominia do insulto, e os gritos de irrisão e de escarneo das almas sordidas que ultrajam a virtude.

Ainda mais; tu mostraste ser bastante forte, para perdoares ao teu inimigo e pedires o seu perdão.

Hoje andaste o mais aspero do caminho, com a cruz ás costas... mais um passo, e erguel-a-ás triumphante.

Mostraste que eras um digno filho do martyr Quintino.

Queres imital-o?...

Minha mãe! minha querida mãe! exclamou o joven, poderia eu, sendo bom filho, não desejar imitar meu pae?

Ainda que não tive a ventura de o conhecer, não tem estado a sua imagem sempre ante meus olhos?

Não é a sua memoria tão querida para mim?

Quando tem logar todos os annos a commemoração da sua morte, quando eu o julgo fazendo parte d'essa legião de bemaventurados, que vestidos de alvissimas roupas cercam o divino Cordeiro, no sangue do qual purificavam seus vestidos; meu coração anhella por egual gloria; e muitas vezes lhe tenho pedido, com a confiança da minha affeição filial, que me obtenha, não a fama, as honras, a riqueza, ou as

alegrias da terra, mas a virtude que elle apreciava mais que tudo isto: e que junctamente os bens que me legou sejam empregados como eu sei que elle julgará mais util e mais nobremente.

Que é isso meu filho?! E' o sangue d'elle, replicou o joven com enthusiasmo, que sinto correr-me nas veias!...

O meu sangue, como o de meu pae, tambem deve ser derramado pelo Redemptor, para testemunho da sua fé.

Basta! basta, meu filho! exclamou a mãe tocada de sancta èmoção; tira do pescoço esse adorno da infancia, vou dar-te uma melhor joia que tenho reservada para ti.

O joven, obedecendo, tirou a *bulla* de oiro.

Herdaste de teu pae, continuou Lucina, em tom ainda mais solemne, um nome nobre, uma posição brilhante, bastantes riquezas,... n'uma palavra, todas as vantagens que o mundo póde offerecer.

Mas, n'esta herança ha um thesouro, que eu cuidadosamente reservei para ser entregue a ti só, quando d'elle te julgasse digno.

Tenho-t'o occultado até agora, com quanto o estime mais que todo o oiro e joias do mundo.

E' chegado o momento de o receberes.

Com mão tremula, tirou ella do pescoço a cadeia de oiro; e pela primeira vez, o joven viu que d'ella pendia uma bolsinha, ricamente bordada de perolas.

Lucina abriu-a, e tirou d'ella uma esponja secca, ainda que manchada de vermelho.

Aqui está, meu filho, o sangue de teu pae, disse ella, com a voz entrecortada e os olhos innundados de lagrimas.

Eu mesma ensopei esta esponja nas suas feridas, achando-me disfarçada juncto d'elle e vendo-o morrer por Christo.

Fitou n'esta reliquia amorosos olhos, beijou-a com fervor e humedeceu-a uma vez mais com suas lagrimas. Humectado, tomou o sangue de novo uma côr viva, como se houvera n'aquelle instante sahido do coração do martyr.

A sancta matrona chegou a esponja aos labios tremulos de seu filho, que ficaram tinctos de purpura, como sanctificados pelo contacto d'aquella reliquia que elle venerava, como filho e como christão; e sentiu o espirito de seu pae infiltrar-se-lhe n'alma, quebrando os grilhões que podiam prender-lhe o coração ao mundo, e deixando-o livre para voar para o Redemptor.

*

Pancracio julgou, n'aquelle momento, que via a sua familia toda alli.

Lucina tornou a guardar o seu thesouro na bolsinha, e deitou a cadeia ao pescoço de seu filho, dizendo: Oxalá que, quando de novo fôr humedecida, o seja por um sangue precioso, e não pelas lagrimas que cáem dos olhos de uma fraca mulher!



A santa matrona chegou a esponja... (Pag. 19).

Mas, o céu não o quiz assim... e o futuro combatente, o futuro martyr, tinha de ser consagrado pelo sangue de seu pae e pelas lagrimas de sua mãe.

CAPITULO IV

A FAMILIA PAGÃ

Em quanto se passavam as scenas que levamos descriptas nos tres precedentes capitulos, uma outra de caracter, completamente differente, tinha logar n'uma casa, situada entre o monte Quirinal e o Esquilino.

Esta casa pertencia a Fabio, que fazia parte da legião equestre; cuja familia, cultivando grandes terrenos nas provincias asiaticas, tinha conseguido amontoar uma riqueza immensa.

Era este edificio maior e mais sumptuoso que o já visitado.

Tinha um grande peristylo ou pateo, rodeado de numerosos aposentos, ricos em todos os thesouros da arte europea, e abundando nas mais raras producções do oriente.

Esplendidos tapetes da Persia cobriam o pavimento, sêdas da China, estofos da Babylonia das mais lindas côres, e brocados de oiro da India e da Phrygia formavam as armações, ao passo que varias obras d'arte curiosas, em marfim, e em diversos metaes, serviam de ornato, e dizia-se serem obra dos habitantes das ilhas d'além do oceano indico, que geralmente se cria serem homens de fórma monstruosa e fabulosa origem.

Fabio, o possuidor de todos estes thesouros, era o verdadeiro typo do romano indolente, que está completamente disposto a gosar a vida.

E, quasi podemos affirmar, que nunca se tinha lembrado de que depois d'esta havia uma outra.

Não accreditando em coisa alguma, adorando por demais a primeira divindade a que o acaso lhe proporcionava render culto, era elle um homem tam bom, como seus visinhos; e por isso nenhum tinha direito a exigir d'elle mais.

A maior parte do dia, passava-o em um dos dois estabelecimentos de banhos, que além do fim a que eram expressamente destinados, serviam de Clubs, gabinetes de leitura, casas de jogo e gymnasios.

Alli elle tomava o banho, conversava, lia e, d'outros muitos modos, matava o tempo; saia depois, ía ao Forum ouvir algum orador fallar, ou algum advogado defender uma causa; e depois aos jardins publicos, frequentados pela melhor sociedade de Roma.

Voltava a casa, onde o esperava uma ceia opipara, á hora a que quasi todos costumavam jantar; e conversava com alguns convidados que sempre tinha, ou porque préviamente os tivesse prevenido, ou porque os escolhesse, durante o seu passeio, entre o grande numero de parasitas que andavam sempre suspirando por essa honra.

Para sua familia era bom e indulgente.

A casa conservava-se em excellente ordem, em consequencia do grande numero de escravos; e, como o trabalho era a coisa que elle mais temia, comtanto que não se visse privado de todas as commodidades, que tudo estivesse limpo, e que fosse servido a tempo, deixava correr as coisas sob a direcção dos seus libertos.

Não é, porém, só d'elle que queremos dar conhecimento ao leitor; senão tambem de outra pessoa que partilhava o seu luxo extraordinario, e que devia um dia ser a unica herdeira de todas as suas riquezas.

E' sua filha, que segundo o costume romano, tem o mesmo nome do pae, suavisado pelo diminutivo *Fabiola*. Como costumamos fazer, conduziremos o leitor a seu aposento.

Sobe-se para alli por uma escada de marmore que se nos patenteia no pateo interior, e a cujos lados ficam situadas varias salas, com janellas para um lindo terraço, embellezado por uma graciosa fonte, e enriquecido com profusão das mais raras e exoticas plantas.

N'estes aposentos se encontra tudo o que se possa imaginar de mais exquisito e curioso em artes, tanto nacionaes, como de outros paizes.

Um gosto apurado, tendo á sua disposição amplos recursos, e aproveitando circumstancias particulares, presidiu á disposição e escolha das maravilhas que nos circumdam.

N'este momento a hora da refeição approxima-se, e vemos a dona d'esta habitação encantada tractar de preparar-se para apparecer com deslumbrante esplendor.

Está ella reclinada sobre um leito, que se vê ser feitura grega, embutido com ricos desenhos em prata, n'uma sala do gosto cysiceno, isto é, com janellas até ao chão que abrem para o terraço.

Na parede, diante d'ella, antolhava-se um grande espelho de prata polida, de tamanho tal que se via alli todo o corpo; sobre uma meza de porphyro, juncto d'ella, está uma grande collecção de cosmeticos e perfumes raros, de que as damas romanas faziam então grande uso, e em que consumiam enormes sommas.

Sobre uma outra meza de sandalo vermelho, achava-se grande abundancia de joias e adornos em lindos estojos, para escolher aquelles que desejava usar cada dia.

Não é, por fórma alguma, nossa intenção, nem desejo, descrever-lhe minuciosamente as feições; preferimos occupar-nos mais especialmente dos sentimentos de cada um dos nossos personagens.

Contentar-nos-emos, portanto, com dizer, que Fabiola, que então contava vinte annos, não era em nada inferior a outras damas suas eguaes em classe, edade, e fortuna, e que tinha muitos pretendentes á sua mão.

Mas o seu caracter formava um perfeito contraste com o do pae.

Altiva, desdenhosa, soberba e irascivel, governava alli como uma rainha, sobre todos que a serviam, á excepção de duas pessoas, e recebia friamente as homenagens de seus adoradores.

Filha unica, tendo custado a vida a sua mãe, que morreu ao dal-a á luz, fôra creada e mandada educar por seu bondoso, mas negligente, pae; deram-lhe as melhores mestras, tinham-lhe cultivado o seu espirito, satisfazendo ao mesmo tempo seus mais frivolos desejos.

Não, sabia, pois, o que era negarem-lhe uma coisa.

Assim abandonada a si mesma, Fabiola tinha lido muitos livros, e, especialmente, sobre assumptos graves.

Tinha-se, pois, tornado douta, como um philosopho, mas professava as maximas sensuaes e absurdas do epicurismo que eram então a moda em Roma.

Do christianismo nada comprehendia, e tinha para si que deveria ser alguma coisa de muito trivial, muito estupido e até muito vil.

Despresava-o, pois, tanto, que nunca quizera conhecer os seus dogmas.

Quanto ao paganismo, com os seus deuses, seus vicios, suas fabulas e sua idolatria, seguia-o na apparencia, rindo-se incredula de taes loucuras.

Só conhecia como positiva a vida presente, e fazia consistir todo o seu desejo em a gosar o mais possivel.

Foi o seu mesmo orgulho que preservou sua virtude; aborrecia a sociedade pagã pela sua perversidade, e, da mesma fórma, desprezava os galanteios d'esses jovens que, rendendo-lhe á porfia suas homenagens, só serviam para a divertirem com seus excessos.

Chamaram-lhe fria e insensivel, mas moralmente nada tinham que exprobrar-lhe.

Afigurar-se-á talvez a nossos leitores, que nos temos detido em prolixas descripções; mas ellas tornavam-se necessarias, para que conhecendo bem o estado material e social de Roma na épocha da narração, assim ficassem melhor orientados.

Parecer-lhes-á tambem que exaggeramos, quando citamos alguns objectos como verdadeiros primores de arte, n'um tempo em que as artes e o bom gosto decaíam; mas lembrar-lhes-emos que o anno em que nós suppômos visitar Roma não está ainda tam longe da épocha de Antonino, como o nosso tempo da de Cellini, Raphael, ou Donatello; e, comtudo, em muitos palacios italianos vemos quadros d'estes auctores cuidadosamente conservados, porque se sabe que não podem ser egualados.

Da mesma fórma os nobres romanos tinham em grande estimação as pinturas valiosas.

Como já dissemos, Fabiola estava reclinada sobre o seu leito, tendo na mão esquerda um lindo espelho de prata, e na direita um objecto que causará estranheza achar-se em tão delicadas mãos.

Era um fino e aguçado estylete, com o cabo de marfim esculpido, pendente de uma cadeia de oiro.

Esta arma era favorita das damas romanas, e servia-lhes para punirem a seus escravos, se lhes davam o menor motivo de enfado, ou cevar n'elles sua má indisposição.

Tres escravas estavam então empregadas em seu serviço.

São de diversas raças, e foram compradas por grande preço, não só pela sua bella apparencia, mas tambem pelas raras prendas em que primam.

Uma d'ellas é preta; não d'essa despresivel raça vulgar, mas de uma raça tal como a das abyssinias e numidas, cujas feições teem a regularidade das dos povos asiaticos.

E' grande conhecedora de plantas, e das suas propriedades cosmeticas, medicinaes, ou perigosas; compõe philtros, beberagens e venenos.

Conhecem-na apenas pela sua designação nacional de Afra.

Juncto d'esta, está outra escrava grega, escolhida pelo seu requintado apuro no vestir, e pela elegancia e puresa de sua lingoagem; chama-se Graia.

O nome de Syra, porque é conhecida a terceira, nos diz que é da Asia; distingue-se pelos seus ricos bordados e pela assiduidade no trabalho.

Conserva-se socegada e silenciosa, toda entregue ao desempenho de suas obrigações.

As outras duas estão conversando e enumerando todas as coisas que vão fazendo.

A cada instante dirigem a sua ama alguma ridicula lisonja, ou procuram inclinar a sua escolha para um dos muitos pretendentes á sua mão, segundo o modo por que estes hão solicitado com dadivas o seu intermedio.

Quanto folgaria, minha nobre senhora, disse a escrava preta, de poder, esta tarde, entrar no triclinium [1] e ver o bello effeito que deve fazer este novo *stibium* [2]; deveis realmente parecer muito bella a vossos adoradores!

Custou-me muito a fazel-o tam perfeito: estou certa de que em Roma não ha outro que possa equiparar-se-lhe.

Pelo que me respeita, interrompeu a escrava Grega, não ousaria aspirar á honra por que tanto suspiras.

Contentar-me-ia de olhar do limiar da porta, para ver o maravilhoso effeito d'esta magnifica tunica de seda que veiu com o ouro que ultimamente se recebeu da Asia.

Nenhum ha que igualal-o possa, nem tam pouco o feitio que é obra minha deve julgar-se inferior a seu valor intrinseco.

E tu Syra, interrompeu a dama com um sorriso ironico, que desejas? e que obra tens, digna de elogios.

Nada desejo, nobre senhora, senão que sejaes sempre feliz.

Nenhuma obra minha tenho, crédora de gabos, porque me parece que fiz apenas o meu dever; tal foi a modesta e sincera resposta.

Ella não agradou á soberba dama que lhe disse:

[1] Casa de jantar.

[2] Cosmetico preparado com antimonio escuro, com que pintavam as pestanas.

«Parece-me, escrava, que não estás habituada a louvar.

Raras vezes se te ouve uma palavra agradavel.»

E que merecimento teriam os meus louvores? respondeu Syra; nenhum valor teem, por certo, os gabos de uma pobre escrava para uma nobre dama, que, como vós, está habituada a ouvil-os de labios eloquentes e delicados.

Acaso não os accreditaes? e não despresaes os nossos?

Suas companheiras olharam-na com espanto.

Fabiola encolerisou-se com aquellas palavras que lhe pareceram uma reprehensão, cousa inconcebivel da parte de uma escrava.

Quererás tu que te lembre qne me pertences? lhe disse ella agastada; comprei-te por alto preço, para me servires em tudo, segundo a minha vontade.

Tenho tanto direito a exigir os serviços da tua lingua, como os das tuas mãos; e se fôr da minha vontade que me louves e lisongeies, fal-o-ás ou queiras, ou não.

Seria uma ideia estranha, que uma escrava tivesse outra vontade que não fosse a de sua senhora, quando toda a sua vida pertence inteiramente a ella!

E' verdade, redarguiu a serva tranquillamente, mas com dignidade; pertence-vos a minha vida e tudo o que a ella respeita; o meu tempo, a minha saude, o meu vigor, e o meu corpo até ao seu derradeiro alento.

Tudo isto comprastes com vosso ouro, e, como tal, é propriedade vossa.

Comtudo, ainda me resta alguma cousa que todas as riquezas do mundo não compram, que as cadeias da escravidão não podem agrilhoar, e que se não circumscreve aos limites da vida.

Que objecto é esse a que alludes?!

A minha alma.

Tua alma! repetiu admirada Fabiola, que nunca se tinha lembrado de ouvir uma escrava arrogar-se o direito de possuir alguma coisa.

E que significa essa palavra?

Eu não posso definir-vol-a philosophicamente, replicou Syra; com ella só quero significar a intima convicção que em mim existe, que me faz accreditar que viverei um dia, entre coisas melhores do que aquellas que me cercam, que estam votadas á destruição, seu termo como a morte é o termo do soffrimento.

A alma é, além d'isso, a voz intima do coração que jámais queima incenso á lisonja, e que odeia a mentira.

E em quanto eu possuir este dom invisivel e immortal, aborrecerei uma e outra.

As duas escravas que nada comprehendiam de tudo isto, olhavam estupidamente sua companheira, pasmadas da presumpção que mostrava.

Fabiola tambem estava admirada; mas o seu orgulho em breve a dominou; ergueu-se e disse com impaciencia.

Onde aprendestes todas essas loucuras? Quem te ensinou a fallar d'essa maneira.

Pela minha parte, dos meus estudos de tantos annos só tenho podido concluir que todas as ideias de uma existencia espiritual são devaneios dos pôetas ou dos sophistas; e, como taes, as despreso.

Pretendes acaso, sendo uma escrava ignorante e sem os principios de educação, saber isso melhor que tua senhora?

Ou realmente imaginas tu, que depois de morta, quando o teu corpo se junctar ao montão de corpos dos escravos que morrem de morte natural ou sob o azorrague, que em pilha serão queimados; depois que tuas cinzas e as d'elles forem lançadas em uma obscura cova, existirá ainda alguma coisa de ti, e viverás ainda uma vida de goso e liberdade?

Non omnis moriar [1] como diz um dos vossos poetas, replicou modestamente mas com o olhar animado a escrava estrangeira, em quanto a dama a olhava espantada; sim, eu espero... direi mais, estou certa de que hei de sobreviver a isso.

Creio que fóra d'este mundo mesquinho, ha uma mão poderosa que reunirá os fragmentos dispersos do meu corpo.

Ha um poder celeste que ordenará ao vento que restitua o minimo atomo de pó de que sou formada, e que houver arrebatado; e eu tomarei de novo a minha fórma; não para ser vossa escrava nem de pessoa alguma, mas para ficar livre e contente, vivendo uma vida de gloria, amando e sendo amada.

E' esta a esperança que acalento em meu peito. [2]

1 Em mim nem tudo morrerá
2 Job XIX. 27.

Que disparatadas phantasias de um caracter oriental! exclamou Fabiola; obstam ellas, por certo, a que cumpras bem os teus deveres.

Curar-te-ás d'ellas. Em que eschola de philosophia aprendestes tantos absurdos?

Eu nunca os li em nenhum auctor grego, nem latino.

Apprendi estas doutrinas, nobre senhora, no meu paiz, em uma eschola onde não se conhecem, nem se admittem distincções, entre gregos e barbaros, livres e escravos.

Que dizes?! exclamou a nobre dama encolerisada; não contente com esperar por essa existencia ideal depois da morte, queres, talvez, agora mesmo, julgo eu, que te considere egual a mim?

Quem sabe? talvez até superior a mim...

Vamos, dize-me immediatamente, sem rodeios, nem disfarce, se é isso que pensas ou não?

E ella poz-se em pé n'uma attitude altiva e ameaçadora.

A cada palavra a sua agitação crescia; e as mais violentas paixões pareciam dominal-a, em quanto Syra respondia:

Nobre senhora, vós sois em tudo muito superior a mim; em poder, posição, saber, genio e em tudo o mais que enriquece e embellesa a vida; possuís todos os encantos physicos, e todos os dotes intellectuaes; a vossa posição já vedes é pois muito elevada, para que tenhaes rival, e muito mais ainda para que essa rival fosse uma creatura tam vil e tam indigna como eu.

Mas, se quereis que responda simplesmente a verdade á vossa imperiosa pergunta... (fez uma breve pausa, como vacillando; mas um gesto impaciente da sua senhora lhe ordenou que proseguisse) pedir-vos-ei que façaes vós mesma o vosso juizo; se uma pobre escrava que tem a firme convicção de possuir uma existencia espiritual, cujo termo é a immortalidade, e que deve gosar essa existencia no céu, considerando-se em tudo feita á imagem e similhança da divindade, se póde julgar moralmente, ou na esphera dos sentimentos inferior a qualquer que possuindo um espirito illustrado, não espera um mais alto destino nem um fim mais sublime do que o que aguarda o pobre passarinho, que passando a vida a cantar, se debate sem esperança de liberdade, contra os arames dourados da sua gaiola. [1]

[1] Póde ver-se a nobre resposta de Evalpisto, escravo do imperador, aos juizes, nos actos de S. Justino. Ap. Ruinart. tom. I.

Os olhos de Fabiola faiscaram de colera; pela primeira vez na sua vida se via humilhada, e por uma escrava.

Passou o estylete para a mão direita, e dirigiu um golpe quasi cegamente á inflexivel serva.

Syra quasi instinctivamente estendeu o braço para livrar o corpo e recebeu n'elle uma profunda ferida, que lhe causou vivissima dor.



Passou o estylete para a mão direita... (Pag. 29).

As lagrimas saltaram-lhe dos olhos, em quanto o sangue lhe saía em borbotões da ferida.

Fabiola ficou, por um momento, confusa do que, inconsideradamente, acabava de practicar, e sentiu-se ainda mais humilhada diante de suas escravas.

Vae, vae, disse ella a Syra, que procurava estancar o sangue, com um lenço; vae a Euphrosina para que te cuide da ferida.

Não tencionava tractar-te com tanto rigor.

Mas espera um momento, devo dar-te alguma coisa em compensação.

Foi ás joias que estavam sobre a mesa, e disse-lhe: Toma este annel, e por hoje dispenso-te do meu serviço.

A consciencia de Fabiola ficou tranquilla; acabava de fazer o que julgava uma sufficiente compensação pelo mal que tinha causado, dando um valioso presente a um ente cuja vida lhe pertencia.

E, no domingo seguinte, na egreja do Pastor, proxima da casa de Fabiola, entre as esmolas recebidas para os pobres achou-se um rico annel com uma esmeralda, que o bom padre Polycarpo julgou teria sido offerta de alguma rica dama romana, mas que aquelle a quem tudo é patente tinha visto uma escrava estrangeira, com o braço direito envolto em uma ligadura, deitar entre as esmolas destinadas á caridade.

CAPITULO V

A VISITA

Durante a ultima parte do dialogo que acabámos de reproduzir e da catastrophe que o seguiu, uma apparição teve logar no aposento de Fabiola; e se ella a tivesse visto teria provavelmente evitado um e impedido a outra.

O interior dos aposentos nos palacios romanos era, as mais das vezes, dividido por cortinas collocadas á entrada, e depois seguiam-se as portas; e assim, era facil, principalmente durante scenas de tanta confusão como a que acabava de ter logar, entrar desappercebido.

Eis o caso que agora se dera; e quando Syra ia a sahir, ficou como petrificada de susto ao ver diante de si, meia occulta pelo reposteiro, uma figura que immediatamente conheceu, e que vamos rapidamente debuxar.

Era uma joven, ou antes, uma creança de doze a treze annos, toda vestida de branco, sem ter no seu vestuario o menor enfeite.

Em seu rosto podia lêr-se, ao mesmo tempo, a simplicidade da infancia e a intelligencia de uma edade mais desinvolvida.

Seus olhos não só brilhavam com a innocencia da pomba [1] como se exprime o poeta sagrado, mas, muitas vezes, n'elles scintillava um como raio de affecto tam puro, como se olhando atravez de tudo o que a cercava se fitassem em um objecto que realmente estava presente, e que parecia ser-lhe extremamente caro.

De sua fronte transudava a candura; seu rosto puro e ameno inspirava confiança; e o meigo sorriso que brincava em seus labios, de parceria com a frescura das feições, deixava divisar todas as sensações de sua alma, que se reflectiam em seu rosto de sinceridade.

Aquelles que a conheciam, diziam que, esquecida de si mesma, fazia consistir as delicias de seu coração em prodigalisar todos os affectos e cuidados aos que tinham a ventura de d'ella se approximarem, e em consagrar-se toda em enthusiastico amor a um ente que só para ella era visivel.

Quando Syra presenceou esta visão encantadora, crendo vêr ante si um anjo que de si déspedia deslumbrantes fulgores, parou um instante. A joven tomou-lhe a mão com ternura, dizendo: Vi tudo; esperai-me na casa juncto á entrada, quando eu sair.

Ella então caminhou para deante; e Fabiola a viu; um vivo rubor lhe subiu ao rosto, porque receiou que a joven tivesse observado ò modo indigno porque se havia deixado arrebatar pela paixão.

Com um frio aceno de mão despediu as suas escravas, e saudou cordealmente a joven, que era sua parenta.

Como já dissemos, o caracter altivo de Fabiola admittia algumas excepções em seu desdem por todas as pessoas.

Uma d'estas era a ama que a havia criado, a liberta Euphrosina, que dirigia todo o arranjo domestico da casa; e cuja unica crença era ser Fabiola o ente mais perfeito, e a mais sabia, a mais bella e a mais admiravel dama de Roma.

A outra excepção era a joven visitante, que amava, a quem sempre dispensára a mais ardente affeição, e cuja companhia mais que nenhuma outra presava.

Isto é realmente bondade da tua parte, querida Ignez, disse Fabiola com ternura; vieste á pressa, annuindo a meu pedido, para seres hoje nossa hospeda á mesa.

Meu pae convidou hoje dois amigos para jantar: eu estava sus-

[1] Seus olhos são como os da pomba. *Cantares,* I, 14.

pirando por ter alguem que me servisse de desculpa para me dispensarem da sua conversação.

Comtudo, devo confessar-te que tenho alguma curiosidade de vêr um dos nossos hospedes.

E' Fulvio, cuja graça, riqueza e dotes ouço, ha muito, elogiar, ainda que me parece que ninguem sabe quem elle é, nem d'onde veiu.

Minha cara Fabiola, replicou Ignez, sabes quanto me julgo feliz em poder-te visitar; os meus parentes de boa mente consentem n'isso; não deves, pois, fazer-me elogios por vir passar algum tempo comtigo.

Tu vieste vêr-me como de costume, disse Fabiola em tom de gracejo, como sempre com o teu vestido branco sem joias, nem enfeites; pareces-me sempre uma noiva.

Sempre se me figura ouvir annunciar os teus esponsaes. Mas, meu Deus! que é isso? Estás ferida?

Ou não sabes que tens sobre o peito uma grande mancha vermelha na tua tunica? Parece sangue.

Se queres, pódes mudar de vestido já.

Não, Fabiola; é esta a joia e o unico enfeite que desejo usar esta tarde.

E' sangue, e sangue de uma escrava! mais nobre a meus olhos, e mais generoso do que o que circula nas minhas, ou gyra nas tuas veias!...

Toda a verdade se patenteou ao espirito de Fabiola. Ignez tinha visto tudo; e humilhada quasi a poncto de desfallecer, disse com voz suffocada:

Queres tu mostrar a todos uma prova da irascibilidade do meu caracter em castigar cruelmente uma escrava?

Não, minha prima; não sou capaz de nutrir taes sentimentos.

Só desejo conservar para mim uma lição de força moral e de elevação de espirito, que recebi de uma escrava, e que poucos dos philosophos nossos compatriotas poderiam dar-nos.

Que extravagante ideia! Sempre notei, Ignez, que dás grande importancia a essa classe de gente.

No fim de tudo, que são elles?!...

Creaturas eguaes a nós... dotadas do mesmo raciocinio, dos mesmos sentimentos, e da mesma organisação.

Por esse modo queres dizer que somos eguaes?

Então elles formam parte da mesma familia! e se Deus, de quem

recebemos a vida, é nosso pae, tambem é pae d'elles; são, por consequencia, nossos irmãos!...

Um escravo, meu irmão, Ignez! Deus me preserve de pensar assim!

São propriedade nossa, bem como outro objecto qualquer; e não concedo que elles tenham o direito de mover-se, obrar, pensar ou sentir, senão consoante à vontade de seus senhores, e como melhor a estes convier.

Vamos, disse Ignez com sua meiga voz, não encetemos uma discussão acalorada. Tens bastante sinceridade e consciencia, para deixares de confessar que foste hoje humilhada por uma escrava em tudo o que mais te maravilha; espirito, raciocinio, verdade, e força moral até ao heroismo.

E não tentes negal-o, pois te atraiçoam essas lagrimas que furtivamente se te deslisam pelas faces.

Mas, minha querida prima, eu posso evitar a repetição da tua magua... Queres fazer-me o que vou pedir-te?

Se estiver na minha mão...

De certo que está; é permittires que eu compre Syra; cuido ser este o seu nome.

Certamente não gostarás de continuar a tel-a comtigo.

Enganas-te, Ignez. Vencerei o meu orgulho d'esta vez, confesso-te que a estimarei, admiral-a-ei talvez até. E' este um sentimento novo em mim para com as pessoas de sua condição?

Mas, parece-me, Fabiola, que eu a poderia fazer mais feliz do que é.

Sem duvida, Ignez, porque tens o magico poder de fazer felizes todos os que te rodeam.

Eu nunca vi uma casa como a tua.

Parece que pões em practica a estranha philosophia a que alludiu Syra, em que não ha distincção entre senhores e escravos.

Todos em tua casa estão sempre alegres e contentes, procurando desempenhar com zêlo os seus deveres.

Ensina-me esse segredo... (Ignez sorriu-se).

Suspeito, minha encantadora magica, que é no mysterioso aposento que nunca me mostras, que tu guardas philtros e encantos com que fazes que todos te amem. Se fosses christã, e te expozessem no amphitheatro, estou certa de que as feras se rojariam a teus pés.

Mas porque estás tão séria, minha filha?

Bem sabes que estou só gracejando.

Ignez parecia distrahida, e olhava abstracta, como absorta na contemplação d'um ente que parecia amar ternamente.

De repente disse: bem, bem, Fabiola: estranhas occurrencias podem ter logar; e, por todos os motivos, se tal acontecesse, Syra seria a creatura que qualquer deveria desejar vêr ao pé de si; e por isso deves ceder-m'a.

Pelo ceu! Ignez, não tomes tanto a sério as minhas palavras.

Affirmo-te que só quiz gracejar.

Tenho em muito boa opinião o teu bom senso, para julgar possivel uma tal calamidade.

No entanto, pelo que diz respeito á dedicação de Syra, concordo que tens razão. Quando no verão passado tu te ausentaste, estive tam doente d'uma febre contagiosa, que era necessario violentar os escravos para que chegassem ao pé de mim; e, pela sua parte, a pobre mulher não me deixava, nem de noite, nem de dia, e tractava-me com tal carinho, que confesso que muito concorreu para meu restabelecimento.

E tantos extremos não t'a fizeram amar?

Amal-a! amar uma escrava!... tive todo o cuidado em recompensal-a generosamente; ainda que não sei o que faz ao que lhe dou.

As outras dizem-me que nada juncta, e comsigo nada gasta...

Tenho até ouvido dizer que todos os dias reparte o seu sustento com uma rapariga céga e mendiga.

Que exquisita lembrança! Cara Fabiola, exclamou Ignez, desejo possuil-a! Disseste que annuias ao meu pedido.

Dize-me o seu preço, e leval-a-ei commigo já esta tarde.

Bem, consinto; ás tuas supplicas não ha resistir.

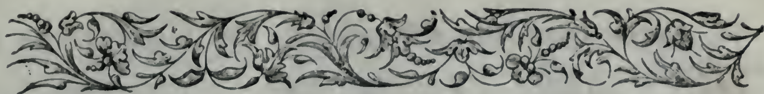
Mas, não seremos nós que tractaremos d'esse negocio.

A'manhã manda alguem fallar com o mordomo de meu pae e tudo se arranjará.

E agora que já está isto tractado, desçamos e vamos vêr os hospedes de meu pae.

Mas esqueceste pôr as tuas joias...

Não importa; passarei sem ellas uma vez; não me dá vontade de as pôr hoje.



CAPITULO VI

O BANQUETE

Entrando, as duas amigas acharam os convivas já reunidos na sala. Não era um banquete extraordinario; mas sim uma refeição usual a que ia ter logar: e n'uma casa rica, como a de que fallamos, contava-se sempre com bastantes convivas.

Contentar-nos-emos, pois, com dizer que tudo era elegante e sumptuoso; e limitar-nos-emos á descripção dos objectos que possam esclarecer-nos no decurso de nossa obra.

Quando as duas senhoras entraram na sala, Fabio, depois de saudar sua filha, exclamou: Porque é, minha filha, que tendo descido já tarde, não vens mais aceiada! Esqueceram-te as joias?

Fabiola ficou confusa. Não sabia que responder: envergonhou-se da sua fraqueza, e julgou que tinha escolhido má especie de castigo para a sua falta.

Ignez foi que respondeu; a culpa é minha, primo Fabio, tanto de que ella viesse tarde, como de que venha vestida com tanta simplicidade.

Demorei-a com a minha conversação; e, sem duvida, foi para me obsequiar que veiu assim tam simplesmente vestida, a fim de condizer commigo.

Tu, querida Ignez, tens a liberdade de fazer o que quizeres, replicou Fabio.

Todavia, sériamente fallando, devo dizer-te que em quanto eras creança, isso ficava-te bem; mas agora que estás uma senhora, e que podes aspirar a um bom casamento, deves procurar parecer bella, para conquistar o coração de algum gentil mancebo.



Ignez parecia absorta... (Pag. 36)

Um bonito collar, por exemplo, como tenho visto alguns em tua casa, havia de dizer-te bem.

Mas, vejo que não me prestas attenção.

Vamos, vamos... parece-me que já vives apaixonada pelo que julgarás vir a ser teu futuro esposo.

E emquanto ouvia estas palavras, pronunciadas em fórma de amigavel conselho, Ignez parecia absorta n'um dos seus extases, seus olhos tomavam a expressão que Fabiola dizia encantada; e lançando uma chamma celeste, como que se fixavam n'um ente invisivil que parecia contemplar, sem, comtudo, perder o fio da conversação, ou dizer alguma coisa fôra de proposito.

Respondeu, pois, a Fabio; oh! sim! certamente! aquelle a quem já consagro todos os meus affectos me deu o annel de esponsaes, e me adornou de immensas joias. (1)

Devéras! disse Fabio, que te deu elle?

Que me deu?! respondeu Ignez com uma exaltação crescente, e n'um tom de despretenciosa simplicidade, ornou-me o peito e os braços de preciosissimos adornos e poz-me nas orelhas brincos de perolas que não tem eguaes. (2)

(1) *Annulo fidei suæ subarrhavit me, et immensis monilibus ornavit me.* Officio de Santa Ignez.

(2) *Dexteram meam et collum meum cinxit lapidibus pretiosis, tradidit auribns meis inaestimabiles* Margaritas.

Sanctos Numes! quem será?!

Um dia nos dirás o teu segredo, Ignez.

E', sem duvida, o teu primeiro amor: oxalá elle dure e te faça feliz, como mereces!

Para sempre feliz! respondeu ella: foi ter com Fabiola e entraram junctas na sala de jantar.

Felizmente, Fabiola não tinha ouvido o dialogo, pois teria ficado escandalisada, pensando que Ignez tinha occultado a ella, a mais intima amiga sua, o segredo mais importante d'aquellas edades.

Mas, emquanto Ignez respondia, tinha-se affastado de seu pae e entretinha-se com os hospedes.

Um d'elles, era um taciturno e teimoso sophista romano, um como especulador em conhecimentos humanos, chamado Calpurnio; o outro era Proculo, um parasyta, que gostava de comer bem e por isso frequentava a casa.

Havia ainda outros dois que merecem mais longa menção.

O primeiro, evidentemente bem recebido tanto por Fabiola, como por Ignez, era um tribuno, official de distincção da guarda pretoriana.

Posto que não tivesse ainda trinta annos, distinguira-se já pelo seu valor, e gosava do mais alto favor dos dois imperadores: Diocleciano do Oriente e Maximo Herculio de Roma.

Não tinha a menor affectação em seu vestuario ou maneiras, comquanto fosse dotado de muito bella presença; e sendo assás agradavel na conversação, não usava, comtudo, das phrases estudadas, que eram então da moda na boa sociedade: n'uma palavra, era o perfeito prototypo de um coração nobre, joven, cheio de sentimentos de honra, bravo e forte, mas sem o menor vislumbre de vaidade.

Com elle contrastava o segundo hospede, já mencionado por Fabiola; este novo ornamento da sociedade era Fulvio.

Joven de olhar efeminado, vestido com o maior esmero e elegancia, com anneis ricos em todos os dedos, e joias a adornar-lhe o vestuario, affectado na conversação, em que empregava um leve accento de pronuncia estrangeira, contrafeito na cortezia de suas maneiras, ainda que franco e obsequiador na apparencia; elle tinha conseguido, em pouco tempo, relacionar-se com a mais selecta sociedade de Roma.

Devia isto, em parte, a ter sido visto na côrte com o imperador, e, em parte, á fascinação de suas maneiras.

Havia chegado a Roma, unicamente acompanhado por um velho servo, que se lhe mostrava devéras affeiçoado, e que ninguem sabia se era escravo, se liberto, ou amigo.

Fallavam sempre um com o outro, n'uma lingua estranha; e, as feições bruscas, o olhar perscrutador e a expressão carrancuda do velho, inspiravam certo gráu de temor aos outros famulos; porque Fulvio tinha tomado um aposento no que se chamava *Insula* ou casas para alugar separadamente, tinha-o mobilado com luxo, e havia comprado um numero de escravos, sufficiente para o servir em quanto solteiro.

A abundancia, ou para melhor dizer, a profusão, reinava em todos os seus arranjos domesticos; e, na corrupta e devassa sociedade de Roma pagã, a obscuridade de sua historia, e a sua apparição repentina, depressa se esqueceram á vista de suas riquezas, e do encanto da sua affectada conversação.

Comtudo um observador perspicaz, facilmente lhe notaria certo desassombro no olhar, e um certo desejo de ouvir com attenção o que se dizia em torno de si, bem como de procurar lêr nos olhos de todos que o rodeavam. Revelava insaciavel curiosidade: em alguns momentos de distracção, uma idéa sinistra parecia fazer-lhe carregar o sobr'olho, e em quanto os olhos scintillavam como accêsos em ira, mordia o labio inferior, deixando perceber um forte sentimento de desconfiança; de sorte que, facil era vêr que, debaixo de um exterior agradavel, occultava uma malicia felina.

Bem depressa os hospedes se pozeram á meza, e as damas se sentaram, ao passo que os homens estavam reclinados em leitos; durante a refeição Fabiola e Ignez estiveram junctas uma da outra a um lado, os dois hospedes que ultimamente descrevemos occuparam o lado opposto, e o pae com os dois hospedes mais velhos ficavam á cabeceira da mesa; se estes termos se podem admittir, fallando de uma mesa redonda, para dar idéa da collocação dos hospedes em tres differentes ponctos d'ella, da qual uma quarta parte estava desembaraçada do *Sigma* (1) ou leito semi-circular, para facilitar o serviço.

Observaremos, de passagem, que uma toalha, (luxo desusado no tempo de Horacio) estava cobrindo a mesa.

(1) Assim chamado pela sua similhança com a letra C., antiga fórma do E.

Quando as mais fortes exigencias do estomago e do paladar estavam satisfeitas, a conversação tornou-se geral.

Que de novo havia hoje nos banhos? perguntou Calpurnio; infelizmente não tenho tempo para saber d'essas miserias.



Fabiola e Ignez estiveram junctas... (Pag. 38).

Novidades verdadeiramente muito interessantes, respondeu Proculo.

Corre como certo, que se receberam ordens do divino Diocleciano, para que se acabassem as suas Thermas em tres annos.

E' impossivel! exclamou Fabio. Vi as obras, outro dia, quando ia aos jardins de Sallustio, e acho-as pouco adiantadas desde o anno passado. Ha immenso trabalho a fazer que demanda muito tempo, como lavrar os marmores, fazer as columnas, etc.

E' verdade, redargiu Fulvio; mas sei que se expediram ordens para toda a parte, a fim de serem mandados para aqui todos os prisioneiros, condemnados a trabalhar nas minas em Hespanha, Sardenha, e mesmo em Chersoneso, que se possam ajunctar, para virem trabalhar nas Thermas.

Alguns milhares d'estes christãos, empregados na obra, depressa a concluirão.

E porque serão os christãos e não outros criminosos? perguntou Fabiola com curiosidade.

Porque?! realmente, disse Fulvio com o seu mais estudado sorriso não vos posso dar a razão; mas o facto é que será assim.

Entre cincoenta obreiros dos condemnados, destingo, á primeira vista, os christãos, se os houver entre elles.

Sim! disseram varias vozes ao mesmo tempo; e porque?

Os criminosos vulgares, respondeu elle, tem sempre aversão ao trabalho, e é necessario empregar o azorrague a cada passo para que trabalhem; e, quando o superintendente desvia os olhos, não fazem nada.

Além d'isso são sempre brutos, estupidos, turbulentos e perversos; mas os christãos, quando são condemnados a trabalhos publicos, estão sempre alegres e são muito doceis e obedientes.

Vi jovens na Asia, cujas mãos nunca tinham manejado uma enxada, e cujos hombros nunca tinham supportado peso algum, trabalhando muitissimo e tão felizes na apparencia, como se estivessem gosando de todas as commodidades.

E' verdade, que os superintendentes empregam para com elles desapiedadamente o azorrague e o bastão; demais, é da vontade dos divinos imperadores que se lhes torne a vida tam penosa quanto fôr possivel; mas elles nunca se queixam.

Na minha opinião reprovo esse modo de fazer justiça, replicou Fabiola; mas que estranho procedimento é o d'esses homens.

Tenho curiosidade de saber o motivo ou a causa d'essa estupidez, ou insensibilidade natural dos christãos.

Proculo replicou com um olhar significativo: Calpurnio póde explicar-nol-a; porque elle é philosopho, e tenho ouvido dizer que é capaz de fazer sobre a coisa mais insignificante uma longa e sábia prelecção.

Calpurnio, assim provocado, e julgando-se altamente lisonjeado, começou em tom solemne:

Os christãos, disse elle, seguem uma seita estrangeira, cujo fundador floresceu, ha alguns seculos, na Chaldea.

As suas doutrinas foram prégadas em Roma, por dois irmãos chamados Pedro e Paulo.

Alguns sustentam que estes eram os mesmos irmãos gemeos que os judeus chamam Moysés e Aarão, o segundo dos quaes vendeu o seu direito de primogenito pela pelle de um cabrito, de que precisava para fazer *chirotecae* (1).

Mas não admitto esta asserção, pois dizem os livros sagrados dos judeus, que o mais novo d'estes individuos, vendo que as victimas que o outro offerecia em holocausto lhe presagiavam melhores agouros que

(1) Luvas.

as suas, o matou, como Romulo a Remo, mas com a queixada de um burro; sendo por isso mandado enforcar pelo rei Mardocheo de Macedonia, em uma forca de cincoenta covados (1) de altura, que havia servido a sua irmã Judith.

Comtudo, chegando Pedro e Paulo a Roma, descobriu-se que o primeiro era um escravo que fugira a Poncio Pilatos, e por ordem de seu senhor foi crucificado no Janiculo. Seus proselytos, que já eram em grande numero, tomaram a cruz por symbolo, e adoram-na; consideram grande honra soffrer tormentos, e até uma morte ignominiosa, como sendo a melhor maneira de se assimilharem a seus mestres; e accreditam que depois irão habitar com elles em um logar escondido entre as nuvens.

Esta *douta* explicação da origem da Christandade foi ouvida com admiração por todos, á excepção de duas pessoas. O joven official olhou para Ignez, com uma expressão que parecia dizer:

Deverei eu responder a este ignorante impostor como elle merece? ou rir-me dos seus absurdos?

Porém ella pôz o dêdo na bôcca, e sorriu-se como pedindo silencio.

Muito bem, disse Fabio, a conclusão que de tudo o que ouvi posso tirar, é que as Thermas se acabarão depressa, e que teremos grandes festas.

Não é verdade, Fulvio, que corre o boato de que o divino Diocleciano virá pessoalmente assistir á inauguração?... Conta-se quasi como certo; e que haverá soberbos jogos olympicos.

Mas não teremos tanto que esperar; já, para um outro fim, se expediram ordens para a Numidia, a fim de que se arranjasse grande numero de leões e leopardos, antes do inverno.

Então, voltando-se rapidamente para o official que lhe ficava proximo, e lançando-lhe um olhar investigador, accrescentou:

Um bravo soldado, como vós, Sebastião, deve gostar dos nobres espectaculos do amphitheatro, especialmente, sendo para castigar os inimigos dos augustos imperadores e do imperio.

O official levantou-se do leito em que estava reclinado, olhou em face o seu interlocutor, e, em attitude firme e magestosa, respondeu pausadamente:

(1) Medida antiga equivalente a uma braça.

Fulvio, eu não mereceria os titulos com que me honraste, se podésse contemplar com prazer, ou impassivel, a lucta (se tal se lhe póde chamar) entre uma fera e uma creança ou uma mulher indefesa; e são esses espectaculos que tu alcunhas de nobres!...

Não!... desembainharei promptamente a minha espada contra os inimigos dos principes ou do estado; mas ainda mais promptamente contra o leão, ou o leopardo, que embora por ordem do imperador, arremettesse contra a innocencia inerme.

Fulvio ia a erguer-se, mas Sebastião collocou-lhe a sua robusta mão sobre o hombro, e continuou: escuta-me!...

Não sou, nem o primeiro nem o mais nobre romano que assim haja pensado.

Lembra-te das palavras de Cicero: Magnificos são os jogos, não ha duvida; mas, que prazer póde achar um espirito elevado em vêr um ente fraco, despedaçado por uma fera, ou um nobre animal atravessado por um dardo? [1]

Eu não me envergonho de dizer que concordo com o grande orador.

N'esse caso, não teremos nós o gosto de te vêr uma vez no amphitheatro, Sebastião? perguntou Fulvio, com um modo cortez, mas de reservada e insolente ironia.

Se me lá vires, replicou o soldado, será talvez entre os indefesos, mas nunca entre os brutos que lhes dão tam crua morte.

Sebastião tem razão, exclamou Fabiola, batendo as palmas, e eu dou por finda a discussão, applaudindo-o. Nunca o tenho ouvido fallar, que não seja em favor dos sentimentos generosos e elevados.

Fulvio mordeu os beiços em silencio, e todos se levantaram para se retirar.

[1] *Magnificos nemo negat; sed quæ potest esse homini polito delectatio, quum aut homo imbecillus a valentissima bestia laniatur, aut praeclara bestia venabulo transverberatur?* Ep. ad. Fam.

CAPITULO VII

POBRES E RICOS

Durante a ultima parte da conversação, que referimos, Fabio tinha estado absorto a pensar no dialogo que tivera com Ignez.

Como ella tinha tam cuidadosamente occultado o seu segredo!...

Mas, quem poderia ser esse personagem escolhido, que lhe tinha captivado o coração?

Elle lembrou-se de muitos, mas não podia atinar com quem fosse.

Os presentes e as dadivas preciosas eram o que principalmente o embaraçava.

Não conhecia nenhum joven Romano, que estivesse no caso de dar tam ricas joias; e entrando como entrava, todos os dias nas principaes lojas, estava certo de que teria ouvido fallar de um objecto tam importante, como a compra de joias de similhante preço.

Repentinamente, uma ideia lhe veiu ao pensamento: era Fulvio, que todos os dias se apresentava com novas joias trazidas do estrangeiro, a unica pessoa que podia dar similhantes presentes.

Julgou até ter notado certos olhares expressivos, dirigidos a sua prima pelo sympathico estrangeiro; ficou pois convencido de que elle estava ardentemente apaixonado por ella; e que se Ignez fingia não perceber esse amor, era certamente por disfarce e dissimulação.

Convencido d'esta importante conclusão, determinou favorecer os desejos dos dois; e um dia fez conhecer a sua sagacidade a sua filha, que ficou estupefacta.

Deixaremos porém nossos nobres hospedes para presencear mais humildes scenas; e seguiremos Syra ao sair do aposento de sua senhora.

Quando ella se apresentou á boa Euphrosina, a compassiva ama ficou mortificada á vista da profunda ferida e soltou uma exclamação de piedade.

Reconhecendo immediatamente que era obra de Fabiola, sentiu-se

dominar por dois sentimentos oppostos. Pobre creatura! exclamou ella, em quanto lavava e ligava a ferida; que horrivel golpe!

Que fizeste para o merecer?...

Que dôres te deve ter causado, minha pobre rapariga! Mas que maldade deves ter feito, para que tal acontecesse!

E' uma horrivel ferida, ainda que feita pela mais bella creatura! Se estás fraca pelo sangue que perdeste, toma algum peitoral para te animar. Não ha duvida que ella se viu obrigada a ferir-te...

Certamente, disse Syra sorrindo, foi culpa minha; eu nada tinha que disputar com minha senhora.

Disputar com ella?!... disputar?! Oh! deuses!... quem ouviu nunca, uma escrava argumentar com uma senhora tam nobre e tam sabia?!

O mesmo Calpurnio recearia fazêl-o.

Não me admiro já que ella ficasse tam... tam agitada, que cégamente te ferisse, até sem saber o que fazia.

Mas deves occultar isso; ninguem deve saber o mal que fizeste.

Tens acaso alguma facha ou panno, em que possas envolver o braço, como para enfeite?

As tuas companheiras teem bastantes, que compraram, ou que lhe deram; mas tu nunca cuidas n'essas coisas...

Vamos a vêr.

Ella foi ao quarto das escravas, que era contiguo ao seu, abriu a caixa de Syra, e depois de revolver o pouco que ella continha, tirou do fundo da caixa um panno quadrado de riquissimo estôfo, magnificamente bordado, e até ornado com perolas.

Syra fez-se muito córada, e pediu-lhe que não a obrigasse a usar um enfeite que era completamente desproporcionado para a sua condição e vestuario, especialmente, sendo uma recordação dos seus bellos dias, que havia muito, conservava cheia de saudade.

Mas Euphrosina, anciosa por occultar a falta de sua senhora, foi inexoravel; e o rico estôfo foi graciosamente enrolado no braço ferido.

Terminada esta operação, Syra dirigiu-se á casa opposta á do porteiro, onde as escravas de confiança podiam fallar ás suas amigas.

Levava na mão um cestosinho coberto com um panno.

Quando ia a entrar, uns passos leves e incertos vieram ao seu encontro.

Era uma rapariga, de dezaseis para dezasete annos, vestida o mais pobremente possivel, mas com aceio, que lhe lançou os braços ao

pescoço com tal impeto e com tal expansão de alegria, que a qualquer espectador custaria a accreditar que seus olhos privados de luz nunca tivessem visto o mundo.

Senta-te, Cecilia, disse Syra, com um modo affectuoso, levando-a para juncto d'uma cadeira: hoje é dia de festa para ti: vaes comer sumptuosamente.

Porque dizes isso? parece-me que assim me succede todos os dias.

Não, é que hoje a minha senhora me mandou um guisado mais fino da sua mesa, e eu trouxe-o para ti.

Que bondade a d'ella: e ainda mais, que bondade a tua, minha irmã! Porque o não comeste tu? foi para ti, e não para mim, que ella o mandou.

Porque?... para te dizer a verdade, é porque sinto mais prazer em vêr-t'o comer, do que em comel-o eu.

Não, querida Syra, não, isso não deve ser.

Deus quiz que eu fosse pobre, e devo procurar cumprir a sua vontade.

Não devia pensar em comer o alimento, nem usar os vestidos da riqueza, em quanto os podesse receber dos pobres.

Gosto de que comas commigo o teu *pulmentum* [1]; porque sei que com verdadeiro espirito de caridade m'o dá uma creatura, quasi tam pobre como eu.

Proporciono-te a occasião de gosares do prazer de fazer bem; tu dás-me a consolação de sentir que Deus se lembra da pobre cega.

Parece-me que elle assim me amará mais do que no seio do fausto e da opulencia. E, prefiro como Lazaro, esperar á porta as migalhas da mesa do rico a sentar-me á meza com elle.

Admiro quanto és mais virtuosa e melhor que eu, minha filha!

Condescenderei com teus desejos. Darei o guisado ás minhas companheiras, e, entretanto, aqui tens a tua pobre refeição usual.

Obrigada, muito obrigada, minha irmã, aguardarei a tua volta.

Syra foi ao aposento das escravas, e collocou diante de suas gulosas, mas invejosas, companheiras o prato de prata.

Como sua senhora costumava, ás vezes, dar estas provas de bondade, não ficaram muito surprehendidas.

(2) Especie de sôpa.

Mas, a pobre serva tinha bastante fraqueza, para não se envergonhar de apparecer ás companheiras com a rica facha em torno do braço.

Por isso, tirou-a antes de entrar; depois não querendo irritar Euphrosina, tornou-a a pôr o melhor que poude com a outra mão, quando voltava.

Estava já no pateo interior, para ir ter com a sua amiga cega, quando viu um dos nobres hospedes de seu senhor sósinho, e com o olhar inquieto e triste dirigir-se para a porta; e ella occultou-se atraz de uma columna, para evitar alguma grosseria, possivel e até trivial.

Era Fulvio; e apenas do logar onde se occultava, pôde vel-o bem, ficou por um momento como pregada no chão.

O coração batia-lhe apressadamente no peito, depois parecia ter cessado completamente de bater; os joelhos comprimiam-se-lhe um contra o outro, um estremecimento lhe correu todo o corpo, em quanto a respiração parecia suspensa.

Seus olhos, extacticamente abertos, pareciam fascinados, como o passaro á vista da serpente.

Levantou a mão, fez sobre o peito o signal da cruz, e a fascinação cessou.

Retirou-se apressadamente, sem ter sido presentida; e, tinha apenas chegado pé ante pé a um reposteiro que occultava a escada, quando Fulvio, com os olhos baixos, chegou ao logar onde ella tinha estado.

Recuou, como se alguma coisa lhe impedisse a passagem.

Tremeu violentamente; mas tranquillisando-se depois de repentino esforço, olhando em torno de si, viu que estava só.

Não havia ninguem que o visse, excepto Aquelle a quem nada se póde occultar, e que, n'aquella hora, lia em seu coração.

Elle olhou de novo o objecto, e parou para o apanhar, mas ao tocal-o, mais de uma vez retirou a mão.

Finalmente, ouvindo passos que se approximavam, reconheceu o andar grave e marcial de Sebastião; e apressadamente levantou do chão a rica facha que tinha caido do braço de Syra.

Estremeceu quando, ao dobral-a, viu cheio de horror, que estava humedecida com nodoas de sangue, derramado de fresco, (que tinha passado atravez das ligaduras) cambaleou, e n'uma especie de vertigem, encaminhou-se para a porta, e correu até chegar a casa.

Pallido, desvairado e tremulo, dirigiu-se ao seu quarto, repellin-

do asperamente todos os escravos que vinham offerecer-lhe os seus serviços; e permittindo apenas que entrasse o seu fiel creado, a quem ordenou que fechasse a porta.

Uma lampada ardia sobre a mesa, para onde Fulvio atirou com a facha bordada; e elle olhando-a, em silencio, aponctava para as manchas de sangue.

O velho nada disse; sómente o seu rosto carrancudo tomou uma expressão mais feroz, ao passo que o de seu amo tinha estampada a pallidez da morte.

Não ha duvida que é este mesmo, disse por fim o creado, na sua lingua estrangeira; mas, tambem não ha duvida que ella morreu.

Estás certo d'isso, Eurotas? perguntou-lhe o mancebo, dirigindo-lhe ao mesmo tempo um dos seus olhares mais penetrantes. Tam certo, quanto qualquer póde estar de uma coisa que não viu.

Onde achastes vós isto? E d'onde veiu este sangue? Dir-to-ei ámanhã; hoje sinto-me muito perturbado e muito doente.

Quanto ao sangue, que estava ainda fresco, quando eu a achei, não sei d'onde veiu; só me parece um presagio de vingança : ou talvez seja a propria vingança, tão requintada e horrivel, como as mesmas furias a podem inspirar e practicar. Este sangue não foi derramado agora.

Alto! não tractemes agora de sonhos e superstições, atalhou o velho.

Presumis que alguem vos visse apanhar este... objecto?

Estou certo de que ninguem. Então estamos salvos, e melhor é que esteja em nosso poder.

O repouso da noite nos dará bom conselho.

E' verdade, Eurotas, mas peço-te que durmas esta noite no meu quarto.

Ambos se deitaram; Fulvio n'um rico leito e Eurotas n'uma mesquinha cama; onde encostado ao cotovelo, com um modo sombrio, mas dedicado, esteve por muito tempo observando á luz da lampada o somno agitado do seu joven companheiro; unindo, por um contraste singular, o desvelo do anjo da guarda á apparencia do genio do mal.

Fulvio mechia-se e fallava, porque estava entregue a fortes pesadêlos.

Julgava elle, sonhando, achar-se n'uma bella cidade d'um paiz distante, pelo meio da qual corria um rio, cujas aguas brilhavam como crystal.

Uma galé que se achava no rio levantava ferro, e elle via em pé na tolda uma figura, que com uma facha bordada lhe acenava como para lhe dizer adeus.

De repente mudou a scena; o navio acha-se no meio do mar, luctando com uma furiosa tempestade, e a facha bordada tremúla no tope do mastro, similhante a uma bandeira, desfraldada ao vento.

Viu o navio arremessado sobre um rochedo, e, com um ruido medonho, desapparecer, sumido no abysmo.

Mas, o tope do mastro, enxerga-se ainda por cima das vagas, com a sua desusada e brilhante bandeira; até que, no meio do bando de aves aquaticas que volteiam em torno d'ella, surge uma fórma branca com azas transparentes, e com uma tocha na mão, vóa para a facha, arranca-a e, com um gesto ameaçador, desenrola-a, passando por diante d'elle, para lhe deixar lêr em caracteres que parecem de fogo — *Nemesis*! (1)

Mas, deixal-o-emos assim entregue a seus pesadêlos, e voltaremos ao nosso já conhecido Fabio.

Depois de Syra ter sentido a porta fechar-se sobre Fulvio, parou para tomar alento, dirigiu uma breve oração ao ceu, e voltou para juncto da sua pobre amiga. Ella tinha já terminado a sua frugal refeição, e esperava tranquillamente a volta da escrava,

Syra começou então a practicar, como quotidianamente costumava, os seus deveres de hospitalidade: foi buscar agua, lavou-lhe os pés e as mãos, cumprindo os preceitos do christianismo, e penteou-a, com o mesmo carinho com que o faria uma mãe.

Ainda que pouco mais velha do que a cega, o seu olhar era tam affectuoso ao tractal-a, a sua voz tinha uma tal expressão de ternura, e todo o seu aspecto uma apparencia tam maternal, que, a qualquer pareceria antes uma mãe cuidando de sua filha, que uma escrava servindo e consolando uma pobre mendiga, que não era sua parenta.

E, a mendicante tambem parecia sentir-se tam feliz... fallava tam alegremente, e dizia coisas tam bellas, que Syra algumas vezes interrompeu o seu trabalho para a ouvir, e para a encarar cheia de satisfação.

Foi n'este momento que Ignez chegava para a entrevista aprasada, e Fabiola insistiu em acompanhal-a até á porta.

(1) Vingança!

Quando Ignez, levantando brandamente a cortina, viu a scena que acabamos de descrever, voltou atraz, chamou Fabiola, e impondo-lhe silencio com o gesto, lhe pediu que olhasse.

A cega estava sentada em frente da porta, e a sua serva voluntaria com as costas voltadas, ignorando completamente que a estavam observando. O coração de Fabiola enterneceu-se; nunca tinha feito ideia do que era o amor desinteressado pelo proximo ; e, pelo que toca á caridade, era então uma palavra desconhecida na Grecia e em Roma.

Retirou-se com as lagrimas nos olhos, e disse a Ignez ao deixal-a:

Devo retirar-me ; aquella rapariga já esta tarde me tinha feito acreditar que uma escrava póde ter raciocinio ; e agora mostra-me que tambem tem coração.

Ha algumas horas, que fiquei espantada quando me perguntaste se eu não a amava. Agora, creio firmemente que amo Syra.

Quasi que me arrependo de ter consentido em separar-me d'ella.

Fabiola voltou para casa, e Ignez, entrando no quarto, disse rindo:

Até que emfim, Cecilia, descobri o teu segredo.

E' esta a amiga cujo jantar tu sempre disseste que era melhor que o meu, e que por isso nunca quizeste comer em minha casa.

Vejo-me agora forçada a concordar que, se o jantar não é melhor, a hospeda é incomparavelmente mais virtuosa. Oh ! não digaes isso, nobre senhora, respondeu a cega : é o jantar que eu acho muito melhor.

Vós tendes muitas occasiões de fazer bem ; mas uma pobre escrava só o póde practicar, quando encontra alguem como eu, muito mais pobre e mais desgraçada do que ella.

E' esta consideração que me faz achar o alimento que me dá muito mais saboroso.

Concordo que tens razão, disse Ignez, e estimo que estejas presente para ouvir as boas noticias que trago a Syra. A ti tambem procurarei fazer-te feliz.

Fabiola consentiu que eu passasse a ser tua senhora, Syra, e assim, irás commigo.

A'manhã serás livre, e serás para mim uma terna irmã.

Cecilia bateu as palmas cheia de satisfação, e lançando os braços ao pescoço de Syra, exclamou: Oh! meu Deus! como sereis feliz, minha cara Syra!

Esta, porém, muito perturbada, replicou com voz cheia de emo-

ção: Oh! boa e gentil senhora, foi, de certo, a vossa muita bondade que vos fez lembrar de uma creatura, como eu.

Perdoae-me comtudo, se vos peço que me deixeis ficar como estou; e tu, querida Cecilia, accredita que sou completamente feliz aqui.

Mas porque desejas ficar? perguntou Ignez.

Porque, respondeu Syra, devemos preferir viver para Deus, na condição em que foi servido collocar-nos. [1]

Confesso que não foi esta a condição em que nasci; outras fizeram que a tivesse: (as lagrimas que lhe inundaram o rosto, ao dizer estas palavras, fizeram com que se interrompesse por um momento; e depois proseguiu): mas isto só serve para me fazer ainda mais accreditar que Deus deseja que eu o sirva n'esta condição.

A' vista d'isto, como deverei desejar deixal-a?

Muito bem, disse Ignez, ainda mais enthusiasmada, tudo se póde facilmente arranjar.

Não te libertarei; serás minha escrava. Para ti é o mesmo.

Não, não, disse Syra, sorrindo-se, isso é differente.

As instrucções do nosso grande Apostolo dizem-nos:

Os servos devem ser subjeitos aos seus senhores com temor, e não só aos bons, como tambem aos despotas. [2]

Não quero dizer com isto, que a minha senhora seja d'esta ultima classe; mas vós, nobre senhora, serieis demasiado bondosa e indulgente para mim.

Que tenho que recear em viver comvosco?

Não sabeis quanto eu sou orgulhosa e obstinada por natureza; e recearia muito pela minha alma, se deixasse de soffrer algumas dores e humilhações.

Ignez estava deslumbrada; mas, mais desejosa que nunca de possuir tal thesouro de virtude, disse:

Vejo, Syra, que nenhum motivo de interesse pessoal póde moverte; usarei de um argumento mais egoista.

Desejo possuir-te, para que o teu exemplo me faça corrigir os meus defeitos.

Bem vês, que não podes recusar-me tal pedido.

[1] Cor. VII. 24.
[2] Pet. II. 14.

Egoista! replicou a escrava, nunca o podeis ser.

Quanto a vosso pedido, julgal-o-eis vós mesma.

Vós conheceis e amaes Fabiola. Que nobre alma! e que clara intelligencia ella possue! Que grandes qualidades, e que bellos dotes, se reflectissem a luz da verdade!

E, como ella guarda tão cuidadosamente em si a perola das virtudes, que só nós sabemos apreciar!

Que excellente christã póde ella vir a ser!

Continúa, querida Syra, disse Ignez, cheia de enthusiasmo; e tens alguma esperança? São as preces que, de noite e de dia, faço ao Altissimo; é o grande alvo aonde dirijo todos os meus pensamentos; é, por assim dizer, a occupação da minha vida.

Procurarei convencel-a, com paciencia e constancia, e mesmo sustentando discussões tão singulares, como a que ainda hoje tivemos.

E quando tudo isto estiver esgotado, ainda me resta um recurso.

Qual? perguntaram as duas que anciosamente a escutavam.

Dar a vida pela sua conversão.

Sei que uma pobre escrava, como eu, tem raras occasiões de poder colher a palma do martyrio; comtudo uma perseguição mais forte se approxima, e talvez que não recuse tam humildes victimas.

Seja, como fôr, da vontade do Omnipotente; nas suas mãos colloco a minha vida, em troca da alma d'ella. Oh! minha querida e bondosa senhora, exclamou ella, caindo de joelhos, e humedecendo-lhe as mãos com suas lagrimas, rogo-vos que não venhaes collocar-vos entre mim e aquella que devo trazer ao caminho da verdadeira luz.

Venceste, Syra, nunca mais me chames tua senhora, disse Ignez.

Fica no teu posto; uma virtude tam generosa e desinteressada deve triumphar.

És demasiado sublime, para tam mesquinha esphera, como a de minha casa.

Pela minha parte, ajunctou Cecilia com um gesto cheio de dignidade, digo que ella avançou, ha pouco, erradamente uma proposição, e empregou uma lisonja esta tarde.

Que é isso? disse Syra, rindo.

O que é?! disseste-me que eu era mais virtuosa e melhor que tu, porque não quiz comer um manjar delicado, que teria lisongeado o meu paladar, durante alguns minutos, por um acto de gula; em quanto que tu dás a tua liberdade, a tua felicidade, o livre exercicio da tua reli-

*

gião e offereces até a propria vida, pela salvação d'aquella que te atormenta e tyrannisa.

Oh! ceus! como podéste fallar assim?

N'este momento, um escravo veiu annunciar que a liteira de Ignez a esperava á porta; e quem visse a cordial e affectuosa despedida d'estas tres creaturas de condições tam diversas, a nobre dama, a escrava e a mendicante, teria exclamado, como o povo muitas vezes fazia: Vêde como se amam estes christãos!

CAPITULO VIII

FIM DO PRIMEIRO DIA

Se, depois d'havermos chegado á porta para vêr retirar Ignez, e a termos ouvido pedir a Cecilia que consinta em que um dos seus servos a acompanhe a casa, visto ser já noite, (o que a fez sorrir, vendo que a dama se esquecia de que o dia e a noite para ella eram eguaes, e que ella era a guia mais practica nas catacumbas, que conhecia tam bem, como conhecia as ruas de Roma, nas quaes transitava com segurança a todas as horas) entrarmos de novo em sua casa, meia hora depois, achal-a-emos sobremodo alvoroçada.

Escravas, com lampadas e tochas, percorrem em todas as direcções, procurando alguma coisa que se perdeu, n'um logar desconhecido.

Euphrosina insiste em que infallivelmente se ha de achar; e que ha de procurar-se por toda a parte.

O leitor já provavelmente conhece o mysterio.

Syra tinha-lhe apresentado o braço para que lhe curasse a ferida, conforme as suas ordens, e a faxa já não o envolvia.

Ella não podia dizer onde a tinha perdido; disse porém, que a tornára a pôr, mas não tam bem, como Euphrosina o tinha feito, sendo esta talvez a razão de a perder; isto sem procurar desculpar-se, porque lhe repugnava mentir.

A boa velha ficou muito mortificada, por uma perda que julgava importante para uma pobre escrava, e por lhe parecer que ella reservava aquelle rico objecto para comprar com elle a sua liberdade.

E Syra tambem estava afflicta, mas por outras razões que não lhe podia fazer comprehender.

Euphrosina interrogou todos os servos, e alguns foram até revistados, com grande pena e confusão para Syra; e depois ordenou uma busca geral em todos os sitios onde esta tivesse estado.

Quem teria desconfiado, n'aquelle momento, de que qualquer dos nobres hospedes que se tinham sentado á mesa do seu senhor, seria capaz de subtrahir algum objecto, qualquer que fosse o seu valor?!

Por fim a boa velha concluiu, que a faxa tinha sido subtrahida por algum poder de magia; e concebeu fortes suspeitas de que fosse a escrava Afra, que aborrecia Syra, que tivesse usado de algum dos seus feitiços para torturar a pobre rapariga.

Pois julgava a africana uma verdadeira Canidia [1] vendo-se muitas vezes obrigada a deixal-a sahir de noite, sósinha, sob o pretexto de ir colher hervas, que, colhidas a outra hora, não possuiam as mesmas virtudes, para compôr, segundo julgava Euphrosina, mortaes venenos; mas que realmente só era para tomar parte nas abominaveis orgias da Cabala [2], junctamente com outras da sua raça; ou para ter conferencias com os que consultavam a sua arte imaginaria.

Só depois de ter cessado todo o alvoroço, é que Syra, achando-se só, reflectindo socegada sobre os acontecimentos do dia, se lembrou de ter visto Fulvio parar quando atravessava o pateo, no mesmo logar onde ella tinha estado, e depois dirigir-se apressadamente para a porta.

Então ficou convencida de que aquelle estofo lhe tinha caído n'este sitio, e de que elle o apanhára.

[1] Celebre feiticeira do tempo de Augusto.
[2] Crença ou feitiço usado no interior da Africa.

Que elle o tivesse visto com indifferença era impossivel.

Não lhe restava, pois, duvida alguma de que parava em poder d'aquelle homem.

Depois de pensar nas possiveis consequencias d'este infortunio, não podendo tirar nenhuma conclusão satisfactoria, resolveu deixar inteiramente o caso a Deus; e foi procurar o repouso, que, para uma consciencia tranquilla, é verdadeiramente um balsamo consolador. Fabiola, ao separar-se de Ignez, retirou-se ao seu aposento; e depois de Euphrosina e as suas escravas lhe terem prestado os serviços do costume, despediu-as com as melhores maneiras.

Logo que estas se retiraram, foi recostar-se no leito, onde primeiramente a vimos, quando, com grande desgosto seu, se lhe deparou sobre elle o estylete com que tinha ferido Syra.

Abriu uma caixa, para onde o lançou com horror; e nunca mais usou de similhante arma.

Tomou um livro que começára a lêr, e que muito a tinha divertido; mas achou-o frivolo e insipido. Tornou-o a fechar, e dando livre curso a seus pensamentos, começou a reflexionar sobre os acontecimentos do dia.

Primeiramente, pareceu-lhe que sua prima Ignez era uma joven singular, tam pura e tam simples, tam sensivel e junctamente tam virtuosa... Fabiola resolveu ser sua protectora, e haver-se para com ella como uma boa irmã. Bem como seu pae, observára tambem as frequentes visitas que Fulvio lhe lançava; não olhares libertinos que ella supportava com desdem; mas olhares de uma apparencia innocente, onde julgou divisar toda a perfidia do artificio de que Ignez poderia ser victima.

Resolveu a todo o custo frustral-os, e, assim, collocou-se exactamente n'um campo opposto ao de seu pae.

Formou o plano de impedir que Fulvio fallasse a Ignez, pelo menos em sua casa, e arrependeu-se até de ter convidado aquella menina, tam joven ainda, a sentar-se á mesa de seu pae, onde se achava uma companhia que lhe era pouco propria, especialmente porque só um sentimento de egoismo a levára a fazer-lhe tal convite.

N'este comenos, Fulvio, revolvendo-se em seu leito, acabára de tomar o alvitre de, se lhe fosse possivel, nunca mais tornar a entrar em casa de Fabio, e de escusar-se a seus convites.

Estudára Fabiola o caracter de Fulvio; descobrira a malicia es-

tampada em seus olhos, a affectação de suas maneiras; e não tinha podido deixar de o comparar com o franco e generoso Sebastião.

Que nobreza de caracter! disse comsigo mesma, e quam differente é elle dos outros mancebos que veem a esta casa!



Que nobreza de caracter! (pag. 55).

Nunca uma palavra indiscreta lhe escapa dos labios, e nunca um reflexo de ira perturba o meigo brilho de seu olhar. A' mesa, ao contrario de quasi todos os de sua profissão, é sempre sobrio; modesto como verdadeiro heroe, constrange-o ouvir fallar da sua bravura e dos seus brilhantes feitos na guerra, que tam elogiados são.

Oh! se sentisse por mim o que tantos outros dizem sentir...

Ella não acabou... um véu de profunda melancholia pareceu cobrir-lhe a alma.

Então a conversação de Syra, e tudo o que d'ella resultára lhe passou pela mente; com quanto lhe fosse penoso, não podia deixar de pensar n'isso; e claramente via que tinha sido uma como crise de sua vida.

Seu orgulho abatera-o uma escrava, e a sua indole tornára-se mais branda e benigna, sem que soubesse porquê.

Se houvera podido abrir os olhos n'aquella hora, e olhar para além d'este mundo, teria visto uma nuvem, transparente como o fumo do incenso, e reflectindo as mais mimosas côres, elevar-se do leito de uma escrava que se achava ajoelhada, orando e offerecendo o sacrificio espontaneo da sua vida para a salvar; e ao tocar o crystal da abobada celeste, que cobre o throno do Eterno, baixar de novo, como um orvalho divino, e cair docemente sobre seu arido coração.

Era-lhe impossivel contemplar esta visão, e comtudo acabava ella de realisar-se. Fatigada, procurou, emfim, repousar.

Mas, em breve, a affligiu um pesadelo.

Viu um brilhante logar, n'um delicioso jardim, allumiado por uma luz similhante á do sol do meio dia, mas incomparavelmente mais bella; e tudo em torno d'esse logar estava em escuras trevas.

Mimosas e varias flores tapetavam o solo, plantas trepadeiras formavam lindos festões, passando de uma a outra arvore, d'onde pendiam fructos de oiro.

No centro d'este logar, viu a pobre cega, com o sorriso de felicidade em seu meigo rosto, sentada no chão; em quanto a afagavam de um lado Ignez com um olhar cheio de doçura, e do outro Syra com o seu paciente e modesto sorrir. Fabiola sentiu um desejo irresistivel de se chegar a ellas; pareceu-lhe que gozavam de uma felicidade que nunca gozára, e que lhe acenavam para que lhes fallasse.

Deu-se pressa em approximar-se-lhes, e eis que vê, cheia de horror, que um profundo e medonho abysmo, no fundo do qual rugia com espantoso ruido uma torrente, a separava d'ellas.

De repente, as aguas cresceram até chegar á borda do precipicio, e, não obstante a sua profundidade, corriam alli, mansas e crystallinas.

Oh! bastava apenas ter coragem para arremessar-se a estas aguas, unico meio de atravessar o precipicio, e chegar a salvamento á margem opposta!

E continuavam a pedir-lhe que o fizesse; mas em quanto, vacillando, mostrava sua angustia no gesticular das mãos, Calpurnio pareceu surgir das trevas que a cercavam; trazia desenrolada na mão uma espessa cortina, onde estavam pintadas varias especies de monstruosas chimeras, cuidadosamente collocadas, para se confundirem umas com outras; e este veu foi tomando espessura, até que de todo encobriu a seus olhos a brilhante visão. N'este estado, começava a sentir-se triste, quando lhe pareceu divisar um rutilante genio (assim lhe chamava) em cujas feições havia uma extraordinaria similhança com Sebastião; este genio que, a distancia, se conservára triste, approximou-se-lhe, e, sorrindo, abanou-lhe com suas azas de purpura e ouro as faces abrazadas n'um calor ardente: a visão dissipou-se completamente, e Fabiola ficou immersa em tranquillo e profundo somno.

CAPITULO IX

ENCONTROS

De todos os montes de Roma, o mais practicavel por todos os lados é indubitavelmente o Palatino.

Augusto tinha-o escolhido para sua residencia; seus successores seguiram-lhe o exemplo, mas foram gradualmente transformando a modesta residencia n'um palacio que occupava quasi todo o monte.

Nero, não satisfeito com a amplidão do edificio, destruiu os arredores, incendiando-os, e estendeu a residencia imperial até ao pé do Esquilino, preenchendo o espaço, que entre os dois montes occupa o Coliseu. Vespasiano destruiu a Casa de Ouro, deixando apenas algumas magnificas abobadas, revestidas de bellas pinturas; e com os materiaes mandou edificar o theatro de que já fizemos menção e outros importantes edificios.

A entrada para o palacio foi feita pouco depois da epocha de que fallamos, e era pela Via-Sacra, juncto ao arco de Tito.

Depois de passar o vestibulo, entrava-se n'um pateo magnifico, que não podemos descrever.

A' esquerda d'este pateo havia um grande espaço quadrado, embellezado e consagrado a Adonis por Domiciano, e plantado de arvores, flores e arbustos.

Continuando ainda, á esquerda, entrava-se n'uma serie de aposentos, construidos por Alexandre Severo, em honra de sua mãe *Mammœa* de quem tinham o nome.

Estes aposentos tinham janellas para o lado do monte Celio, no sitio em que elle se approxima do ultimo arco triumphal de Constantino, e da fonte chamada *Meta Sudans.* [1]

[1] Balisa gotejante era um obelisco de tijolo, assente sobre marmore, do cimo do qual saía a agua, formando uma superficie em torno d'elle, e cahindo depois em um tanque enterrado no chão.

Era aqui o aposento occupado por Sebastião, como tribuno, ou official superior, da guarda imperial.

Consistia em poucos quartos, mobilados tam modestamente, como convinha a um soldado, e, sobretudo, a um christão.

A familia compunha-se de duas servas libertas, e de uma veneravel matrona que o creára e o estimava como seu filho.

Eram todos christãos, bem como todos os soldados da sua cohorte: parte por conversão, e a maior parte, em consequencia do cuidado que tinha havido em os escolher d'entre os recrutas. Tinham-se passado algumas tardes, depois da scena que descrevemos no ultimo capitulo, e, duas horas depois de anoitecer, Sebastião subia a escada do vestibulo que já descrevemos, em companhia de um joven, de quem já demos conhecimento ao leitor.

Pancracio admirava e amava Sebastião com aquella affeição com que um joven militar póde amar um bravo que lhe dispense a sua amisade.

Não era, porém, como soldado de Cesar, mas como campeão de Christo, que o mancebo amava o tribuno, cuja generosidade, nobreza de sentimentos e valor eram realçados por tanta modestia e franqueza, e casados com tanta reflexão e prudencia, que infundiam cega confiança a todos os que viviam sob suas ordens. E Sebastião amava da mesma fórma Pancracio; pela simplicidade do seu coração, e pela innocente candura do seu espirito.

Mas, elle bem via os perigos a que o seu ardor e impetuosidade juvenís o podiam expôr; e desejava tel-o juncto a si para poder servir-lhe de guia, e para algumas vezes abrandar o fogo de seus verdes annos.

Ao entrarem na parte do palacio, cuja guarda estava a cargo da cohorte de Sebastião, este disse a seu companheiro.

Todas as vezes que entro aqui, admiro como por um bondoso acto da Providencia se acha á entrada do palacio de Cesar o arco que symbolisa, ao mesmo tempo, a quéda de um grande systema antagonista do christianismo, e o cumprimento da sagrada prophecia do Evangelho: *a destruição de Jerusalem pelo poder romano.*[1]

Nutro a esperança de que, um dia, outro arco se levantará tambem, para commemorar a victoria alcançada sobre o segundo inimigo da nossa religião,—o imperio pagão de Roma.

[1] Arco triumphal de Tito, onde se acham representadas as ruinas do templo.

Que dizeis?! consideraes a quéda d'este vasto imperio como o meio de estabelecer o christianismo?

Deus me livre de desejar tal! daria meu sangue até á ultima gotta para impedir similhante catastrophe.

E, talvez o imperio se converta, não lentamente, como nós imaginamos, mas por algum meio desconhecido dos homens, e que só o Todo-Poderoso conhece, e então poderemos exclamar:

Eis a mudança operada pela mão do Altissimo!

Não ha duvida; mas a ideia de um arco triumphal, erecto pelos christãos, deixa perceber que esperaes algum auxilio da terra: d'onde imaginaes que poderá vir?

E' verdade, Pancracio, devo confessar-vos que o meu pensamento tem por alvo alguem da familia de Augusto, que se mostra inclinado a melhores sentimentos que seus parentes: quero fallar de Constantino Chloro.

Mas, Sebastião, quantos sabios da nossa religião pensam e até affirmam, se com elles fallardes, que taes esperanças se tiveram tambem nos reinados de Alexandre, Gordiano e Aureliano; e que, sem embargo, não se realisaram.

O mesmo, dirão elles, é provavel que agora aconteça.

Bem o sei, querido Pancracio; e tenho deplorado acerbamente essas alternativas que afrouxam a nossa energia, fazendo-nos ver que a vingança é perpetua e a mercê pouco duradoura; e que nem o sangue dos martyres, nem as orações das virgens teem tido o poder de dilatar essas epochas de tolerancia.

N'este momento chegaram ao aposento de Sebastião, cujo quarto principal estava allumiado e evidentemente preparado para receber alguem.

Em frente da porta estava uma janella aberta sobre um terraço, que corria ao comprido do edificio por aquelle lado.

Estava a noite tam bella, que os dous jovens não puderam furtar-se ao desejo de sairem para o terraço. Esplendido panorama se desenrolava a seus olhos. A lua, no mais alto poncto de seu curso, apresentava esse aspecto peculiar que a torna tam admiravel n'esse lindo ceu da Italia: era um globo de fogo e não uma superficie plana. Parecia oscillar radiosa no meio da atmosphera, que allumiava com sua luz. As estrellas empallideciam juncto d'ella, e como que se reuniam em grupos luminosos no azulado espaço da celeste abobada.

Dous annos mais tarde, ás mesmas horas da noite, Monica e Agostinho, sentados no terraço de Ostia, se alteavam em espirito da contemplação das bellezas do firmamento á contemplação dos esplendores eternos.

Era grandioso e magnifico tudo o que lisongeava a vista n'esta noite encantadora, em que o ceu se ostentava claro e limpido. D'um lado se via, em toda a sua extensão, o Coliseu ou o amphitheatro de Flaviano; ouvia-se o doce murmurar das aguas da fonte, que, similhantes a um argenteo fluido, ou ás vagas do oceano que vão chocar-se, branqueadas de espuma, contra as fragas d'um rochedo, iam com seu murmurio impressionar agradavelmente os ouvidos dos dous jovens christãos.



O mais velho que havia... (pag. 60).

Por outro lado, erguia-se o monumento de Septimio, chamado o *Septizonio*. Mais adeante, nas alturas do Celio, os banhos do sumptuoso Caracalla, que reflectiam em seus muros de bronze e em seus gigantescos pilares o resplendor radioso da lua d'outomno.

Mas estes monumentos do genio do homem passavam como despercebidos aos dous christãos que persistiam alli silenciosos.

O mais velho, que havia lançado o braço em derredor do pescoço de seu joven companheiro, e a elle se encostava, retomou, depois de longa pausa, o fio de sua interrompida conversação.

Queria mostrar-vos aqui, onde estamos e n'esta mesma praça que pisamos [1], o logar onde se me ha figurado na imaginação ver erguer-se o

[1] Foi n'esta mesma praça que se levantou o arco de Constantino.

arco de triumpho de que vos fallava: mas, depois, ao contemplar este esplendido ceu, que parece pedir a nossos corações e a nossos pensamentos que se elevem mais alto que a terra, não acabei de manifestar-vos esta ideia que ao espirito tanto me sorria.

E' verdade, Sebastião; muitas vezes tambem meu espirito se imbebe em egual meditação: se esta parte do firmamento que dá para a terra, e para a qual os homens, por mais miseraveis e peccadores que sejam, podem erguer os olhos, é tam brilhante e tam bella, quanto mais bella e magnifica deve ser ainda aquella para a qual se dignam inclinar-se os olhos da Potestade suprema!

Imagino que estamos debaixo d'um veu ricamente bordado e embellezado de fulgurantes luzes, que sómente deixa chegar até nós alguns d'esses raios que baixam da esphera superior.

Que esplendida não ha de ser essa planicie azul que trilham os pés d'aquelles que d'entre os justos attingiram a perfeição!

Perdoae-me, Sebastião, redarguiu o joven com esse meigo e sympathico olhar que lhe divisamos, quando, dias antes, contemplava sua mãe; — perdoae-me se, ao passo que vêdes no futuro erguer-se um arco para recordar o triumpho do christianismo, eu já descubro deante de mim levantado e construido esse arco atravez do qual passaremos, a despeito de nossa fraqueza, para conduzir a Egreja ao triumpho, e alcançarmos tambem nós a gloria dos bemaventurados.

Que quereis com isso dizer, meu caro amigo?

Pancracio estendeu então a mão para o lado esquerdo, e disse:

Vêdes alli, meu nobre Sebastião, as arcadas do amphitheatro de Flaviano? por cima da arena se estende o veu de que acabaes de fallar: não é mais espesso do que esse que cobre os espectadores. Mas escutae!

Ouve-se o rugir do leão nas fraldas do Celio! exclamou Sebastião surprehendido. Acabam de chegar feras ao *vivarium* do amphitheatro; hontem não vi lá nenhumas.

Sim, escutae, continuou Pancracio, parecendo que não notára a interrupção do seu amigo: são as trombetas; eis a musica que nos saudará no dia de nosso triumpho.

Ambos ficaram um momento silenciosos, e d'ahi a pouco disse Pancracio:

Tenho um conselho que pedir-vos, Sebastião. Tardam muito essas pessoas que esperaes?

Não tardam; mas virão uma a uma. Até que cheguem, vamos para o quarto, onde ninguem virá importunar-nos.

Atravessaram o terraço, e entraram n'um quarto situado no interior do edificio; ficava-lhe sobranceira a collina, e allumiavam-no os raios da lua que penetravam alli atravez d'uma grande janella aberta.

Sebastião ficou de pé, ao passo que Pancracio se sentou no leito militar de seu amigo.

Que importante negocio, pois, é esse sobre que quereis consultar-me? perguntou o official, sorrindo-se.

Oh! não tem elle importancia alguma para um bravo militar e um homem generoso, como vós, respondeu Pancracio, córando; mas tem-na e muito grande para um rapaz fraco e inexperiente, como eu.

Todos os pensamentos que nascerem em vosso coração hão de ser, necessariamente, bons e honestos; mas escutar-vos-ei, prompto a auxiliar-vos no que puder com meus conselhos.

Mas, por quem sois, não me julgueis louco, ao ouvir o que vou dizer-vos, disse o mancebo, subindo-lhe o rubor ás faces, ao pronunciar cada palavra.

Sabeis que temos em casa grande quantidade de pratas: mas estes objectos são-me superfluos com o genero de vida que abracei. Minha boa e querida mãe possue tambem grande numero de preciosas joias; e por nenhuma coisa do mundo se resolveria agora a usal-as. Estão, pois, guardadas, sem servirem de nada.

A quem deixarei todos estes valores? não tenho herdeiros, e devo ser o ultimo de minha geração. Muitas vezes me tendes dicto que os herdeiros naturaes dos christãos são a viuva e o orphão, os infelizes sem arrimo.

Para que hão de elles esperar que eu morra, para receberem uma herança que lhes pertence? Diz-se que se prepara uma perseguição, e para que deixar estes thesouros correr o risco da confiscação, ou expôl-os á avidez dos lictores, que, em detrimento de nossos herdeiros, viriam apoderar-se-nos dos bens, depois d'haver-nos roubado a vida?

Pancracio, disse Sebastião, ouvi sem interromper-vos o generoso pensamento que acabaes de communicar-me; e qual o motivo que vos faz hesitar em pôr em practica tam arrojada, quam virtuosa ideia?

A fallar-vos a verdade, receio ser-me lançado á conta de presumpção e vaidade fazer eu, na edade em que estou, uma acção que todos podem qualificar de grande e generosa, se bem que vos asse-

guro, caro Sebastião, que não é a vangloria, nem tam pouco o merito que d'ahi possa advir-me deante de Deus, que me levam a practical-a.

Estes bens, a meus olhos, não teem realmente valor algum, mas tel-o-ão para os pobres, mórmente nos criticos e difficeis tempos por que estão para passar.

E vossa mãe consente n'isto?

Oh! por certo que não disporei d'uma aresta, sem consultal-a. Mas, a poder cumprir meus desejos, necessitarei de vossos serviços, e quizera que nunca se soubesse que fiz uma coisa reputada extraordinaria para um rapaz. Entendeis-me? Quero que a distribuição pareça emanar d'outra casa e da iniciativa d'outrem. Dir-se-á sómente que é feita em nome d'uma pessoa que pede as orações dos pobres e que deseja ficar ignorada.

Estou prompto a servir-vos e julgo-me por isso feliz, meu bom e nobre amigo. Mas escutae! Não ouvistes pronunciar o nome de Fabiola, e dar-lhe um epitheto que não indica as melhores disposições para com ella?

Pancracio approximou-se da janella; por baixo fallavam duas pessoas e estavam tam perto dos dous jovens, que só a cornija estorvava que se vissem bem: eram evidentemente um homem e uma mulher. Passados alguns momentos andaram para deante e a lua brilhante allumiava-os com seus raios.

Conheço aquella moura, disse Sebastião; é Agra, escrava negra de Fabiola.

E o homem que a acompanha, ajunctou Pancracio, é Corvino, meu condiscipulo na eschola.

Os dous jovens, pensando que havia alli uma importante trama a descubrir, procuraram estar attentos, para colher-lhes algumas palavras.



Os dous jovens... (pag. 63)

Como os dous interlocutores pas-

seavam, Sebastião e Pacracio apenas puderam colher-lhes algumas phrases destacadas.

Não nos contentaremos com estas palavras soltas, e reproduziremos inteiramente seu dialogo. Mas digamos antes alguma coisa sobre os dous personagens que se nos offerecem.

Basta-nos já o que sabemos da escrava. Quanto a Corvino, era como atraz dissemos, filho de Tertullo, prefeito do pretorio. Este cargo, desconhecido no tempo da republica, cuja creação remontava ao imperio, absorvia, no reinado de Tiberio, o poder civil e militar, e o prefeito do pretorio, occupando o supremo grau da hierarchia judiciaria, julgava soberanamente um criminoso.

Era mister constituição de tempera pouco commum, para desempenhar tal missão á vontade do absoluto e desapiedado senhor que se chamava *Imperador*. Presidir todos os dias ao tribunal na qualidade de juiz, cercado de medonhos instrumentos de tortura: ouvir impassivel os gemidos que a dôr arrancava ás mulheres, ás creanças e aos velhos: continuar friamente o interrogatorio, ao passo que as convulsões do soffrimento faziam estrebuxar a victima estendida no cavallete, e que a alguns passos se executava a sentença de morte que condemnava o paciente a morrer a golpes d'açoites, armados de balas de chumbo nas ponctas: ir, emfim, dormir, depois d'um dia assim passado, um somno tranquillo para no seguinte se entregar a egual occupação, era, com effeito, tarefa pouco invejada, penso eu, pelos membros da magistratura romana. Tertullo fôra chamado da Sicilia para desempenhar este mister, pois, com quanto não cruel, era impassivel, e sua alma sempre se mostrára inaccessivel ao sentimento da compaixão.

Seu tribunal havia sido a primeira eschola do seu filho Corvino.

Ainda creança, vinha sentar-se horas inteiras juncto de seu pae, contemplando com prazer o cruel espectaculo que se passava deante de seus olhos, e indignando-se sempre que, por acaso, alguma victima escapava á tortura e aos verdugos.

Assim foi crescendo, estupido, feroz e brutal.

Ainda não attingira a edade d'homem feito, mas já a sua physionomia, as suas feições, revelavam um caracter tam vil, como dissoluto.

Não tinha gosto, nem propensão para as lettras e sciencias, e junctava á força brutal e coragem physica muita dobrez e astucia.

Nunca um pensamento generoso germinara n'esta alma vulgar, que

dava accesso ás peores paixões, e para a qual o odio era uma necessidade, a vingança uma sêde inextinguivel.

Corvino jurára, sobretudo, nunca perdoar a duas pessoas: seu mestre-eschola, que, muitas vezes, se vira forçado a punil-o, e seu condiscipulo, que a uma brutal injuria correspondêra com palavras de bondade e de benção.

Tertullo não tinha fortuna para deixar a seu filho, e este carecia da necessaria intelligencia para obter uma posição honrosa.

A riqueza era n'este mundo o seu ideal, porque com ella poderia proporcionar-se todos os gozos a que aspirava.

Desejava, pois, a mão d'uma rica herdeira, ou, antes, ambicionava-lhe o dote. Tal era o alvo de sua ambição.

Destituido de dotes physicos e moraes, por si só nada podia fazer, e, sem este meio, o futuro não se lhe antolhava auspicioso e brilhante.

Só lhe restavam, pois, outros meios, mais apropriados á sua indole para poder realisar seus ambiciosos planos.

O dialogo, travado entre elle e a escrava negra, vae indicar-nos quaes os meios com que contava para attingir seus fins.

—E' a quarta vez que aqui venho á *Meta sudans*, e a esta hora incommoda, na esperança de encontrar-te aqui. Que novidades me dás?

—Nenhuma, a não ser que minha senhora parte ámanhã para a sua quinta de Gaeta: tenho de acompanhal-a, necessito de mais dinheiro para continuar minhas diligencias em teu favor.

—Ainda mais dinheiro! já me levaste a pensão que de meu pae recebi para muitos mezes.

—Sabes quem é Fabiola?

—Sim; é a mais rica herdeira de Roma.

—Mas a altiva e insensivel Fabiola não é tam facil de conquistar-se.

—Porém não me prometteste que teus philtros e encantamentos a forçariam a acceitar-me, ou me proporcionariam meio e occasião de haver ás mãos sua fortuna? Que despeza necessitas de fazer para tal fim?

—Muito grande. Preciso de custosos ingredientes, e hei de pagal-os. E pensas tu que irei, a estas horas, perder-me pelos tumulos da Via Appia em busca de certas hervas, a não ser sobejamente remunerada? Mas se podésses tambem auxiliar-me em meus esforços, poderia o negocio concluir-se mais depressa.

—Não posso prestar-te auxilio algum. A natureza, commigo avara, não me concedeu algum d'esses favores que conquistam a affeição. Prefiro fiar-me em tua arte tenebrosa.

—Então deixa-me dar-te um conselho: se não tens dotes que possam ganhar-te o coração de Fabiola...

—Queres dizer sua fortuna; não é assim?

—Não posso separar as duas cousas. Mas tens um meio que tornará irresistivel teu poder.

—Qual é?

—O ouro.

—Mas aonde hei-de ir buscal-o? E' isso mesmo que procuro.

A escrava negra sorriu maliciosamente, e disse:

—Imitae a Fulvio.

—Pois como o arranja elle?

—Com sangue.

—Como sabes?

—Soube-o por meio de seu velho intendente, que, se tem menos preta que eu a côr do rosto, tem tambem pensamentos mais negros que a pelle. O idioma que falla approxima-se do meu; comprehendo-o perfeitamente. Tem aprendido muito commigo sobre a sciencia dos venenos, e prometteu-me resgatar-me para tomar-me por esposa; mas aspiro a mais lisongeira conveniencia, e apenas desejava colher-lhe certas indicações que me deu.

—Que te disse elle?

—Fulvio descubriu uma grande conspiração, tramada contra Diocleciano, e, segundo me deu a entender o velho intendente, foi elle proprio o inventor d'esta conspiração. Foi, pois, chamado a Roma, a fim de poder desdar o nó d'esta meada, e vae ser encarregado d'outras commissões do mesmo genero.

—Mas não tenho habilidade alguma para descubrir conspirações, com quanto possa ser empregado na punição dos conspiradores.

—Pois ha um meio simplicissimo de descubril-as.

—Qual é?

—No nosso paiz ha umas grandes aves que pódes apanhar, mesmo perseguindo-as a cavallo. Algumas, se as olhares fixamente, são as primeiras a entregar-se, pois contentam-se com esconder a cabeça.

—Que queres dar a entender com essa comparação?

—Alludo aos christãos. Falla-se d'uma perseguição contra elles.

—E será mais terrivel que todas as precedentes.

—Então, segue o meu conselho. Não lhe faças guerra encarniçada, para depois obter apenas um mediocre resultado. Contenta-te com uma boa presa, que te compense o trabalho. Cáe sobre ella no momento opportuno, e faze por obter boa parte de seus bens confiscados: depois vem ter commigo com uma mão cheia..., e receberás em troca, duas de mim.

—Já te entendo, e fico-te obrigado. Mas, pelo que me dizes, não amas os christãos.

—Amal-os! detesto toda a sua raça. Os espiritos que adoro são mortaes inimigos do nome christão.

E a escrava continuou com horrivel sorriso:

—Desconfio de que é christã uma de minhas companheiras, e por isso não posso vêl-a sequer.

—Que indicios tens d'isso?

—Em primeiro logar, por nenhuma cousa do mundo se resolve a mentir; e seu absurdo amor pela verdade causa-nos, ás vezes, grandes embaraços.

—Bom, e depois?

—Depois não dá importancia alguma ao dinheiro e aos presentes, o que faz com que tambem, ás vezes, fiquemos privadas d'uma e d'outra cousa.

—Melhor!

—Emfim é ella...

A ultima palavra foi extinguir-se aos ouvidos de Corvino, que replicou:

—Está bem: encontrei-me hoje com uma caravana de teus compatriotas, mas tu sobrepujal-os a todos.

—Sim? respondeu Afra, muito contente; mas como meus compatriotas?...

—Simplesmente africanos, respondeu Corvino, rindo-se: eram leões, pantheras e leopardos.

—Desgraçado! insultas-me?!

—Socega; vieram expressamente para te desembaraçar d'esses christãos, que tanto odeias.

«Sejamos, pois, amigos. Eis aqui o teu dinheiro. Mas é o ultimo; e é preciso que me façaş saber quando é que os teus philtros começam a operar.

*

«Não esquecerei o teu conselho a respeito das riquezas dos christãos. E' negocio que me agrada.»

Em quanto elle tomava o caminho da *Via-Sacra*, ella fingia seguir a encosta do monte Quirino, pelo caminho que fica entre o Palatino e Celio: depois, voltando-se exclamou:

—Louco! pensar que eu faria experiencias em uma senhora com o caracter de Fabiola!

Então voltou, seguindo-o a distancia pelo mesmo caminho; mas, como Sebastião esperava, com grande admiração sua, viu-a tornar a entrar para o vestibulo do palacio. Elle resolveu-se immediatamente a prevenir Fabiola contra este novo trama; não lhe era, comtudo, possivel fazel-o antes d'ella voltar do campo.



CAPITULO X

NOVOS ENCONTROS



ogo que os dous mancebos voltaram á sala pela qual tinham entrado para os aposentos, encontraram já reunida a companhia que esperavam.

Uma refeição frugal se achava sobre a mesa, como para convidar mais alguem a entrar.

A assembléa era numerosa e variada; composta, pela maior parte, de sacerdotes, leigos e libertos de ambos os sexos.

A causa da reunião era para tomar algumas precauções em virtude de uma occorrencia que ultimamente tivera logar no palacio.

Explical-a-emos succintamente.

Sebastião, gozando da illimitada confiança do imperador, empregava toda a sua influencia para dentro do palacio propagar a fé christã.

Pouco e pouco, numerosas conversões se haviam feito; mas, já não muito antes da epocha em que fallamos, se tinham tornado geraes, e vem narradas, com todas as particularidades, nas actas do martyrio d'este glorioso soldado.

Em virtude das antigas leis, muitos christãos eram presos e sujeitos a provas que quasi sempre terminavam com a morte.

Dous irmãos, Marco e Marcellino, tinham sido accusados, e esperavam a execução da sentença de morte contra elles dada, quando seus amigos foram procural-os e lhes rogaram, banhados em lagrimas, que poupassem a vida por meio da apostasia.

Pareceram vacillar e prometteram deliberar.

Sebastião ouviu isto, e voou em seu soccorro.

Elle era bem conhecido para que lhe recusassem a entrada, e entrou na lôbrega prisão, qual anjo da luz.

Era a prisão uma sala mui segura, em casa do magistrado, que os mandára encerrar alli.

O logar da prisão estava ao arbitrio d'este magistrado; e Tranquillino, pae dos dous mancebos, tinha obtido para elles uma espera de trinta dias, a fim de procurar abalar a sua constancia; e, para secundar seus esforços, Nicostrato, o magistrado, os encarcerára em sua propria casa.

A tarefa de Sebastião era, pois, muito arriscada e perigosa.

Além dos dous captivos, estavam na sala dezeseis prêsos pagãos e os parentes dos jovens, que choravam, acariciando-os e procurando com suas lagrimas poupal-os a seu horrivel destino; estava tambem o carcereiro, Claudio, e o magistrado, Nicostrato, com sua esposa Zoé, que, movidos de compaixão, alli tinham vindo para movel-os a renegar.

Poderia Sebastião esperar que, entre esta multidão, não se achasse alguem, a quem o sentimento do seu dever, a esperança do perdão, ou a aversão ao christianismo, impellisse a atraiçoal-o, se elle confessasse que era christão?

E não sabia que tal revelação equivalia á morte?...

Bem o sabia; mas que lhe importava?

Se, em vez de dous, se podessem offerecer tres martyres a Deus,... tanto melhor; e o que elle mais temia era que nenhum se offerecesse ao sacrificio. Esta casa, que servia de sala para os banquetes, raras vezes se abria durante o dia, e por isso precisava pouco de claridade. Esta, bem como no Pantheon, apenas entrava por uma abertura feita no tecto; e Sebastião, desejoso de ser visto por todos, parou no sitio onde um luzente raio de sol, passando atravez da abertura, projectava no lageado do pavimento um reflexo brilhante, deixando o resto do recinto quasi em completa escuridão.

Este brilhante reflexo, reverberando no ouro e joias de que era ornada a rica armadura do tribuno, parecia desprender faiscas, que iam perder-se n'aquellas tristes e monotonas trevas; ao passo que coloria de luz brilhante sua cabeça descoberta, e fazia realçar a nobreza de suas feições, em que se via estampada uma terna amargura, na maneira por que olhava os dous semi-renegados.

Durante alguns momentos, foi-lhe impossivel expressar por palavras a violencia da sua dôr, até que emfim começou em tom apaixonado:

— Sanctos e venerandos irmãos, exclamou elle, que jurastes fide-

lidade a Christo, que estaes prêsos por professardes a sua fé, e que tendes os pulsos roxeados pelos grilhões, que haveis supportado por amor d'elle, sentindo-vos, como o nosso Mestre, dispostos a soffrer com resignação os tormentos: deveria lançar-me a vossos pés, prestar-vos homenagem e implorar as vossas orações, em vez de levantar a cabeça ante vós, como para exhortar-vos, e, ainda mais,... para reprehender-vos! Será verdade o que ouvi, que quando os anjos entrelaçavam as ultimas flôres nas vossas corôas, os fizestes retirar, e que até havieis pensado em ordenar-lhes que as lançassem ao vento? Poderei eu accreditar que vós, tendo já os pés no limiar do Paraizo, pensaes em retrogradar para este valle de lagrimas e exilio?

Os dous mancebos baixaram a cabeça, e choraram, reconhecendo a sua fraqueza.

Sebastião proseguiu:

—Não ousaes fitar um pobre soldado como eu, o infimo dos servidores de Christo: como podereis supportar a vista ameaçadora d'Aquelle que estaes proximos a renegar perante os homens, se bem que o não podeis renegar no intimo de vossos corações, quando no dia terrivel Elle tambem vos desconhecer perante seus anjos?

«Quando, em vez de vos apresentardes diante d'Elle como servos bons e fieis, como ainda hontem poderieis fazer, só podereis apparecer ante seu tremendo tribunal, depois de haverdes vivido alguns annos mais de infamia, abandonados pela egreja, desprezados pelos seus inimigos, e, o que é ainda peor, ralados por um verme que não morre, victimas de um remorso eterno?

—Cala-te! oh! cala-te: por piedade, mancebo, quem quer que és, exclamou Tranquillino, pae dos dous jovens.

«Não falles tam severamente a meus filhos: foi, eu t'o asseguro, ás lagrimas de sua mãe e aos meus rogos, que começaram a ceder, e não ás torturas que soffreram com coragem.

«Porque deverão deixar os seus desgraçados paes entregues á dôr e á miseria?

«A tua religião manda-lhes acaso fazerem tal cousa? acaso é a isso que chamaes sanctidade?»

—Esperae, e tende paciencia, bom velho, disse Sebastião, n'uma voz em que transluzia sua extrema bondade, e consenti que eu falle a vossos filhos. Comprehendem o que eu digo, e vós ainda não; bem que, com a graça de Deus, brevemente me comprehendereis tambem.

«Vosso pae tem certamente razão em dizer-vos que tanto, por causa d'elle, como por causa de vossa mãe, deveis deliberar se os preferis A'quelle que nos disse: *Quem ama seus paes mais que a Mim, não é digno de Mim.*

«Não espereis comprar para vossos velhos paes a vida eterna, perdendo vós todo o direito a ella.

«Far-se-ão elles christãos por abandonardes o christianismo?

«Fal-os-eis soldados da cruz, desertando de tam sancta bandeira?

«Ensinar-lhe-eis acaso que nossas sanctas crenças são mais preciosas que a vida, preferindo vós a vida a ellas?

«Desejaes conquistar-lhes a vida, não a mortal que perece com o corpo, mas a vida eterna da alma?

«Apressae-vos então a conseguir-lh'a; lançae aos pés do Salvador as corôas que houverdes colhido, e rogae pela salvação d'esses entes a quem tanto quereis.»

—Basta, basta, Sebastião! estamos resolvidos, disseram ao mesmo tempo os dois irmãos.

—Claudio, disse um d'elles, põe-me os grilhões que me tiraste.

—Nicostrato, ajunctou o outro, dá ordem para que corra a sentença.

Comtudo, nem Claudio, nem Nicostrato, se moveram.

—Adeus! meu querido pae; adeus! minha querida mãe, disseram os dois, abraçando ternamente os auctores de seus dias.

—Não! replicou o pae, não nos tornaremos a separar. Nicostrato, ide e dizei a Chromacio que me fiz christão, como meus filhos, e que estou prompto a morrer por uma religião, que, em tão verdes annos, póde fazer heroes.

—E eu, accrescentou a mãe, não deixarei meu esposo, nem meus filhos.

Não cabe em nossa possibilidade descrever a scena que se seguiu. Todos estavam commovidos, todos choravam; os prêsos enternecidos, estavam ganhos á fé, e Sebastião viu-se cercado d'um grupo de homens e mulheres tocados da graça divina, vencidos por seu influxo e submettidos a seu poder: comtudo, perder-se-ia este ensejo, se um só se recusasse a reconhecel-a. Sebastião viu o perigo que d'ahi resultaria não para elle, guerreiro intrepido que não conhecia o mêdo, mas para a egreja e para essas almas que entravam ainda no limiar da vida, a ser logo divulgada a scena que acabava de dar-se.

Alguns estreitavam-no em seus braços; outros abraçavam-lhe os

joelhos; outros beijavam-lhe os pés, como se elle fosse o espirito da paz, que visitou Pedro na sua prisão de Jerusalem.

Havia apenas duas pessoas, que não tinham manifestado os seus sentimentos.

Nicostrato estava evidentemente commovido; mas não vencido. Sua alma agitava-se; porém as suas convicções eram inabalaveis.

Sua esposa Zoé ajoelhou ante Sebastião, olhando para seu marido em attitude supplicante, e estendendo-lhe os braços, mas sem dizer uma só palavra.

—Vamos, Sebastião, disse o guarda dos archivos (tal era o cargo de Nicostrato) é tempo de partires.

«Não me canço em admirar a sinceridade da tua crença e a generosidade do teu coração, que te levam a proceder assim, e impellem á morte estes mancebos; mas o meu dever é imperioso, e cumpre-me calar os meus pensamentos intimos.

—E não crês tu como os outros?

—Não, Sebastião, eu não cedo tam facilmente; preciso de provas, ainda mais evidentes que a tua austera virtude.

—Oh! então, falla-lhe tu! disse Sebastião a Zoé; falla-lhe, esposa fiel; move o coração de teu marido, porque, ou me engano muito, ou teus olhos me dizem que crês.

Zoé cubriu a cara com as mãos, e desatou a chorar.

—Tocaste-lhe a corda mais sensivel do coração, disse seu marido; não sabes que é muda?

—Não sabia, nobre Nicostrato; porque, quando a vi na Asia, ella fallava.

—Ha seis annos, replicou o outro, que sua lingua, outr'ora eloquente, emmudeceu; e, desde então, não articula uma palavra.

Sebastião ficou, por um momento, silencioso; depois levantou os braços, cruzou-os sobre o peito, como os christãos sempre faziam, quando oravam; ergueu os olhos para o céu, e soltou solemnemente estas palavras:

—O' Deus! Pae de Nosso Senhor Jesus Christo, o começo d'esta obra pertence-te; faze com que o fim egualmente te pertença. Delega um atomo do teu poder, porque assim é preciso; e digna-te confial-o ao mais fraco e mais indigno de teus servos.

«Permitte que, a despeito de minha indignidade, empunhe a espada victoriosa da tua cruz, para que o espirito das trevas recue ante

ella, e a vossa redempção nos alcance a todos! Zoé, olha para mim uma vez ainda.»


O' Deus! Pae de Nosso Senhor (pag. 73)

Todos guardavam profundo silencio, quando Sebastião, depois de breve e fervorosa oração mental, fez com a mão direita o signal da cruz sobre a bocca de Zoé, dizendo:

— Zoé, falla; responde-me, crês?!

— Creio em Jesus Christo, replicou ella com voz clara e firme, e caiu aos pés de Sebastião.

Nicostrato soltou um grito abafado, e, prostrado de joelhos, banhava de lagrimas as mãos do guerreiro.

A victoria foi completa.

Todos eram salvos; e immediatamente se tomaram todas as precauções, para que nada se soubesse.

A pessoa responsavel pelos prêsos podia tel-os onde quizesse; e Nicostrato transferiu-os a todos, junctamente com Tranquillino e sua esposa, para sua casa, a fim de gozarem de mais liberdade.

Sebastião não se deteve em apresental-os ao venerando padre Polycarpo, da egreja de S. Pastor.

Era um caso tam singular, pedia tanto segredo, e os tempos eram tam assustadores, que deviam fugir de provocar, por qualquer fórma, novas ordens, ainda mais severas; a instrucção christã foi pois rapidamente ministrada, de noite e de dia; e, em breve, foi tambem a todos ministrado o baptismo.

A nova familia christã ficou ainda mais animada e consolada por uma nova maravilha.

Tranquillino, que padecia atrozmente de gotta, ficou, depois do baptismo, gozando de saude perfeita.

Chromacio era o prefeito da cidade, e para com elle Nicostrato era responsavel pelos prêsos; por isso, este official não podia occultar-lhe o que havia acontecido.

Era para todos elles, uma questão de vida ou de morte; mas agora, animados pela fé, estavam dispostos a tudo.

Chromacio era um homem de caracter recto, e repugnava-lhe a perseguição; ouviu, pois, com interresse a narração de quanto havia occorrido.

Mas, quando lhe contaram a cura de Tranquillino, ficou extremamente espantado. Padecia a mesma molestia, que lhe fazia soffrer horriveis dòres.

— Se o que affirmaes é verdade, disse elle, e, se póde fazer-se em mim a experiencia d'essa virtude sobrenatural, por certo não resistirei á evidencia.

Sebastião foi chamado.

Applicar o baptismo, sem ser precedido pela fé, e só como uma experiencia do seu poder divino, teria sido superstição, e temeridade.

Sebastião seguiu outro systema, que mais tarde explicaremos; e Chromacio ficou completamente restabelecido. Recebeu o baptismo pouco depois, bem como seu filho Tiburcio.

Claramente viu ser-lhe impossivel continuar a exercer seu emprego, e resolveu pedir ao imperador a sua demissão.

Tertullo, o pae do esperançoso Corvino, prefeito do *Prætorium*, foi nomeado seu successor; assim, já o leitor vê que os acontecimentos que relatamos, reportando-nos ás actas de S. Sebastião, haviam tido logar pouco antes do começo da nossa narração; é por isso que, n'um dos capitulos anteriores, citamos já o pae de Corvino, como prefeito da cidade.

Voltemos agora á noite, em que Sebastião e Prancracio se reuniram no quarto do official com a maior parte das pessoas que ultimamente mencionamos.

Muitos d'estes individuos residiam no palacio, ou em suas immediações, e, além d'estes, estava presente Castulo, que desempenhava alto cargo na côrte [1], bem como sua esposa Iria.

Diversas reuniões se haviam já feito para combinar um plano seguro por meio do qual se levasse a effeito a completa instrucção dos convertidos, evitando que a repentina mudança de vida e o retiro a que se entregavam, podessem dispertar admiração, e, por consequencia suspeitas perigosas.

[1] Ignoramos qual fosse, ao certo, a sua posição.

Sebastião tinha obtido licença do imperador, para que Chromacio se retirasse a uma casa de campo, em Campania; e havia-se convencionado que um consideravel numero de neophytos alli se junctaria, formando uma só familia, e, recebendo a instrucção religiosa de que careciam, se entregariam reunidos a todos os exercicios de piedade.

Era chegada a estação em que todos iam para o campo; e o imperador tencionava visitar Napoles, e d'alli percorrer grande parte da Italia. Havia, pois, mui opportuna occasião, para effectuar o plano formado.

Em consequencia d'isto, o Papa, no domingo seguinte á conversão que já descrevemos, depois de ter celebrado o officio divino em casa de Nicostrato, aconselhou aos neophytos que deixassem Roma.

N'esta ultima reunião combinou-se, pois, tudo o que havia de fazer-se; no prazo de alguns dias, pouco a pouco, os convertidos dever-se-iam dirigir por varios caminhos, uns pela Via Apienna, outros pela Latina, e outros ao longo de Tibur, passando por Arpino; mas todos deviam achar-se, ao mesmo tempo, na casa de campo proxima a Capua.

Durante a discussão, um pouco enfadonha, em que se combinaram todas estas medidas de segurança, Torquato, um dos prêsos que primeiro se converteram pela visita de Sebastião, mostrou-se imprudente, temerario e impetuoso.

Reputava maus todos os planos; parecia descontente com todas as instrucções que lhe davam; e fallou com desprezo de fugir do perigo, gabando-se de que, pela sua parte, estava prompto para entrar no Forum no dia seguinte, derrubar os altares da idolatria, e arrostar tranquillo os juizes, como devia fazer um verdadeiro christão.

Todos disseram e fizeram quanto lhes foi possivel, para o socegar; e viram que lhes era absolutamente necessario, para segurança de todos, que o acompanhassem.

Elle, comtudo, insistiu em ir sósinho.

Restava apenas decidir quem guiaria esta pequena colonia, e dirigiria este movimento.

Sobre isto, houve ainda uma pequena contestação, entre Sebastião e o veneravel padre Polycarpo; desejando ambos ficar em Roma, para aproveitar a primeira occasião que se offerecesse de soffrer o martyrio.

Esta divergencia, porém, depressa findou, á vista de uma carta

do Papa a seu amado filho Polycarpo, padre da egreja de S. Pastor, em que lhe mandava dizer que acompanhasse os conversos, e deixasse a Sebastião a ardua tarefa de animar os confessores e proteger os christãos em Roma.

Polycarpo obedeceu immediatamente; e, depois de fervorosa oração de acção de graças, todos se retiraram.

Sebastião, depois de affectuosamente se ter despedido dos seus amigos, insistiu em acompanhar Pancracio a casa.

—Meu irmão, observou este ultimo, quando saíam do palacio, não gósto de Torquato. Receio que nos venha a causar grandes embaraços.

—Para te dizer a verdade, respondeu o soldado, preferiria que elle não fosse o que é; mas devemos lembrar-nos que é apenas neophyto, e de que, com o tempo e pela graça de Deus, se tornará melhor.

Ao passar pelo pateo da entrada, ouviram uma algazarra, mesclada de estrondosas gargalhadas e gritos selvagens, que partia de um outro contiguo, onde estava o quartel dos archeiros mauritanos.

Uma fogueira parecia estar accesa alli, e o fumo e as faiscas erguiam-se acima dos porticos.

Sebastião chegou-se á sentinella que guardava o logar onde se achavam, e perguntou-lhe:

—Amigo, que se passa entre nossos visinhos?

—A escrava preta, replicou elle, que é sua sacerdotisa, e vem a casar com seu capitão, se podér comprar a sua liberdade, veiu assistir aos ritos nocturnos; este horrivel tumulto tem logar todas as vezes que ella alli apparece.

—Sim! disse Pancracio; e podeis dizer-me qual é a religião que seguem estes africanos?

—Não sei, senhor, replicou o legionario, mas julgo pertencerem á seita dos que ouço chamar christãos.

—Que motivos tendes para pensar assim?

—Tenho ouvido dizer, que os christãos se reunem á meia noite, cantam horriveis hymnos, commettem toda a sorte de crimes, e assam e comem a carne de uma creança, que matam para esse fim [1], e exactamente me parece que é o que está succedendo agora.

[1] Eram estas as ideias populares, sobre a religião christã.

—Boas noites, camarada, disse Sebastião; e quando saíam o vestibulo, disse para seu companheiro: «Não te parece incrivel, Pancracio, que, apezar de todos os nossos esforços, de termos a consciencia de adorar o unico Deus verdadeiro, de procurarmos, quanto podemos, fugir do peccado, de preferirmos a morte a proferir uma palavra indigna de nós, sejamos, depois de passados trezentos annos, confundidos, ainda aos olhos do povo, com os sectarios das mais odiosas superstições, e ser nossa bella e sublime religião considerada como idolatria que, mais que tudo, aborrecemos? Oh! meu Deus! quanto tempo durará isto ainda?»

—Tanto tempo, disse Pancracio, parando nos degraus fóra do vestibulo, e olhando para a lua que se ia retirando; tanto tempo, quanto nos allumia apenas esta luz baça, até que o Sol da Justiça desponte no horizonte do nosso paiz com todo o seu brilho, e o embelleze com o seu esplendor. Dize-me, Sebastião, de que sitio gostas mais de ver apparecer o sol?

—Na minha vida, respondeu o guerreiro, o mais brilhante nascer do sol que vi, foi no cume do monte Lacio, [1] juncto ao templo de Jupiter.

«O sol ergueu-se magestosamente por detraz da montanha, cuja sombra se projectava na planicie como uma pyramide, em quanto, do lado opposto, reflectia na agua do Tibre sua figura gigantesca; depois, á medida que o astro do dia assomava, a sombra tornava-se mais curta, até que por fim se dissipou; e, pouco a pouco, todos os objectos ficaram expostos á luz, primeiro os navios e os barcos no rio, depois a praia com as ondas, que, fazendo um ruido, tirante ao d'um estofo de seda que se desdobra, vinham mansamente espreguiçar-se pela areia. Os alvos edificios iam gradualmente brilhando, até que, por fim, a magestosa Roma, com as suas torres e pinaculos, ficou completamente allumiada pelo astro do dia. Era um espectaculo magnifico, que não podia imaginar-se mais bello, e nenhum outro dos da terra podia equiparar-se-lhe...

—Tal como eu esperava ouvir-te descrevel-o, Sebastião, redarguiu Pancracio. E como será esse dia em que o mais brilhante sol allumiar a nossa patria, agora immersa nas trevas! E como deve ser bello, vêr

1 Hoje monte Cavo, acima de Albano.

desapparecer as sombras; irem, a cada momento, surgindo os encantos, até hoje occultos, da nossa sancta fé, irradiando luz: então a cidade imperial ha-de brilhar allumiada por esses raios celestes, e, um dia, será o typo sagrado da cidade de Deus!

«As gerações que a elle assistirem apreciarão a belleza d'este espectaculo? Ou circumscrevêr-se-ão ao mesquinho espaço que nos cerca, pondo as mãos ante os olhos para preserval-os d'esta luz deslumbrante?

«Eu não posso dizer-t'o, caro Sebastião; mas nutro a esperança de que admiraremos esse grande espectaculo, d'onde póde ser melhor apreciado; de uma montanha, mais alta que a de Jupiter, d'Alba, ou d'Olympia; d'esse logar de ventura onde habita o Cordeiro, a cujos pés correm as fontes da vida.[1]

Continuaram silenciosos o seu caminho atravez das ruas brilhantemente illuminadas;[2] e, quando chegaram a casa de Lucina, depois de se terem dado mutuamente as boas noites, Pancracio pareceu hesitar um momento, e disse:

—Sebastião, esta noite disseste alguma cousa que desejo me expliques.

—O que foi?

—Quando estavas procurando convencer o bom Polycarpo para que fosse para a Campania, e te deixasse em Roma, prometteste-lhe que, se assim fizesse, serias cauteloso, e não te exporias a inuteis perigos; accrescentaste mais que havias formado um plano que para isso contribuiria; mas que, logo que o levasses a effeito, te seria muito difficil domar o ardente desejo de dar a vida por Christo.

—E porque desejas saber este meu, talvez bem louco, designio?

—Confesso-te que tenho curiosidade de saber qual o motivo assás poderoso para converter tuas aspirações no ideal dos christãos.

—Penalisa-me, caro irmão, não poder agora dizer-t'o. Um dia o saberás.

—Promettes?

—Sim, solemnemente. Deus te abençôe!

1 Vidi supra montem Agnum stantem, de sub cujus pede fons vivus emanat.— *Officio de S. Clemente.*

2 Ammiano Marcellino nos diz que, na epocha da decadencia do imperio, as ruas eram tam illuminadas, que parecia querer a noite rivalisar com o dia.

CAPITULO XI

CONVERSA COM O LEITOR

N'este momento Roma está quasi deserta; seus habitantes vão para os montes visinhos, ou para as bellas praias que se estendem desde Genova até Pesto, a fim de gozarem os prazeres do campo ou do mar; e em quanto viajam nossos heroes, procuremos dar a nossos leitores algumas instrucções historicas que os esclareçam sobre o que levamos escripto, e os orientem sobre o que vamos escrever.

Pela fórma resumida em que se acha escripta a historia dos primeiros tempos da Egreja, e pelos trechos dispersos das biographias dos sanctos, fóra de ordem chronologica, como usualmente as lêmos, poderiamos facilmente formar inexacta ideia do estado dos primeiros christãos.

Podia isto succeder de duas maneiras:

Crê-se, geralmente, que, durante os primeiros tres seculos, a egreja soffria, gemendo sob o pêso de incessantes perseguições; que, fielmente adorada, mas oppressa de susto e terror, quasi vivia só nas Catacumbas; que, logrando, no meio d'esta oppressão, raras occasiões de manifestar-se exteriormente, ou de organisar-se interiormente, e despida d'explendores, era tudo o que possuia a religião; que, emfim, era esta uma epocha de lucta e tribulações, sem intervallo algum de paz e de conforto.

Segundo outra opinião, estes tres seculos foram divididos em periodos de dez perseguições distinctas e de maior ou menor duração, mas separadas por epochas de completo socego.

Seriam inexactas ambas as opiniões; e queremos dar mais exacta ideia do estado real da primitiva Egreja, e dos momentosos acontecimentos d'esta tam interessante e tam fecunda parte de sua historia.

Desde que a perseguição da Egreja começára, póde dizer-se que de todo só cessou no reinado de Constantino. O edicto publicado por um imperador raras vezes era retirado; e ainda que o rigor das ordens subisse ou decrescesse, segundo era mais duro ou mais dôce o cora-

ção de quem as dictava, comtudo nunca deixavam de cumprir-se; e eram uma arma perigosa nas mãos de um govérnador de provincia, barbaro e cruel.

D'aqui provém o rigor atroz, muitas vezes exercido n'uma ou outra parte do imperio, ao passo que o resto gozava de completo socego.

Talvez alguns exemplos possam dar mais perfeita ideia das diversas phases da perseguição, que melhor explicarão as relações da Egreja com o estado, do que simples dissertações.

Trajano não pertenceu ao numero dos imperadores crueis; antes, d'ordinario, era clemente. Ainda que não promulgou novos edictos contra os christãos, muitos nobres martyres, entre elles Santo Ignacio, bispo de Antiochia, em Roma, e S. Simeão, em Jerusalem, pereceram pela causa da fé, durante o seu reinado.

Quando Plinio Junior, governador da Bithynia, lhe perguntou como tractaria os christãos, trazidos á sua presença, o imperador lhe deu instrucções que revelam um caracter perfeitamente justiceiro: ordenou-lhe que não os mandasse procurar; mas, se os accusassem, os punisse.

Adriano, que não promoveu perseguição alguma, deu similhante resposta a Serenio Graniano, proconsul da Asia.

Comtudo, foi no seu reinado, e por sua ordem, que teve logar o cruel martyrio da intrépida convertida Symphorosa, e seus sete filhos, em Tibur ou Tivoli.

Uma bella inscripção, achada nas catacumbas, dá noticia de Mario, joven official, que derramou o seu sangue pela religião de Christo, no tempo d'este imperador.[1]

S. Justino Martyr, o grande apologista da christandade, nos informa que deveu a sua conversão á constancia dos que soffreram o martyrio n'este tempo.

Assim, tambem antes do imperador Septimio Severo ter publicado seus crueis edictos contra os christãos, muitos d'elles haviam soffrido já os tormentos e a morte.

Taes foram os celebres martyrios das Sanctas Perpetua e Felicidade, com seus companheiros, cujas actas, principalmente as da primeira, que na idade de vinte annos se offereceu á morte, formam um dos documentos mais bellos e tocantes, que nos conservou a antiga Egreja. Por estes factos historicos, é evidente que, com quanto, de quando em

[1] Roma Subterr. L. III. C. 22.

quando, a observancia dos crueis edictos se tornasse mais activa, severa e geral contra os christãos em todo o imperio, havia tambem periodos, em que só era parcial, e mesmo em que de todo se não observava. Uma d'estas epochas nos proporciona uma interessante informação, que prende com o nosso assumpto.

Quando a perseguição, ordenada por Severo, tinha afrouxado em algumas provincias, succedeu que Scapula, proconsul da Africa, a prolongou na do seu governo, com refinada crueldade. Entre outros, tinha elle condemnado Mavillo de Adrumeto a ser devorado por animaes ferozes; mas de repente o acommetteu perigosa doença.

Tertulliano, o mais antigo escriptor latino do christianismo, dirigiu-lhe uma carta, em que o aconselhava a aproveitar esta lição da adversidade, e a arrepender-se de seus crimes; recordando-lhe quantas sentenças atrozes tinham sido proferidas por juizes crueis contra os christãos, em todo o mundo.

Tal era, porém, a caridade d'estes homens piedosos, que faziam ardentes preces ao seu Deus pelo restabelecimento de seus mais encarniçados inimigos! Tertulliano vae até visital-o, e diz-lhe que póde perfeitamente cumprir os seus deveres, sem ser cruel, e fazendo o mesmo que outros magistrados haviam já feito.

Por exemplo: Cincio Severo ensinou aos accusados as respostas que deviam dar para serem soltos.

Vesperonio Candido despediu um christão, sob o pretexto de que a sua condemnação promoveria tumultos. Asper, quando via algum disposto a supportar os primeiros tormentos, não exigia mais; e mostrava grande mágua em vêr-se forçado a presidir a taes julgamentos.

Pudens, lendo um libello de accusação, declarou-o illegal, por calumnioso, e rasgou-o.

Já vêmos quanto dependia do caracter e das tendencias dos governadores e juizes, a interpretação das ordens imperiaes.

Sancto Ambrosio nos diz que alguns governadores se gloriavam de, ao voltar dos seus governos, haverem trazido as suas espadas sem mancha de sangue (*Incruentos enses*).

Pelo que fica dito, podemos facilmente entender como, em certos tempos, atrozes perseguições devastavam a Gallia, a Africa, ou a Asia, ao passo que, nas outras partes, a Egreja gozava da paz.

Mas Roma era, sem contestação alguma, o logar mais subjeito a estas frequentes manifestações do espirito de malvadez; de modo que

se podia considerar um privilegio dos seus Pontifices, durante os primeiros tres seculos, darem com o seu sangue testemunho da fé que confessavam.

Ser eleito Papa equivalia, pois, á certeza do martyrio.

A epocha da nossa narração é um d'aquelles longos intervallos, em que a Egreja gozava de socego, de que se aproveitava para desenvolver-se.

Desde a morte de Valerio, no anno 268, não houvera perseguição alguma formal, se bem que houve gloriosos martyrios.

N'estes intervallos, os christãos podiam fazer solemnidades religiosas, até com pompa e esplendor.

A cidade estava dividida em districtos ou parochias; cada uma das quaes tinha a sua egreja com os seus presbyteros, diaconos, etc.

Soccorriam os pobres, visitavam os enfermos, e instruiam os ignorantes: administravam os sacramentos; celebravam as preces de cada dia; a penitencia era ensinada pelo exemplo dos ministros da religião: para este fim formavam-se communidades, e em todos se encontrava a mais sincera e cordeal hospitalidade.

Conta a historia que, durante o pontificado de Cornelio, no anno 250, houve em Roma quarenta e seis presbyteros e cento e cincoenta e quatro ministros de ordens menores, que todos viviam das esmolas dos fieis, sustentando ainda com ellas mais mil e quinhentos pobres. [1]

Este numero de padres corresponde quasi ao numero de egrejas, que Santo Optato nos diz existirem em Roma.

Ainda que os tumulos dos martyres, nas Catacumbas, continuavam a ser objecto de devoção, durante os periodos de maior tranquillidade, estes asylos dos foragidos conservavam-se em bom estado e em perfeita ordem, sem todavia se celebrarem ahi as ceremonias do culto.

As egrejas a que alludimos eram, muitas vezes, publicas e até magnificas; e os pagãos costumavam assistir aos sermões que alli se prégavam, e a todas as outras ceremonias a que podiam ser admittidos. Mas, geralmente, eram ellas feitas nas melhores casas de particulares; e n'estas, em salas grandes ou *triclinia*, que só havia nos palacios dos nobres.

Uma grande parte das egrejas de Roma eram primitivamente d'esta fórma.

[1] Euseb. E. H. L. VI C. 43.

Tertulliano menciona alguns cemiterios christãos por fórma a fazer-nos crêr que eram á superficie da terra, porque os compara a *eiras*, expostas ao ar.

Um antigo costume romano nos dá a razão por que assembléas tam numerosas se podiam reunir n'estes logares, sem chamar a attenção, e, por consequencia, a perseguição. Era costume na classe abastada, logo depois de se levantarem, receberem a visita dos seus clientes, dos mensageiros, de seus amigos, dos escravos e dos livres; alguns dos quaes eram admittidos á presença dos nobres, ao passo que outros eram despedidos logo depois de se terem apresentado.

Por este modo centenares de individuos estranhos podiam entrar e saír de uma casa rica, além do grande numero de escravos, commerciantes e outros que n'ella tinham accesso pela entrada principal, ou por alguma outra mais escusa; e tal circumstancia pouco ou nada se notava.

Ha outro phenomeno importante na vida social dos primeiros christãos, que difficilmente se poderia accreditar, se, até á evidencia, nol-os não demonstraram as mais authenticas actas dos martyres, e a historia ecclesiastica.

E' o incognito que elles conseguiam guardar.

Não podemos duvidar de que pessoas pertencentes á alta sociedade, que occupavam altos encargos publicos, e que privavam com os imperadores, eram christãs; e, comtudo, ninguem suspeitava que o fossem, nem mesmo os seus mais intimos amigos pagãos, dando-se até, muitas vezes, o caso de o ignorarem os mais proximos parentes.

Nem disfarces, nem mentiras, nem acções, incompativeis com a moral christã, se permittiam para garantir esse segredo.

Mas todas as precauções que em nada fossem d'encontro á verdade se punham em practica, para evitar que o publico distinguisse os que eram christãos. [1]

[1] Nenhum segredo domestico devia ser mais difficil de guardar, para uma esposa, do que o da sua religião, que seu marido não devia conhecer.

Comtudo, Tertulliano affirma que taes casos não eram raros.

Fallando d'uma mulher, que, segundo o uso em tempo de perseguição, commungava em casa, diz-lhe: *Não saiba teu marido que alimento é esse que tomas antes de nenhum outro: se souber que é pão, não lhe digas o nome d'esse pão.* (*Ad uxor., lib. II, cap. 5*). *N'uma outra carta falla d'um marido e d'uma mulher que um ao outro se davam a communhão.* (*De monogamia, cap. 21*).

Tam necessarias, como eram, taes precauções, comtudo, muitas vezes, faziam victimas os que se viam obrigados a empregal-as.

O mundo pagão, o mundo do poder, que tinha feito as leis a seu arbitrio, e, da mesma fórma as executava; o mundo que amava a felicidade da terra e odiava a fé christã, sentia-se invadido, envolvido e cuberto d'uma atmosphera mysteriosa, cuja origem latente não podia adivinhar, cujo desenvolvimento não podia apreciar e sondar. As familias ficavam muitas vezes maravilhadas, sabendo que um filho ou uma filha abraçára esta nova lei, cujos adeptos desprezavam, e que na imaginação do povo passava por baixa, degradante e anti-social.

D'aqui provém ter o odio aos christãos, tanto de politico, como de religioso; seu systema e teor de vida era considerado como anti-romano, e olhado como contrario á prosperidade e grandeza do imperio, pois que seus sectarios obedeciam a um poder espiritual e invisivel.

Os christãos foram declarados *irreligiosi in Cæsares;* «desleaes aos imperadores»; e isso era o bastante.

Vê-se, pois, que a sua segurança e tranquillidade dependiam muito do espirito e attitude popular; quando algum demagogo ou fanatico lograva indispôr o povo contra os christãos, debalde negavam estes os crimes de que lhes faziam cargo; debalde sua vida socegada e irreprehensivel estava a coberto de toda a contestação; nada podia salval-os da perseguição!

Retomemos agora o fio interrompido de nossa narração.

CAPITULO XII

O LOBO E A RAPOSA

Os conselhos da escrava africana não tinham sido lançados em vão ao sordido espirito de Corvino.

Ella odiava os christãos, pela circumstancia de que a primeira de suas senhoras, havendo-se feito christã, tinha dado a liberdade a todas as outras escravas que seguiam o mesmo culto; e julgando prudente não se exforçar por converter um caracter tam perigoso como o de

Afra, ou, antes, Jubala (seu nome proprio), a vendêra a outra proprietaria.

Corvino tinha, muitas vezes, visto Fulvio nos banhos e n'outros logares publicos; tinha-o admirado, e, pela apparencia, vestuario e conversação, invejado a sua posição.

Mas, com a sua brutalidade e grosseria habitual, nunca elle ousaria dirigir-lhe a palavra, se não houvera sabido que, se bem que mais polido, o egualava em malvadez.

A astucia e sagacidade de Fulvio poderiam supprir as qualidades que a seu espirito embrutecido faltavam; ao passo que sua força bruta e sua insensibilidade feroz seriam valiosos auxiliares que compensassem os dons que aquelle possuia. Corvino tinha o joven estrangeiro em sua casa, por lhe haver conhecido suas qualidades e as funcções que na côrte desempenhava.

Resolveu, pois, procurar alliar-se com um homem que, d'outro modo, poderia tornar-se-lhe um rival perigoso.

Dez dias depois do encontro que relatamos, Corvino foi passear aos jardins de Pompeu. Os jardins occupavam o espaço que rodeia o theatro do mesmo nome na visinhança da actual *Praça Farnese.*

Um incendio, no reinado de Carino, destruíra o scenario d'este edificio, e Diocleciano o mandára reparar com grande magnificencia.

Os jardins distinguiam-se pelas ruas de arvores, que faziam uma fresca e deliciosa sombra.

Ornavam-nos esculpturas em profusão, representando animaes, fontes e cascatas.

Passeando, avistou Fulvio, e dirigiu-se immediatamente a elle.

—Que quereis de mim? perguntou o estrangeiro, encarando-o com surpreza, e notando o desalinho que se manifestava em seu vestuario.

—Ter comvosco uma pequena conversa, que talvez redunde em vosso proveito... e... em meu.

—Que podeis propôr-me sob a primeira d'essas condições? não duvideis da segunda.

—Fulvio, eu conheço que sou homem grosseiro, e não tenho pretensões á vossa instrucção e posição social; mas exercemos egual emprego, e, por consequencia, devemos entender-nos.

Fulvio parou; um forte rubor lhe assomou ao rosto, e disse com um ar de desprezo:

—Que quereis dizer com isso, miseravel?

— Se fechaes a mão, replicou Corvino, para me mostrardes vossos ricos anneis e vossos delicados dedos, estamos bem. Mas, se o fazeis para me intimidar, melhor a occultáreis nas pregas da vossa toga.

— Vamos, vamos... Que quereis dizer?

— Quero dizer-vos, Fulvio, disse-lhe Corvino ao ouvido, que sois um espia e um denunciante.



Que quereis de mim?... (Pag. 86).

Fulvio ficou como petrificado; mas, dissimulando, respondeu:

— Que direito vos assiste para me imputar tam odioso mister?

— Descubristes, retorquiu o outro com emphase, uma conspiração no Oriente; e Diocleciano...

Fulvio interrompeu-o, perguntando-lhe:

— Como vos chamaes, e quem sois?

— Eu sou Corvino, filho de Tertullo, prefeito da cidade.

Isto parece dizer tudo; e Fulvio disse em tom mais moderado:

— Basta; vejo que alguns amigos se approximam. Esperae-me dis-

farçado, ámanhã ao romper do dia, na rua Patricia [1], sobre o portico dos Banhos de Novato. Fallaremos então mais á vontade.

Corvino voltou para casa, bastante satisfeito com o seu primeiro ensaio em diplomacia; vestiu-se com um fato ainda peior que o seu, que pediu a um escravo de seu pae, e, ao primeiro alvor do dia, estava no local aprazado. Tinha já esperado muito e estava quasi a perder a paciencia, quando viu approximar-se o seu novo amigo.

Fulvio vinha bem embuçado n'uma grande capa, cujo capuz quasi lhe cobria o rosto. Saudou Corvino n'estes termos:

—Bons dias, camarada; receio ter-vos feito esperar muito, exposto a um ar tam frio, sendo que, demais, trazeis tam leve roupa.

—Confesso-vos, replicou Corvino, que me teria enfadado se me não tivera distrahido muito e entretido com o que via.

—Pois que viste?

—Eu vos digo: ha mais de uma hora que estou aqui; e penso que ainda muito antes ter chegado, tem vindo de todos os lados, e entrado para aquella casa, por uma porta lateral, que dá para aquella rua estreita, a mais rara collecção de miseraveis que jámais vi: cegos, côxos, carcundas, decrepitos e aleijados, cobertos de deformidades; ao passo que, pela porta da frente, entravam diversas pessoas que evidentemente se via pertencerem a uma classe muito differente.

—A quem pertence essa casa, sabeis? parece uma casa velha, e até pouco habitavel.

—Pertence, segundo se diz, a um velho riquissimo e muito avarento. Olhae! ahi vem mais alguns mendigos.

N'aquelle momento, um homem fraco e acurvado pelos annos se approximava, encostado a uma joven, que ternamente o entretinha em quanto o ajudava a andar.

—Estamos quasi a chegar, disse ella; dae ainda mais alguns passos, e podereis descançar.

—Obrigado, minha filha, replicou o velho, quanto és boa... por meu respeito sahires tão cêdo!

—Eu sabia, redarguiu ella, que precisarieis de quem vos amparasse; e, como sou uma creatura quasi inutil, pensei que devia ir buscar-vos.

[1] O vicus Patricius.

— Sempre ouvi dizer, redarguiu o velho, que todas as creaturas privadas da vista são egoistas, e isso parece-me natural; mas tu, Cecilia, és certamente uma nobre excepção d'essa regra.

— Não é isso: este é o modo de eu mostrar o meu egoismo.

— Que queres dizer?

— Em primeiro logar, tenho a vantagem de me servirdes de guia; pois tendes vista; e, em segundo, tenho a satisfação de vos servir de amparo. «Eu sou a vista dos cegos» (sois vós); «e as pernas dos côxos» [1] (sou eu).

Em quanto iam assim conversando, chegaram á porta.

— Aquella rapariga é cega, disse Fulvio a Corvino; não vêdes como caminha com difficuldade e sem olhar á direita, nem á esquerda?

— E' verdade, respondeu o outro. Seguramente é este o logar tantas vezes fallado, onde os mendigos se encontram, os cegos vêem, os côxos andam, e todos fazem uma grande festa. Comtudo, reparei que estes pobres são completamente differentes dos mendicantes da Ponte Aricia [2]. Parecem-me respeitosos e até alegres; e nenhum, ao passar, me pediu esmola. Isto admira-me; e folgaria de descubrir este mysterio. Bom resultado se poderia talvez tirar d'esta descuberta; dizeis-me que o velho é muito rico?

— Riquissimo!

— Sim! E como poderiamos entrar?... Ah! já sei! vou descalçar os sapatos; vou fazer-me côxo d'uma perna; junctar-me-ei ao primeiro d'estes alegres grupos que passar, e entrarei afoutamente, como elles fazem.

— Assim tudo irá bem; mas provavelmente todos estes individuos são conhecidos n'aquella casa...

— Sei, com certeza, que não; porque alguns me perguntaram se era alli a casa da nobre dama Ignez.

— De quem? perguntou Fulvio com sobresalto.

— Porque olhaes assim? disse Corvino. E' a casa de seus paes; mas é mais conhecida do que elles, por ser uma joven herdeira, quasi tam rica como sua prima Fabiola.

Fulvio calou-se, por algum tempo; uma forte desconfiança, muito

[1] Ob. XXIX, 15.

[2] O logar, nas visinhanças de Roma, mais notavel pela importuna perseguição dos mendigos.

subtil e importante para que a communicasse a seu rude companheiro, sobreveiu a seu espirito.

Disse, pois, a Corvino:

—Se estaes certo de que nem todos são conhecidos, experimentae o vosso plano. Eu já uma vez fallei com essa dama, e ousarei bater á porta da frente. Assim temos probabilidade de bom exito.

—Sabeis o que tenho estado a pensar, Fulvio?

—Ah! vosso espirito é muito luminoso...

—Que, quando emprehendermos algum plano, teremos sempre duas vantagens.

—Quaes são?

—A do lobo e da raposa, quando conspiram para roubar uma rez.

Fulvio lançou-lhe um olhar de desdem, que Corvino retribuiu por um sorriso sardonico; e separaram-se para se dirigirem aos seus respectivos ponctos.





CAPITULO XIII

CARIDADE



ão desejamos entrar em casa de Ignez com o lobo, nem com a raposa, mas vamos alli apparecer mentalmente.

A familia de Ignez apresentava uma serie de nobres ascendentes, e não era de recente conversão, pois, ha muito, professava a fé christã.

Assim como, entre os pagãos, se conservava cuidadosamente a memoria d'aquelles d'entre seus avós, que alcançaram um triumpho, ou occuparam altas dignidades no imperio; assim, n'esta e n'outras casas christãs, se conservava, com piedoso respeito e affectuoso orgulho, a lembrança d'aquelles parentes, que tinham, durante os ultimos cento e cincoenta annos, colhido a palma do martyrio, ou occupado as mais subidas dignidades da egreja.

Mas, ainda que assim ennobrecida, conservando a memoria d'um constante rio de sangue, que havia derramado por Christo, a arvore frondosa d'esta virtuosa familia deixára pender seus ramos até tocar a purpurea corrente; o tronco conservou-se sempre firme e resistiu ao furor da tempestade.

A alguem admirará talvez esta circumstancia; mas, se reflectirmos que um soldado milita, muitas vezes, n'uma longa campanha, em que entra em frequentes acções, das quaes se sáe sem receber sequer uma arranhadura; e que, muitas vezes, n'uma devastadora epidemia, como por milagre, uma familia fica illesa, não podemos surprehendernos de que a Providencia velasse pelo bem-estar da Egreja, conservando, atravez da serie de varias gerações, fortes e indissoluveis cadeias de tradição, que faziam dizer aos fieis:

«Se um Deus de excelsa bondade não nos houvera protegido, seriamos como a perdida Sodoma, ou a perversa Gomorrha.» [1]

Todas as honras e todas as esperanças d'esta familia concentravam-se agora n'uma só pessoa, cujo nome já é conhecido dos nossos leitores: Ignez, a unica descendente d'esta nobre geração.

Nascêra quando já seus paes tinham quasi perdido a esperança de que sua familia se perpetuasse; e, desde a infancia, se mostrára dotada de tal candura, docilidade, intelligencia, simplicidade e innocencia, que se havia tornado objecto de amor, e quasi de respeito de todos os da casa, desde o seu mais proximo parente até ao mais humilde servo.

Comtudo, nada parecia poder alterar ou abalar a austera virtude de que era dotada; mas suas boas qualidades, a par de um juizo maduro, em tam verdes annos, formavam um conjuncto admiravel de graça e virtude.

Ella partilhava todos os generosos pensamentos de seus paes, e cuidava do mundo tam pouco como elles.

Viviam junctos n'uma pequena parte do edificio, que estava mobilado com elegancia, ainda que sem luxo; e occupavam apenas o sufficiente local para a habitação.

Aqui elles recebiam os seus raros amigos, com quem conservavam relações de intima familiaridade; mas, como não saíam, nem davam festas, era muito limitado o numero d'estes amigos.

Fabiola visitava-os, de quando em quando, não obstante Ignez preferir ir á casa d'ella; e muitas vezes tinha testemunhado á sua joven amiga o desejo que sentia, de que chegasse o dia em que encontrando um vantajoso casamento, de novo embellezasse e abrisse as portas de sua esplendida habitação.

Porque, apezar da lei voconia, que privava da herança as mulheres, [2] agora de todo postergada, Ignez recebêra d'outras heranças collateraes grandes valores para junctar á riqueza que podésse herdar de sua familia.

Em geral, quasi toda a sociedade pagã que a visitava, julgando pelas apparencias, imaginava que, sendo por genio economicos e amigos da simplicidade, seus paes deveriam ter amontoado immensas rique-

1 Is I. 9.

2 Prescrevia esta lei que ninguem podésse constituir por herdeira uma virgem, havendo na mesma familia senhoras casadas.

zas; e presumiam que o resto do edificio, além da parte que habitavam, estava prestes a caír em ruinas.

Comtudo não era assim. A parte interior do edificio, que constava d'um grande vestibulo, e do jardim, onde havia separadamente uma sala de jantar, ou *triclinium*, transformado em egreja, bem como o pavimento superior da casa, accessivel por aquelle lado, eram logares destinados ao exercicio da caridade, que a egreja considerava como a maior occupação da sua existencia.

Sua direcção fôra confiada ao diacono Reparato e ao exorcista Secundo, nomeados pelo Pontifice para cuidar dos doentes, dos pobres e dos peregrinos, n'uma das septe regiões em que o Papa Caio, quatro annos antes, dividira, para este fim, a cidade, confiando cada uma d'ellas a um dos septe diaconos da egreja romana.

Havia quartos separados para hospedar os peregrinos que vinham de longe, recommendados por outras egrejas; achando-se sempre posta para elles uma mesa frugal.

No andar superior, transformado em hospital, havia quartos para entrévados, decrepitos, e outros doentes entregues ao cuidado das diaconizas e de todos os fieis que se compraziam em dar-se aos sublimes misteres da caridade.

Era aqui que a pobre cega tinha a sua cella, se bem que, como já vimos, recusava o alimento d'esta casa. O *tablinium* ou sala de refeição, que geralmente ficava separada no espaço que mediava entre os pateos interiores, servia de secretaria e de archivo para os negocios e documentos d'este estabelecimento de caridade. Aqui se archivavam as actas dos martyres, e era archivista um dos septe notarios, instituidos para tal fim por S. Clemente I, estando affecto este cargo a um dos notarios das septe regiões.

Uma porta, que communicava com a casa da familia, tornava-lhe facil coadjuvar estes actos de caridade; e Ignez fôra, desde a infancia, habituada a entrar e saír muitas vezes ao dia e a passar alli horas inteiras; levando sempre, qual anjo do ceu, consolação, alegria e conforto aos infelizes enfermos.

Esta casa podia, pois, chamar-se o asylo, o centro caridoso e hospitaleiro da região em que ficava situada; tinha entrada pelo *posticum*, ou porta que ficava pela parte de traz e dava para um becco estreito e pouco frequentado.

Não admira, á vista d'isto, que por muito grande que fosse a for-

tuna dos proprietarios, empregassem todos os seus rendimentos na sustentação de tam humanitario estabelecimento.

Ouvimos Pancracio pedir a Sebastião que distribuisse a sua prata e as suas joias pelos pobres, sem que se soubesse a quem pertenciam.

Elle não se esquecêra d'esta commissão, e designára a casa de Ignez, como a mais propria para esse fim.

Na manhã do dia que se seguia á noite em que estavamos fallando, devia ter logar a distribuição; as outras regiões tinham alli mandado os seus pobres, acompanhados por seus diaconos; Sebastião e Pancracio, bem como outras pessoas da alta sociedade, haviam vindo tambem assistir a este acto, sublimemente edificante.

Corvino reconhecêra, quando entravam, algumas d'estas ultimas pessoas.

CAPITULO XIV

OS EXTREMOS TOCAM-SE

Um grupo de pobres veiu opportunamente proporcionar a Corvino occasião de se junctar a elles, e, com effeito, em tudo os arremedava, menos na modestia do porte.

Foi, pois, muito unido a elles, e pôde ouvir, cada um, á entrada, pronunciar as palavras «*Deo gratias*», graças a Deus.

Não era esta simplesmente uma expressão usada pelos christãos, era tambem uma senha; por isso Santo Agostinho nos diz que os herejes censuravam os catholicos por tal uso, dizendo que não era uma saudação, mas sim um signal pactuado, quando o pedia a conveniencia; porém estes continuavam a empregal-a, como consagrada por um piedoso uso. Ainda hoje se emprega em Italia, seguindo-se o mesmo costume.

Corvino pronunciou estas palavras, e deixaram-no passar.

Seguindo os outros de perto, e imitando suas maneiras e gestos, achou-se no pateo interior do edificio, já quasi cheio de pobres e enfermos.

Os homens estavam d'um lado, e as mulheres do outro. Debaixo

do portico, no fundo do vestibulo, estavam algumas mesas cobertas de grande numero de objectos de prata, e, juncto d'ellas, uma outra sobre a qual se via grande quantidade de riquissimas joias. Dous ourives pesavam e avaliavam conscienciosamente estes objectos; e juncto de si tinham o dinheiro que por elles haviam de dar, para ser em seguida proporcionalmente distribuido pelos pobres.

Corvino olhava para tudo isto com ávida inveja.

Cogitava na maneira como poderia apoderar-se de toda aquella riqueza, e quasi sentia tentação de roubar uma d'aquellas peças de mais valor, e fugir a toda a pressa com ella.

Mas via claramente que tal passo seria uma completa loucura, e resignou-se a esperar tranquillamente pelo seu quinhão, resolvido a bem observar quanto visse, para levar tudo ao conhecimento de Fulvio. Bem depressa, porém, conheceu a difficil posição em que fôra collocar-se.

Em quanto os outros pobres conversavam junctos, ficou elle isolado e esquecido. Viu então alguns mancebos, de maneiras extremamente affaveis, mas em quem transluzia a auctoridade de que estavam revestidos: o traje de que usavam era conhecido pelo nome de «dalmatica», pela sua origem dalmaciana; isto é, tinham sobre a tunica, em vez da toga, uma outra tunica justa, um pouco mais curta, com mangas muito largas e curtas; vestuario então usado pelos diaconos, não só nos actos mais solemnes da egreja, como tambem quando desempenhavam os deveres de caridade para com os pobres e os enfermos.

Estes ecclesiasticos continuaram a separar os pobres que conheciam, por pertencerem ás suas regiões, e conduziam-nos para um logar que lhes estava destinado por baixo dos porticos.

Mas nenhum conhecia Corvino, como do numero de seus pobres; e por isso ficou elle finalmente só no meio do pateo.

Foi então que o seu rude espirito pôde comprehender a critica situação em que se fôra collocar.

Elle era filho do prefeito da cidade, cujo dever era castigar os que violassem os direitos sagrados da hospitalidade, e tivera a ousadia de penetrar até o interior d'uma casa nobre; servindo-se do fraudulento meio de se disfarçar em mendigo.

Por isso olhava para a porta com evidente desejo de evadir-se; mas notou que era guardada por um velho, chamado Diogenes e por

seus dous robustos filhos, que apenas podiam conter a indignação, á vista de tal insolencia, supposto a manifestassem sómente por olhar sombrio e pelo modo impaciente com que mordiam os beiços.

Elle viu que era o objecto de consulta entre os diaconos, que de vez em quando olhavam para elle; imaginou que até os cegos o encaravam cheios de cólera, e que os mesmos decrepitos se dispunham a erguer contra elle seus bordões.

Restava-lhe uma unica consolação: julgava não haver sido reconhecido, e esperava servir-se d'alguma desculpa para bem saír d'este grande embaraço.

Finalmente o diacono Reparato chegou-se a elle, e disse-lhe cortezmente:

—Amigo, provavelmente não pertenceis a nenhuma das regiões que convidamos a vir aqui hoje. Onde moraes?

—Na região da Alta Semita.

A resposta designava a divisão civil, e não a divisão ecclesiastica de Roma; comtudo Reparato continuou:

—A Alta Semita é na minha região, porém não me recordo de vos ter visto.

Em quanto pronunciava estas palavras, ficou surprehendido ao vêr o rosto do intruso cubrir-se de pallidez mortal, cambalear elle quasi a poncto de caír no chão, ao passo que tinha os olhos fitos na porta que servia de communicação entre as duas moradas.

Reparato olhou na mesma direcção, e viu Pancracio, que acabava de entrar, e pedia a Secundo algumas explicações.

A unica esperança de Corvino esvaecêra-se.

Immediatamente elle se viu em face do joven que pediu a Reparato que se retirasse, na mesma posição em que se haviam encontrado na ultima occasião; em vez, porém, de um circulo de espectadores prestes a applaudil-o, via-se Corvino aqui, cercado de todos os lados por uma multidão que favorecia seu antagonista.

Corvino não pôde deixar de notar o gracioso desenvolvimento e o porte varonil que algumas semanas deram ao seu ex-condiscipulo.

Esperava elle amargas represalias, e talvez um castigo, como, em identicas circumstancias, lhe teria infligido: mas qual não foi sua admiração, quando Pancracio se lhe dirigiu com doçura, n'estes termos:

[1] Parte superior do Quirino, que ia dar á porta Nomentana. (Porta Pia).

—Corvino, estás na verdade reduzido a tal desgraça? Que infeliz acaso te fez côxo? Como deixaste a casa de teu pae?

—Nada do que suppões, felizmente, me succedeu ainda, replicou o miseravel, que retomou sua costumada insolencia, animado pela doce linguagem de seu interlocutor; com quanto, certamente, o estimasses muito.

—Asseguro-te que não; nem tam pouco te conservo o menor rancor.

E se precisas d'algum soccorro, dize-o francamente: ainda que não devias achar-te aqui, posso levar-te para um aposento particular, onde occultamente te será dispensado.

—Então, dir-te-ei a verdade: vim aqui unicamente por um capricho; e o que desejo é que me deixes saír em paz.

—Corvino, disse o mancebo com algum enfado, isso é uma grave offensa. Que diria teu pae, se eu ordenasse a esses mancebos, que immediatamente me obedeceriam, que, assim como estás, descalço, vestido como um escravo, disfarçado em mendigo, te levassem ao *forum*, e alli no tribunal, publicamente te accusassem de um crime que indignaria todos os cidadãos, qual é o de entrar astuciosa e perfidamente em casa de um romano?

—Pelos deuses, bom Pancracio, não me irrogues tam horrivel castigo.

—Tu bem sabes, Corvino, que teu pae se veria obrigado a fazer o mesmo que fez Junio Bruto, ou a perder o seu logar.

—Rogo-te pelo que mais estimas, pelo que ha de mais sagrado, que não me deshonres assim a mim e aos meus. Não só eu, mas meu pae e toda nossa familia ficariamos para sempre completamente perdidos. Pedir-te-ei perdão de joelhos pelos insultos que em tempo te dirigi: mas sê indulgente.

—Socega, Corvino; já te disse têl-os, ha muito, esquecido. Agora escuta-me. Todos os que nos cercam, á excepção dos cegos, são testemunhas d'este ultraje. Haveria, pois, centenares de depoimentos para o provar. Se acaso fallares d'este ajunctamento, ou ainda mais, se tentares servir-te do que viste para fazer mal a alguem, está em nossa mão revelar teu crime, e obrigar teu proprio pae a julgar-te. Entendes-me, Corvino?

—Sim, replicou este, em supplicante attitude. Nunca, em quanto viver, escapará de meus labios uma só palavra do que vi n'este horrivel logar. Juro por...

—Basta, basta! não careço dos teus juramentos. Toma o meu braço e vem commigo.

E, voltando-se para os assistentes, disse:

—Conheço este individuo; a sua vinda aqui foi completamente por equivoco.

Todos os que tinham presenceado os gestos de supplica do desgraçado, bem como a sua attitude afflicta, julgaram que fazia a narração de grandes infortunios e mostrava o quanto carecia de soccorro; por isso todos bradaram:

—Pancracio, não o deixeis ir sem conforto!

—Deixae isso a meu cargo, tornou elle.

Os porteiros deixaram passar Pancracio, que conduziu Corvino, ainda coxeando, para a rua, e o despediu dizendo:

—Corvino, agora estamos quites; lembra-te de tua promessa.

Fulvio, como já dissemos, tentára entrar pela porta principal.

Achou-a aberta, segundo o costume romano; e, na verdade, quem esperaria áquella hora a vinda d'um estrangeiro?



Como vos chamaes minha filha...

Servia de porteiro uma rapariga de simples apparencia, de doze a treze annos de edade, vestida com o traje dos aldeões.

Ninguem mais alli se achava; e elle julgou a occasião excellente para verificar o que havia de verdade na desconfiança que se lhe incutira no espirito.

Dirigiu-se-lhe pois d'este modo:

—Como vos chamaes, minha filha, e quem sois?

—Eu sou, replicou ella, Emerencia, irmã collaça da dama Ignez.

— Sois christã? perguntou elle ousadamente.

A pobre aldeã abriu espantada os olhos, com expressão de ignorancia, e respondeu:

—Não, senhor!

Esta rapariga era filha de uma camponeza, que tinha sido ama de Ignez.

Tendo morrido a mãe, sua bondosa irmã adoptiva, Ignez, mandára vir a orphã para a sua companhia, e tencionava instruil-a e fazel-a baptisar.

Era impossivel resistir á evidencia da sua simplicidade; e Fulvio ficou convencido de que se havia enganado.

Tinha apenas chegado na vespera, e ignorava completamente o que fosse o christianismo.

Fulvio ficou perplexo sobre o que deveria fazer.

Estava só, e isto o embaraçava tanto como a Corvino o vêr-se cercado de tão numerosa multidão. Pensou em retirar-se; mas assim baldar-se-iam todas as suas esperanças; se entrasse, poderia isso acarrear-lhe algum dissabor.

N'esta critica situação, viu a joven dona da casa, atravessando com ligeireza o pateo, alegre, animada e prasenteira.

Apenas dá com os olhos n'elle, parou como para receber os seus cumprimentos, e elle approximando-se, com estudado sorriso, e fingida cortezia, lhe disse:

— Anticipei-me na hora ordinaria das visitas; e muito receio, nobre Ignez, lançar-se-me isso á conta de indiscrição; mas estava impaciente por testemunhar-vos o desejo que sinto de vir-me inscrever no numero dos humildes clientes de vossa nobre casa.

— Nossa casa, replicou ella sorrindo, não se ufana de contar numerosos clientes, nem tam pouco sollicitamos relacionarmo-nos com pessoas tam nobres, porque não queremos armar á influencia, nem cubiçamos o poder.

— Perdoae-me: com tam nobre senhora ella goza da maior influencia e do mais solido poder, qual é o que domina sem exforço nos que espontaneamente se dão.

Incapaz de imaginar que taes expressões lhe fossem dirigidas, Ignez respondeu com ingenua simplicidade:

— Oh! é verdade quanto dizeis! o senhor d'esta habitação é certamente o soberano que logra toda a affeição dos que n'ella habitam.

— Mas eu, observou Fulvio, quero fallar d'esse dominio, mais doce e mais irresistivel, que só a graça e os encantos podem exercer sobre aquelles que de perto tem a ventura de poder contemplal-os.

Ignez olhou, como extatica, para o ceu; seus olhos viam uma ima-

gem muito diversa d'aquella a que alludia o miseravel adulador e, com gestos onde transparecia sua ardente fé, exclamou:

—Sim! Áquelle cuja belleza o sol e a lua do firmamento contemplam e admiram, pertencem os meus serviços, a minha fé, o meu amor! [1]

Fulvio ficou confuso e perplexo.

O olhar inspirado, a attitude de arrebatamento, a doçura de voz com que ella pronunciava estas palavras, o mysterioso sentido d'ellas e a singularidade d'esta scena, quasi que o conservavam retido n'aquelle sitio, e lhe não permittiam descerrar os labios; até que, vendo que podia perder uma occasião tam favoravel como a podia desejar, em que podésse manifestar-lhe suas intenções, sem todavia lhe abrir seu coração, teve a ousadia de dizer-lhe:

—É de vós que tenho fallado, e rogo-vos que accrediteis na sincera expressão da minha admiração, e no ardente amor que sinto por vossa pessoa.

Ao dizer estas palavras, cahiu de joelhos, e tentou pegar-lhe n'uma das mãos; mas a dama retrocedeu indignada, e desviou d'elle o rosto, que pudibundo rubor tornára da côr da purpura.

Fulvio immediatamente se pôz em pé, pois viu Sebastião, que vinha chamar Ignez para juncto dos pobres, impacientes pela sua ausencia. Este dirigiu-se a elle com a indignação estampada em sua physionomia.

—Sebastião, disse Ignez, quando este se achou juncto d'ella; não vos impacienteis: este homem entrou aqui provavelmente por engano, ou por mero acaso, e retira-se já. E dizendo isto começava a ausentar-se.

Sebastião conservava-se sereno, mas transluzia-lhe no rosto a natural energia de que era dotado. Vae direito ao intruso, cuja perturbação se revelava na pallidez do rosto, e diz-lhe:

—Fulvio, que fazieis n'este logar? que negocio vos trouxe aqui?

—Supponho, respondeu este, recobrando animo, que, havendome, bem como tu, achado com a dona da casa, á mesa da sua nobre prima, tenho direito, assim como as outras pessoas de suas relações, de vir visital-a e fazer-lhe meus cumprimentos.

—Mas essas visitas não se fazem a esta hora.

[1] «*Cujus pulchritudinem sol et luna mirantur, ipsi soli servo fidem.*» Officio de Sancta Ignez.

—Se um joven militar é aqui admittido a esta hora, porque não deverei sêl-o eu? respondeu Fulvio com insolencia.

Sebastião viu-se forçado a empregar todo o poder que tinha sobre si mesmo, para reprimir a sua indignação, e replicou:

—Fulvio, sêde mais comedido no que dizeis; deveis lembrar-vos que duas pessoas podem ser olhadas de differente modo n'uma casa. Nem a maior intimidade, e muito menos ainda a simples companhia n'um jantar, podem auctorisar ou justificar vosso audaz proceder de ha pouco para com a dona d'esta casa.

—Ah!... tendes ciumes, meu bravo capitão! replicou Fulvio do modo mais sarcastico. Demais, diz-se que sois o que mais probabilidades tendes de receber a mão de Fabiola, se é que ella vol-a não prometteu já.

—Está ella agora no campo; e sem duvida vós procuraes ter certa a fortuna de uma ou outra das duas mais ricas herdeiras de Roma. Nada ha melhor do que estar prêso a duas amarras!

Esta pungente e sarcastica ironia offendeu profundamente o generoso guerreiro; e, se elle não fosse um fiel soldado de Christo, o sentimento de vingança teria triumphado de sua razão.

—A nenhum de nós convem, Fulvio, disse elle, que vos demoreis mais aqui. A cortez despedida da nobre dama, a quem insultastes, não bastou; vejo-me, pois, forçado a ser o rude executor de suas ordens.

Dizendo isto, agarrou pelo braço o insolente, que se conservava immovel, e, com a força de que era dotado, o empurrou para fóra da porta.

Quando já estava na rua, segurando-o ainda com força, accrescentou:

—Ide agora em paz, Fulvio, e lembrae-vos de que haveis violado as leis do estado com vosso indigno proceder. Poupar-vos-ei, se souberdes portar-vos como deveis; mas sempre ficareis sabendo que estou ao facto do cargo que exerceis em Roma, e que não esquecerei a insolencia que practicastes esta manhã, se levardes vossa indiscrição a poncto de revelardes o que vistes. Por agora, torno a dizer-vos: «Ide em paz!»

Mas, apenas Sebastião o tinha largado, sentiu que, pela parte de traz, o segurava um braço de força athletica, mas que não podia ver. Era Eurotas, depositario de todos os segredos de Fulvio, e a quem este

communicára sua projectada entrevista com Corvino. Eurotas seguira de perto seu joven senhor e velava por elle.

Da escrava negra soubera elle o caracter vil e baixo de Corvino, pelo que receava alguma cilada.

Quando observou a especie de lucta que, á porta, se travou, correu insensivelmente por detraz de Sebastião, que imaginou ser o novo amigo do seu pupillo, e lançou-se sobre elle com a brutal impetuosidade d'um urso.

Depressa, porém, conheceu que não luctava com um adversario vulgar.

Tentou em vão, se bem que ajudado por Fulvio, derrubar o guerreiro; até que, desesperado de o poder fazer pela força, tirou da cinta uma arma pequena, mas mortal; era uma fina maça de aço, feita na Syria; levantou-a e ia descarregar perigoso golpe sobre a cabeça de Sebastião, quando sentiu que lh'a arrancavam das mãos e que o apertavam n'um circulo de ferro: começou a cambalear e foi cair inerte no meio da rua.



...começou a cambalear e caiu inerte na rua.

— Deus queira que não ferisses aquelle pobre homem, Quadrato, disse Sebastião a seu centurião, que n'aquelle instante viera reunir-se aos seus irmãos por Christo, e era de estatura e força herculeas.

— Merece-o bem, tribuno, pelo modo cobarde por que vos atacou, replicou elle; e ambos tornaram a entrar.

Os dous estrangeiros, ainda aturdidos, retiraram-se apressadamente do logar onde passaram por tam ignominioso vexame, e, ao dar volta

n'uma rua, avistaram Corvino, que já não coxeava, mas corria quanto podia, havendo-se esquivado, havia pouco, pela porta mais afastada.

Com quanto, depois, se encontrassem muitas vezes, nunca a nenhum occorreu fallar nos successos d'aquelle dia.

Cada um d'elles sabia que o outro tinha soffrido um vergonhoso revez; e ambos tiraram por conclusão, que havia pelo menos um sitio em Roma, que o lobo e a raposa embalde assaltavam.

CAPITULO XV

VOLTAMOS Á CARIDADE

Apenas, passados estes dous incidentes, tudo serenou, e o socego se restabeleceu, proseguiram tranquillamente os trabalhos d'aquelle dia.

Além da distribuição das esmolas mais avultadas, taes como a que fez S. Lourenço, não era raro, n'aquellas primitivas edadesd a Egreja, cederem aos pobres toda a sua fortuna os que desejavam retirar-se do mundo. [1]

A admiravel caridade da Egreja apostolica de Jerusalem não fôra esteril exemplo para a Egreja de Roma.

Mas esta caridade extraordinaria era, d'ordinario, mais frequente nas epochas em que a Egreja se achava ameaçada de alguma perseguição, e quando os christãos, d'antemão designados ao martyrio por sua posição e circumstancias, queriam, para servir-me d'uma expressão a elles familiar, preparar seus corações e seus domicilios para a peleja, removendo d'uma e d'outra parte tudo quanto os podésse prender á terra, e vir a ser prêsa do impio soldado, em logar de passar aos pobres, como herança que lhe pertencia.

Nem se esquecia o sancto preceito de fazer brilhar aos olhos dos homens a luz das boas acções, sem deixar-lhes perceber a mão que

[1] *Dabis impio militi quod non vis dare sacerdoti, et hoc tollit fiscus, quod non accipit Christus...* Sancto Agostinho.

provia d'azeite a lampada; pois essa só a conhecia Aquelle que lê nos corações. [1]

A prata e as joias de uma familia nobre, publicamente avaliadas, vendidas, e o seu valor distribuido pelos pobres, era um bello exemplo de caridade, que exaltava a egreja, animava os generosos, humilhava os avarentos, commovia o coração dos incredulos, e era correspondido pelas bençãos e orações dos indigentes.

A mão direita do bemfeitor dava a esmola, sem que a esquerda soubesse a quem; e a humildade e modestia de quem practicava a acção ficava occulta em seu coração, que se despia dos thesouros da terra, esperando uma recompensa que só o Eterno podia dar.

Era um d'estes actos que hoje tinha logar.

Quando tudo estava preparado, appareceu Dionysio, o sacerdote que havia succedido a Polycarpo na egreja de S. Pastor, e que desempenhava tambem, para com os doentes, as funcções de medico. Sentou-se n'um escabello no fundo do pateo, e n'estes termos se dirigiu aos assistentes:

—Caros irmãos meus! O Deus misericordioso tocou o caridoso coração d'um irmão nosso, que, movido de compaixão para com seus irmãos indigentes, resolveu privar-se, por amor de Christo, de todas as riquezas que o mundo lhe havia dado. Ignoro quem é este bemfeitor, e nem me cumpre procurar sabel-o. E', por certo, alguma pessoa que, n'este tempo de perseguição para os christãos, não deseja conservar seus thesouros para cairem nas mãos d'esses malvados que se dão ao roubo e á rapina, e que prefere, como o bemaventurado Lourenço, que seus bens sejam levados pelas mãos dos pobres ao thesouro do Eterno. Acceitae, pois, esta dadiva de Deus, que inspirou esta caridade; ser-vos-á, por certo, muito util nos dias de tribulação, que se vos estão preparando. E como unica recompensa que se nos exige, recitemos a oração que, todos os dias, costumamos rezar por aquelles que nos fazem bem.

Durante esta breve practica, o pobre Pancracio não sabia para onde olhar.

Havia-se escondido das pessoas presentes a um canto do vestibulo

[1] Nepocio, quando se converteu, distribuiu todos os seus bens pelos pobres. S. Paulino de Nola fez o mesmo.

e Sebastião, collocando-se por compaixão deante d'elle, procurava servir-lhe de muralha ante os olhos dos que o cercavam.

A sua emoção quasi que o trahiu, quando todos ajoelharam, e, com as mãos erguidas para o ceu, fervorosamente entoaram em côro:

«Retribuere dignare, Domine, omnibus nobis bona facientibus propter Nomen tuum vitam æternam. Amen. [1]



Caros irmãos meus! O Deus misericordioso... (Pag. 104).

As esmolas foram então distribuidas, e, por muito avultarem, ficaram acima de toda a espectativa.

Foi servida uma refeição abundante, e, por este alegre banquete, terminou aquella edificante scena.

Era ainda muito cêdo, por isso muitos não tomaram parte na refeição, porque uma outra festa, mais deliciosa e espiritual, se lhes preparava na visinha egreja.

[1] Digna-te, ó meu Deus, conceder a vida eterna áquelles que por amor de ti nos fazem bem.

Quando tudo estava terminado, Cecilia procurou levar depressa a casa o pobre velho que alli trouxera: pegou na pesada saccola, que a elle o incommodava bastante, e de tal maneira o foi distrahindo com sua conversa, que o infeliz ancião ficou surprehendido, quando se viu juncto de sua humilde, mas decente habitação.

A pobre cega entregou-lhe então o sacco, deu-lhe os bons dias, e retirou-se com tal presteza, que, em breve, estava a longa distancia.

O sacco pareceu-lhe muito cheio, e qual não foi a sua admiração, quando ao examinar o que continha, reconheceu haver recebido um quinhão de duplicado valor?

Fez bem as suas contas e verificou que se não enganava.

Na primeira occasião que se lhe proporcionou, interrogou Reparato, mas não pôde obter explicação alguma.

Se tivesse visto Cecilia, quando entrava n'outra rua, rir alegremente, como se acabasse de fazer-lhe uma travessura, e correr tam ligeira, que bem se via não levar pêso algum, facilmente haveria resolvido este problema, e logo ficaria sabendo a explicação de sua inesperada riqueza.

CAPITULO XVI

O MEZ DE OUTUBRO

O mez de outubro é, em Italia, um dos mais bellos mezes.

O sol diminue em calor, mas não em esplendor: é menos ardente, mas não menos brilhante.

Quando desponta, esparge seus refulgentes raios, como para acordar a natureza adormecida; similhante a um principe do Oriente, que, ao entrar em sua sala de audiencia, atira punhados de ouro e joias á multidão: as montanhas parecem levantar suas cabeças de pedra, e os bosques erguer sôfregamente os braços, para receberem os dons de sua munificencia real.

Depois de haver feito seu curso atravez do ceu, limpo de nuvens, quando encontra no occaso seu leito de ouro, alcatifado de purpura com franjas douradas, mais resplendentes que as fornecidas por Ophir para o real thalamo de Salomão, expande-se n'um disco brilhante, mas menos intenso, como para despedir-se do tempo que passou, e desap-

parece deixando ainda após si um leve fulgor de seus raios, quaes mensageiros que nos annunciam que, breve, voltará a alegrar-nos.

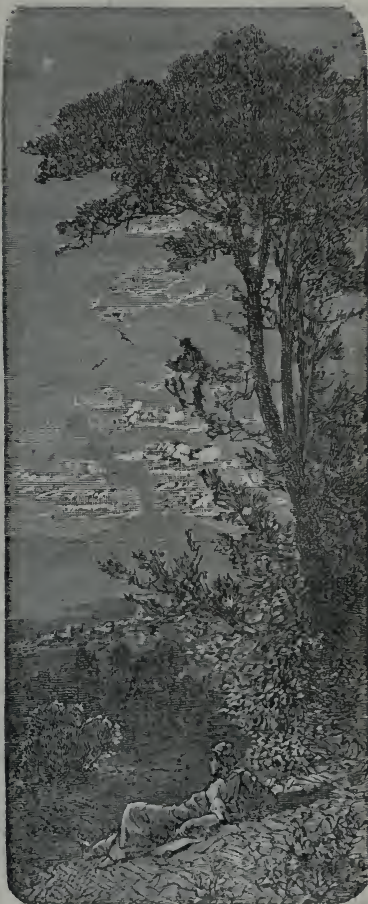
Menos ardentes, quando nos deixam, estes raios são, por sem duvida, mais bellos e inspiram saudades. Elle gasta mezes para fazer rebentar a robusta cepa, que parecia não ter seiva e estar endurecida pelo frio: primeiro apparecem as tenras folhinhas, depois as hastes, que, pouco e pouco, se vão desenvolvendo; e, alfim, vae lentamente dando a vida aos cachos que d'ellas já pendem; e todo este desenvolvimento nos parece vagaroso. As folhas crescem e se robustecem, tendo já direito ao nome de pampanos que se lhes dá nas terras onde a vide se cultiva; as debeis hastes tornam-se braços vigorosos; e o que antes eram frageis arbustos, pelo poder maravilhoso do astro do dia, se converte em viridente vinha.

Alguns dos cachos vão tomando rapidamente a côr do ambar, ao passo que outros se vestem da de purpura; e todas estas phases por que passam, são mysterios e encantos da natureza.

Que bello panorama o que nos offerece, quando sentados na encosta d'uma montanha, á sombra de copadas arvores, a encantadora paisagem que a nossos olhos se espraia! quando alli a briza susurra na ramagem das oliveiras, mostrando-nos o claro escuro de suas folhas, fulgura o sol ou uma nuvem, qual diaphano veu, passa sob seus raios, e as parras, formando doceis de verdura, convidam ao repouso!

Imaginae, além de tudo isto, a immensa variedade de côres que sobresaem n'esse quadro inapreciavel.

Vêde o sombrio cypreste, o teixo mais tristonho ainda, o rico castanheiro, a viçosa larangeira, ostentando seus fructos de ouro, o adusto sôbro, o



Que bello panorama...

melancholico pinheiro, que é, para a Italia, o que a palmeira é para o Oriente; e todas essas arvores envolvidas em roscas de espesso buxo e hera, e sobrepujadas por altivos loureiros, que se erguem em seductor desalinho pelos montes e pelas planicies. Contemplae tam poetica perspectiva esmaltada pelas fontes e cascatas, cujo murmurio parece suspirar saudoso: no meio d'isto, porticos de bello marmore, estatuas de pedra e de bronze, alvas fachadas das habitações campestres. Tereis então feito idéa, incompleta ainda, dos attractivos que no mez de outubro, bem como nos nossos dias, convidavam os patricios e cavalleiros romanos a deixarem, o que Horacio chama o bulicio e o fumo de Roma, para virem gozar das bellezas do campo.

Assim pois, á medida que o alegre mez se approximava, abriam-se as casas para receber seus donos; bom numero de escravos se azafamavam em espanal-as e aceial-as, pintando-as de bellas e variadas côres, limpando os canaes para os passeios de barco, e arrancando as hervas que cresciam nas alamedas.

O feitor ou *villicus* os vigiava a todos; e, pela crueza das palavras ou pelo azorrague, mais cruel ainda, fazia com que muitos soffressem, para que alguns gozassem.

Finalmente os empoados caminhos se encheram de toda a especie de vehiculos, desde os pesados carros puxados por bois até ao carrinho tirado a robustos cavallos arabes; as melhores estradas eram estreitas, e os cocheiros de outr'ora não tinham mais suave linguagem que os nossos: podemos pois imaginar o barulho e algazarra que aquella gente fazia.

Não havia estrada, de preferencia transitada. Os montes Sabino, Albano e Tusculano estavam cubertos de esplendidos palacios e de lindas habitações, umas dignas da fabulosa opulencia de Mecenas, outras de dourada mediocridade de Horacio; a esplanada da Campagna de Roma ainda hoje se vê coberta das ruinas de immensas casas de campo; ao passo que desde a foz do Tibre ao longo da costa, em Laurento, Lanuvio, Ancio, Caieta, Baios e n'outros logares da moda á beira-mar e em derredor do Vesuvio, se estendia uma verdadeira rua cujas casas eram palacios.

Tam curtos limites não bastavam ainda para conter o periodico enthusiasmo dos romanos pelas distracções do campo em tam bella quadra do anno. As margens do *Benacus* (agora lago Maggiore, ao norte de Milão), Como e as encantadoras margens do Brenta, não só

recebiam hospedes das cidades visinhas, bem como visitantes de origem germanica, mas ainda habitantes da capital do imperio!

Para um d'estes «ternos olhos da Italia,» como Plinio chamou a estas estancias,[1] pois que constituem uma de suas surprehendentes bellezas, foi Fabiola habitar no dia seguinte á entrevista da escrava africana com Corvino. Era situada no declive de um monte, que descia até á bahia de Gaeta; e, como tudo o que lhe pertencia, era notavel pelo bom gosto e pela riqueza, que entre as outras a distinguia; não fallando em todas as commodidades que alli tornavam aprazivel a vida.

Do terraço d'esta larga habitação, via-se a pacifica bahia, cujas aguas azuladas circumdadas de bellissima praia, similhantes a um espelho encaixilhado em rica moldura, faziam realçar mais e mais a alvura das velas dos pequenos navios, das galeras, dos barcos de recreio e de pesca. Ouviam-se n'uns o riso e algazarra dos tripulantes, n'outros os sons de harpa acompanhados de alguma canção das familias que se recreiavam, ou as trovas, nem sempre sonoras, dos camponezes, que atravessavam embarcados a tranquilla bahia.

Bem disposta alameda coberta de plantas trepadeiras conduzia aos banhos, que eram proximos da praia; e, quasi no meio d'ella, havia uma clareira de aprazivel frescura, onde um jorro de agua, que brotava da rocha, se demorava um pouco em uma bacia natural, até que, trasbordando docemente, corria para o mar.

Duas enormes acacias protegiam com sua sombra este delicioso logar; e as mais bellas flores de distantes climas pareciam dar-se alli tam bem como em seus proprios paizes, abrigadas das intemperies por aquelles dous robustos colossos.

Fabio, pelos motivos que mais tarde explicaremos, raras vezes se demorava aqui; e, para ficar alguns dias só, pretextava sempre algum negocio, e regressava a sua casa em Roma.

Sua filha ficava, pois, sósinha a desfructar esta solidão encantadora.

Além de uma pequena bibliotheca, bastante selecta, que sempre havia na casa de campo, e que quasi toda consistia em obras sobre a agricultura e outros assumptos de egual interesse, muitos outros livros do seu agrado, bem como algumas producções modernas (de que por alto preço se obtinha a cópia) se haviam para alli transportado de Roma,

[1] Occelli Italiæ.

vindo tambem grande variedade de objectos, que, espalhados pelos diversos aposentos, faziam lembrar a Fabiola a sua morada habitual.

Passava ella quasi todas as manhãs na alameda que já descrevemos, tendo a seu lado uma cestinha de livros, d'onde tirava ora um, ora outro volume.

Mas, se alguem a tivesse visitado este anno, ficaria admirado de a vêr quasi sempre com uma companhia... e essa companhia era uma escrava! Podemos imaginar quanto ficou satisfeita, no dia seguinte áquelle em que teve logar o jantar em sua casa, ao saber que Syra tinha recusado deixar o seu serviço, sem que a tentasse a promessa da sua liberdade.

E ainda mais satisfeita e admirada ficou, sabendo que a razão por que o tinha feito era por lhe consagrar affeição acrysolada. Fabiola tinha a consciencia de que nada havia feito para lhe merecer tal estima, nem mesmo se mostrára grata pelo desvelo com que na sua doença a tractára.

Ao principio, quiz-lhe parecer que esse desvelo era loucura da parte de Syra.

Mas pensou melhor, e reconheceu que era muito injusta no juizo que fazia.

E' verdade que, muitas vezes, lêra exemplos de fidelidade e dedicação em escravos, mesmo para com senhores despotas; [1] mas eram excepções á regra geral; e que avultavam meia duzia de exemplos de affeição em alguns seculos, comparados com milhares de outros de rancoroso odio, que se presenceavam todos os dias? Comtudo, o caso presente era dos mais evidentes, e conseguiu commovêl-a.

Por algum tempo, observou attentamente se descobria, no proceder da escrava, algum indicio, d'onde podésse deduzir que ella pensava ter practicado uma acção muito generosa, e procurava fazer com que sua senhora a reconhecesse.

Porém, nem o menor signal de similhante idéa pôde descobrir.

Syra continuou, como até alli, a desempenhar, com a mesma diligencia, os seus deveres, sem dar signaes de se julgar menos escrava do que antes.

O coração de Fabiola começou pouco a pouco a sensibilisar-se, e

[1] Taes como descreve Macrobio na sua *Saturnalia*, lib. I, e Valerio Maximo.

chegou a julgar pouco difficil aquillo que na sua conversação com Ignez tinham dicto ser impossivel, — amar uma escrava.

Além d'isso, seus olhos abriram-se á luz da evidencia, e reconheceu que havia no mundo amor desinteressado, e affeição que não visava á recompensa.

Suas conversações com a escrava, depois d'aquella tam notavel, que já relatamos, convenceram-na a final de que havia recebido uma educação superior. Demasiado delicada para pedir-lhe que contasse a sua historia, lembrou-se de que poderia ser que com ella se houvesse dado o caso que se dava com outras; e era mandarem-nas seus senhores educar, para assim lhes augmentar o valor.

Mas bem depressa veiu no conhecimento de que ella lia os auctores gregos e latinos com facilidade e elegancia; e que, da mesma fórma, escrevia estas duas linguas. Pouco a pouco Fabiola procurou melhorar-lhe a posição, excitando assim inveja das outras escravas. Ordenou a Euphrosina que lhe désse um quarto separado, (a maior das commodidades para a pobre rapariga) e a empregou juncto de si como secretária e leitora.

Todavia, não notou n'ella a menor mudança: sem orgulho, sem pretenções, da melhor vontade se prestava ao desempenho de qualquer serviço domestico que antes era de sua attribuição, sem pensar em fazer-se substituir pelas outras.

A leitura favorita de Fabiola era, como já dissemos, a das obras philosophicas. Todavia, muitas vezes, ficou surprehendida de ver como a escrava, com uma simples reflexão, destruia maximas, na apparencia, solidas; e de como, com moral persuasiva, patenteava todo o fulgor da verdade, d'um modo mais evidente e palpavel do que o tinham feito os auctores, que até então admirára por seus escriptos.

E, dando a conhecer sua vasta instrucção, não o fazia pelo desejo de ostentar subtileza de espirito, nem tam pouco era ella o fructo de grande leitura, ou o resultado de sua esmerada educação. Fabiola via nas palavras e no comportamento de Syra vestigios de tudo isto, mas, ao mesmo tempo, conhecia que os livros que lhe dava a lêr continham muitas coisas novas para ella.

Parecia haver no espirito da escrava um criterio mysterioso da verdade, uma chave que abria a seu espirito todos os conhecimentos da sciencia moral, uma corda d'alma, vibrando unisona com tudo quanto era justo e bom, e dissonante com tudo o que era vicio e mentira.

Fabiola anhelava por conhecer este segredo, esta virtude que excedia em suas doutrinas tudo quanto até alli vira e ouvira.

Não podia ainda saber que os mais pequenos e humildes (e quem mais humilde do que uma escrava?) no reino do ceu eram maiores em sabedoria espiritual, em luz intellectual e em dons celestes, do que o proprio Precursor Baptista. [1]

N'uma bella manhã de outubro, senhora e escrava ambas estavam lendo, reclinadas á sombra, quando Fabiola, enfastiada com o estylo do livro que Syra tinha na mão, procurou outro mais moderno e de leitura mais agradavel; e tirando do seu cestinho um manuscripto, disse:

—Syra, põe de parte esse livro aborrecido. Toma lá este, que me dizem ser muito interessante, e que saíu ha poucos dias. Será uma novidade para nós ambas.

A escrava fez o que sua senhora lhe ordenava, mas, ao olhar para o pequeno volume, córou.

Leu algumas linhas, e reconheceu que os seus temores eram bem fundados.

Ella viu que era uma d'aquellas obras immoraes que se deixavam circular livremente, como S. Justino se queixava, apezar de serem reconhecidas como taes; obras em que seus auctores procuravam astuciosamente offuscar o brilho da virtude, ao passo que os escriptos christãos eram prohibidos, ou se haviam tornado objecto d'odio. Fechou o livro, e, tranquilla, mas resolutamente, disse:

—Querida senhora, não me ordeneis que leia em similhante livro. Não é proprio nem para eu lêr, nem para vós ouvirdes.

Fabiola ficou espantada. Nunca lhe tinha vindo á idéa que alguem se atrevesse a procurar contrárial-a nos seus estudos.

Obras que em nossos dias se prohibiriam como pouco decentes, eram, n'aquelle tempo, a litteratura da moda.

Desde Horacio até Ausonio, todos os auctores classicos o provam.

Qual seria a regra de virtude, que fizesse aborrecer a leitura de taes livros, quando elles descreviam scenas, que por toda a parte, sobre a tela, ou pelo cinzel, se viam reproduzidas, e que todos os dias se presenceavam?

[1] Math. XII. 2.

Fabiola não conhecia outro meio de distinguir o bem do mal, a não ser aquelle que tinha recebido em sua educação.

— Que mal póde essa leitura fazer a qualquer de nós? perguntou ella, sorrindo. Não duvido de que hajam muitos crimes, e acções torpes, descriptas n'este livro; mas isso não deve induzir-nos a que as commettamos, e, narradas por outrem, podem divertir-nos.

— Serieis acaso capaz de as commetter?

— Não, por certo!

— Ao lêl-as porém, preoccupam-vos o espirito, e como vos divertem, as recordaes com prazer.

— Certamente! E então que se segue d'ahi?

— Essas imagens são a depravação, a indifferença; recordal-as, é a maldade!

— Como é isso possivel? Acaso póde existir a maldade, sem se practicar alguma acção má?

— E' verdade, senhora; e o que é o pensamento, se não a acção do espirito, ou, para lhe darmos seu proprio nome, da alma? Desejaes a morte d'um homem:—é a acção invisivel d'uma potencia que existe em nós, mas que escapa a nossos sentidos. O golpe que dá a morte é apenas a acção mecanica do corpo, o acto visivel, como o braço que fere. Porém qual é d'estes poderes que manda, e qual o que obedece? Qual d'elles terá a responsabilidade do acto final?

— Comprehendo, disse Fabiola, um pouco mortificada, depois de breve pausa; mas tenho uma duvida ainda. A tua convicção é, que temos a responsabilidade tanto dos actos interiores, como das acções exteriores. Mas perante quem somos responsaveis? Se ao primeiro acto se seguir o segundo, seremos responsaveis por esses dous actos para com a sociedade, para com as leis, para com os principios da justiça, e para comnosco mesmos, pois seremos castigados: mas se só existir a acção interna, perante quem seremos responsaveis? Quem poderá lêr em nossos corações e arrogar-se o direito de julgar-nos? Quem poderá adivinhar e pesar nossos pensamentos?

— Deus! respondeu Syra, com energica doçura.

Fabiola ficou vencida. Esperava ouvir alguma theoria nova, ou algum principio claro que a tirasse de suas difficuldades.

Pelo contrario, porém, o assumpto havia tomado um caminho que lhe parecia conduzir á superstição, para a qual o seu espirito nada propendia.

— Que dizes, Syra?! accreditas acaso em Jupiter, em Juno, ou talvez em Minerva, que é a mais respeitavel pessoa da familia do Olympo? Parece-te acaso que estas divindades se mettem em os nossos negocios?

— Não, minha boa senhora: até aborreço seus nomes, e detesto os crimes symbolisados na terra pelas fabulas e historias de taes deuses. Não fallo d'esses deuses e deusas imaginarios, mas sim do unico e verdadeiro Deus.

— E como lhe chamas, Syra, em teu systema?

— Elle só tem o nome de *Deus*; e esse nome é o unico que os homens lhe dão, para d'elle poderem fallar. Mas tal nome não designa, nem indica sua natureza, sua origem e seus attributos.

— E quaes são elles? perguntou a senhora, cheia de curiosidade.

— E' clara a sua essencia, como a luz, a mesma em toda a parte, indivisivel, admiravel, incomprehensivel; penetra em todos os logares, e nenhuns limites a circumscrevem. Elle existia antes de tudo o que existe; e existirá ainda, quando tudo deixar de existir. Poder, virtude, bondade, amor, justiça, infallibilidade, pertencem-lhe por sua natureza, e participam de sua infinidade. Elle só, tem a faculdade de crear, só elle póde conservar, ou destruir o creado.

Fabiola tinha, muitas vezes, lido que, quando as pythonissas ou sybillas proferiam os seus oraculos, o rosto e os olhos se lhes inflammava sob a inspiração do alto.

O rosto da escrava estava radiante; brilhava-lhe nos olhos extraordinario fulgor; as feições haviam tomado arrebatadora expressão, estava immovel, seus labios entreabriam-se sem esforço, deixando escapar as palavras que pareciam saír d'um melodioso instrumento, animado por sôpro mais poderoso que o seu.

A expressão de sua physionomia recordou a Fabiola o olhar distrahido e mysterioso, que, tantas vezes, notára em Ignez; e, se na joven era mais terno e gracioso, em Syra era mais magestoso, ardente e sobrenatural.

— Como são impressionaveis e enthusiastas estas naturezas do Oriente, disse comsigo mesma Fabiola, contemplando a escrava. Já me não admiro de que digam ser o Oriente a terra da poesia e da imaginação.

Quando observou que o espirito de Syra descia das altas regiões, a que se levantára, disse-lhe n'um tom de voz, por extremo meigo:

— Mas, Syra, podes tu imaginar que um Ente, tal como o acabas de descrever, que excede muito a todas as concepções da antiga mythologia, se occupe em vigiar constantemente as acções, e até os intimos pensamentos de milhões de creaturas?

— Isso não é para elle um trabalho, querida senhora, é apenas effeito da luz infinita que o circumda. Será um trabalho para o sol fazer reflectir seus raios no crystal d'esta fonte, ou penetrar com sua luz até ás pequeninas pedras que alastram o leito d'esta corrente? Vêde como brilha esta agua com reflexos que ora se assimilham ao ouro, ora á prata: a luz não allumia só as crystallinas gottas que se distillam, nem as perolas que deslizam da rocha e vão engastar-se na superficie da agua que se acha no tanque, ou os peixes dourados que se cruzam em todas as direcções; brilha tambem no escuro limo que cobre a pedra, e segue, sem intermissão, tudo quanto procura occultar-se á sua claridade.

«O sol, que todos os dias derrama a jorros sua luz sobre a natureza, cuidaes vós ter com isto um trabalho fatigante? Trabalho seria para elle restringir seus raios á superficie do elemento transparente, e retiral-os depois sem os haver feito baixar um pouco mais. E o que elle faz n'esta pequena fonte, fal-o-á, com igual facilidade, no proximo regato, bem como no mar, que d'aqui dista muitas leguas. Por maior que imagineis o numero e volume dos objectos que elle allumia, nunca vos occorrerá idéa de que seus raios sejam insufficientes e sua luz incapaz d'estender-se a todos elles.

— As tuas theorias são sempre bellas, Syra, e, a serem verdadeiras, são maravilhosas, retorquiu Fabiola, depois de uma pausa, durante a qual seus olhos estiveram fitos contemplando a fonte, como compenetrando-se da verdade do que dizia Syra. Com effeito teem ellas a irrecusavel apparencia de verdade, accrescentou Fabiola; e seria possivel que o erro fosse mais bello do que a verdade? Mas que assustadora idéa!... pensar que nunca estamos sós, que nunca temos uma vontade exclusivamente nossa, que nunca podemos em segredo planisar o menor designio!!...lembrarmo'-nos de que não poderemos occultar a menor loucura, o mais infantil orgulho, ou a mais pequena imperfeição aos olhos d'aquelle Ser perfeito, a cuja vigilancia nada póde subtrahir-se!

«Terrivel pensamento! que, segundo dizes, vivamos sob as vistas d'um olho, comparado ao qual, o sol é apenas uma sombra, porque não penetra na alma! Basta isto para levar-nos ao suicidio; pois, só as-

sim, nos subtrahiremos a tam oppressora idéa. Mas, apezar de tudo, quer-me parecer que te não enganas!

Ao pronunciar estas palavras, Fabiola estava como fóra de si.

Todo o orgulho do paganismo se revoltava em sua alma contra a idéa de não poder nunca achar-se a sós com seus intimos sentimentos, e de que existia um poder invisivel, que podia contrariar seus mais secretos desejos, phantasias e caprichos.

E, não obstante, uma voz intima lhe dizia que tudo aquillo era verdadeiro.

Sua alma generosa luctava contra as ardencias do seu genio, como a aguia lucta com a serpente, dominando seu inimigo mais com os olhos, do que com as garras.

Depois de visivel esforço, seu rosto serenou-se.

Figurou-se-lhe, pela primeira vez, achar-se na presença d'um Ente que lhe era superior, que temia, e que se sentia inclinada a amar.

Dominou sua intelligencia, que se curvou a esta moção celeste, e seu coração humilhando-se ante esse Ente invisivel, que já lhe infundia respeito, reconheceu que tinha um Senhor.

Syra, profundamente commovida, observava em silencio a lucta que se passava no espirito de sua senhora.

Conhecia quanto podia contribuir para esta importante conversão o reconhecimento da verdade á propria custa; e, por isso, mentalmente pedia a Deus lhe enviasse um raio de luz, que viesse penetrar as trevas em que aquelle espirito se achava immerso.

Fabiola ergueu finalmente a cabeça, acurvada pelo pêso das idéas, e disse, com meigas e ternas palavras:

—Syra, eu estou certa de que ainda não cheguei a alcançar os profundos conhecimentos que possues; certamente, ainda terás mais alguma coisa que ensinar-me (uma lagrima de alegria brilhou nos olhos da pobre escrava), pois hoje abriste para mim as portas de um mundo novo, e fizeste scintillar em meu espirito uma luz que não conhecia. Aponctaste-me uma esphera de virtude, que fica muito acima da opinião e do juizo dos homens; convenceste-me de que existe em nós um sentimento que approva ou reprova o que practicamos, e um poder sobrenatural que nos recompensa: digo bem?

Syra fez um signal de approvação.

Fabiola continuou:

—Ha um poder que se evidenceia a nossos olhos para nos animar

ou advertir. Ainda que sempre vivessemos na solidão, nosso teor de vida não poderia por isso alterar-se, porque é superior a todos os humanos principios a influencia que obra sobre nós e que nunca nos deixa; tal é, se bem comprehendi as theorias que desenvolveste, a elevada posição moral em que consideras a creatura humana. Descer abaixo d'este nivel sublime, não viver uma vida cujos actos exteriores sejam conformes com a virtude, é hypocrisia ou fraqueza. Não é assim?

— Oh! minha querida senhora, exclamou Syra, como explicaes estas coisas melhor que eu!

— Nunca me lisongeaste, Syra, replicou Fabiola, sorrindo, não comeces agora. Has lançado brilhante luz sobre questões, para mim até hoje obscuras. Dize-me: não era tudo isso que querias significar-me, quando, um dia, me irritaste, sustentando que, na tua crença, não havia distincção entre senhora e escrava? isto é, que, como a differença que existe é puramente social, ella não póde fazer desapparecer a perfeita egualdade de que todos gozamos ante o *Ente Supremo* que adoras, nem a superioridade moral, que para elle possa ter uma ou outra creatura, na razão inversa da posição que houver occupado no mundo?

— Era, em grande parte, assim, minha nobre senhora; ainda que, na mesma idéa, envolvi outras considerações, que, presentemente, nada vos interessam.

— Comtudo, quando emittiste aquella proposição, pareceu-me tam absurda, que a cólera e o orgulho me cegaram. Lembras-te, Syra?

— Oh! não, não! replicou a boa christã, pelo amor de Deus, esquecei-vos d'isso!

— Perdoaste-me tu aquelle dia, Syra? disse a joven patricia, sobremodo commovida.

A pobre escrava enternecia-se a tal poncto, que se levantou, e, pondo-se de joelhos diante de sua senhora, quiz beijar-lhe a mão, mas esta não consentiu; e, pela primeira vez na sua vida, a altiva Fabiola lançou-se nos braços de uma escrava e chorou.

Por muito tempo estiveram assim ternamente abraçadas, e as lagrimas de Fabiola humedeciam o seio de Syra.

Tranquillisou-se, alfim; tornou a sentar-se, e perguntou:

— Dize-me uma coisa ainda: esse Ente, que acabas de descrever-me, tem um culto peculiar? Não é elle muito grande, não está muito acima de nós, para que lhe rendamos culto?

— Oh! não! pelo contrario, nobre senhora, respondeu a escrava, elle não está afastado de cada um de nós; porque, bem como á luz do sol, vivemos no esplendor de seu poder, da sua bondade, e da sua suprema sabedoria. Podemos d'onde estivermos dirigir-lhe nossas supplicas, pois que elle está em derredor de nós, e nós vivemos n'elle. Não nos escuta com ouvidos, mas as nossas preces penetram até seu coração, e nossos desejos, quando os exprimimos, lá se dirigem directamente aos divinos abysmos de seu amor.

— E, proseguiu Fabiola timidamente, não ha um acto principal de gratidão, um sacrificio com que vós, os christãos, possaes prestar-lhe vossas adorações e reconhecimento?



A altiva Fabiola lançou-se nos braços de uma escrava... (Pag. 117)

Syra hesitou, porque a conversação parecia passar já para um terreno, que a egreja nunca abria aos pés dos profanos. Respondeu, pois, por uma simples affirmativa.

— Não poderia eu, disse Fabiola, ainda com mais humildade, instruir-me nas vossas escholas, a fim de tornar-me digna de render-lhe um acto de homenagem mais sublime?

— Receio que não, nobre Fabiola; porque elle exige uma victima digna de sua divindade.

— Oh! por certo que sim, respondeu Fabiola. Um touro póde bastar a Jupiter; uma cabra a Baccho; mas onde poderemos encontrar um sacrificio digno d'Aquelle que me ensinaste a conhecer?!

— Já vêdes que deve ser em tudo digno d'Elle; em pureza, em essencia e em valor.

— E qual póde ser esse holocausto, Syra?

— Elle mesmo!

Fabiola cubriu o rosto com as mãos, e depois, olhando para Syra com certo temor, disse-lhe:

— Estou certa de que, depois de me teres feito vêr o sentimento profundo de responsabilidade moral com que fallas e obras, descubro em tuas palavras um sentido terrivel que não posso penetrar.

— É tam certo como serem minhas palavras ouvidas, comprehendido meu pensamento, haver-vos eu dicto a verdade.

— Não tenho já força para prolongar esta séria conversação; meu espirito fatigado exige repouso.

CAPITULO XVII

A COMMUNIDADE CHRISTÃ

Depois d'esta conversação, Fabiola retirou-se a seu aposento, e, durante o resto do dia, seu espirito estava ora em socego, ora em agitação. Quando lançava a vista pelas altas perspectivas da vida moral que agora se patenteava a sua alma, sentia uma paz deshabitual; figurava-se-lhe haver descuberto um grande phenomeno cuja intelligencia a guiava a uma nova e sublime região, d'onde poderia rir dos erros e loucuras da humanidade. Porém quando pensava na responsabilidade que esta luz lhe impunha, na vigilancia que estava forçada a exercer sobre si mesmo, nas luctas interiores, invisiveis e sem recompensa exterior que seria mister arrostar, e na tristeza austera d'uma virtude que não motivava nem a admiração, nem a sympathia, Fabiola esmorecia

ante o aspecto d'esta vida nova, e não sabia como atravessal-a, sem ajuda e sem apoio, porque não podia esperar coisa alguma só dos recursos que conhecia.

Ignorando ainda a verdadeira origem d'essa crença, bem conhecia não possuir os meios necessarios para pôr em practica essa bella theoria que considerava como uma luz brilhante, suspensa no meio d'uma sala vasta, deserta e desornada, allumiando o vacuo.

Qual seria o prestimo de tanto esplendor perdido?

A manhã seguinte foi destinada a uma d'essas visitas que no campo era costume fazer annualmente, ao menos uma vez.

Era esta a visita a çasa do ex-prefeito Chromacio.

Sem duvida, o leitor se recorda de que, depois da sua conversão, e de ter obtido a demissão do seu emprego de magistrado, elle se havia retirado á sua casa, em Campania, levando comsigo bastantes pessoas, que Sebastião havia convertido, e junctamente o bom padre Polycarpo, que havia de acabar de instruil-os a todos nos dogmas da religião christã.

Fabiola de certo nada sabia d'estas circumstancias; mas tinha ouvido já diversas narrações curiosas ácerca da habitação de Chromacio.

Dizia-se que elle tinha um grande numero de visitas, como antes nunca tivera; que não dava reuniões de pessoas illustres, como costumava; que tinha dado a liberdade a todos os seus escravos (alguns dos quaes haviam instado para ficarem ao seu serviço); e que, apezar do numero, todos em casa pareciam felizes, ainda que não se entregavam a estrondosos divertimentos, nem faziam esplendidos festins. Tudo isto despertava a curiosidade de Fabiola, além do grande desejo que sentia de cumprir este dever de cortezia para com um homem que, desde a infancia, conhecia como verdadeiro amigo de sua familia; e desejava vêr o que julgava uma experiencia da republica de Platão, e que nós chamariamos a tentativa practica d'uma utopia.

Em um ligeiro côche, puxado por bons cavallos, Fabiola partiu de manhã cedo, e atravessou a correr a bella estrada que conduzia á *Feliz Campania.*

O orvalho do outomno tinha esmaltado de aljofares os festões de parras, que bordavam os lados do caminho e pendiam graciosamente enrolados e suspensos das arvores. Não tardou muito a chegar á pequena collina (ainda que só impropriamente merece este nome) cuberta de moitas de buxo, alecrim e hera, que cercavam alguns gigantescos

cyprestes, por entre os quaes se viam alvejar, mais ao longe, as brancas paredes do edificio.

Fabiola percebeu que tinha alli havido uma mudança, que não podia exactamente explicar qual fosse; mas, depois de haver entrado a porta, o grande numero de pedestaes e nichos vasios lhe fez lembrar que aquella habitação havia perdido um dos seus mais caracteristicos ornamentos, — a grande quantidade de bellas estatuas que a decoravam, e lhe davam seu nome, que agora se tornava sem significação: *Ad Statuas.* [1]

Chromacio, a quem ultimamente ella tinha visto entrévado com gotta, era agora um velho de robusta saude: recebeu-a cortezmente, perguntou-lhe com interesse por seu pae, e se era verdade elle partir brevemente para a Asia.

A esta pergunta, Fabiola mostrou-se um pouco penalisada, porque seu pae não lhe havia fallado em tal projecto.

Chromacio persuadiu-a de que poderia ser um boato falso, e convidou-a a dar um passeio pelos jardins.

Ella achou-os aformoseados com o costumado esmero; cheios de raras e bellas plantas em profusão; mas sem uma só das antigas estatuas.

Chegaram finalmente a uma gruta, na qual havia uma fonte onde se admiravam outr'ora bellos grupos de nymphas e de nayades, e que agora apresentava um aspecto triste, pois que esses grupos tinham desapparecido.

Ella não pôde conter-se por mais tempo, e voltando-se para Chromacio, disse:

— Santos Numes! que fizestes em mandar tirar todas as estatuas que por aqui se viam, destruindo assim o adorno distinctivo da vossa vivenda? Quem vos aconselhou similhante coisa?

— Minha joven senhora, respondeu o ancião, sorrindo, não vos agasteis. De que serviam essas figuras?

— Se pensaes assim, replicou ella, outros podem pensar o contrario. Mas dizei-me: que fizestes d'ellas?

— O que fiz?... para vos dizer a verdade... mandei-as quebrar.

— Como?! e não me dissestes nada!... que pena!... havia entre ellas algumas que muito folgaria de vos comprar.

[1] Vivenda das estatuas, ou com estatuas.

Chromacio riu a bom rir, e disse, com aquelle modo familiar a que a intimidade que, desde a infancia, tinha com Fabiola, lhe dava direito:

— Meu Deus! como a vossa ardente imaginação corre tam veloz, para que a minha pobre lingua a possa seguir em paz! não julgueis que as destruiu o genio do vandalismo, — foi a mão da justiça! Os deuses e deusas foram reduzidos á massa informe d'onde haviam saído. Comtudo, se desejaes para reliquia um fragmento de uma perna, ou uma mão com algum dedo de menos, talvez possa ainda fazer-vos essa offerta. Muito me penalisa, porém, ter de dizer-vos que, se desejasseis uma cabeça completa, não podereis havel-a.



Santos Numes! que fizestes em mandar... (Pag. 121)

Fabiola estava espantada, e, por fim, exclamou:

— Na verdade, vós, meu velho amigo, que haveis gozado a merecida reputação de sabio magistrado, procedestes como um barbaro. Que razões tereis para justificar vosso procedimento?!

— Eu vos digo: como vêdes, com a edade tornei-me mais sabio, e cheguei á conclusão de que o senhor Jupiter e a dama Juno não são mais divinos que vós e eu; e por isso resolvi desfazer-me d'elles.

— Sim, a vossa consideração foi justa; e eu que não tenho vossa edade nem vossa prudencia, já, ha muito, que tambem assim pensava. Porém, porque não as conservastes, ao menos como obras de arte?

— Porque não era como taes, mas como divindades, que aqui haviam sido collocadas. Estavam aqui por impostura, sob falsos pretextos, e assim como vós retirarieis de vossa casa, como intruso, qualquer busto ou imagem que encontrasseis entre as da vossa familia, pertencendo

a outra, assim eu fiz a essas figuras que me mereciam tanto respeito, quando conheci que sua phantastica existencia se baseava n'uma mentira.

— Nem eu jámais consentiria em que, vendendo-as, podessem continuar a mesma impostura.

— Muito bem, meu velho e rigido amigo, e não será impostura continuar a chamar á vossa vivenda *Ad Statuas,* quando já não tem nenhuma?

— Por certo, replicou Chromacio, a quem muito agradava o vivo espirito de Fabiola; e vereis que mandei plantar muitas palmeiras, que, logo que comecem a elevar-se acima dos arbustos, farão com que, em vez do primitivo nome, se chame este recincto *Ad Palmas.*

— Lindo nome! disse Fabiola, que estava longe de pensar o sentido que elle lhe ligava, e quanto era apropriado.

Ella de certo não presumia que aquella casa era uma eschola ou gymnasio, onde muitas pessoas se preparavam, como os luctadores ou gladiadores, para o grande combate da fé — o martyrio e a morte.

Aquelles que entrassem e saíssem d'alli poderiam dizer que estavam na carreira de obter a palma dos conquistadores, que iriam depôr ao pé do throno do Eterno, como tropheu da sua victoria sobre o mundo.

Muitas eram as palmas que os discipulos d'esta eschola deviam colher.

Mas devemos contar a historia da destruição das estatuas de Chromacio, que fórma um episodio separado nas *Actas da vida de S. Sebastião.*

Quando Nicostrato o informou, como prefeito de Roma, da soltura dos seus prêsos, e de Tranquillino se haver restabelecido da gôtta, recebendo o baptismo, Chromacio, depois de se inteirar minuciosamente de toda a verdade do facto, mandou chamar Sebastião, e prometteu-lhe fazer-se christão, se o curasse do mesmo mal, que muito o atormentava.

Como bem podemos imaginar, tal proposta não podia ser logo acceite; e uma outra lhe fez Sebastião, por meio da qual Chromacio, tornando-se christão por convicção intima, não incorreria assim na culpa de receber o baptismo, sem ter a precisa fé.

Chromacio era celebre pelo immenso numero de imagens idolatras que possuia; e Sebastião assegurou-lhe que, se elle as fizesse em peda-

ços, immediatamente se restabeleceria. Dura condição era esta; mas elle consentiu. Seu filho Tiburcio ficou, porém, furioso, e protestou que, se o resultado promettido não se conseguisse, faria com que Sebastião e Polycarpo fossem queimados em uma fogueira; pois, em tempos taes, não era isso difficil ao filho de um prefeito.

Em um só dia, duzentas estatuas pagãs foram quebradas, incluindo n'este numero as da casa de campo e as da propriedade que o prefeito possuia em Roma.

As imagens tinham já sido destruidas, e, comtudo, Chromacio não se sentia melhor.

Sebastião foi chamado, e recebido com furioso rancor.

Mas ficou socegado e inflexivel.

— Sei, disse elle, que nem tudo foi destruido. Houve quem se interessasse em que algumas escapassem.

Tinha razão.

Alguns pequenos objectos foram considerados como obras de arte, e não como simulacros religiosos, e haviam sido escondidos, como o thesouro d'Acham. [1]

Foram buscal-os, quebraram-nos, e, no mesmo instante, Chromacio ficou curado.

Não só elle se converteu, mas tambem seu filho Tiburcio se tornou um dos mais fervorosos christãos; morreu gloriosamente martyr, dando seu nome a uma das catacumbas.

Havia elle pedido para ficar em Roma, a fim de animar e auxiliar os seus correligionarios, durante a perseguição que via approximar-se; nobre missão, cujo desempenho lhe tornavam facil suas altas relações, provada coragem e incansavel actividade.

Dentro em pouco, tornou-se o assiduo companheiro de Sebastião e de Pancracio.

Mas é tempo de pôr termo a esta pequena digressão e de voltarmos ao dialogo travado entre Chromacio e Fabiola, que continuou dizendo:

— Mas conheceis, Chromacio (sentemo-nos n'este bello sitio, onde me recordo que havia um lindo Baccho), que estranhos rumores já circulam a respeito do que fazeis aqui?

— Sim?! Quaes?

[1] Jos. VII.

— Diz-se que vivem comvosco grande numero de individuos que ninguem conhece; que já não daes reuniões, saís raras vezes, e todos tendes um systema de vida muito philosophico, formando uma especie de republica platonica.

— Boa lisonja! interrompeu Chromacio, sorrindo e inclinando-se.

— Mas isso não é tudo, continuou Fabiola. Dizem que dormís pouquissimo, que passaes o tempo muito insipidamente, que não tendes divertimento algum, e vos entregaes a abstinencias taes, que parece incrivel poderdes viver.

— Espero, todavia, que nos farão a justiça de dizer que pagamos tudo o que compramos, observou Chromacio. Parece-me que não poderão affirmar que fazemos esperar muito pela paga os nossos fornecedores.

— Oh! não: replicou Fabiola, rindo.

— Que bondade é a d'essa gente! ajunctou gracejando o velho juiz: parecem tomar grande interesse por tudo o que nos diz respeito. Mas, não vos admira, minha joven senhora, que, em quanto em minha casa, como em tantas outras, havia mais liberdade de costumes, quando se fallava muito, se bebia muito, e se practicavam algumas vezes loucuras proprias de juventude, (relevae-me taes allusões); não vos admira, digo, que, em quanto eu e meus amigos não eramos nem sobrios, nem irreprehensiveis, nunca pessoa alguma se occupasse de nós? Se alguns individuos, para viverem uma vida pacifica, frugal e occupada, se retiram dos negocios publicos, ainda mesmo que nunca fallem da politica ou da sociedade, logo a curiosidade do vulgo se desperta, desejando saber tudo o que lhes respeita: os homens d'estado de terceira ordem sentem um violento prurido de se intrometterem na vida d'estes homens inoffensivos; divulgam-se os mais falsos rumores, as mais odiosas suspeitas, tanto sobre seu genero de vida, como sobre os motivos que os levaram a adoptal-o: não vos parece isto um phenomeno estranho?

— Por certo; mas como o explicaes?

— Pela tendencia de certos espiritos mesquinhos que não dissimulam a inveja que tem ás aspirações mais sublimes que as suas, e que criticam cegamente os sentimentos que passam do nivel do fim a que miram.

— Mas qual é realmente o fim do vosso novo systema de vida, meu querido amigo?

— Empregamos o tempo, procurando desenvolver nossas faculdades. Levantamo-nos muito cedo; tam cedo, que vos custará a accreditar; dedicamos, então, algumas horas ao culto religioso, depois do que nos occupamos de differentes misteres: uns lêem, outros escrevem, outros trabalham nos jardins; e asseguro-vos que nenhum mercenario trabalha mais, nem melhor que estes agricultores voluntarios. Reunimo-nos diversas vezes para entoar bellos canticos, cheios de singeleza e virtude; lemos livros instructivos, e recebemos instrucção oral de um dos mais eloquentes mestres. Na comida somos, é verdade, muito sobrios; sustentamo-nos só de legumes; mas ficae certa de que a magreza do sustento não é incompativel com a alegria, e que comer bem nem sempre é passar bem.

— Estaes um completo adepto de Pythagoras!

«Julgava que isso tinha já passado de moda...

«Tal systema deve ser muito economico, accrescentou Fabiola maliciosamente.

— Ah! zombaes! respondeu o juiz, pensaes, talvez, que tudo isto é apenas um simples meio de economia? Asseguro-vos que não; pois todos acabamos já de tomar uma resolução arrojada.

— Qual é? perguntou a joven senhora.

— É a seguinte, e deixo-a á vossa apreciação. Estamos resolvidos a fazer com que não haja d'ora avante nem um pobre na nossa visinhança; vestiremos os nús, soccorreremos os que tiverem fome, e consolaremos os doentes. Eis o fim para que fazemos taes economias.

— Isso é, com certeza, grande generosidade; ainda que é uma acção de todo nova nos nossos tempos; e sem duvida, todos se rirão de vós, e vos escarnecerão por tam sublimes actos. Ainda fallarão peor do que agora; se fosse possivel... mas não...

— Que querieis dizer?

— Não vos escandaliseis do que vou dizer-vos. Tem havido até quem se atreva a affirmar que sois christão; mas repelli sempre, indignada, tal insinuação.

Chromacio sorriu-se, e disse:

— Porque a desmentistes com indignação, minha querida filha?

— Porque vos conheço muito bem, assim como a Tiburcio, Nicostrato, e sua esposa Zoé, para admittir, por um só momento, que tivesseis adoptado como crença esse aponctoado de estupidez e maldade, conhecido pelo nome de christianismo!

—Permitti que vos faça uma pergunta.

—Já lestes algum livro christão, pelo qual podesseis fazer exacta idéa do que realmente são esses individuos, que até hoje hão sido tam vilipendiados?

—Oh! não por certo; eu não gastaria o meu tempo com similhante coisa, nem teria paciencia para prestar attenção a nada do que elles dizem. Odeio taes homens, como inimigos de todo o progresso intellectual, maus cidadãos, credulos em demasia; e consideraria um crime relacionar-me com elles.

—Muito bem, querida Fabiola, o mesmo pensava eu; mas hoje tenho a respeito d'elles muito diversa opinião.

—Isso é muito para admirar-se; porque, como prefeito da cidade, deveis ter punido muitos d'estes desgraçados, pelas suas continuas transgressões da lei.

Uma nuvem de tristeza cubriu o nobre rosto do ancião, e uma lagrima lhe rolou pela face.

Lembrou-se de S. Paulo, que tambem começára por perseguir a egreja de Deus.

Fabiola viu esta mudança, que a penalisou. Disse-lhe então com affectuosas maneiras:

—Por certo, fallei com irreflexão; e despertei-vos recordações que torturam o vosso bom coração. Perdoae-me, querido Chromacio, e fallemos de outra coisa. Um dos motivos que me determinou a visitar-vos, é perguntar-vos se sabeis de alguem que em breve vá a Roma. Tenho ouvido a diversas pessoas fallar na viagem projectada por meu pae: estou anciosa por escrever-lhe, [1] e Deus queira que não repita o que já tem feito outras vezes,—partir sem despedir-se de mim, para que eu não sinta o dissabor da separação...

—Sei, respondeu Chromacio; ha um rapaz que parte ámanhã de manhã. Vinde á minha bibliotheca, e escrevei a vossa carta; provavelmente o portador d'ella alli estará.

Voltaram para casa, e entraram em uma sala cheia de estantes de livros. No meio d'esta sala, sentado a uma mesa, estava um joven copiando curiosamente de um grosso volume, que tinha aberto deante de

[1] N'este tempo, não havia correio, e as pessoas que desejavam enviar cartas, tinham que mandar um proprio, ou esperar occasião opportuna.

si; e immediatamente o fechou, pondo-o a seu lado, ao vêr entrar uma pessoa estranha.

—Torquato, disse Chromacio, esta joven senhora deseja mandar uma carta a seu pae, que está em Roma.

—Grande prazer terei sempre, replicou o mancebo, em servir a nobre Fabiola, ou seu illustre pae.

—Que? pois conheceil-o? perguntou com surpreza o magistrado.

—Muito joven ainda, tive, assim como meu pae a tivera muito antes, a honra de ser empregado pelo nobre Fabio, na Asia. Porém a minha fraca saude me forçou a deixar o seu serviço.

Estavam sobre a mesa algumas folhas de excellente pergaminho, cortadas n'um formato que evidentemente mostrava serem para a cópia de um manuscripto.

O velho collocou uma d'ellas deante da joven senhora, deu-lhe tinta e um cálamo, e ella escreveu uma breve, mas affectuosa carta a seu pae.

Apenas acabou, dobrou-a, atou-a com uma fita que pegou com resina, sobre que imprimiu o seu sinete, que tirou d'uma bolsinha bordada.

Desejosa de recompensar o mensageiro, quando melhor o podésse fazer, sobre outra folha escreveu o nome e a morada d'elle, e guardou-a cuidadosamente no seio.

Depois de ter acceitado alguns refrescos, entrou no coche, e despediu-se de Chromacio.

Havia não sei que de tocante e paternal no olhar do velho, como se tivesse o presentimento de que não tornaria a vêr sua joven amiga.

Tal pensamento a preoccupava tambem, mas seu sentimento era muito differente do que impressionára o pobre velho.

Deveria elle deixal-a assim? Deveria deixal-a morrer em sua inveterada ignorancia? Aquelle generoso coração, e aquella nobre intelligencia, seriam acaso fadados para perder-se no lodaçal do paganismo, sendo que pareciam offerecer á verdade os elementos mais delicados, os mais fortes fios para formar um tecido, digno das vistas de Deus?

Não podia ser assim; e, comtudo, mil motivos o impediam de fazer-lhe uma confissão, que bem via seria mal acolhida, e só faria com que ella se afastasse ainda mais da fé.

—Adeus, minha filha, exclamou elle: sobre vós desça a benção d'Aquelle que não tendes ainda a ventura de conhecer.

O velho voltou o rosto, largou-lhe a mão, e retirou-se apressadamente.

Fabiola tambem estava sensibilisada, tanto pelo mysterio, como pela ternura de suas palavras; mas ficou surprehendida de ver, antes de chegar á porta, que Torquato fazia parar o seu coche.

N'aquelle momento, produziu-lhe uma impressão desagradavel o contraste que apresentavam as maneiras simples e até um pouco servís, ainda que respeitosas, do mancebo, com a nobre gravidade, mesclada de alegria, do ex-prefeito.

—Perdoae, se vos interrompo, minha nobre senhora, disse elle; mas, por certo, muito desejaes que esta carta chegue depressa a seu destino?

—Sim, desejo que chegue á mão de meu pae o mais depressa possivel.

—N'esse caso, muito receio não poder de todo satisfazer a vossos desejos. Só posso ir a pé, por ser o meio de viagem mais barato, e por isso gastarei alguns dias na jornada.

Fabiola, hesitando, disse:

—Não seria grande liberdade da minha parte offerecer-vos os meios de fazer essa jornada mais rapidamente?

—Por certo que não, respondeu logo Torquato, visto que assim poderei melhor servir vossa nobre casa.

Fabiola deu-lhe uma bolsa bem cheia, e que não só bastava para a jornada, mas ainda lhe deixava boa recompensa.

Recebeu-a elle cheio de jubilo, e desappareceu por uma das avenidas lateraes.

Tal procedimento desagradou a Fabiola; e, desde logo, ficou pensando que não era aquella companhia a que mais convinha a seu velho amigo.

Se Chromacio presenceára aquella scena, teria visto o retracto de Judas no homem que acceitava aquella bolsa.

Comtudo, a dama ficou satisfeita, por se ter isentado, a troco de alalgum dinheiro, de uma obrigação de que tal individuo lhe ficava credor.

Ella tirou do seio o pergaminho onde tinha escripto o nome d'elle, para o rasgar como inutil, quando percebeu que, do outro lado, estava escripta uma parte da copia do livro que havia visto, em continuação a outras.

Constava esta só de algumas sentenças, que leu. Então, pela primeira vez, viu as seguintes palavras, copiadas de um livro em que

nunca pozera os olhos: *Eu digo-vos: amae os vossos inimigos; fazei bem áquelles que vos odeiam, e orae pelos que vos perseguem e calumniam: para vos mostrardes verdadeiros filhos do vosso Pae, que está nos ceus, e que envia o sol a allumiar os bons e os maus, derramando a sua graça sobre justos e não justos.*[1]

Imaginaremos qual será a perplexidade de um habitante da India, que encontrando no leito d'um regato um seixo luzente, rude e informe no exterior, mas por extremo rutilante, não sabe se é diamante, ou pedra sem valor, se joia digna de engastar-se na corôa d'um rei, ou seixo que calca, ao passar, o pé do mendigo.

Porá termo ao seu embaraço, deitando-a fóra, ou leval-a-á a um lapidario, para perguntar-lhe o seu valor, arriscando-se a ser escarnecido?

Taes foram as sensações que Fabiola experimentou, em quanto se dirigia para casa. De quem seriam aquellas sentenças? Não eram, de certo, de nenhum philosopho grego, nem romano.

Ou são muito falsas, ou muito verdadeiras, de uma moral pura, ou de uma hypocrisia disfarçada.

Haverá quem practique tam boa doutrina, ou taes palavras são apenas um pomposo paradoxo?

—Não pensarei mais n'isto... Ah! já sei; perguntarei a Syra; estas sentenças assimilham-se muito ás suas bellas, bem que impracticaveis, theorias. Não!... é melhor não lhe perguntar nada! Ella fascina-me com a sublimidade de suas idéas, tão impossiveis de comprehender para mim, quanto faceis para ella.

«O meu espirito carece de repouso. O melhor é procurar sair d'esta indecisão, e esquecer estas mysteriosas palavras. Vou lançar esta folha ao vento, quem sabe? talvez vá ainda servir de embaraço a quem a encontrar na estrada.

«Phormio, pára o côche, apeia-te e traze-me aquelle pergaminho que me caiu.

O cocheiro obedeceu, ainda que bem vira que ella o deitára fóra.

Fabiola tornou a mettel-o no seio: ficou impresso como um sello em seu coração; seu espirito tranquillisou-se, e chegou a casa em socego.

[1] Matth. V. 44.

CAPITULO XVIII

A TENTAÇÃO

Na manhã seguinte, muito cedo ainda, um guia, conduzindo uma mula, bateu á porta da habitação de Chromacio.

Sobre a sella vinham atados dois pequenos saccos, unica bagagem, que todos sabiam Torquato possuia.

Muitos amigos o esperavam, para, quando partisse, darem e receberem o osculo de paz, e despedirem-se d'elle.

Oxalá não fosse esse osculo como o dado no Divino Mestre, em Gethsemani!

Alguns lhe murmuravam ao ouvido doces e affectuosas palavras, exhortando-o a conservar-se fiel á graça que havia recebido; e, elle, sinceramente, ao menos na apparencia, promettia que assim o faria. Outros, conhecendo sua pobreza, lhe deram alguns pequenos presentes, aconselhando-lhe que evitasse recorrer a seus antigos conhecimentos. Polycarpo, o director espiritual d'esta cummunidade, chamou-o á parte, e, com as lagrimas nos olhos, o exhortou, com palavras bondosas, a procurar corrigir algumas irregularidades de sua vida, a reprimir a leviandade que se manifestava em suas maneiras, e a cultivar cuidadosamente todas as virtudes christãs. Torquato, tambem chorando, lhe prometteu que obedeceria, ajoelhou, beijou a mão do bom padre, e recebeu a sua benção. Depois este lhe deu cartas de recommendação, para que encontrasse protecção, durante a jornada, e uma pequena somma para as suas indispensaveis despezas.

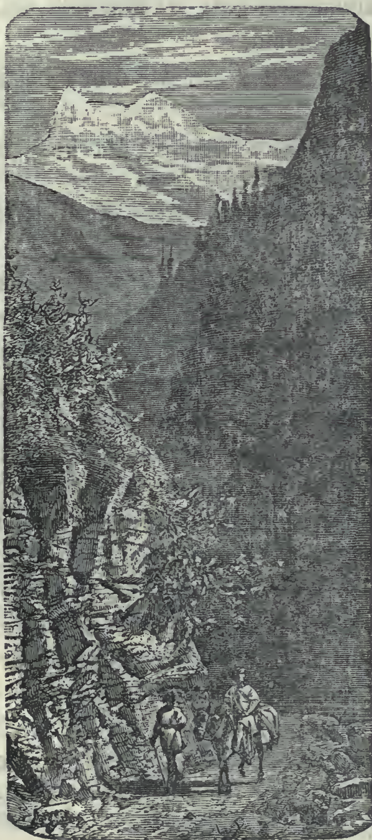
Estava já tudo prompto; feitas as ultimas despedidas, Torquato montado na mula, que o seu guia conduzia pela redea, dirigiu-se vagarosamente pela estreita avenida que conduzia á porta.

Muito tempo ainda depois de todos se terem retirado para casa, conservava-se Chromacio juncto da porta, olhando na direcção que o viajante tomára: em seus olhos se divisava muito sentimento, ternura e interesse, e ao mesmo tempo n'elles parecia transluzir não sei que

inquietação, filha de tristes presentimentos, de fórma que o bom velho podia comparar-se áquelle pae do Evangelho, quando olhava para seu filho prodigo.

Como a propriedade não ficava na estrada real, tinham alugado a mula para o conduzir até Fundi (actualmente Fondi), que era o sitio que ficava mais perto d'alli.

Tinha que proseguir depois, do melhor modo que podésse, segundo os seus meios. Comtudo, á bolsa de Fabiola devia o achar-se bem prevenido para viajar commodamente.



A estrada por onde ia caminhando...

A estrada por onde ia caminhando era cercada de grande variedade de bellezas da natureza. Em alguns ponctos, ella se approximava das margens do Liris, povoadas de elegantes casas e lindas cabanas; n'outros, eriçada de pequenos precipicios, e ingremes subidas, tam vulgares nos Apeninos, cujas rochas formam uma como muralha, tapetada de murta e aloes, e de vinha silvestre. Sobre estas rochas pastavam tranquillamente algumas cabras brancas, figurando-se ao viandante manchas de neve sobre a verdura.

No fundo d'um valle corria tambem ao longo da estrada um crystallino e limpido regato que, no ruido que fazia, assimilhava-se a uma torrente descida da montanha. Em seu curso caprichoso e irregular passava ao mesmo tempo por cima de duas pedras, como ufanando-se de formar assim uma cascata; depois ia cair a um grande abysmo encoberto por folhas de acantho.

Mais adiante, desfructava-se d'uma eminencia o lindo panorama dos vastos jardins de Campania, por detraz dos quaes lá apparecia a bahia de Gaeta, onde se destacavam as alvas velas de diversas embarcações,

que, n'aquella distancia, se assimilhavam a um bando d'aves aquaticas, adejando e esvoaçando sobre a superficie de vastissimo lago.

Quaes eram os pensamentos do viajante, no meio d'estas scenas, na occasião em que ia realisar-se um novo acto no drama da sua vida?

Distrahiam-no acaso? Agradavam-lhe? Enlevavam-no, ou aborreciam-lhe?... Quasi que nem attentava n'ellas. Já ao longe, sua vista se cravava nos sombrios porticos, e nas vistosas ruas da capital. Os jardins e as fontes artificiaes, os banhos de marmore e as abobadas pinctadas, eram mais bellas a seus olhos, do que a frescura das vinhas, as crystallinas correntes, o magestoso oceano, e o lindo azul do firmamento. Amava a cidade; mas, nem por um instante, occorrem a seu espirito os maus costumes, as impias practicas, o luxo, a desmoralisação, as profanações, a deshonestidade, as calumnias, as traições, e as vilezas da capital.

Oh!... não!... um christão nada tinha que ver com tão horrendos vicios.

Algumas vezes, na abstracção do seu espirito, imaginava n'uma sala das Thermas, em torno de uma mesa, frios, mas ávidos jogadores, que faziam girar os dados; sentia uma especie de phrenesim, de ha muito, a custo, reprimido; mas um olhar cheio de doçura, como o de Polycarpo, parecia sahir debaixo da mesa e erguer-se para elle, e reconduzir seu espirito, que tresloucava, ao campo da realidade.

Outras vezes, figurava-se-lhe achar-se á mesa n'uma casa de pasto, tendo deante de si um grande copo do famoso Falerno, e n'uma conversação animada pelos fumos da embriaguez; em quanto o copo corria de mão em mão, o rosto sereno de Chromacio se erguia entre elle e os convivas, e, com expressões de desapprovação, evitava que lhe chegasse a vez.

O viajante voltava simplesmente a gozar dos innocentes recreios da cidade imperial; de seus passeios, de sua musica, de seus quadros, de sua magnificencia, e de sua belleza.

Esquecia que tudo isto eram apenas accessorios da vida dos homens, cujas paixões mais ateavam, cujos maus desejos inflammavam, adulando-lhes as ambições, contrariando-lhes as boas resoluções, e tornando-lhes o espirito obstinado. Pobre mancebo, pensava que poderia atravessar aquelle brazeiro sem queimar-se!... e julgava, qual borboleta, que a intensidade da chamma lhe não crestaria as azas.

N'um d'estes momentos de profundo meditar, caminhando atra-

vez d'um desfiladeiro, achou-se, de repente, em face do mar, que, resplendente de belleza, se estendia a seus olhos: estava alli amarrado e immovel um pequeno barco.

Esta vista trouxe-lhe á lembrança uma historia que lhe haviam contado na infancia (verdadeira ou falsa, pouco lhe importava); e julgou que a scena d'aquella narração se ia agora representar a seus olhos.

O heroe d'esta historia era um joven e ousado pescador do sul da Italia.

N'uma noite escura e tempestuosa, seu pae e seus irmãos não se atreviam a entrar no grande e seguro barco que possuiam; o pescador, porém, apezar das supplicas dos seus para que não commettesse tal temeridade, abalançou-se a ir luctar só com as vagas embravecidas, embarcado n'um pequeno escaler.

O vento soprava com violencia, mas elle continuou a navegar no seu fragil barco, até que o sol despontou brilhante no horizonte limpo de nuvens, e o mar, dentro em pouco, serenou e apresentou uma superficie tam lisa como um espelho. Acabrunhado de fadiga e somno, deitou-se a dormir; mas algum tempo depois, foi despertado por gritos que sentiu a pouca distancia.

Olhou em torno de si, e viu o barco da sua familia, que toda dava grandes gritos e acenava com as mãos, pedindo-lhe que retrogradasse; mas não fazia exforços alguns por chegar ao logar onde se achava. De que precisariam elles? Que quereriam dizer?

Lançou então mão dos remos, e começou a remar para alli; mas bem depressa ficou espantado, ao ver que o barco de pesca, para o qual tinha voltado a prôa do seu, lhe apparecia já por detraz, e que, com quanto procurasse avisinhar-se d'elle, o via sempre do lado opposto.

Evidentemente conheceu que tinha estado a descrever um circulo de fórma espiral, cada vez mais estreito.

Um presentimento horrivel se lhe apoderou do espirito: tirou a tunica, e, como louco, se agarrou aos remos, remando com maior força que nunca: mas o circulo continuava a estreitar-se, e elle já se ia approximando do centro, para onde as aguas o arrastavam, redomoinhando com fatal e assustador ruido.

Então, na intensidade de sua afflicção, largou os remos, e ergueu

para o ceu os olhos quasi desesperado. Uma ave aquatica que passava ouviu-o gritar: Charibdes! [1]

Em breve, as voltas eram já pouco maiores que a embarcação; deitou-se, tapou os ouvidos e os olhos com as mãos, e conteve a respiração, até que as aguas se fecharam sobre elle, e desappareceu no abysmo.

Causa-me espanto! (disse Torquato comsigo mesmo) acaso já alguem morreria d'este modo? ou será apenas uma allegoria? e sendo assim, que quererá dizer? Podemos por ventura ser tambem d'este modo arrastados á perdição? Poderá apoderar-se da alma a fascinação do abysmo? Serão meus pensamentos, n'este momento, um como redomoinho que me arrasta?

—Fundi! bradou o guia, aponctando para a cidade que lhes ficava em frente, e apressando o passo da mula. Torquato olhou para as cartas que levava, e escolheu uma que devia alli deixar. Foi pelo guia conduzido a uma das estalagens mais pobres; recompensou-o generosamente, retirando-se elle saudoso por não continuar a servil-o.

Torquato perguntou onde morava o mestre-eschola Cassiano, e apenas o soube, dirigiu-se alli e entregou a carta.

Foi recebido com a franca amizade de irmão, e tractado como em sua casa; participou da frugal refeição de Cassiano que, entretanto, lhe contou a sua vida.

Nascido em Fundi, tinha ido abrir em Roma a eschola de que já tivemos occasião de fallar, e alli se tinha sempre distinguido. Mas vendo que estava imminente uma perseguição, e que já era sabido ser elle christão, deixou a eschola, e retirou-se á cidade natal, onde os principaes habitantes lhe prometteram entregar-lhe seus filhos.

Em um christão elle via um irmão; e fallava-lhe francamente das suas passadas aventuras e dos seus futuros projectos.

Occorreu á mente de Torquato o vil e estranho pensamento de que, um dia, esta narração lhe poderia render boa somma.

De manhã, muito cedo, despediu-se, e pretextando ter que fazer na cidade, não consentiu que seu hospede o acompanhasse.

Comprou um fato mais fino, hospedou-se em melhor estalagem, e alugou dois cavallos, para que, acompanhado por um criado, podésse melhor desempenhar a commissão de que Fabiola o incumbira; era-

[1] Voragem entre a Sicilia e a Italia.

lhe mister andar depressa, mudar de quando em quando de cavalgadura, e viajar de noite.

D'este modo não tardou a chegar a Bovillas, nas fraldas das collinas d'Albania.

Aqui parou, para descançar e mudar o seu traje de viagem; proseguiu depois por entre duas fileiras de tumulos, que o guiaram até á porta da cidade, dentro de cujos muros havia mais de bom e mau, do que em nenhuma outra provincia do imperio.

CAPITULO XIX

A QUÉDA

Torquato, depois de vestir-se com todo o aceio e esmero, dirigiu-se a casa de Fabio, entregou-lhe a carta, respondeu a algumas perguntas que lhe fez, e acceitou sem difficuldade o convite de ir ceiar com elle aquella noite.

Procurou depois uma casa, em harmonia com o bom estado em que se achava a sua bolsa; e facilmente a encontrou á medida de seus desejos. Como já dissemos, Fabio não acompanhava sua filha ao campo, e raras vezes a visitava alli. Este procedimento tinha facil explicação: Fabio preferia á verdura e poesia dos campos a corrupção da licenciosa sociedade de Roma.

No decurso do anno, a presença de sua filha continha em certos limites a liberdade de seus costumes; mas depois que esta partia para a Campania, presenceavam-se em sua casa scenas licenciosas, e admittiam-se alli pessoas que nunca consentiria em relações com ella.

Homens de uma vida desregrada se sentavam á sua mesa; bebia-se muito, e até muito tarde; e o jogo, acompanhado de acaloradas discussões, seguia sempre estes banquetes.

Tendo convidado Torquato a vir ceiar com elle, saiu immediatamente em busca de outros hospedes que lhe fizessem companhia.

Encontrou logo alguns, que, em completa disponibilidade, anciosamente desejavam tal convite.

Ao voltar dos Banhos de Tito para casa, topou com dois homens no meio d'um pequeno bosque juncto de um templo, que pareciam entretidos em animada conversação.

Observou-os por algum tempo, e em seguida se dirigiu para elles, aguardando, a pequena distancia, que interrompessem o seu dialogo, que, n'aquelle momento, era n'estes termos:

—Não duvidaes da exactidão d'essas noticias?

—Não. É certissimo que o povo se revolucionou em Nicomedia, e queimaram a *Egreja* dos christãos (tal é o nome que dão a seus templos) que fica defronte e perto do palacio. Meu pae ouviu isto da propria bocca do secretario do imperador, esta manhã.

—Mas que loucura a dos christãos em irem construir um templo n'uma praça das mais salientes da capital! Bem deviam conhecer que, mais tarde ou mais cedo, o espirito religioso da nação se levantaria contra elles e destruiria tal edificio, como manifestação d'um culto odioso e estranho ao do imperio.

— Eu concordo com o que me diz meu pae; «que estes christãos deveriam occultar-se, e viver em sitios afastados, aproveitando a actual tolerancia e bondade do mais humano dos principes.» Mas, em logar d'isso, edificam templos em publico, quando o podiam fazer em algum logar mais retirado, e, por isso, nenhuma pena tenho de que lhes aconteça o que se diz. Nós podemos facilmente ganhar fama, e tambem proveito, perseguindo esta odiosa seita, e destruindo-a, se nos fôr possivel.

—Tendes razão: mas como levar a effeito esse plano?

—Quando descobrirmos os christãos entre os ricos que não gozarem de grande importancia, dividiremos os despojos. Auxiliar-nos-emos mutuamente.

—Optaes pelos meios violentos: eu obrarei como entender.

—Escutae: cada um de nós procurará obter os melhores resultados possiveis de suas descobertas; e, procedendo de harmonia, dividiremos entre nós os lucros com equidade. Quereis assim?...

—Pois bem: acceito esse partido.

Fabio approximou-se n'este momento e dirigiu a Fulvio amaveis cumprimentos.

— Como passaes? ha um seculo que vos não vejo. Vinde cear commigo hoje: espero mais alguns amigos; e póde tambem acompanhar-nos o vosso, que é Corvino, creio eu, (o subjeito nomeado fez uma ridicula cortezia): espero não faltareis.

—Obrigado, respondeu Fulvio; mas sinto não poder acceitar hoje vosso convite, por me achar compromettido já.

—Deixae-vos d'isso, atalhou o bondoso cavalheiro, não ha agora ninguem na cidade com quem possaes cear melhor do que commigo. Está acaso empestada a minha casa, para que nunca lá voltasseis, desde o dia em que jantastes commigo, e tivestes uma pequena desintelligencia com Sebastião? Ou é algum poder magico que vos afasta de lá?



Como passaes? ha um seculo que vos não vejo. (Pag. 137).

Fulvio fez-se pallido, e chamando Fabio á parte, disse-lhe:

—Para te dizer a verdade, foi alguma coisa similhante a isso.

—Julgo, respondeu Fabio, um pouco inquieto, que a negra feiticeira vos não haverá enfeitiçado; tomára já vêl-a fóra de minha casa! mas vamos, continuou elle gracejando, parece-me que, n'aquella tarde, era outro o encanto que vos dominava. Tenho os olhos bem abertos; e bem vi, que vosso coração todo voava para a minha prima Ignez...

Fulvio olhou para elle admirado, e, depois de breve pausa, replicou:

—E se assim fosse? Parece-me que vossa filha não folgava de que o negocio proseguisse.

—Sim!? Então é esse o motivo porque não haveis querido voltar a minha casa? Fabiola passa o tempo a philosophar, e não percebe nada d'estas coisas. Bem faria ella se abandonasse os livros, e tractasse de se casar, em vez de obstar a que os outros o façam. Mas, sobre isto, tenho boas noticias a dar-vos; Ignez tambem se mostra inclinada a corresponder ao vosso amor.

—E' possivel? Como sabeis isso?

—Já ha muito o saberieis, se não tivesseis fugido de mim; porque n'aquella mesma tarde ella m'o notificou.

—A vós?

—Sim, a mim; o vosso garbo e as vossas joias captivaram seu coração. Assim m'o disse. Parecia querer fallar só de vós. Estou certissimo de que era só de vós que fallava.

Fulvio julgou que elle alludia aos ricos adornos que ostentava n'aquelle jantar, ao passo que Fabio se referia ás joias imaginarias, que, segundo a conversação que tivera com Ignez, cuja linguagem mystica era incapaz de comprehender, julgava ter a joven recebido d'um mysterioso amante, que, a seu vêr, só podia ser Fulvio.

A imaginação de Fulvio exalta-se com a idéa de que Ignez, apezar do seu caracter reservado, não seria difficil conquista, se soubesse requestal-a; quando Fabio, como despertando de um pensamento intimo, disse: Vamos, disponde bem as vossas coisas, e asseguro-vos que a possuireis, apezar da opposição de Fabiola.

Além de que, agora nada tendes a temer da parte d'ella. Está ausente com todos os seus servos; os seus aposentos aqui estão fechados, e nós entramos pela porta lateral, para a parte mais agradavel da casa.

—Irei cear comvosco, sem falta, replicou Fulvio.

—E Corvino que vos acompanhe, ajunctou Fabio, quando elle já começava a afastar-se.

Limitaremos a descripção do banquete a dizer que os vinhos mais generosos corriam em abundancia, e que, ao terminar, quasi todos os convivas estavam bastante animados pela bebida, á excepção de Fulvio que conservava sangue frio.

Fallou-se das noticias do Oriente.

A destruição da egreja da Nicomedia havia sido seguida de tentativas de incendio no palacio imperial. Não havia duvida de que o imperador Galerio era o auctor d'este attentado; mas imputou-o aos christãos, e conseguiu assim vencer os escrupulos de Diocleciano, fazendo com que se tornasse seu inexoravel perseguidor.

Todos viam já que, em poucos dias, saíria o edicto imperial que ordenasse a destruição do christianismo, e acharia em Maximiano um fiel executor.

Os convivas pareciam regosijar-se com tal noticia, e dispunham-

se a contribuir com suas pessoas para tam nefanda empreza; porque a generosidade a favor d'aquelles que o clamor publico persegue carece de uma coragem demasiado heroica para que seja vulgar.

Mesmo os mais moderados approvavam todas estas medidas d'extremo rigor contra os christãos.

Um não podia supportar o mysterio de que elles se cercavam; outro irritava-se de ouvir fallar nos seus progressos; um terceiro julgava tal religião opposta á verdadeira gloria do imperio; haviam outros que entendiam dever ella ser eliminada da sociedade romana, como elemento estrangeiro. Uns proclamavam detestaveis as doutrinas dos christãos, outros infames suas practicas.

Durante este debate, se assim lhe podemos chamar, em que as diversas opiniões convergiram para o mesmo poncto, Fulvio, depois de ter alternativamente olhado, ora para um, ora para outro dos convivas, fixou o seu olhar penetrante sobre Torquato.

O mancebo conservava-se silencioso; mas seu rosto, de quando em quando, mudava de côr.

O vinho perturbára-lhe a cabeça, e, ao mesmo tempo, dera-lhe uma coragem temeraria.

De vez em quando, fazia estalar os dedos, comprimia o peito com as mãos, e mordia os beiços. Outras vezes partia elle bocados do pão com os dedos, ou bebia, distrahido, um copo de vinho.

—Todos estes christãos nos odeiam, e, se podessem, nos matariam, disse um dos convivas.

Torquato approximou-se um pouco, abriu a bocca, mas ficou silencioso.

—De certo que sim! disse outro.

—Não foram elles que lançaram fogo a Roma, no tempo de Nero, e não incendiaram tambem o palacio Asia, onde residia o imperador? perguntou um terceiro.

Torquato ergueu-se do seu leito, estendeu a mão, como indo para replicar, mas tornou a sentar-se.

—E o que é ainda muito peior, é prégarem doutrinas anti-sociaes, commettendo ridiculos excessos, e envilecendo-se a poncto de adorarem uma cabeça de burro, acudiu um outro.

Torquato estava com as faces ardendo em calor; tornou a erguer-se, e ía levantar o braço, quando Fulvio, aproveitando o ensejo para não o deixar fallar, accrescentou em tom de desdem e sarcasmo:

— E, ainda mais, todas as vezes que se reunem, matam uma creança, para a devorarem e lhe beberem o sangue. [1]

O braço erguido desceu pesadamente sobre a mesa, dando um murro que fez saltar todos os copos e talheres que sobre ella se achavam; e, ao mesmo tempo, Torquato com uma voz alterada, bradou:

— Isso é uma monstruosa mentira, uma cobarde calumnia!

— Como sabeis isso? perguntou Fulvio com serenidade.

— Porque, respondeu o outro enthusiasmando-se, sou christão, e estou prompto a morrer pela minha fé!...

Se a bella estatua de alabastro, com cabeça de bronze que estava em um nicho proximo da mesa, tivesse cahido e se despedaçasse sobre o pavimento de marmore, não teria causado maior sensação do que esta inesperada declaração!

Todos ficaram, por um momento, como fulminados. Seguiu-se depois um longo silencio, durante o qual no rosto de cada um transpareciam suas impressões particulares.

Fabio mostrava-se desgostoso e penalisado por haver dado a seus hospedes tam má companhia. Calpurnio indignou-se, por vêr que estava alli uma pessoa, mais conhecedora dos christãos, do que elle, que se julgava um grande sabio.

Um joven, que se achava presente, olhava boqui-aberto para Torquato; e um outro conviva, velho e carrancudo, estava vendo sobre quem cevaria seu furor: tal era a sua irritação!

Corvino olhou para o pobre christão com aquella expressão de alegria, semi-brutal e semi-selvagem, com que o lavrador contempla os ratos que uma manhã encontrou caídos na ratoeira.

Sabia já d'um homem que, apenas lh'o ordenasse, se prestava a estendel-o no cavallete ou sobre umas grelhas rodeadas de chammas.

O olhar de Fulvio era de todos o mais terrivel. Se algum observador microscopico pôde já observar as feições de uma aranha quando, depois de longa expectativa, vê uma mosca, repleta de sangue d'outros pequeninos insectos, vir pousar-lhe na teia; se pôde vêr como attenta vigilante em cada movimento das azas, e como com os olhos fitos na sua victima, estuda o melhor meio de poder melhor envolvel-a em seus fios, certa de que aquella vida vae pertencer-lhe, fará sufficiente ideia do que se lia nos olhos de Fulvio e do que se passava em seu coração.

[1] Tal é a ideia que os pagãos faziam da Sagrada Eucharistia.

Apoderar-se de um christão, e procurar fazer d'elle um traidor, tinha sido, havia muito, seu maior desejo e seu constante estudo.

Este parecia estar no caso; restava excogitar o melhor meio de levar a effeito seu satanico plano.

E qual era o motivo de seu interior prazer? Não esperava que se proporcionasse a seus desejos tam bella occasião. Conhecia bem os christãos para convencer-se de que, qualquer d'elles, sempre fiel, como lhe cumpria, aos preceitos da sua religião, bebesse com excesso, e declarasse estar prompto a soffrer o martyrio.

Todos se levantaram, e cada um procurou desviar-se do christão, como de um empestado. Elle viu-se bem depressa só e desprezado, quando Fulvio, que murmurava algumas palavras aos ouvidos de Fabio e de Corvino, se chegou a elle, e, tomando-o pela mão, lhe disse cortezmente:

—Receio ter fallado inconsideradamente, obrigando-vos, ainda que indirectamente, a fazer uma declaração que vos póde ser fatal.

— Nada temo, replicou Torquato, ainda enthusiasmado: conservarei até ao fim a minha presença de espirito.

—Fallae mais baixo, redarguiu Fulvio; os escravos podem trahir-vos. Vinde commigo para outra sala onde possamos conversar mais á vontade.

E elle o foi conduzindo para uma elegante sala, onde Fabio lhes mandou dar alguns copos de precioso Falerno, o que se costumava beber nas orgias da alta sociedade romana.

Só, cedendo ao convite de Fulvio, é que Corvino acceitou. Sobre uma rica mesa de mosaico pozeram dados.

Fulvio, em quanto fazia com que Torquato bebesse, pegou n'elles, e negligentemente os lançou ao acaso sobre a mesa.

—Sanctos Numes! exclamou elle! que vasa!... Ainda bem que não estou jogando com pessoa alguma, aliás perder-me-ia. Quereis experimentar, Torquato?

Como já observamos, o jogo fôra a ruina de Torquato; e era ainda em consequencia d'uma infelicidade no jogo, tristes resultados d'esta paixão, que se achava na prisão, quando Sebastião o converteu.

Tomou os dados na mão, sem tenção alguma, ou pensamento de jogar; Fulvio espreitava-o, como o lynce espreita a prêsa.

Os olhos de Torquato scintillaram, mordeu os beiços, e a mão começou-lhe a tremer. Fulvio immediatamente reconheceu em tudo isto,

bem como no modo de collocar a mão para deitar, e na avidez com que esperava o resultado do lanço, a violencia d'uma tentação de voltar ao vicio a que renunciára.

—Parece-me que não sois mais destro do que eu n'este vão passatempo, disse elle com indifferença; mas, affirmo-vos que Corvino vos offerecerá algum partido, se quizerdes arriscar alguma coisa.

—Muito pouco, e sómente por nos distrahirmos; pois renunciei ao jogo, mas uma vez não faz ao caso...



Sobre uma rica mesa de mosaico pozeram dados... (Pag. 142)

—Vamos, disse Corvino, a quem Fulvio dirigira um pestanejar d'olhos.

Começaram a jogar com insignificantes paradas, e Torquato ganhou quasi sempre.

Fulvio fêl-o beber mais, e elle tornou-se muito alegre e fallador.

—Corvino! Corvino!... disse por fim, como fallando comsigo mesmo, não era este o nome que Cassiano repetia?

—Quem? perguntou o outro admirado.

—Sim, foi, continuou Torquato, em meia voz, o perverso... o bruto. Foste tu a pessoa, perguntou elle olhando para Corvino, que bateu n'aquelle sancto rapaz, Pancracio?

Corvino estava a poncto de estalar de raiva; mas Fulvio conteve-o com um gesto, e, intervindo a tempo, disse com affectada indifferença:

—Esse Cassiano é, segundo ouvi dizer, um excellente mestre: dizei-me: onde mora elle?

Fulvio bem sabia que seu companheiro desejava conhecer a sua morada, e esta pergunta o tranquillisou.

Torquato respondeu:

— Elle mora... onde?... Não, não! não quero ser traidor. Não! estou prompto a deixar-me queimar e torturar, e a morrer pela minha fé; mas não a trahir ninguem, isso não!

— Deixae-me tomar vosso logar, Corvino, disse Fulvio, vendo que Torquato cada vez tomava mais interesse no jogo.

Elle desenvolveu bastante habilidade, para tornar o seu antagonista mais attento e mais reservado.

Parou por uma quantia muito maior.

Torquato depois de um momento de reflexão, acceitou, e ganhou.

Fulvio pareceu contrariado. Torquato arriscou dupla quantia.

Fulvio mostrou hesitar, mas arriscou egual somma, e tornou a perder.

Continuaram a jogar em silencio: ambos perdiam uma vez, ganhavam outra; mas Fulvio já levava vantagem, e era dos dois, o que havia junctado maior monte.

De repente Torquato olha para a mesa, e estacou, estremecendo. Afigurava-se-lhe vêr o bom Polycarpo por detraz da cadeira do seu adversario. Esfregou os olhos e viu que era Corvino que o observava.

Começou a pôr em acção toda a sua pericia. Abafava a voz da consciencia; a fé vacillava; e a graça já se havia ausentado. O demonio da cobiça, da rapina, do vicio e da desgraça voltára, trazendo comsigo septe espiritos, peiores ainda do que elle, para apoderar-se d'aquella bem formada, mas desgarrada alma; e, quando entraram, d'ella saiu tudo quanto ahi havia de sancto e de bom. Finalmente, fatigado pelas repetidas perdas, e pelas contínuas libações, n'um momento de phrenesim, depois de ter por muitas vezes recorrido á bolsa, que Fabiola lhe tinha dado, lançou-a sobre a mesa.

Fulvio vasou-a friamente, contou o dinheiro, e oppôz egual somma.

Ambos se prepararam para uma ultima tentativa.

Os fataes dados cairam; ambos olharam para seus lanços em silencio e com avidez.

Fulvio ganhára, e puxou o dinheiro para si.

Torquato caiu sobre a mesa, e escondeu a cabeça entre as mãos.

Fulvio acenou a Corvino para que saisse.

Torquato batia os pés; gemia, rangia os dentes e soluçava; levou as mãos á cabeça e começou a arrancar os cabellos.

Uma voz parecia dizer-lhe ao ouvido:

— És tu christão?

Qual dos septe monstros seria? De certo, era o peior!...

— Já não ha remedio, nem esperança, continuava a voz, insultaste e trahiste a tua religião!

— Não! não! bradava o desgraçado.

— Sim! na tua embriaguez, disseste-nos a todos quanto basta, para que te seja impossivel voltar para aquelles a quem atraiçoaste.

— Vae-te! vae-te! exclamava, cheio de afflicção, o amargurado peccador. Elles perdoar-me-ão. Deus...

— Cala-te! Não profiras esse nome: estás condemnado, irremissivelmente perdido! És um mendigo, ámanhã tens de esmolar o teu pão. És um louco, um prodigo, um jogador arruinado. Quem te verá com bons olhos? Os teus amigos christãos? E, todavia, tu és christão; e por isso tens de soffrer uma morte cruel, sendo feito em pedaços, sem que, comtudo, elles te adorem como seu martyr. És um hypocrita, Torquato, e nada mais.

— Quem é que está a atormentar-me? exclamou este, olhando em torno de si.

Fulvio estava em pé a seu lado, com os braços cruzados.

— E, continuou Torquato, se tudo isso é verdade, que mais tens que dizer-me?

— Muito mais do que pensas. Trahiste o teu segredo, e és meu. Sou senhor do teu dinheiro (e mostrou-lhe a bolsa de Fabiola), do teu segredo, do teu socego, da tua vida!

«Basta só que eu notifique a teus correligionarios o que disseste e fizeste esta noite, para que não ouses tornar a apparecer ante elles. Já posso largar sobre ti aquelle touro, aquelle *perverso,* aquelle *bruto,* como lhe chamaste, mas que é filho do prefeito da cidade, a fim de que se apodere de tua pessoa (o que depois da tua provocação ninguem póde impedir), e ámanhã serás conduzido ante o terrivel tribunal de seu pae, para morreres pela religião que trahiste e deshonraste.

«Estás disposto agora, tu que ainda vacillas e cambalêas como um jogador embriagado, a ires representar o christianismo no tribunal do *Forum?*

O homem que acabava de commetter tam graves faltas não se sentia com força de imitar o filho prodigo no arrependimento, como no peccado o imitára.

A esperança estava n'elle morta; e tanto terreno ganhára o peccado em seu coração, que quasi se mostrava insensivel ao remorso.

Conservou-se silencioso, até que Fulvio o despertou, perguntando-lhe:

— Vamos, já escolhestes de duas coisas uma? ou ir primeiro pedir perdão aos christãos, ou ser levado, já ámanhã, para o tribunal. Por que optaes?



Fulvio estava a seu lado... (Pag. 139).

Torquato levantou os olhos para elle, em attitude de supplica, e respondeu:

— Nem por uma, nem por outra coisa.

— Então qual a vossa resolução? perguntou Fulvio, fascinando-o com seus olhos de aguia.

— Tudo o que quizerdes, menos qualquer das duas coisas que acabaes de propôr-me.

Fulvio sentou-se a seu lado, e, com voz commovida, disse:

— Agora, Torquato, escutae-me: fazei o que vos disser, e tudo vos

correrá bem. Tereis casa, bom alimento, roupa e até dinheiro para jogar, se fizerdes o que vou aconselhar-vos.

—Que quereis que eu faça?

—Levantae-vos, ámanhã, como de costume, e conservando a vossa apparencia de christão, ide afoitamente encontrar-vos com os vossos amigos; obrae como se nada acontecêra; mas depois haveis de contar-me tudo.

Torquato suspirou:

—Ser traidor!...

—Qualificae este proceder como quizerdes; isso, ou a morte! e a morte lenta no meio de chammas. Ouço Corvino que passeia impacientemente no pateo. Vamos: que escolheis? respondei depressa.

—Tudo! menos a morte!

Fulvio saiu, e achou o seu amigo transportado de raiva, em consequencia do vinho que tinha bebido; e só com grande difficuldade pôde socegal-o.

Corvino havia quasi esquecido Cassiano, mas o seu odio acabava agora de despertar-se de novo, e ardia em desejos de vingar-se.

Fulvio prometteu-lhe indagar onde Cassiano vivia, procurando com esta promessa evitar alguma scena violenta.

Tendo despedido Corvino, que desesperado se retirou para casa, voltou para juncto de Torquato, a quem queria acompanhar, a fim de lhe mostrar a sua nova habitação.

Apenas saíra da sala, sua victima havia-se levantado da cadeira onde se sentára, e, passeando pela casa, procurava recuperar, com os sentidos, a tranquillidade habitual. Mas era trabalho baldado; tinha a cabeça perturbada pela embriaguez e pelas emoções do jogo; estava como em vertigem.

Parecia-lhe que a casa gyrava em torno de si, e, ora se levantava, ora descia; sentia-se doente, e o coração batia em descompassadas pulsações. A vergonha, o remorso, o desprezo de si mesmo, o odio aos que o perdiam e a si, a desolação, e o desespero dos reprobos, quaes as escuras vagas do oceano, que sobem crescendo sempre, invadiram sua alma.

Incapaz de sustentar-se em pé, estendeu-se sobre um coxim, e, chorando, escondeu o rosto em suas mãos geladas.

E ainda assim, tudo gyrava em torno d'elle, e retinia-lhe aos ouvidos um som atroador.

*

Fulvio veiu encontral-o n'este estado, e tocou-lhe no hombro para o despertar.

Torquato estremeceu, e abrindo os olhos espantado, exclamou em convulsões:

—Não é esta a voragem de Charybdes?!



SEGUNDA PARTE



[1]

SEGUNDA PARTE

CAPITULO I

O CONFLICTO

As scenas que havemos exposto aos olhos do leitor tiveram logar n'um d'aquelles periodos, mais de tolerancia que de paz, que, ás vezes, mediava d'uma a outra perseguição.

Ouvimos, durante esse tempo, alguns boatos de guerra, e que havia ordem para recomeçar a perseguição; já, no que fica dicto, tivemos occasião de mostrar que tudo para isso se preparava.

[1] Diogenes, o coveiro, depositado em paz, oito dias antes do mez de outubro. *Vida de S. Sebastião.* Boldetti, I. 15, p. 60.

O rugir dos leões no amphitheatro, que impressionou, mas não fez tremer a Sebastião, as noticias vindas do Oriente, os projectos de Fulvio, e a satisfação de Corvino, tudo nos deixa crêr que, em breve, vae começar a oppressão, e que o sangue christão correrá em torrentes mais caudaes que aquellas que já regaram o Paraizo da Nova Lei.

A egreja, sempre socegada e previdente, observa attenta os signaes precursores d'este combate terrivel, e se dispõe para a lucta.

Do momento em que começa a armar-se pressurosa para sair á arena daremos nós principio á segunda parte de nossa narração.

Começava o tremendo combate. Pelos fins de outubro, um mancebo que para nós não é desconhecido, bem embuçado na sua capa, porque era já noite, seguia silenciosamente seu caminho, atravez dos estreitos beccos do bairro chamado da Subarra; região cuja extensão e exacta situação se não sabem hoje ao certo; mas que ficava nas immediações do Forum. Como o vicio está quasi sempre ligado com a miseria, não admirará dizermos que ambos tinham tornado este sitio dominio exclusivamente seu.

Pancracio (pois era elle) parecia não conhecer bem esta parte da cidade, e só depois de ter dado bastantes voltas, pôde atinar com a rua que procurava. Comtudo, não havendo numeros nas portas, saber qual era a casa a que se dirigia era um problema difficil de resolver. Procurou a mais bonita d'aquella rua; e agradando-lhe particularmente o aceio e a boa ordem que caracterisavam uma d'ellas, e a distinguiam de todas as outras, bateu á porta.

Veio abrir-lh'a um velho, cujo nome já aqui não apparece a primeira vez: era Diogenes.

Era elle um homem alto, um pouco curvado, mas largo dos hombros, que pareciam habituados a supportar grandes pêsos.

Seus cabellos pareciam fios de prata, e pendiam em derredor d'uma cabeça bastante grande; as feições eram muito pronunciadas, e tinham uma expressão de melancolia: ainda que sereno, seu rosto dava ares de solemne tristeza. Parecia um homem que vivera muito tempo entre os mortos, e que se julgava mais feliz na companhia d'elles.

Seus dois filhos, Majo e Severo, mancebos de estatura athletica, viviam com elle. O primeiro estava esculpindo, ou, para melhor dizer, arranhando um rude epitaphio, sobre uma velha lapide de marmore, em cujo verso ainda se descobriam os vestigios da inscripção de uma sepultura pagã, rudemente apagados pelo seu novo possuidor. Pancra-

cio olhou para a obra que elle tinha entre mãos, e sorriu-se; por acaso havia uma palavra bem escripta, e nenhuma oração estava correcta, era assim:

DE BIANOBA
POLLECLA QVE ORDEV
BENDET DE BIANOBA. [1]

O outro fazia uma tosca pinctura representando Jonas devorado pela baleia, e Lazaro levantando-se de entre os mortos, ambos desenhados com carvão sobre uma taboa; esboço que bem se via ser feito para servir de modêlo á obra mais perfeita.



O outro fazia uma tosca pintura...

Mais longe via-se uma enxada, em que Diogenes, antes de vir abrir a porta, estava pondo um cabo.

[1] Da rua Nova.
«Pollecla, que vendia cevada na rua Nova.» (Achou-se esta inscripção no cemiterio de Callisto).

Estas diversas occupações de familia poderiam surprehender um estranho, mas não o joven recem-chegado, que bem sabia que aquella boa gente exercia o honroso e religioso emprego de *Fossores* ou coveiros nos cemiterios christãos. Diogenes era o chefe, e o director de todos os d'aquella classe.

Alguns modernos antiquarios asseveram que, segundo escreve S. Jeronymo e um auctor anonymo contemporaneo d'elle, os *Fossores* eram uma especie de ordem ecclesiastica, assim como os *lectores* ou leitores, na primitiva egreja.

Mas, com quanto esta opinião seja admissivel, inclinamo-nos a suppôr que os deveres d'este emprego eram desempenhados por seculares, que a auctoridade ecclesiastica nomeava.

O mesmo systema que sempre empregavam em cavar, arranjar e dispôr os numerosos cemiterios que havia proximo de Roma; systema tão completo desde o seu principio, que nunca soffreu melhoramento, nem mudança alguma com o tempo, leva-nos a accreditar que taes obras eram dirigidas pelo mesmo individuo, e feitas por homens que n'esse mister se haviam associado. Não era uma sociedade de coveiros, que especulavam com o seu officio, mas sim uma especie de piedosa confraria que para tal fim se tinha formado.

Um grande numero de interessantes inscripções, achadas no cemiterio de Sancta Ignez, prova que esta occupação passava de paes a filhos, que no mesmo logar successivamente a exerciam. [1]

Facilmente se comprehende a grande practica que deviam ter, motivo por que se explica a regularidade que havia nas catacumbas. Mas os *Fossores* tinham, além d'isso, outra regalia de exercerem certa jurisdicção no mundo dos mortos.

Ainda que a egreja fornecia o espaço para sepultar seus filhos, era vulgar vêr alguns pagarem as sepulturas, quando escolhidas em um logar privilegiado, como, por exemplo, na proximidade da sepultura de um martyr.

N'este caso, os coveiros eram que faziam estes contractos, a que muitas vezes se allude nas inscripções dos antigos cemiterios. Ainda existe no Capitolio a seguinte:

1 Descripção dada por F. Marchi na sua *Architectura de Roma christã subterranea*, 1844; obra a que recorremos.

EMPTV LOCVM AB ARTEMISIVM VISOMVM HOC EST
ET PRAETIVM DATVM FOSSORI HILARO IDEST
FOL NOOD PRAESENTIA SEVERI FOSS ET LAVRENTI.

Quer dizer: «Esta é a sepultura para dois corpos, comprada por Artemisio; e cujo preço foi dado ao Fossor Hilario, isto é, bolsas...[1] na presença de Severo, o Fossor, e de Lourenço.»

Provavelmente o ultimo nome era o da testemunha por parte do comprador, e Severo era a do vendedor.

D'est'arte parece-nos o já dicto bastante para que o leitor possa bem conhecer a profissão de Diogenes e seus filhos.

Tornamos a encontrar Pancracio rindo do rude ensaio na arte de esculptura em que Majo estava occupado; e, pouco depois, lhe perguntou:

—Sois vós que insculpís todas estas inscripções?

—Oh! não, respondeu o artista, sorrindo tambem, eu só as faço para os pobres, que não podem pagar a pessoa mais habil. Esta era uma excellente mulher, que tinha uma pequena loja na *Via nova*, e que, como podeis suppôr, não podia ser rica, principalmente sendo, como foi, muito honesta. Mas uma exquisita lembrança me veiu á mente, em quanto gravava este epitaphio.

—Qual foi, Majo?

—Foi que, talvez d'aqui a alguns milhares de annos, haja christãos que leiam com respeito as garatujas que fiz na parede, e que por



ellas se lembrem com sympathia da pobre Pollecla e da sua loja, ao passo que o mesmo não succederá ás dos imperadores que teem per-

[1] O numero não está intelligivel.

seguido a egreja. Todavia não posso bem imaginar como os soberbos mausoleus d'estes soberanos possam caír em ruinas, e conservar-se nas vindouras edades a memoria d'uma pobre vendedeira. Que é o que póde em nós actuar para pensarmos assim?

—É simplesmente poder melhor transmittir-se á posteridade a memoria de um pobre virtuoso, que a de um rei malvado. Minha tosca inscripção será, talvez, lida ainda depois de alguns arcos triumphaes haverem desabado. Mas não a achaes tam mal feita?

—Isso pouco importa! a sua simplicidade excede o mais aquilatado primor. Mas que lapide é aquella, que alli vejo encostada á parede?

—Ah!... é uma bella inscripção que trouxeram para nós collocarmos: reparae que o auctor e o gravador foram duas differentes pessoas. É para ir para o cemiterio da habitação da dama Ignez na via Nomentana. Sei que é destinada a honrar a memoria de uma linda creança, cuja morte foi muito sentida por todos os parentes da dama.

Pancracio approximou uma luz da lapide, e leu o seguinte:



O innocente joven Dionysio jaz aqui, entre os sanctos. Queira elle interceder por mim, o *escriptor* e o *gravador*.

— Querido mancebo! continuou Pancracio, depois de ter lido a inscripção: em tuas orações juncta-me a mim, leitor, ás do escriptor e gravador d'este epitaphio, para tambem rogares por mim.

— *Amen!* respondeu a piedosa familia.

Pancracio voltou-se, porque notou um certo estremecimento na voz de Diogenes, e viu o velho attentamente occupado em acabar de cravar uma cunha que havia mettido no cabo da enxada, para ficar mais bem seguro; e que, de vez em quando, como sentindo sua vista perturbada, passava a mão pelos olhos.

— Que é isso, meu velho amigo? disse o mancebo commovido. Que particularidade tem este epitaphio, para assim vos sensibilisar?

— Nenhuma em si mesmo; mas recorda-me tanta coisa do passado, e causa-me tanta sensação, que me impressionei, ouvindo sua leitura.

— Que pezares são esses, Diogenes?

— Quaes? Parece-vos coisa muito simples pegar em uma creança como Dionysio, envolta na sua branca mortalha, exhalando suaves perfumes e sepultal-a? Os parentes choram, mas em breve o esquecem. Mas é coisa muito differente, mesmo para um coração, como o meu, endurecido pelo habito (tornou a levar a mão aos olhos), pegar apressadamente nas carnes rasgadas e nos membros esmagados d'esta innocente creança, envolvel-os n'um grosseiro panno, depois n'um outro cheio de cal, em vez de balsamos, e fechal-os precipitadamente na sepultura [1]. Quanto desejaria eu tractar de outra fórma os restos do joven martyr!

— E' verdade, Diogenes; mas um bravo guerreiro prefere a simples campa de um soldado, no campo da batalha, ao rico sarcophago da *Via Appienna.* E são as scenas que descreveis vulgares em tempo de perseguição?

— Vulgarissimas, meu joven senhor! De certo que um mancebo, virtuoso como vós, deve ter visitado, na epocha do anniversario, a campa de Restituto no cemiterio Hermes.

— Sim, visitei, e muitas vezes tenho desejado soffrer o martyrio, como elle, tam joven. Fostes vós quem o sepultou?

— Sim; e seus parentes mandaram-lhe erigir um bello monumento, no *arcolosium da sua crypta* [2]. Meu pae e eu a fizemos de seis bellas

[1] No cemiterio de Santa Ignez acharam-se em diversas sepulturas montes de cal em que se achavam impressas as fórmas dos cadaveres. Quanto aos balsamos, Tertulliano observa que, «os arabes e sabinos sabiam que os christãos consumiam mais, annualmente, com os seus mortos, do que os pagãos com os seus idolos.»

[2] Mais tarde daremos explicação d'estes termos.

lapides de marmore, que á pressa podémos arranjar, e gravei a inscripção que alli se vê.

—Julgo que no mister de gravador me havia melhor do que Majo, ajunctou o bom velho, já com maneiras mais prasenteiras.

—O que dizeis a vosso respeito é verdade, meu pae, replicou o mancebo, tambem sorrindo; mas existe uma cópia da inscripção que fizestes, accrescentou elle, tirando de entre muitas outras uma folha de pergaminho.

—Lembro-me d'ella perfeitamente, disse Pancracio, olhando para o pergaminho e lendo o seguinte, corrigindo, emquanto lia, os erros de orthographia, mas não os de composição:

AELIO FABIO RESTVTO
FILIO PIISSIMO PARI N
TES FECERVNT QVIVI
XIT ANNI. S. XVIII MENS
VII INIRENE.

A Aelio Fabio Restituto, seus affectuosos paes dedicaram este monumento.
Viveu dezoito annos e septe mezes em paz.

Pancracio exclamou:

—Que glorioso joven! ter morrido por confessar Christo em tal edade!

—Sem duvida, replicou o velho; mas acaso suppondes que o seu corpo se acha sósinho no feretro? Qualquer pessoa á vista da inscripção julgará o mesmo.

—Certamente, eu sempre assim o julguei. Não é assim?

—Não, nobre Pancracio, um outro companheiro repousa no mesmo leito funebre. Quando fechavamos a campa de Restituto, trouxeram-nos o cadaver de um rapaz de doze a treze annos de edade. Oh! nunca esquecerei tão pathetico espectaculo. Tinham-no exposto ao fogo, e a cabeça, o tronco e todos os membros até ao joelho, estavam queimados até deixarem ver os ossos, e tão desfigurado estava, que não era possivel reconhecel-o. Pobre anjo! como devia ter soffrido! Mas porque o havemos de lastimar? Como vos disse, o tempo urgia; e julgamos que o martyr de dezoito annos não recusaria um logar ao de doze,

antes o receberia como irmão; por isso o collocamos aos pés de Aelio Fabio. Não podémos pôr uma mancha do seu sangue na pedra, para se saber que alli repousava mais um martyr, pois o fogo lhe tinha seccado o sangue nas veias. [1]

—Que nobre mancebo!... O primeiro era mais velho; mas o outro era mais joven do que eu. Que dirieis, Diogenes, se, dentro de poucos dias, houvesseis de render me os mesmos serviços?

—Oh! não, espero que não, disse o velho coveiro, com voz sumida. Não me falleis em similhante coisa. Ficae certo de que minha vez chegará antes da vossa. Nem sempre hão de ser poupadas as velhas arvores, e as tenras plantas cortadas antes do tempo.



O que dizeis a vosso respeito...
(Pag. 158)

—Vamos, meu bom amigo, não desejo affligir-vos. Já quasi me ia esquecendo de dar-vos o recado que vos trago. Vem a ser que, ámanhã, ao cair da tarde, deveis ir a casa de minha mãe, para ahi tractarmos de ver como havemos de arranjar cemiterios, em vista da nova perseguição que se approxima. Encontrareis o nosso Sancto Papa e todos os padres das egrejas, bem como os diaconos regionarios, os notarios, cujo numero está preenchido; e, a vossa presença, como chefe dos *Fossores*, torna-se necessaria para tudo se combinar.

—Não faltarei, Pancracio, replicou Diogenes.

1 A 22 de abril de 1823 encontrou-se intacta esta sepultura.

Abrindo-se, encontraram-se ossos, polidos como marfim, parecendo ser o craneo de um rapaz de dezoito annos, e divisava-se uma mancha de sangue.

Com a cabeça para os pés d'este estava outro esqueleto de um rapaz de doze para treze annos, muito negro e tisnado, principalmente na parte superior do corpo, estando os outros ossos mais claros. Estes dois corpos, ricamente vestidos, repousam ao lado um do outro, no altar-mór da egreja do actual collegio dos Jesuitas, no Loreto.

—E agora, disse o mancebo, tenho um favor a pedir-vos.

—Um favor a mim?! exclamou o velho admirado.

—Sim; e parece-me que podeis n'este momento começar a satisfazer meus desejos. Tendo tido occasião de visitar, por devoção, os nossos cemiterios, nunca me foi possivel estudal-os e examinal-os, e folgaria de poder fazel-o em vossa companhia; pois ninguem como vós póde sobretudo elucidar-me.



Oh! não, espero que não... (Pag. 159)

—Tenho n'isso grande prazer, respondeu Diogenes, um tanto lisongeado pelo cumprimento; mas ainda mais contente por ver a veneração e apreço que seu joven amigo dava ás catacumbas. Logo que haja recebido algumas instrucções que espero, irei encontrar-me comvosco, juncto do cemiterio de Callisto. Achar-me-ei perto da Porta Capena, meia hora antes do meio-dia, e proseguiremos junctos.

—Mas eu não vou só, observou Pancracio. Dois jovens recentemente baptisados, desejam muito conhecer os nossos cemiterios, que ainda não viram, e pediram-me que ahi os conduzisse.

—Bem vindos serão sempre os vossos amigos. Dizei-me os seus nomes, para que não vamos expôr-nos a alguma imprudencia.

—Um d'elles é Tiburcio, filho do ex-prefeito Chromacio; o outro é um mancebo chamado Torquato.

Severo reflectiu um pouco, e disse:

—Tendes confiança n'este ultimo, Pancracio?

Diogenes retorquiu:

—Basta elle vir na companhia de Pancracio para merecer confiança.

—Confesso, respondeu Pancracio, que não o conheço tam bem como a Tiburcio, que é realmente muito bom rapaz. Comtudo, Tor-

quato parece interessar-se por conhecer os nossos recursos, e mostra-se-nos dedicado.

—Que receaes, Severo?

—Nada, era... Mas esta manhã dirigia-me para o cemiterio, e ao voltar para os Banhos de Antonino... [1]

—Que! exclamou Pancracio, rindo, tambem visitaes logares da moda?

—Não é isso, replicou o modesto artista, deveis lembrar-vos que Cucumio, o *capsario* [2], e sua mulher são christãos.

—E' possivel?! quando os encontraremos?

—E' verdade, e tanto assim, que elles estão fazendo uma sepultura para si no cemiterio de Callisto, e Majo esculpindo uma inscripção para ella.

—Eil-a, disse este, mostrando-a.

Era assim:

CVCVMIO ET VICTORIA
SE VIVOS FECERVNT
CAPSARIVS DE ANTONINIANAS. [3]

—Muito bem! exclamou Pancracio, a quem divertiam os erros do epitaphio; mas não esqueçamos Torquato.

—Ao entrar no edificio, continuou Severo, fiquei surprehendido de vêr, a um canto, áquella hora da manhã, Torquato em intima conversação com o filho do prefeito, Corvino, o fingido côxo, que se introduziu em casa da dama Ignez, como estareis lembrado, quando um caridoso desconhecido (Deus o abençoe!) deu avultadas esmolas aos pobres. Não julguei similhante companhia, a tal hora e em tal logar, digna d'um christão.

—Tendes razão, Severo, replicou Pancracio, subindo-lhe a côr ao rosto; mas ha ainda pouco tempo que elle abraçou a nossa fé, e, provavelmente, os seus conhecidos e amigos antigos não sabem de tal mudança. Não queiramos nunca julgar o peior.

[1] Mais conhecidos pelo nome de Banhos de Caracalla.

[2] O empregado que arrecadava a roupa dos que vinham aos banhos, derivado do termo *capsa*, caixa ou bahu.

[3] Cucumio e Victoria fizeram a tumba para si mesmos, em quanto vivos. *Capsario* dos banhos Antoninos. Achada no cemiterio de Callisto, primeiramente publicada por F. Marchi, que, por engano, a attribue ao cemiterio de Pretextato.

Pancracio levantára-se para sair, e os dois offereceram-se para o acompanhar, até o verem a salvo, fóra d'aquelle immundo e pouco seguro districto.

Elle acceitou gostoso o seu offerecimento, e deu as boas noites ao bom velho coveiro.





CAPITULO II

M. ANTONI VS. RESTVTV S. FECIT. YPO CEVSIBI. ET SVIS. FIDENTI BVS. IN. DOMINO [1]

Parecerá, talvez, que nos esquecemos de uma pessoa de cujo caracter e sentimentos nos occupamos, no começo da nossa historia, a piedosa Lucina. Suas virtudes eram tam realçadas pela modestia, que evitavam o contacto do mundo, e não aspiravam a fazer-se admirar.

Sua casa, além de ser, ou antes, de conter uma pequena egreja, lograva agora a honra de ser a residencia do Summo Pontifice.

A noticia de uma violenta perseguição, na qual os chefes do reino espiritual de Christo deviam, infallivelmente, ser os primeiros procurados, como inimigos de Cesar, tornou necessario transferir a residencia do Cabeça visivel da Egreja para asylo mais seguro.

N'este intuito escolheram a casa de Lucina; e, com grande satisfação sua, continuou a servir no seguinte pontificado, quando ahi alojaram os animaes ferozes, obrigando o papa Marcello a sustental-os; odiosa determinação que, em breve, motivou a morte d'este homem virtuoso.

Lucina, admittida aos quarenta annos [2] na ordem das diaconizas,

[1] Marco Antonio Restituto fez esta sepultura subterranea para elle e sua familia, que confia em Deus. Achado no cemiterio de S. Nereu e Santo Achilleu.

É singular que na inscripção da sepultura do martyr Restituto, que já mencionamos no ultimo capitulo, assim como n'esta, omittissem uma syllaba do nome que torna a pronuncia defeituosa.

[2] Sessenta annos eram a edade ordinaria da admissão, mas algumas vezes, por excepção, concedia-se esta graça aos quarenta annos.

achou uma sancta consolação no desempenho dos deveres do seu novo cargo.

O ensino e vigilancia sobre as mulheres que se occupavam no serviço da Egreja, o cuidado dos doentes pobres do seu sexo; a feitura e conservação dos paramentos sacros, e o trabalho de ensinar os filhos dos convertidos que se preparavam para o baptismo; tudo isto juncto aos trabalhos domesticos, eis a occupação da nova diaconiza.

No desempenho d'estes deveres Lucina empregava gostosamente sua vida.

Os maiores desejos do seu coração pareciam estar satisfeitos.

Seu filho tinha-se offerecido a Deus, e esperava pelo momento de derramar seu sangue pela fé. Velar e orar por elle era o seu maior prazer, e mais um cuidado para junctar aos outros.

De manhã cedo, no dia marcado, o encontro que mencionamos teve logar. Bastará dizer que n'esta reunião deram-se as instrucções precisas para se augmentar a collecta das esmolas, que deviam ser applicadas a alargar os cemiterios e enterrar os mortos, soccorrer os homisiados, sustentar os prêsos, ter communicação com elles, e finalmente resgatar os corpos dos martyres.

Nomeou-se um notario para cada região, a fim de que escrevesse as actas de seu martyrio, e registasse todos os acontecimentos notaveis. Os cardeaes ou padres titulares receberam instrucções para a administração dos sacramentos, mórmente da Sagrada Eucharistia, durante a perseguição; a cada um se assignou um ou mais cemiterios, e era nas egrejas subterraneas que deviam celebrar os officios divinos.

O sancto Pontifice escolheu para si o cemiterio de Callisto; tornando-se por isso Diogenes o chefe dos coveiros, com o que se orgulhava innocentemente.

O bom velho parecia mais alegre que nunca, sem que o perturbassem os rumores da proxima perseguição.

Nenhum commandante perito e de genio teria dado mais concisas e decididas ordens aos seus subalternos, na defeza de uma praça entregue á sua pericia, do que elle as deu aos seus subordinados, superintendentes dos diversos cemiterios de Roma, que vieram a sua casa receber as instrucções da assembléa superior. A sombra da columna juncto da Porta Capena mostrava ser meio dia, quando elle saíu com seus dois filhos, e encontrou logo os tres mancebos, que os estavam esperando.

Seguiram todos pela Via Appia, e, a pouco mais ou menos, tres milhas da barreira,[1] entraram por varios caminhos (por entre algumas sepulturas que haviam na estrada) na aldeia do mesmo nome, á direita.

Aqui acharam tudo o necessario para descerem ás catacumbas: archotes, lampadas, e o com que accendessem as luzes. Severo propôz que, como os guias e os visitadores eram em egual numero, se separassem dois a dois; e então elle escolheu Torquato para seu companheiro. A razão d'isto facilmente podemos suppôl-a.

Seria, de certo, tediosa para os leitores a narração de toda a conversação dos seis individuos que entraram nas catacumbas.



Diogenes, não só respondia a todas as perguntas, mas, de quando em quando, descrevia interessantemente os objectos que poderiam despertar maior curiosidade.

Julgamos, porém, que nos tornaremos menos fastidiosos, abreviando as suas descripções. Além de que, os leitores preferirão, provavelmente,

[1] Hoje da porta ou barreira de S. Sebastião. A antiga porta Capena ficava mais proxima uma milha.

ter alguma noticia ácerca d'aquellas maravilhosas escavações, atravez das quaes vamos conduzir os nossos jovens peregrinos.

A historia dos primeiros cemiterios christãos, as *catacumbas*, como vulgarmente lhes chamavam, póde dividir-se em tres differentes periodos: desde a sua origem até á epocha da nossa narração, ou alguns annos mais tarde; desde esse tempo até ao oitavo seculo; e desde então até ao seculo actual, em que esperamos haver de começar uma nova era para os cemiterios christãos. Geralmente, evitamos o uso do nome *catacumbas*, para não fazer pensar erradamente aos nossos leitores que era este o nome original ou generico das cryptas christãs.

Não era assim: Roma podia dizer-se cercada por uma circumvalação de cemiterios, em numero de sessenta, proximamente, cada um dos quaes era geralmente conhecido pelo nome de um sancto, ou sanctos, que ahi jaziam.

Eram d'este numero os cemiterios de S. Nereu e Achilleu, de Sancta Ignez, S. Pancracio, S. Pretextato, Priscilla, Hermes, etc.

Algumas vezes eram conhecidos tambem pelo nome dos logares onde se achavam edificados [1]. O cemiterio de S. Sebastião [2], a que tambem algumas vezes chamavam *Cœmiterium ad Sanctam Cœciliam,* e ainda por outros nomes, tinha entre elles o de *Ad Catacumbas.*

A exacta significação d'esta denominação é completamente desconhecida; ainda que se póde attribuir á circumstancia de terem alli estado sepultadas, por algum tempo, as reliquias de S. Pedro e S. Paulo, em uma crypta, que, ainda ha pouco, existia juncto do cemiterio.

Generalisou-se, em pouco tempo, o uso d'este nome, e a todas as escavações subterraneas, feitas para o mesmo fim, se ficou chamando *Catacumbas.*

A sua origem foi ainda no seculo passado assumpto de controversia.

Baseando-se sobre duas ou tres vagas e equivocas inscripções, que haviam lido, alguns sabios escriptores concluiram serem as *Catacumbas,* originariamente, escavações feitas pelos pagãos, a fim de extrahirem d'alli areia para a edificação da cidade.

As escavações feitas com esse fim chamavam-se *Arenaria,* e pelo mesmo nome foram depois conhecidos alguns cemiterios christãos.

[1] Como: *Ad Nymphas, ad Ursum pileatum, Inter duas lauros, Ad Sextum Philippi,* etc.

[2] Perto do tumulo de Sancta Cecilia.

Mas um exame mais scientifico e minucioso, particularmente feito pelo erudito F. Marchi, destruiu inteiramente esta theoria.

A entrada para as catacumbas via-se em algumas partes, e ainda se vê a das *Arenarias*, que tambem eram subterraneos, e sem duvida muito a geito de illudir a vigilancia dos prefeitos, pois que os christãos nunca n'ellas sepultavam os seus mortos, nem as convertiam em cemiterios.

Aquelles que queriam tirar a areia faziam uma cova pouco profunda e de facil accesso, para sem difficuldade a removerem; e faziam a escavação apenas com a profundidade que permittisse a solidez do terreno e o consumo que davam ao material.

Tudo isto ainda se observa nas *Arenarias,* que abundam em torno de Roma.

As catacumbas eram, porém, construidas por fórma totalmente diversa.

Cavavam primeiramente na superficie do terreno, quasi todo de areia movediça [1], um pequeno espaço, começando á medida que iam profundando, a formar degraus, até ter descido o bastante para encontrar um terreno mais solido, quasi com a consistencia da pedra, e no qual as ferramentas trabalhavam com bastante difficuldade.

Faziam então uma especie de patamar, e continuavam a descer, formando degraus a um segundo e ainda a um terceiro patamar, todos construidos com muita regularidade. As catacumbas dividiam-se em tres partes, passagens ou caminhos, camaras ou aposentos, e egrejas.

As passagens eram longas e estreitas galerias, regularmente dispostas, em que apenas cabiam duas pessoas de fundo.

Algumas vezes estas galerias tinham grande extensão, eram atravessadas por outras, formando um completo labyrintho ou rêde de corredores subterraneos.

Aquelle que n'estes labyrinthos se perdesse, tinha em grande risco a vida.

Mas estas passagens não eram simplesmente feitas para servirem de caminhos.

As paredes eram cheias de sepulturas, isto é, differentes ordens

[1] Areia vermelha volcanica, chamada *Pozzolana,* muito empregada no cimento romano.

de escavações, feitas lateralmente, pequenas e grandes, para poderem admittir desde uma creança até o corpo de um homem alto.

Algumas vezes, vêem-se em numero de doze ou quatorze, outras apenas tres ou quatro, umas por cima das outras.

Estas escavações são feitas tanto á medida dos corpos, que bem se vê que elles estavam ao pé, em quanto as faziam.

Quando o corpo, embrulhado como Diogenes descreveu, era depositado na estreita escavação, a frente era hermeticamente fechada por uma prancha de marmore, ou, o que mais frequentemente acontecia, por alguns tijolos, que eram depois caiados.



Quando o corpo estava depositado na sua estreita escavação...

Esculpia-se a inscripção no marmore, ou toscamente se riscava na argamassa com que os tijolos eram cobertos.

Das lapides que primeiro descrevemos existem alguns milhares, nos museus de diversos paizes, e em muitas egrejas catholicas; das ultimas que, como dissemos, eram grosseiramente riscadas, muitas teem sido copiadas e publicadas; havendo, além d'estas sepulturas, muitas anonymas, que não tinham a menor indicação. Parece-nos muito natural que o leitor nos pergunte agora a que epocha remonta a construcção das catacumbas, e quaes os limites d'ellas. Procuraremos satisfazêl-o o mais breve e simplesmente possivel.

Nada ha que nos indique outro logar que os christãos adoptassem para as sepulturas, anteriormente á construcção das catacumbas.

Dois principios, tão antigos como o christianismo, deram origem a este modo de sepultar. O primeiro é a fórma por que Christo foi se-

pultado. Foi elle depositado n'uma escavação, envolto em pannos, e ungido com oleos aromaticos, e uma pedra fechou o seu sepulchro.

Como S. Paulo muitas vezes o aponcta para modêlo de nossa resurreição, e nos falla em sermos sepultados com Elle no baptismo, era natural que os discipulos desejassem ser enterrados á similhança do Mestre, para se acharem promptos a erguer-se com Elle.

Esta idéa de esperar pela resurreição foi o segundo pensamento, que concorreu para a formação d'estes cemiterios.

Todas as expressões que alli se liam, alludiam á crença de um dia os corpos sepultados se erguerem resurgidos.

Na restricta accepção, a palavra enterrar era desconhecida, se bem avaliarmos as inscripções christãs.

«*Depositado em paz,*» e «*Deposição de*»,— eram as expressões usadas, e queriam dizer: — os mortos se demorarão aqui algum tempo, até de novo serem chamados; qual objecto precioso, confiado a um depositario fiel, em quanto o dono d'elle não carece.

O proprio nome de cemiterio indica um logar onde muitos jazem, como em um dormitorio, entregues a profundo somno; até que o dia chegue, em que os sons da trombeta do juizo final os despertem.

D'aqui provém chamarem sepulturas «ao logar,» ou, mais technicamente, «a estreita morada [1] dos que morreram em Christo.»

Estas duas idéas, que junctas fizeram conceber o plano das catacumbas, não eram, pois, como vêmos, um luxo dos christãos; e, nos tempos primitivos, tornava-se mesmo isto uma necessidade. Os christãos tinham horror ao costume pagão de queimar os mortos; nem sabemos que em tempo algum seguissem tal costume.

Mas ainda nas catacumbas se encontra uma outra prova da sua remota origem.

O estylo das pincturas, que se tem encontrado, pertence a uma epocha em que a arte florescia.

Os symbolos e o gosto pelos trabalhos symbolicos, que depois passou de moda, são caracteristicos de um periodo muito remoto.

Ainda que nas inscripções achadas, raras são as que tem data, comtudo, entre dez mil que coordenou e vae publicar o sabio e activo Rossi, perto de trezentas teem datas consulares, em todos os periodos, desde os primeiros imperadores até ao meado do quarto seculo (A.

[1] Locus, loculus.

D. 350). Um outro curioso e interessante costume nos fornece as datas de outras sepulturas.

Quando se fechava a campa, na argamassa ainda fresca, os parentes e os amigos incutiam uma moeda, um annel, ou imprimiam algum sinete, e ás vezes, simplesmente, uma concha ou um busio; talvez para poderem reconhecer a sepultura, especialmente quando esta não tinha inscripção.

Muitos d'estes objectos se tem achado, e hão sido cuidadosamente archivados.

Mas não é raro que, onde a moeda ou a medalha caíu do seu logar, se veja a fórma perfeitamente moldada no betume, podendo-se facilmente lêr a data, que em algumas é de Domiciano e de outros dos mais antigos imperadores.

Perguntar-nos-ão, talvez, para que era este desejo de reconhecer a sepultura.

Além de outros motivos de devoção propria, ha outro, que é constantemente lembrado nas inscripções sepulchraes.

Em Inglaterra, se por falta de espaço não é possivel pôr n'um epitaphio todos os esclarecimentos chronologicos, preferem pôr só o anno a pôr o dia e o mez, em que o obito teve logar. Isto, porém, é mais util á historia. Pouco importa o dia em que qualquer morreu, sem saber-se o anno; mas o anno, ainda sem dizer o dia, é uma recordação perfeita.

Não obstante, ao passo que tam poucas inscripções dos antigos christãos nos indicam o anno, milhares d'ellas nos dizem o dia em que o fallecimento teve logar, e se o finado morreu com a confiança dos fieis, ou com a tranquillidade dos martyres.

A razão d'isto facilmente se explica.

A ambas estas classes se fazia uma commemoração annual, no proprio dia da sua morte; tornando-se por isso necessario saber bem qual era. Todos os que nada obraram de extraordinario só eram commemorados um só dia no anno.

Em um cemiterio, proximo d'aquelle onde deixamos os nossos tres jovens com Diogenes e seus filhos [1] se acharam ultimamente inscripções das duas classes que dissemos.

Uma d'ellas em grego, depois de mencionar a «Deposição de Au-

[1] O cemiterio de S. Nereu e Sancto Achilleu.

genda no decimo terceiro dia antes das Calendas,» accrescenta esta simples legenda:

ΖΗCΑΙC ΕΝΚω ΚΑΙ
ΕΡωΤΑ ΥΠΕΡΗΜωΝ

Vive no Senhor e roga por nós.

Um outro fragmento é assim:

.... N. IVN-
.... IBI BAS-
IN PACE ET PETE
PRO NOBIS

Nonas de Junho... Vive em paz e roga por nós.

Eis um terceiro:

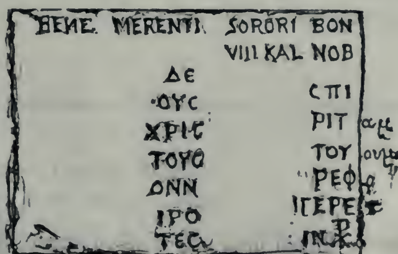
VICTORIA. REFRIGERER (ET)
ISSPIRITVS. TVS IN BONO

Victoria, consola-te, e possa o teu espirito goṣar do eterno bem.

Este ultimo faz-nos lembrar uma outra inscripção mais curiosa, gravada na parede, por cima de uma sepultura no cemiterio de Pretextato, a poucos passos do de Callisto.

E' notavel, primeiro por ser escripta em latim, com caracteres gregos; depois por conter um testemunho da divindade de Nosso Senhor; e, finalmente, por tornar-se quasi uma oração pelo repouso dos que partem.

Completamos algumas palavras que se acham deterioradas, em consequencia da argamassa ter caído:



A bemaventurada irmã Bon... no oitavo dia antes das Calendas de novembro.
Christo Senhor Omnipotente, consolae seu espirito em vós!

Com esta digressão sobre as inscripções das campas, esperamos não ter feito esquecer-se o leitor de que signalamos como um facto deverem os cemiterios christãos a sua origem a epocha muito remota.

Diremos agora em que tempo elles mais se desenvolveram. Logo que a egreja pôde gozar de algum repouso, a devoção dos christãos os levou a ter desejos de serem sepultados juncto dos martyres e dos sanctos dos tempos anteriores.

Mas geralmente fallando, se contentavam com ser sepultados no chão.

E' por isso que as pedras sepulchraes, que tem sido achadas no entulho das catacumbas, ou nos sitios onde eram construidas, quasi todas com datas consulares do quarto seculo, são maiores, mais esmeradamente esculpidas, e n'um estylo menos simples do que aquell'outras que, nas eras primitivas, se collocavam nas paredes.

Antes do fim d'esse seculo, estes monumentos se tornaram mais raros; e no seculo seguinte, cessaram os enterros nas catacumbas. O Papa S. Damaso, que morreu no anno de 384, reverentemente pediu, como elle mesmo disse no seu proprio epitaphio, que o depozessem n'um canto obscuro, juncto dos sanctos.

Além d'isso, Restituto, cuja inscripção sepulchral nos serviu de epigraphe a um capitulo, parece fallar em nome dos primeiros christãos; e reclamar como obra e propriedade exclusivamente sua os centenares de milhas d'aquellas cidades subterraneas, com os seis milhões de habitantes que alli dormem o somno da morte, e esperam, confiados em Deus, o dia da resurreição. [1]

[1] O competentissimo Marchi julga este numero exacto, em vista das minuciosas investigações a que procedeu. Mencionaremos que na construcção d'estes cemiterios, a areia que se tirava de uma galeria era removida para outra, que para isso já estava escavada; razão porque muitas se tem achado entulhadas.

CAPITULO III

O QUE DIOGENES NÃO PODIA DIZER A RESPEITO DAS CATACUMBAS

Diogenes vivia nos ultimos tempos do primeiro periodo da historia das catacumbas.

Se lhe tivesse sido permittido descobrir o futuro, houvera entrevisto uma epocha que daria grande alegria a seu coração, seguida de uma outra que muito o penalisaria.

Ainda que o assumpto d'este capitulo não tem relação alguma directa com o resto da nossa narração, serve, todavia, a familiarisar o leitor com os locaes onde taes scenas se verificaram.

Quando restituiram á egreja a paz e a liberdade, estes cemiterios se tornaram logares de devoção e muito frequentados pelos fieis.

Cada um d'elles se distinguia pelo nome ou nomes dos mais eminentes martyres, que ahi jaziam, e, nos anniversarios, grande multidão de cidadãos e peregrinos visitava suas sepulturas, juncto das quaes era celebrado o officio divino, e se fazia uma homilia em seu louvor.

Foi tambem n'estes logares que se começaram a coordenar os primeiros martyrologios ou calendarios dos dias commemorativos da morte dos martyres, para indicar aos fieis aonde deviam dirigir-se para honrar sua memoria. «Em Roma, nas vias Salariana, Appia, Ardua», taes são as indicações que, quasi todos os dias, se lêem no Martyrologio Romano, hoje inutilisadas, pelas addições de epochas posteriores.[1]

[1] Uma ou duas localidades indicadas no velho *Kalendarium Romanum* nos darão d'isto perfeita idéa:

III. *Non. Mart. Lucci in Caltisti.*
VI. *Id. Dec. Eutichiani in Callisti.*
XIII. *Kal. Feb. Fabiani in Callisti, et Sebastiani ad Catacumbas.*
VIII. *Id. Aug. Systi in Callisti.*

Fizemos este extracto das actas mortuarias do cemiterio de Callisto; porque, no momento em que nos occupavamos do presente capitulo, recebemos a noticia de se te-

Um leitor sem gosto pouca importancia daria a estas indicações, que nos serviram para reconhecer alguns cemiterios, sobre cujo nome tinhamos duvida. Uma outra valiosa classe de escriptores nos auxilia; mas, antes de os mencionar, deitemos um lance d'olhos por sobre as notaveis mudanças, que a devoção produziu nos cemiterios.

Em primeiro logar, fizeram-se as entradas mais commodas e com boas escadas; depois construiram-se paredes solidas para sustentar a abobada das galerias subterraneas; e, com o andar do tempo, abriram-se nas abobadas respiradouros para entrar o ar e a luz. Finalmente, erigiram-se basilicas, ou egrejas á entrada, que, em geral, conduzia immediatamente ao tumulo principal, chamado então a *confissão* da egreja.

Assim o peregrino, ao chegar á cidade sancta, visitava cada uma d'estas egrejas (costume que ainda hoje se practica), descia, e, sem ter que errar, ia, por bem construidas passagens, ter á campa do principal mártyr, e d'esta ás outras, que tambem eram quasi todas objectos de respeito e devoção.

Durante este periodo, não se abriu nenhuma sepultura, nem se extrahiu corpo algum.

Por fendas que faziam nas tumbas, mettiam faixas e lenços, chamados *brandea*, para tocarem as reliquias dos martyres; e estes objectos, assim sanctificados, eram levados para paizes longinquos, onde eram tractados com a maior reverencia.

Não admira, pois, que Sancto Ambrosio, S. Gaudencio e outros bispos achassem tanta difficuldade em obter os corpos ou, pelo menos, avultadas reliquias dos martyres para as suas egrejas. Uma outra especie de reliquia consistia no que familiarmente chamavam «o azeite do martyr» isto é, o azeite, algumas vezes aromatisado, que ardia na lampada juncto da sepultura.

rem descoberto as sepulturas, e as inscripções lapidares, relativas a todos estes papas, junctas com a de Sancto Anthero, n'uma capella recentemente encontrada no cemiterio de Callisto, com a seguinte inscripção em verso por S. Damaso:

«Prid Kal. Jan. Silvestri in Priscillæ
IV *Id. (Aug.) Laurentii in Tiburtinp*
III *Kal. Die. Saturnini in Thrasonis.»*

Publicado por Ruinart—Acta, tom. III.

Viam-se muitos pilares de pedra de tres pés de altura juncto do monumento; provavelmente para n'elles collocarem as lampadas.

S. Gregorio, o Grande, escreveu á rainha Theodolinda, dizendo que lhe mandava uma collecção dos «*azeites*» de todos os papas, que tinham morrido martyres.

A lista que os acompanhava foi copiada por Mabillon, no thesouro de Monza, e reproduzida por Ruinart. [1] Ainda existe, junctamente com as amphoras, que continham estes oleos, fechados em pequenos tubos de zinco.

Esta mania de perturbar o repouso dos sanctos, explica-se claramente por um relatorio de S. Gregorio de Tours.

Entre os martyres mais venerados na Sancta Egreja romana, se conta S. Chrisantho e Daria. Suas sepulturas se tornaram tam celebres pelas milagrosas curas que operam, que seus irmãos em Christo construiram (isto é escavaram) uma capella abobadada, trabalho de admiravel primor, onde se reunia grande multidão de devotos.

Os pagãos descobriram esta capella e o imperador mandou tapar a entrada, ficando alli os christãos enterrados, e, por cima, talvez pelo *luminare* ou claraboia, ordenou se deitasse terra e pedras, ficando assim todos elles sepultados em vida, como tambem, antes, o haviam sido os dois sanctos martyres.

Este logar foi muito tempo ignorado depois da pacificação da Egreja e descobriu-se por revelação divina.

Mas em logar de permittir-se novamente a entrada n'este venerando recincto, só se concedia aos peregrinos vêl-o atravez d'uma janella aberta na parede, d'onde não só se viam as sepulturas dos martyres, como tambem os cadaveres d'aquelles que haviam sido enterrados vivos, juncto de tam sanctas reliquias. E como este morticinio se realisára no momento em que o padre se dispunha a celebrar o mysterio da Sagrada Eucharistia, ainda existiam os calices de prata, em que haviam trazido vinho, para a celebração do incruento sacrificio. [2]

E' claro que os peregrinos que se dirigiam a Roma precisavam de um livro [3] que lhes servisse de guia nos cemiterios que deviam visitar.

[1] Act. Martyr, tom. III.

[2] S. Greg. Turon. de Gloria Mart. lib. I, c. 28, ap. Marchi, p. 81. Ha quem attribua o epigramma de S. Damaso a estes martyres, a esta occorrencia.

[3] Publicado por Bucherio em 1634.

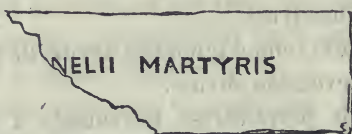
Tambem nos parece natural que, ao regressar a seus lares, procurassem satisfazer seus visinhos, menos afortunados, contando-lhes o que haviam visto.

Felizmente para nós e para os pobres visinhos existem bastantes descripções e memorias dos viajantes d'este genero.

O primeiro cemiterio, entre estes, é miudamente descripto em catalogos, compilados no quarto seculo, sendo um dos ponctos descriptos as sepulturas dos pontifices romanos, e outro a dos martyres.

Além d'isso, ha ainda tres guias diversas para as catacumbas, muito interessantes; pois, ainda que seguindo diverso systema, concordam perfeitamente entre si no essencial da narração. Para mostrar o valor d'estes documentos, e descrever as mudanças que se operaram nas catacumbas, durante o segundo periodo da sua historia, daremos breve noticia de uma descoberta, feita no cemiterio onde deixamos os nossos tres amigos.

No entulho que obstruia a entrada de uma catacumba, cujo nome é para nós incerto, e que foi por engano tomada pela de Pretextato, se achou a seguinte lapide de marmore, que tinha sido quebrada em uma extremidade, obliquamente, da esquerda para a direita, com as seguintes letras:



[1]

O joven, mas sabio Rossi, a principio, affirmou que esta pedra era parte da inscripção sepulchral de S. Cornelio Papa, e que, provavelmente, se acharia a sua sepultura não muito distante, por fórma a não admittir-se duvida de que todos os itinerarios, que já mencionamos, concordam em que se acha collocada no cemiterio de Callisto; que é a este, e não ao de S. Sebastião, a poucos passos de distancia, que cabe a honra de tão distincto nome.

Foi mais longe e observou que, como as obras citadas indicavam que S. Cypriano desejára ser sepultado com S. Cornelio, se deveria achar na sepultura d'este alguma coisa, que alludisse a esta idéa;

1 (de).... nlius Mártyr.

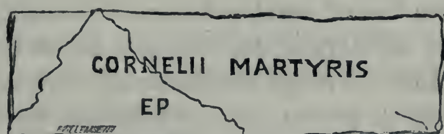
pois era, geralmente, sabido que o corpo do primeiro d'estes martyres havia ficado em Africa.

Pouco depois a sua supposição se verificou.

Viu-se que a grande escada, depois descoberta, conduzia a um recincto mais espaçoso, guarnecido de tijolos; obra, talvez, dos tempos de paz, e recebendo ar e luz de uma abertura no tecto.

Do lado esquerdo havia uma campa, cortada como as outras na rocha, sem nenhum arco exterior por cima.

Era, comtudo, bastante ampla; e á excepção de uma sepultura mui grande, que lhe ficava superior, nada havia alli proximo por cima, nem dos lados. A porção restante da lapide foi achada dentro d'ella; o primeiro pedaço foi trazido do museu Kicheriano, onde tinha sido guardado, e quadrou exactamente com os outros pedaços, que cobriram a sepultura, de modo que pudesse lêr-se:



Por debaixo d'esta pedra, desde a aresta até ao chão, havia outra lapide com uma inscripção, de que só existia um fragmento do lado esquerdo, tendo-se perdido o resto que faltava.

Por cima da sepultura, estava uma outra pedra segura com cimento, da qual existe um fragmento do lado direito, e alguns pedaços mais se acharam no entulho, que não bástam a completar o sentido; mas que são sufficientes para mostrar ser uma inscripção em verso, feita pelo Papa S. Damaso.

Como conhecemos nós o auctor?—Facilmente.

Sabemos que este Sancto Papa gostava de pôr versos, que elle mesmo escrevia, nas campas dos martyres, [1] e grande numero de inscripções d'elle, que ainda existem, signalam-nos uma fórma particular, muito elegante, de lettras, conhecidas dos antigos pelo nome de «Damasianas.»

Os fragmentos da lapide que descrevemos tinham alguns versos escriptos com estes caracteres. Proseguindo, na parede do lado direito

[1] Formam estes versos um grosso volume das suas obras em verso.

e no mesmo plano, haviam duas figuras pinctadas, revestidas de vestes sacerdotaes e com resplendores em torno das cabeças, que evidentemente se via serem do estylo bizantino, e, talvez, obra do septimo seculo. Por baixo, na parede, do lado esquerdo de cada uma d'ellas, collocados verticalmente, se achavam seus nomes; algumas letras estavam já apagadas, e nós as substituimos em caracter differente d'esta fórma:

SCI† COR*N*EL*I* PP SCI†*C*IPRIA*N**I*.[1]

Finalmente, á direita da sepultura, existe uma columna truncada, de perto de tres pés de altura, concava no capitel, como já descrevemos. Parece confirmar o uso a que dissemos serem destinadas as columnas d'este genero. Com effeito, S. Gregorio mencionou, na lista dos oleos dos martyres que enviou á rainha da Lombardia, o azeite de S. Cornelio *(Oleum sancti Cornelii)*.

Vejamos agora como, durante o segundo periodo, novos ornatos, bem como outros melhoramentos que lhes tornaram mais faceis as entradas, vieram alterar a fórma privativamente simples dos cemiterios.

Ninguem imagine, porém, que confundimos estes tardios embellezamentos com as producções das primitivas edades.

A differenca é tal, que seria tam grande erro tomar um quadro de Rubens por um de Angelico de Fiesola, como considerar uma figura bizantina, producção dos dois primeiros seculos.

Passemos agora ao terceiro periodo d'estes sanctos cemiterios, periodo cheio de tristeza e desolação.

Quando os lombardos, e ainda mais tarde, os sarracenos começaram a devastar as visinhanças de Roma, e as catacumbas estavam expostas á destruição, os Papas mandaram retirar d'alli todos os corpos

[1] (A pinctura) de S. Cornelio Papa, e S. Cypriano. Do outro lado, em uma parede estreita, ha dois retractos similhantes, nos quaes só se póde decifrar o nome de S. Systo, ou, antes, como vulgarmente lhe chamavam, Susto. Sob as pincturas dos principaes sanctos ainda se lêem, em caracteres do septimo seculo, os nomes dos visitadores da sepultura. Os de dois padres são assim:

+LEO PRB IOANNIS PRB.

Podé ser interessante mencionar aqui o Calendario Romano:

«XVIII *Kal. Oct. Cypriani Africæ, Romæ celebratur in Callisti.*» Sep. 14. A quatorze de septembro a deposição de S. Cypriano em Africa, celebrada em Roma no cemiterio de Callisto.

dos martyres mais illustres, e collocaram-nos nas basilicas da cidade.

Este estado de coisas durou até ao oitavo ou nono seculo, epocha em que lemos haverem-se feito diversos reparos nas catacumbas por ordem dos soberanos pontifices.

As catacumbas deixaram depois de ser logares de devoção; e das egrejas que se achavam á entrada d'ellas, umas foram destruidas, outras caíram em ruinas. Só ficaram existindo aquellas que, por serem fortificadas, se podiam defender.

Taes eram as basilicas *extra muros* de S. Paulo, na via Ostia, de S. Sebastião, na via Appia, a de S. Lourenço, na Tiburtina, a de Sancta Ignez, na via Nomentana, a de S. Pancracio, na Aureliana, e, a maior de todas, de S. Pedro, no Vaticano. A primeira e a ultima eram rodeadas de *burgos*, ou villas, e o viajante ainda hoje conhece os vestigios de grossas muralhas em derredor das outras.

Parecerá estranho que o joven archeologo, que com respeito temos frequentemente nomeado, encontrasse duas d'estas basilicas, á entrada do cemiterio de S. Callisto, quasi inteiras; uma servindo de cavallariça e forno, e a outra de adega.

Uma d'ellas é, provavelmente, a que o Papa S. Damaso edificou, e que tantas vezes havemos mencionado.

A terra arrojada pelo vento, e que a agua da chuva fez descer pelas paredes, desfigurando-as; o vandalismo practicado, durante muitos annos, por individuos que, vindo das vinhas contiguas, alli se acoutavam por nada acharem que lhes impedisse a entrada, juncto á acção gastadora do tempo, deixaram-nos apenas os restos das antigas catacumbas. Comtudo, devemo-nos ainda mostrar reconhecidos: o que nos deixaram basta para verificar as recordações que conservamos de melhores tempos, e serve-nos agora para podermos reconstruir as nossas ruinas. O actual Summo Pontifice, em poucos annos, tem feito mais em favor d'estes veneraveis logares, do que se fez durante os ultimos seculos.

A commissão mixta que, para tal fim, elle nomeou tem obrado maravilhas.

Dispondo de minguados meios, ha ella trabalhado methodicamente, terminando todas as investigações que enceta, e progredindo sempre.

Nada se tira do logar onde se acha; mas tudo é restaurado de

modo que fique o mais possivel similhante, em tudo e por tudo, ao estado primitivo.

Teem-se feito desenhos muito exactos das pincturas achadas, bem como se hão tirado os planos de todos os sitios já explorados.

Para obter tam lisongeiros resultados, o Papa, á sua propria custa, comprou vinhas e campos, especialmente em Tor Marancia, onde está situado o cemiterio de S. Nereu e Sancto Achilleu.

O imperador dos francezes mandou tambem alguns artistas a Roma encarregados de fazer um magnifico trabalho sobre as catacumbas: ficará uma obra, verdadeiramente imperial. Julgamos porém, que é já tempo de nos irmos outra vez junctar com os nossos amigos, e determinar nossa visita a esta cidade dos sanctos que deixaram a terra, tomando por guias nossos antigos amigos, os coveiros.

CAPITULO IV

O QUE DIOGENES DIZIA A RESPEITO DAS CATACUMBAS

Tudo quanto dissemos a nossos leitores, sobre o primeiro periodo da historia de Roma subterranea, como os archeologos ecclesiasticos chamam ás catacumbas, foi sem duvida referido por Diogenes a seus attentos visitadores, á medida que, com a lanterna na mão, caminhavam lentamente pela estreita galeria, atravessada de muitas outras, perfeitamente bem dispostas, algumas sustentadas por columnatas de argilla, e ornadas com as inscripções que formaram o assumpto de que tam prosaicamente tractamos no segundo capitulo.

Por fim Diogenes voltou-se para a direita, e Torquato olhou com inquietação em torno de si.

— Quizera eu saber quantos corredores havemos deixado passar, antes de sairmos d'esta immensa galeria.

— São muitos, respondeu seccamente Severo. Quantos calculaes que são, dez ou vinte?

— Vinte, pelo menos, supponho eu, porque nunca os contei.

Torquato tinha feito o seu calculo; mas desejava certificar-se.

Continuou, depois de pequena pausa:

—N'esse caso, como sabes então quando é necessario voltar para a direita? Oh! o que é isto?

E elle pareceu examinar um pequeno nicho, collocado a um canto obscuro. Mas Severo que o observava attentamente, viu que fazia um signal na areia.

—Vamos para diante, disse elle, quando não perderemos de vista o resto da caravana, e não saberemos o caminho que levam.

—Aquelle nichosinho, respondeu Severo, serve para collocar uma lampada, como vereis a cada canto. Quanto a mim, conheço todas estas ruas subterraneas, tam bem como vós as da cidade.



Vamos para diante...

Torquato mostrou satisfação com a resposta, e viu as lampadas — pequenos recipientes de barro,—expressamente feitas para as catacumbas. Muitas d'ellas hão sido encontradas.

Mas ainda não contente, contou o melhor que pôde todas as voltas, e ía escrupulosamente examinando todos os cantos.

Severo, porém, tinha olhos de lynce, e nada d'isto lhe escapava.

Por fim entraram n'uma galeria, que conduzia a uma porta, transpondo a qual se acharam em uma casa quadrada, ornada de ricas pincturas.

—Que nome daes vós a este logar? perguntou Tiburcio.

—É uma das muitas cryptas, ou *cubicula* [1] que abundam nos nos-

[1] Camaras

sos cemiterios, respondeu Diogenes; algumas vezes são apenas jazigos de familia, mas, geralmente, contém a sepultura de um martyr, em cujo anniversario aqui nos reunimos todos. Vêde aquella sepultura em frente de nós, que um pouco saida da parede, tem um arco por cima. É alli que, na occasião propria, se fórma o altar, sobre o qual se celebram os mysterios divinos. Sabeis, sem duvida, d'onde vem este costume.

—Talvez os meus dois amigos, observou Pancracio, que são recentemente baptisados, não tenham d'elle conhecimento; mas eu lh'o explicarei. É certamente o mais glorioso privilegio do martyrio, ver o Sagrado Corpo, e o precioso sangue de Nosso Senhor Jesus Christo, offerecido sobre suas cinzas, e repousar assim aos pés de Deus. [1] Mas vejamos as pincturas d'esta crypta. É por causa d'ellas, que eu vos trouxe a esta camara, de preferencia a todas as outras d'este cemiterio. É uma das mais antigas, e contém uma serie completa de pincturas, desde os tempos mais remotos até algumas, ultimamente feitas por meu filho.

—Muito bem, Diogenes, disse Pancracio, então explicae methodicamente a significação d'ellas, aos meus amigos. Pela minha parte, parece-me qne conheço a maior parte, mas não todas; e muito folgarei de vol-as ouvir descrever.

—Não possuo sciencia, replicou modestamente o velho; mas quando um homem como eu tem vivido durante sessenta annos, e desde

[1] Sic venerarier ossa libet,
Ossibus altar et impositum;
Illa Dei sita sub pedibus,
Prospicit hæc, populosque suos
Carmine propitiata fovet.

PRUDENTIS, III. 43.

Com as reliquias aqui junctas,
Adorae o altar que as cobre,
Ellas estão aos pés de Deus,
E não nos negam, de certo,
Suas vistas, seus ouvidos.

A idéa de que o martyr «estava aos pés de Deus» é uma allusão á presença da Sagrada Eucharistia.

a infancia, entre estas coisas, habitua-se a conhecêl-as melhor do que os outros, porque nos interessam muito mais. Todos os presentes estão inteiramente iniciados, supponho eu? ajunctou elle, depois de breve pausa.

—Todos, respondeu Tiburcio, ainda que não tam instruidos, como os convertidos ordinarios; Torquato e eu recebemos o dom sagrado.

—Basta, interrompeu o coveiro. As pincturas do tecto são, como é natural, as mais antigas, pois remontam á epocha em que a crypta foi aberta, ao passo que as paredes foram ornadas á medida que n'ellas se íam fazendo as sepulturas. Vêde! o tecto tem uma especie de ramada por sobre a qual correm as vides carregadas d'uvas, representando a nossa verdadeira vinha, cujos ramos somos nós. Alli está Orpheu sentado a tocar arrebatadora musica, não só ao seu rebanho, mas tambem ás feras do deserto, que encantadas o escutam.

—Como! aquillo é ao mesmo tempo uma pinctura pagã, interrompeu Torquato, em acre e sarcastico tom: que relação póde haver entre esta pinctura e o christianismo?

—É uma allegoria, Torquato, replicou brandamente Pancracio, e até muito significativa entre nós. O uso de boas imagens, quando nada haja n'ellas de mau, foi permittido. Como vêdes, ha mascaras e outros muitos ornatos pagãos n'este tecto; mas elles pertencem a um periodo muito remoto. Aqui, o Senhor está representado sob o symbolo de Orpheu para occultar a sua sagrada imagem aos sacrilegios e blasphemias do paganismo. Notae agora: alli tendes n'aquelle arco um symbolo mais recente, que significa o mesmo.

—Vejo, disse Torquato, um pastor com um cordeiro aos hombros. O Bom Pastor... já entendo; agora me recordo da parabola.

—Mas porque é tam usado este emblema? perguntou Tiburcio; já o tenho visto em outros cemiterios.

—Se olhardes para cima do *arcosolium*, [1] respondeu Severo, vereis uma cópia mais perfeita da mesma scena. Mas penso que melhor andariamos em continuar o que tinhamos começado e terminar o exame do tecto. Vêdes aquella figura á direita?

—Vejo, replicou Tiburcio.

[1] Sepulturas dentro de um arco, assim chamadas. Era um arco cavado na parede, tendo a parte da parede em que assenta tres pés de altura.
As pincturas occupavam a parte superior do arco.

—É um homem, que parece mettido em uma arca, e uma pomba voando para elle. Quererá significar o diluvio?

—É, disse Severo, como o emblema da regeneração e da salvação do mundo, por meio da agua e do Espirito Sancto. Tal é o nosso principio, e eis alli o nosso fim: Jonas, caíndo do barco, engolido pela baleia, e saíndo são e salvo do ventre do monstro. É a resurreição com Nosso Senhor, e a paz eterna que a segue.

—Como é este quadro proprio d'este logar! observou Pancracio, aponctando para o outro lado; e eis aqui outro emblema da mesma consoladora doutrina.

—Onde? perguntou Torquato friamente; eu não vejo nada á excepção de uma figura, toda embrulhada em faixas, como uma creança, mettida n'uma pequena capella, e uma outra figura do outro lado.

—Justamente, disse Severo; essa é a fórma por que sempre se representa a resurreição de Lazaro. Olhae: ahi está uma tocante expressão da esperança dos nossos paes em tempo de perseguição: os tres meninos de Babylonia em uma fornalha ardente.

—Bem, disse Torquato; parece-me que agora podemos ir vêr o *arcosolium*, e dar esta camara por vista. Que pincturas são estas aqui que ficam em derredor de nós?

—Se olhardes para o lado esquerdo, vereis a multiplicação dos pães e dos peixes. O peixe [1] é, como deveis saber, o symbolo de Christo.

—Porque? perguntou Torquato, já com alguma impaciencia.

Severo voltou-se para Pancracio, como pedindo-lhe que respondesse.

—Ha duas opiniões diversas sobre a explicação d'esta allegoria, respondeu promptamente o joven: uma é a que se baseia na composição da mesma palavra, cujas lettras gregas conteem as iniciaes dos nomes: *Jesus Christo, Filho de Deus, Salvador.* [2] A outra considera a significação no proprio symbolo; isto é: Assim como o peixe nasce e vive na agua, assim o christão deve nascer e ser sepultado em Christo, com as aguas do baptismo. [3] D'aqui provém termos visto em algu-

[1] A palavra é geralmente empregada em grego, em cuja lingua Christo se designa assim: *ixovs, ichthxs.*

[2] É esta a interpretação de Sancto Optato (adv. Parm. lib. III.) e de Sancto Agostinho (C. D. lib. XVIII c. 23).

[3] É esta a explicação que dá Tertulliano (de Baptismo. lib. II c. 2.)

mas das sepulturas, por que havemos passado, esculpido um peixe ou gravada a palavra que o representa.

—Agora prosigamos, Severo.

—Além do que vos disse, continuou Pancracio, deveis saber que esta união do pão e do peixe, multiplicando-se, nos mostra como, na Eucharistia, Christo se torna o alimento de nós todos. [1] Do lado opposto, está Moysés, tocando a rocha com a vara, o que significa que Christo é a nossa bebida, assim como o nosso alimento. [2]

—Agora finalmente, disse Torquato, eis-nos aqui chegados outra vez ao Bom Pastor.

—Sim, continuou Severo, ahi o vêdes, no centro do *arcosolium*, com a sua simples tunica, e tendo aos hombros um cordeiro, que symbolisa a ovelha desgarrada do rebanho. Mais duas estão ao lado d'Elle; um formoso e corpolento carneiro á direita, e uma mansa e humilde ovelha á esquerda; a ovelha arrependida occupa o mais honroso logar. De cada lado se vêem tambem duas pessoas, que bem se vê haverem sido por elle enviadas a prégar. Ambas, inclinando-se para deante, se dirigem a ovelhas que não fazem parte do rebanho. A um d'estes homens, a ouvinte parece não prestar a menor attenção ás suas palavras, e continúa pastando indolentemente; ao passo que, do lado opposto, a outra ergueu a cabeça, e escuta cheia de humildade e arrependimento. Copiosa chuva está caindo sobre toda esta scena; é a graça que o Senhor faz descer sobre as suas creaturas. Esta pinctura não é difficil de interpretar.

—Mas qual o motivo por que este emblema é tantas vezes empregado? perguntou Tiburcio.

—Nós consideramos esta e outras pincturas similhantes, como pertencendo, quasi todas, ao tempo em que a heresia Novaciana tanto mal fez á egreja, respondeu Severo.

[1] No mesmo cemiterio ha outra pinctura muito interessante. Sobre uma mesa se vê um pão e um peixe; um padre está estendendo as mãos sobre elles, e defronte apparece uma figura de mulher, em adoração. O padre é o mesmo que, n'uma outra pinctura proxima, se vê administrando o baptismo. Em uma outra casa vasia, ha pincturas d'ornato muito antigas, taes como mascaras, etc., e peixes a nadar, levando sobre o lombo cestos de pão e frascos de vinho.

[2] A allegoria representa S. Pedro como elle é geralmente representado nos nossos cemiterios. Em um quadro, pinctado sobre uma lapide, representando o mesmo, sobre a figura que está tocando a rocha, se lê *Petrus*.

— E que heresia é essa? perguntou Torquato, algum tanto distrahido, porque entendia que estava perdendo o tempo.

— Era, e ainda é, respondeu Pancracio, aquella que diz que ha peccados que a egreja não tem o poder de absolver, e que são demasiado graves, para que Deus os perdôe.



Sim, continuou Severo... (Pag. 201).

Pancracio não reparou no effeito que fizeram as suas palavras; mas Severo, que nunca desviava os olhos de Torquato, viu que o rubor lhe subia ao rosto.

— Isso é heresia? perguntou o traidor, confuso.

— E', sem duvida, uma das peiores, replicou Pancracio, limitar a clemencia e a bondade d'Aquelle que veiu, não para chamar os justos, mas para guiar os peccadores ao arrependimento. A Egreja catholica tem por um dos seus mais seguros principios, que, o peccador, por mais numerosos e horrendos que sejam os seus crimes, quando possuido de um verdadeiro arrependimento, póde ser absolvido, recebendo e cumprindo a penitencia que ella lhe impozer. E, além d'isso,

tem sempre amado muito este typo do Bom Pastor, que se embrenha no matto a procurar a ovelha perdida.

—Mas supponhamos, disse Torquato, evidentemente commovido, que um individuo, que se tivesse tornado christão e tivesse recebido os dons sagrados, se desvairasse, se entregasse ao vicio, e... e... (titubeando) trahisse seus irmãos... a um tal individuo não negaria a egreja toda a esperança de perdão?

—Não! não! respondeu o joven; é por concederem esse perdão que os novacianos insultam os christãos. A egreja é uma mãe que está sempre com os braços abertos para receber aquelles de seus filhos que erraram.

Uma lagrima deslisou pela face de Torquato; os labios tremeram-lhe, como para confessar a sua culpa, que n'aquelle momento lhe pungia o coração; mas, de repente, pareceu que para apagar este remorso, um acre veneno se lhe derramou n'alma, e veiu mudar a sua resolução; seus olhos tomaram uma expressão de escarneo, mordeu os beiços, e disse, esforçando-se por mostrar-se tranquillo:

—Essa doutrina é certamente muito consoladora para quem carecer d'ella.

Só Severo observou que, n'um momento de graça, elle se havia trahido; e que algum pensamento desesperado tinha suffocado a esperança, que, por um instante, havia assomado a seu coração.

Diogenes e Majo, que tinham estado ausentes, para escolherem o logar onde deviam abrir uma nova galeria, voltaram.

Torquato dirigiu-se ao velho mestre coveiro:

—Já vimos as galerias e as camaras; e só estou desejoso de visitar a egreja onde dizeis que nos havemos de reunir.

O sincero coveiro ia mostrar-lhe o caminho, quando seu filho, o esperto artista, lhe diz:

—Penso, meu pae, que hoje é muito tarde; bem sabeis que temos que fazer. Estes amigos desculpam-nos, mórmente podendo vêr a egreja, em melhor occasião, e em melhor ordem, visto que o Sancto Pontifice tenciona, em breve, alli dizer missa.

Todos concordaram; e quando chegaram ao sitio onde tinham voltado da primeira galeria estreita, para vêrem a casa das pincturas, Diogenes fez parar a comitiva, deu alguns passos em uma galeria que ficava em frente, e disse:

—Seguindo este corredor, e voltando á direita, vae-se ter á egreja.

Trouxe-vos aqui unicamente para vos mostrar este *arcosolium* que tem uma bella pinctura. Vêdes aqui a Virgem Maria, com o seu Divino Filho nos braços, e os sabios orientaes, que aqui estão representados como quatro, sendo que só conhecemos tres, o estão adorando. [1]

Todos admiravam a pinctura; mas o pobre Severo ficou muito penalisado, vendo que seu pae tinha inadvertidamente dado a informação, que Torquato desejava, e lhe revelára um meio certo de conhecer o caminho, chamando a sua attenção para a sepultura que lhe ficava proxima, que era decorada por esta notavel pinctura.

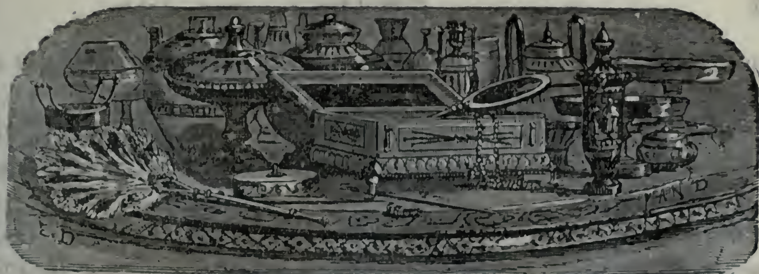
Quando todos haviam partido, disse elle a seu irmão tudo o que observára, accrescentando:

— Desconfio d'aquelle homem, e receio muito que ainda nos dê bastante que fazer.

Desfizeram immediatamente todos os signaes que Torquato havia feito nos sitios onde se davam voltas.

Mas isto só não bastou para desvanecer em seu espirito a má impressão, motivada pelas suspeitas de traição da parte de Torquato; resolveram mudar o caminho, tapando o que existia, e abrindo outro em diverso poncto. N'este intuito, trouxeram a areia tirada das recentes escavações para a extremidade de uma galeria lateral, que communicava com o caminho principal n'uma parte onde este era muito baixo, e ahi a amontoaram, a fim de primeiro prevenirem os fieis da projectada mudança.

1 Achou-se ultimamente esta pinctura, se bem nos lembra, no cemiterio de S. Nereu e Sancto Achilleu. E' muito anterior ao Concilio de Chalcedonia, do qual datam o modo de representar assim Nosso Senhor.



CAPITULO V

SOBRE A TERRA



Para recrear o leitor, depois de sua excursão subterranea, leval-o-emos comnosco a visitar a *Feliz Campania*, ou *Campania abençoada,* [1] como lhe chamaria um escriptor antigo.

Deixamos ahi Fabiola meditando perplexa nas sentenças que casualmente lêra.

Eram para ella como uma carta escripta do outro mundo; custava-lhe a perceber o sentido d'aquellas palavras.

Desejava sabel-o, mas envergonhava-se de o perguntar. Muitas pessoas vieram visital-a, no dia seguinte, e, durante mais alguns dias. Por muitas vezes se lembrou de apresentar a uma ou outra as mysteriosas sentenças, mas sempre que tal ensejo se offerecia, acanhava-se em lançar mão de tal expediente.

Finalmente, veiu visital-a uma senhora, cuja virtude era regrada por uma philosophia austera, e conversaram, por muito tempo, sobre as opiniões philosophicas mais da moda.

Fabiola pegou no pergaminho, para consultar sua amiga, mas tornou a collocal-o sobre uma mesa com receio de profanal-o.

Um velho, muito instruido, versado em diversos ramos de sciencia e litteratura, veiu tambem fazer-lhe uma longa visita, e fallou-lhe

[1] *Campania Felix,* como *Arabia Felix.*

eloquentemente sobre a excellencia e sublimidade das theorias das antigas escholas.

Esteve quasi tentada a consultal-o sobre a sua descoberta; mas pareceu-lhe encerrar ella o quer que fosse de muito sublime, para que elle a comprehendesse.

Era, comtudo, singular que sempre que tinha necessidade de allivio e consolação, a nobre e altiva dama romana se dirigia instinctivamente a sua escrava christã.

Assim aconteceu d'esta vez.

Na primeira occasião em que se acharam sós, depois de muitos dias que duraram as visitas, Fabiola pegou no pergaminho, e pôl-o



... Fabiola pegou no pergaminho, e pôl-o deante de Syra.

deante de Syra. O rosto da pobre escrava mostrou-se commovido, mas de modo que sua senhora não observou, e esta commoção desappare-

ceu rapidamente, achando-se completamente tranquilla, terminada a leitura.

— Esse escripto, disse Fabiola, foi-me dado, provavelmente, por engano ou inadvertencia em casa de Chromacio; não posso decifrar a sua significação, e meu espirito abysma-se em conjecturas a tal respeito.

— Porque, minha nobre senhora? O sentido d'elle parece-me bem claro.

— É verdade, mas essa mesma precisão é que me confunde. Minha natureza revolta-se contra essa theoria: parece-me desprezivel o homem que não se resentisse de uma injuria, e não pagasse o odio com odio. Perdoar tudo, já é muito; mas fazer bem em troca de mal, parece-me uma coisa impossivel, para exigir-se da natureza humana. Porém, não obstante pensar assim, é certo que a razão por que tanto te estimo é haveres-te comportado commigo de modo bem diverso do que era de esperar dos sentimentos naturaes ao homem.

— Oh!... não me falleis assim, minha querida senhora; mas notae sómente este principio, que nos outros tanto apreciaes. Desprezaes ou honraes Aristides, quando, a pedido d'um grosseiro inimigo escreveu seu nome na lista do ostracismo? Ou, como dama romana que sois, menosprezaes, ou bemdizeis o nome de Coriolano, que perdoou generosamente á sua cidade natal?

— Venero a ambos, por certo, Syra; mas esses eram heroes, e não homens vulgares.

— E quem nos impede de tambem sermos heroes? perguntou Syra, sorrindo.

— Que dizes, minha filha! se o fossemos, em que mundo viveriamos?! É certamente interessantissimo lêr os feitos d'estes homens admiraveis: mas tristissimo vêl-os todos os dias practicados pelo commum dos homens.

— Como assim? perguntou de novo a escrava.

— Não me entendeis? pois quem gostaria de vêr uma creança, ainda de leite, brincando no berço com serpentes e estrangulando-as? Assustar-me-ia, de certo, se, tendo convidado um cavalheiro para jantar, elle me contasse, com indifferença, que n'aquella manhã havia morto um minotauro, ou suffocado uma hydra; ou se qualquer amigo de meu pae nos offerecesse fazer passar o Tibre pelas nossas cocheiras, para as lavar. Que praga!... tal geração de heroes.

E Fabiola ria alegremente pelo disparatado d'estas considerações.

Com a mesma jovialidade, Syra continuou:

— Mas supponhamos que vivemos n'um paiz, onde existem monstros taes como centauros, minotauros, hydras e dragões. Não seria melhor que os homens vulgares fossem heroes para os vencer, do que vêrmo-nos obrigados a mandar ao outro mundo pedir a um Theseu ou a um Hercules que os destruisse? O facto é que, o individuo que se batesse com elles, seria tanto heroe, como no meu paiz são os matadores de leões.

— É verdade, Syra; mas que queres dizer com isso?

— Quero dizer que a cólera, o odio, a vingança, a ambição e a avareza, a meu vêr, são monstros ainda mais temiveis do que as serpentes ou dragões; e que elles atacam, sem escolha, pequenos e grandes. Porque não teremos nós força para os vencer como Aristides, Coriolano ou Cincinato? Porque deixaremos só aos heroes aquillo que tambem podemos fazer?

— E sustentas tu essa theoria como um simples principio de moral? Sendo assim, onde irás dar comtigo!?...

— Não, minha querida senhora; ficastes admirada, quando me atrevi a dizer-vos que a virtude occulta é tam necessaria como a que é visivel: pois ides ficar ainda mais surprehendida.

— Falla sem receio.

— Muito bem; a regra, no systema que professo, é que devemos considerar a virtude como a nossa guia ordinaria, como a obrigação de todos os dias; e sendo, como é, um simples dever quotidiano, por muito admiravel e sublime que seja, nunca póde considerar-se um feito heroico, ou um rasgo sublime.

— É esse, na verdade, o ideal da moral mais sublime: mas notae a differença entre dous casos. O heroe é recompensado pelos premios que lhe offerta o mundo: as suas acções nunca esquecem, e são transmittidas á posteridade, quando elle vence as suas paixões, e practica qualquer acto digno de louvor. Mas quem é que vê, quem pensa, ou aprecia o pobre ignorado, que, em profunda obscuridade, e longe das vistas dos homens, imita o heroe?

Syra, com attitude e gestos cheios de dignidade, olhou para o ceu, e disse lentamente:

— Seu Pae, que está nos ceus, que manda o sol allumiar a todos,

bons e maus, e que derrama o orvalho da sua graça sobre justos e não justos.

Fabiola fitava n'ella os olhos, attonita e respeitosa, dizendo-lhe affectuosamente:

—Syra, acabas de supplantar outra vez a minha philosophia. A tua sabedoria é tam solida como sublime. Propondes como dever ordinario e de todos uma virtude heroica e sem recompensa da parte dos homens. D'est'arte os homens se tornariam superiores ao que se dizia dos deuses. Só essa ideia constitue uma philosophia. Acaso levar-me-eis mais longe ainda?

—Oh!... muito mais! muito mais longe ainda!

—E, seguindo-te eu, onde me deixarás?

—Onde o vosso coração me disser que encontrou a paz!

CAPITULO VI

DELIBERAÇÕES

A perseguição tinha já começado no Oriente, sob as ordens de Diocleciano e de Galerio; e o decreto para a principiar no Occidente tinha chegado ás mãos de Maximiano.

Haviam, porém, resolvido não só reprimir os progressos do christianismo, mas exterminar os christãos no imperio romano.

Decidiram portanto não poupar ninguem; mas deviam começar pelos chefes da religião, e depois continuar o morticinio até chegarem ás pessoas da infima classe. Foi necessario, para este fim, combinar um plano, em que os diversos elementos de destruição entrassem d'harmonia na implacavel mortandade, em que se empregassem todos os meios mais adequados a assegurar o bom exito da empreza, em que á magestade das ordens reaes se junctasse o susto e o horror dos tormentos.

Com este fim, o imperador, ainda que impaciente por começar a sua obra sanguinaria, tinha assentado com seus conselheiros que se conservasse o edicto guardado, até que simultaneamente podésse ser publicado em todas as provincias do Occidente.

A tempestade, que rugia vingadora, conservou-se por algum tempo suspensa e occulta em profundo mysterio: pairava sobre as suas victimas incautas, até que se desencadeou sobre ellas, descarregando por sobre suas cabeças os multiplos elementos que a compunham: o fogo, a saraiva, a neve, o gêlo, a cerração medonha, tudo era simultaneo.

Foi pelos fins de novembro que Maximiano Herculeo convocou a assembléa em que finalmente o plano devia ser definitivamente combinado.

A esta reunião foram chamados todos os principaes membros do governo.

O primeiro d'estes personagens era o prefeito da cidade, que levou comsigo seu filho Corvino, a quem havia proposto para capitão de um bando de perseguidores, escolhidos todos pela sua ferocidade e odio aos christãos, aos quaes se dispunham a fazer uma guerra sem tregoas, nem compaixão.

Os prefeitos ou governadores da Sicilia, Italia, Hespanha e Gallia achavam-se tambem presentes para receberem ordens. Além d'estes, alli appareceram no conselho diversos sabios, philosophos e oradores, em cujo numero entrava o nosso já conhecido Calpurnio, que fôra convidado com alguns sacerdotes que de diversas terras vieram pedir uma severa perseguição, e que, portanto, esperavam o despacho de sua petição.

A residencia habitual dos imperadores era, como já dissemos, o Palatino.

Havia, comtudo, uma outra, de que tambem gostavam, e que era especialmente preferida por Maximiano Herculeo.

Durante o reinado de Nero, o rico senador Plauto Laterano foi accusado de conspirador, e por isso condemnado á morte.

Seus bens immensos foram, por ordem do imperador, confiscados fazendo parte d'elles esta casa, e de cuja grandeza, magnificencia e sumptuosidade nos fallam Juvenal e outros escriptores.

Estava ella admiravelmente situada sobre o monte Celio, ao lado esquerdo da cidade, e d'alli se gozava um panorama que não tinha egual, mesmo nos arrabaldes de Roma.

Esta vista espraiava-se por uma ondulante planicie, cortada por gigantescos aqueductos, atravessada por numerosos caminhos, guarnecidos de tumulos de marmore: de espaço a espaço viam-se alvejar, por entre o verde sombrio dos loureiros e dos cyprestes, elegantes ca-

sas de campo. Ao pôr do sol, os olhos iam fitar-se nas purpureadas summidades das montanhas, sobre que se estendiam, como em delicioso leito, Alba e Fusculo, *com suas filhas,* segundo a expressão oriental, banhando-se na chammejante claridade do sol, que se põe.

A escarpada cordilheira dos montes Sabinos, á esquerda, e a prateada superficie do mar, á direita do espectador, fechavam tam encantadora paisagem.

Seria attribuir a Maximiano, uma qualidade que elle não possuia, accreditarmos que seu amor pelo bello o fazia preferir esta residencia, tam bem collocada.

A magnificencia do edificio, que ainda fôra, por ordem sua, mais brilhantemente decorado; a proxima distancia da cidade, e a facilidade de poder entregar-se á sua diversão favorita, a caça do lobo e do javali; eis os motivos d'esta preferencia.



Maximiano fôra elevado ao solio...

Oriundo de Sirmio, na Esclavonia, homem tirado da infima classe social e que era apenas soldado de fortuna, sem educação alguma, dotado de uma força bruta, que lhe grangeou o bem cabido cognome de «Herculeo», Maximiano fôra elevado ao solio imperial por um barbaro como elle, Diocles, conhecido pelo nome de Diocleciano. Como seu protector, cobarde até á baixeza, prodigo até o extremo, repleto dos mais abjectos vicios, e capaz de perpetrar os maiores crimes, que a penna christã se negaria a descrever, desconhecendo freio algum ás suas paixões, destituido dos sentimentos de justiça e de humanidade, este monstro nunca deixou de opprimir, perseguir e assassinar aquelles que a sorte collocava no seu caminho, e que não tomavam parte em suas devassidões. A perseguição que se preparava era, pois, para elle um como lauto banquete para o glotão, que anhela pelos excessos da festa que hão de distrahil-o da monotonia dos quotidianos.

De estatura athletica, com as feições que caracterisavam a sua

raça: barba e cabellos ruivos espessos e ásperos, parecendo tufos de herva sêcca; os olhos rolando convulsamente nas orbitas, sempre scintillantes de desconfiança, raiva e ferocidade; tal era o ultimo dos tyrannos de Roma, que a todos que o viam, excepto aos christãos, inspirava terror. Este era o motivo por que tanto odiava os mesmos christãos.

Na grande basilica ou sala do palacio de Latrão, então chamado *Ades-Lateranae,*[1] reunia Maximiano o seu conselho. A falta de segredo sobre as deliberações era punida com pena de morte.

No fundo da sala, n'um grande estrado semi-circular, o imperador se sentava n'um throno de marfim, ricamente adornado. Deante d'elle se enfileiravam os lisongeiros que o aconselhavam, e tremulos applaudiam os seus desejos.

Um corpo de tropas escolhidas guardava a porta, e o official que o commandava, Sebastião, entrado na sala e negligentemente encostado á porta, escutava cuidadosamente cada palavra que se proferia.

Mal pensava então o imperador, que a propria sala onde se achava, e que depois deu, juncto com o palacio contiguo, como parte do dote de sua filha Fausta a Constantino, seria por este offerecida ao chefe da religião, que intentava destruir; e que, conservando o mesmo nome de «Basilica Laterana» se tornava a cathedral de Roma, a mãe e a primeira das egrejas da cidade e do mundo inteiro.[2]

Mal pensava que, no logar onde se erguia seu throno, se collocaria a cadeira d'onde seria dictada a lei a um mundo desconhecido da soberania romana por uma serie immortal de soberanos espirituaes e temporaes.

Por deferencia para com a religião, foi no conselho primeiro concedida a palavra aos sacerdotes, que alli haviam sido admittidos por convite especial, e todos os quaes tinham exposições que fazer. Um contava que perto de uma povoação, um rio, sahindo do seu leito, tinha causado grandes estragos nas visinhas planicies; outro, que um terremoto tinha reduzido a ruinas parte de uma cidade; outro, que os barbaros ameaçavam uma invasão pela fronteira do norte, e ao sul, a peste devastava a população.

1 Casa ou palacio de Latrão.

2 Inscripção do frontispicio da Basilica Laterana.

Em todos estes casos, os oraculos haviam declarado, que tudo isto era devido aos christãos, tendo irritado os deuses a tolerancia do governo para com elles, pois que, com os seus feitiços, acarreavam tantos males ao imperio.

Alguns tinham até declarado ás suas sacerdotizas afflictas que nada mais diriam em quanto se não exterminassem totalmente todos os odiosos Nazarenos; e o oraculo de Delphos não tinha hesitado em dizer que:—O Justo não deixava fallar os deuses.

Aos sacerdotes seguiram-se os philosophos e oradores, e todos fizeram longos discursos, durante os quaes Maximiano dava inequivocos signaes de enfado.

Mas como os imperadores do Oriente tinham instituido um conselho simillhante, considerava dever seu escutar todas as opiniões.

Como sempre, em identicas circumstancias, repetiram-se as costumadas calumnias contra os christãos a uma assembléa que as applaudia; as narrações de assassinatos, de creanças mortas para serem devoradas, de mil outros crimes atrozes, da adoração dos corpos dos martyres, e d'uma cabeça de burro; além de tudo isto se dizia que não criam em nada, nem prestavam culto a divindade alguma.

Estas historias eram, na maxima parte, firmemente accreditadas, com quanto seja para suppôr que todos os que as narravam bem sabiam serem puras mentiras, inventadas pela idolatria para inspirar horror ao christianismo.

Mas, finalmente, levantou-se o homem que se considerava haver mais profundamente estudado as doutrinas do inimigo, e conhecer melhor sua tactica perigosa.

Suppunham que elle havia lido os livros dos christãos, e que ia confundir todos os seus erros e sophismas.

Tal era a confiança que merecia a sua opinião, que, quando asseverou serem monstruosos e abominaveis todos os principios, professados pelos christãos, se o proprio summo pontifice alli se achasse para contradizel-o, a todos teria causado riso o alvitre que tomasse de contradizer Calpurnio.

Elle seguia uma fórma diversa, e a sua erudição causou admiração a todos os sophistas, seus collegas.

Dizia ter lido os livros originaes, não só dos proprios christãos, mas dos seus antepassados, os judeus, que tinham vindo do Egypto no reinado de Ptolemeu Philadelpho, para escapar á fome que devas-

tava o seu paiz; que, por ardil do seu chefe José, tinham alli comprado todo o trigo, e o haviam mandado para a Judêa.

Sabendo isto, Ptolemeu mandou-os prender, e disse-lhes que, visto haverem comido o trigo, se sustentariam da palha, e ganhariam seu sustento fabricando tijolos para a edificação de uma grande cidade.

Então Demetrio Phalerio, ouvindo-lhes muitas historias curiosas de seus antepassados, mandou encerrar Moysés e Aarão, os mais sabios d'entre elles, n'uma torre, depois de lhes haver feito rapar as barbas, e ordenou-lhes que escrevessem em grego a sua historia.

Calpurnio dizia ter visto estes livros raros, de que sómente mencionaria alguns ponctos.

Esta raça de gente tinha feito guerra a todos os reis e povos, que encontrava no seu caminho, destruindo-os a todos. Tinham por costume, quando tomavam uma cidade, passarem todos os habitantes ao fio da espada; e tudo isto, por que estavam debaixo do governo de seus ambiciosos padres: de sorte que, quando um certo rei, chamado, Saul, denominado tambem Paul, quiz salvar a vida a um pobre monarcha, prisioneiro, por nome Agag, os padres ordenaram que lh'o trouxessem e fizeram-no em pedaços.

—Agora, continuou elle, estes christãos acham-se sob o dominio dos seus padres, e, se estes o ordenarem, estão promptos a derrubar o imperio romano, queimar-nos a todos, no Forum, e até a commetter o sacrilegio de tocar nas cabeças dos nossos divinos imperadores.

Um calefrio de horror se fez sentir em toda a assembléa ao ouvir tal discurso.

Passou breve esta desagradavel impressão, e o imperador deu signal de que ia fallar.

—Pela minha parte, disse elle, tenho ainda um outro motivo para aborrecer os christãos. Elles ousaram estabelecer no coração do imperio, e até n'esta cidade, uma auctoridade religiosa suprema, independente do governo do estado, que, antes, ninguem reconhecia, e que exerce sobre os espiritos poderosissima influencia. Antigamente todos reconheciam no imperador a auctoridade soberana, tanto civil, como religiosa. Por essa razão conservamos ainda o titulo de *Pontifex Maximus*. Mas estes homens dividiram o poder; e, por consequencia, dividiram tambem a lealdade que nos devem. Além d'isso, odeio, e considero, como uma usurpação aos nossos direitos, este poder sacerdotal, que domina os nossos subditos. Declaro que veria com melhores olhos

um rival, que tentasse disputar-me o throno, do que a eleição de um d'esses padres em Roma. [1]

Estas palavras, dictas em alta e rude voz n'uma pronuncia que bem mostrava ser de extrangeiro, foram recebidas com grandes applausos. Tomaram-se, pois, todas as providencias para a immediata publicação do edicto em todas as provincias do occidente, e para a completa execução d'este decreto d'exterminio.

Voltando-se depois para Tertullo, o imperador disse:



Prefeito, dissestes-me que sabieis...

— Prefeito, dissestes-me que sabieis de pessoa muito adequada para dirigir os preparativos, e perseguir inexoravelmente todos estes traidores.

— Está aqui, senhor, é meu filho Corvino.

[1] São estas as palavras de Decio, sobre a eleição de S. Cornelio para a cadeira de S. Pedro: «*Cum multo patientius audiret levari adversum se æmulum principem, quam constitui Romæ Dei sacerdotem.*» S. Cypr. Ep. III. ad Antonianum pag. 69, ed Maur. Não póde haver prova mais evidente, de quanto, sob o imperio do paganismo, era sensivel a influencia do poder dos Papas, a poncto de excitar a inveja dos imperadores.

E Tertullo conduziu o joven candidato até juncto do throno do carrancudo tyranno, onde ajoelhou.

Maximiano encarou-o attentamente, e dando uma forte gargalhada disse:

— Affirmo-vos que me parece estar muito no caso de desempenhar cabalmente a missão que quero confiar-lhe. Nunca nos tinheis dicto, prefeito, que tinheis um filho de tam más apparencias. Ninguem podia haver de melhor para o cargo que vou dar-lhe; tem todos os signaes da crueldade e da malvadez, estampados no rosto.

Depois voltando-se para Corvino, que estava córado de cólera, terror e vergonha, disse-lhe:

— Attenta bem no que fizeres, pois de tudo me darás restrictas contas; nada de embustes ou trapaças. Eu pago sempre bem, quando sou bem servido; mas tambem pago egualmente *bem*, se me servem mal. Vae-te embora, e lembra-te de que as tuas costas respondem por uma pequena falta, assim como a tua cabeça por uma maior.

As *fasces* dos lictores, teem uma machadinha mettida no meio de varas.

Ia para levantar-se o imperador, quando avistou Fulvio, que fôra chamado na qualidade de espião da côrte, e se conservava por detraz da assembléa, o mais occulto que podia.

— Olá! meu fino oriental, lhe gritou elle; vinde cá.

Fulvio obedeceu, com apparente satisfação, mas com verdadeira repugnancia, como se o tivessem convidado a approximar-se de um tigre, cujo cadeado não parecesse muito forte. Soubera desde sua chegada que o ter vindo a Roma não agradára a Maximiano, se bem que ignorava completamente o motivo. Não era só por que o tyranno tinha já um grande numero de favoritos para enriquecer, e de espiões para pagar, não carecendo de que Diocleciano lhe mandasse mais da Asia. Com quanto tivesse valor esta consideração, occorria-lhe tambem uma outra.

No fundo do seu coração julgava o tyranno que Fulvio havia sido mandado, principalmente para o expiar a elle, e participar para Nicomedia tudo quanto se fazia e dizia na sua côrte.

De sorte que, com quanto se visse como obrigado a empregal-o e a toleral-o, desconfiava d'elle, e não o estimava; isto equivalia a odial-o.

Foi quasi uma consolação para Corvino, quando ouviu em publico

o imperador dirigir a palavra ao seu nobre alliado, por tam rudes maneiras como lh'o fizera a elle. Fallou-lhe, pois, n'estes termos:

—Não é dos teus olhares de cortezão que preciso, entende bem!... Careço de obras e não de promessas. Apresentaste-te aqui, como um famoso descubridor de conspirações, como um furão, para fazer saír os christãos das suas tocas, ou chupar-lhes o sangue em meu proveito. D'ha muito que estou esperando, e ainda nada fizeste, apezar de teres recebido avultadas sommas para começares a tua obra. Esses christãos podem enriquecer-te; desenvolve mais diligencia, e mostra-nos o que podes fazer. Bem sabes o meu costume; melhor é que te acauteles, e evites que te mande dar alguma lembrança minha. As riquezas dos accusados serão divididas entre os denunciantes e o thesouro, excepto se eu tiver razões particulares para as considerar só propriedade minha. Agora vae-te embora.

Todos ficaram para si pensando que estas razões particulares se tornariam muito frequentes.

CAPITULO VII

CONFUSÃO E MORTE

Poucos dias depois de Fabiola ter voltado do campo, Sebastião julgou dever visital-a, para lhe contar o dialogo que havia ouvido entre Corvino e a escrava negra.

Já observamos que, d'entre muitos mancebos que Fabiola via em casa de seu pae, nenhum despertava a sua admiração, senão Sebastião.

Franco, generoso, bravo, e, apezar d'isso, cheio de modestia, affavel no tracto e nas acções, nada egoista, prestando-se sempre a obsequiar todos; unindo completamente em seu caracter a nobreza e a simplicidade com uma alta sabedoria no sentido practico; figurava-se á nobre patricia o mais bello typo de virtude que se podia encontrar em um homem; virtude cuja aureola nem o tempo nem o habito a eclipsariam.

Quando foram dizer-lhe que Sebastião desejava fallar-lhe em par-

ticular n'uma das salas do pavimento inferior, seu coração pulou de alegria, e concebeu agradaveis esperanças sobre o fim d'esta entrevista. Tal agitação não diminuiu, quando depois de se lhe haver apresentado, Sebastião lhe disse sorrindo, que, apezar de bem saber quam grande era o numero dos que pretendiam a sua mão, vinha, a seu pezar, nomear-lhe mais um, comquanto desconhecido, para junctar á lista. Este ambiguo prefacio surprehendeu-a e lisongeou-a, talvez, mas bem depressa se esvaeceu a sua vaidade, quando soube que o novo pretendente era o grosseiro e estupido Corvino.

Fabio, seu pae, com quanto indulgente e pouco habil para conhecer as pessoas, formára já d'elle completo juizo no ultimo banquete, e descrevêra-o a sua filha, dando-lhe tam pouco lisongeiros epithetos.

Sebastião temendo mais pelo physico do que pelo moral, o effeito das drogas de Afra, julgou correr-lhe a obrigação de informal-a do pacto entre os dois cumplices na arte tenebrosa, cujo principal fim consistia em dar dinheiro a uma desavergonhada, velhaca e avara.

Nada disse, porém, do que respeitava aos christãos na ultima parte do dialogo. Deu-lhe, pois, os necessarios avisos e conselhos, promettendo ella evitar as excursões nocturnas da escrava magica.

Estava convencida de que Afra não tinha intenção de cumprir a sua promessa, e quanto á arte mysteriosa, desprezava-a completamente.

As ultimas palavras que Afra proferira assás lhe provavam que estava enganando a sua victima. Mas indignava-a lembrar-se que fôra objecto de um contracto entre duas almas tam vís, e que a tinham inculcado como uma mulher avarenta, fazendo consistir sua ventura só no ouro.

—Agradeço, disse ella finalmente a Sebastião, a briosa e louvavel resolução que tomastes de prevenir-me, e admiro a delicadeza com que tractastes um negocio tam desagradavel, bem como a moderação com que julgaes todos os que n'elle se acham involvidos.

—Fiz n'este caso, replicou o tribuno, o que faria por qualquer pessoa, poupal-a a um dissabor, a um perigo.

—Sim, o que farieis a qualquer de vossos amigos, redarguiu Fabiola, sorrindo-se; aliás parece-me que toda a vossa vida não chegaria para as acções de bondade como a que acabaes de practicar.

—Desejo que assim seja ella toda empregada. Não posso consagrar minha vida a melhor occupação.

—Fallae-me seriamente, Sebastião. Se visseis uma pessoa que vos

odeia e deseja a vossa morte acommettida por uma calamidade, que a sepultasse na desgraça, estender-lhe-ieis acaso a mão, para salval-a, ou soccorrel-a?...

— Certamente!... Deus manda ao sol e á chuva que derramem egualmente os seus beneficios sobre os seus amigos e sobre os seus inimigos; e como poderemos nós, frageis creaturas, olhar de outra fórma para a justiça?...

A estas palavras Fabiola admirou-se; eram ellas exactamente como as que havia visto no mysterioso pergaminho, e de moral identica ás theorias da sua escrava.

—Estivestes no Oriente, Sebastião?! lhe perguntou ella com vivo interesse; foi lá que aprendestes esses principios? Tenho commigo uma rapariga que é ainda escrava por assim o querer, mulher de uma virtude e moral sublimes, e que me tem expendido as mesmas idéas; ella é da Asia.

— Não foi em nenhum paiz distante que as aprendi; ouvi-as aqui mesmo, n'esta cidade, desde que vi a luz; ainda que, na sua origem, vieram, sem duvida, do Oriente.

— São certamente bellissimas, abstractamente consideradas, observou Fabiola; mas a morte nos surprehenderia, antes que tivessemos conseguido metade de seus resultados, a modelarmos por ellas o nosso teor de vida. E em que melhor estado poderia a morte levar-nos, não digo surprehender-nos, do que quando nos esforçamos por cumprir nosso dever, embora não o hajamos de todo conseguido?

— Pela minha parte, continuou a dama, sou da opinião do antigo poeta epicurio. O mundo é um banquete, que eu estarei prompta a deixar, quando tiver recebido o meu quinhão *ut conviva satur* [1], mas não antes. Desejo lêr todo o livro da vida, e fechal-o-ei tranquilla, só quando houver lido a ultima pagina.

Sebastião abanou a cabeça, sorrindo-se, e disse:

— A ultima pagina do livro da vida póde achar-se para nós no meio do volume, ou em qualquer parte que, ao voltal-a, vejamos escripta a palavra: *Morte!* Mas n'essa pagina, na seguinte pagina, começa um livro luminoso d'uma nova vida, e este livro resplendente não tem derradeira pagina.

— Comprehendo-vos, replicou Fabiola alegremente: sois um valoro-

[1] Como o conviva saciado.

so soldado, e fallaes sempre como um bravo. Deveis estar sempre preparado para a morte, que mil aventuras vos podem occasionar: nós raras vezes a vemos approximar tam de repente; para nós, entes fracos, ella se nos dirige sempre mais compassiva, doce e vagarosa. Quanto a vós, esperaes, por certo, mais gloriosa sorte; pensaes em morrer com o peito traspassado de brechas inimigas e caír, cuberto d'honra, no campo da batalha. Vós desejaes a pyra funebre do soldado, abrilhantada com os tropheus que a honra lhe levanta.—Para vós se abrem, depois da morte, as paginas brilhantes do livro da gloria.



A ultima pagina do livro... (Pag. 203).

—Não! não, gentil dama, replicou vivamente Sebastião, não é a nada d'isso que queria alludir. Eu não aspiro á gloria que só a phantasia póde anticipadamente gozar. Fallo da morte vulgar, commum ao mais pobre escravo: da morte, que póde consumir-me por uma ferida ardente, devorar-me por uma consumpção lenta, torturar-me pelas ulceras que me invadam todo o corpo, ou tirar-me a vida por crueis supplicios infligidos pela cólera dos homens. De qualquer fórma que venha, recebêl-a-ei como dadiva de uma mão que adoro.

—E julgaes realmente, que encarando-a assim, a recebereis com prazer?

—Assim como o gastronomo, quando lhe franqueiam as portas da sala de um banquete, illuminada por centenares de lumes, e vendo a mesa esplendidamente servida de iguarias, cujo aroma embalsama os ares; vendo os criados ricamente vestidos, e coroados de rosas: assim como a desposada, quando sabe que o noivo se approxima para offertar-lhe ricos presentes e conduzil-a a nova habitação: assim tambem exultará minha alma, quando a morte, sob qualquer fórma que seja, abrir essas portas que mostrando-se de ferro, do lado de cá, se ostentam recamadas d'ouro, do lado de lá: por essas portas entrarei eu para uma vida de

delicias perennes. Não me horrorisará a fealdade da mensageira que vier abrir-me, de par em par, essas portas por onde ha de conduzir-me até juncto d'Aquelle, cuja belleza é infinita.

—E quem é Elle? perguntou Fabiola, com todo o interesse. Será acaso possivel, que só possa Elle vêr-se atravez dos mirrados despojos da morte?



...soltou um grito abafado, estremeceu e cahiu. (Pag. 206).

—Não, replicou Sebastião, porque Elle deve recompensar-nos não só por nossa vida, mas tambem por nossa morte. Felizes os corações innocentes e puros, cujo fundo Elle tem perscrutado, e cujas acções hão sido todas virtuosas. Lograrão elles a ventura de contemplal-o, e esta visão da soberana belleza será sua verdadeira recompensa.

—Como se parecem com as de Syra estas doutrinas! disse comsigo Fabiola.

E, continuando o dialogo, ia para perguntar qual a origem d'esta philosophia, quando uma escrava entrou, parou respeitosamente no limiar da porta, e disse:

—Um proprio, minha senhora, chegou agora mesmo de Baia. [1]

—Desculpae, Sebastião, disse ella.

Depois virando-se para a creada:

—Manda-o entrar immediatamente.

O mensageiro entrou, todo coberto de pó e cheio de cansaço, tendo deixado á porta o seu cavallo, semi-morto de fadiga. Entregou-lhe um masso sellado.

Fabiola recebeu-o com mão trémula, e em quanto cortava as fitas que o ligavam, perguntou, balbuciando:

—Vem de meu pae?

—Ao menos, diz-lhe respeito, respondeu o enviado.

Abriu o pergaminho, deitou-lhe um lance d'olhos, soltou um grito abafado, estremeceu e caiu.

Sebastião amparou-a, para que não se ferisse no chão, sentou-a com toda a delicadeza em um coxim, e deixou-a entregue aos cuidados de seus servos, que se haviam alli apresentado, apenas ouviram o grito de sua ama.

Um golpe de vista lhe dissera tudo!

Seu pae era fallecido!

CAPITULO VIII

AINDA MAIS CONFUSÃO

Quando Sebastião passava pelo atrio, viu os servos, que se haviam agrupado, para ouvirem contar ao mensageiro como occorrêra a morte de seu amo.

A carta de Fabiola, que Torquato lhe havia entregado, produzira o desejado effeito.

[1] Praia proxima de Napoles, muito frequentada no tempo dos banhos.

Fabio, antes de ir para a Asia, foi á sua casa de campo, e passou alguns dias com sua filha.

Mostrou-se mais terno do que nunca, para com ella, e ao despedir-se d'ella, parecia que ambos tinham um triste presentimento de que não se tornariam a ver.

Bem depressa, porém, recobrou elle sua alegria habitual, quando, ao chegar a Baia, encontrou alguns amigos, que anciosamente o esperavam. Ahi teve que demorar-se algum tempo, emquanto se aprompptava a nau que devia leval-o, e se fornecia, com abundancia para toda a viagem, dos melhores vinhos e provisões, que poderam encontrar-se em Campania.

A sua paixão pelo luxo e pelos prazeres levou-o a commetter excessos; e havendo saído d'um banho, depois de uma lauta ceia, foi accommettido de uma apoplexia, que em vinte e quatro horas o tornou cadaver.

Legou á filha toda a riqueza que possuia.

Finalmente, quando o mensageiro partiu, para trazer a Fabiola tam má noticia, tractava-se de embalsamar o corpo, que a mesma nau conduziria para Ostia.

Ouvindo a triste narração, Sebastião arrependeu-se de ter fallado sobre a morte como fallára, e retirou-se muito melancholico de casa de Fabiola.

A dôr que sentiu a joven patricia por tam infausto successo tornou-a ao principio quasi insensivel a tudo, que não fosse a recordação que a pungia; e, mais tarde, tomou esta mágoa as proporções de delirio.

O ardor de sua edade juvenil fazia-a soffrer mais ainda; o horizonte do futuro parecia-lhe avisinhar-se carregado de densas nuvens: muitas vezes se lhe figurava achar-se n'um mar immenso onde sómente fluctuava um sêr vivo: este sêr era ella.

Sua desventura afigurava-se-lhe inexprimivel, e se, por um momento, cansada de luctar, ficava como adormecida, em breve despertava, para sentir, mais e mais, o pungir de sua dôr.

Passava longas horas n'estas alternativas, durante as quaes a vida e a morte luctavam de continuo em seu interior: ao passo que suas escravas lhe applicavam remedios para fazer cessar-lhe os repetidos desmaios e convulsões de desesperação. Finalmente, ergueu-se no leito em que reclinava, pallida, extactica, sem derramar uma lagrima, e repelliu docemente a mão que lhe apresentava calmante bebida.

Ficou n'esta posição, por muito tempo, n'um espasmo que a fazia parecer morta: seus olhos não se mostravam sensiveis á luz, e todos receiavam que, a durar por mais tempo este estado anormal, deixasse de existir. O medico que tinham chamado approximou a bocca do ouvido de Fabiola, e com voz forte lhe fez esta pergunta:

—Fabiola, lembraes-vos de que vosso pae morreu?

Ella estremeceu, como sobresaltada, deixou-se cahir para traz, e uma torrente de lagrimas veiu trazer-lhe allivio ao coração, e tranquillisal-a um pouco.

Fallou de seu pae, chamou por elle, soluçando e como que desvairada, dirigiu-lhe palavras incoherentes, mas affectuosas.

Algumas vezes figurava-se-lhe que o via ainda vivo: então occorria-lhe, de repente, ter elle morrido; tornava a chorar e a soluçar, até que chegava o somno, este benefico amigo dos infelizes, para dar repouso a seu torturado espirito e a seu prostrado corpo.

Velavam juncto d'ella sómente Euphrosina e Syra.

A primeira repetia-lhe, de quando em quando, algumas palavras de consolação, segundo o uso pagão, lembrando-lhe que elle fôra um bom amo, um cidadão probo e um terno pae.

Mas a Christã conservava-se mais silenciosa, dirigindo apenas algumas doces palavras á sua senhora, servindo-a com delicada actividade, o que, mesmo immersa em sua dôr, não deixava de observar a joven ama.

Que mais podia ella fazer, a não ser orar?

Fabiola a si mesma perguntava:

—Que será agora feito d'elle? Haverá voltado ao nada, ou terá penetrado o mysterio da outra vida? Terá examinado sua vida esse olho omnipotente que penetra o invisivel? Terá elle ouvido a sentença d'essa testemunha das acções dos homens de que Sebastião e Syra lhe haviam fallado? Impossivel!... E então onde estaria o seu espirito?...

Pensando n'estas coisas, estremecia, e fazia por subtrahir seu espirito a taes reflexões.

Oh! que doçura encontraria n'estas considerações, se um raio da luz divina, reflectindo na campa d'aquelle ente que lhe era tam caro, viesse illuminar-lhe o confuso espirito!

A poesia tentára decifrar o mysterio e vangloriára-se de tudo descubrir: mas na verdade ficára á porta, e não passára d'ahi.

A sciencia tambem tentou transpôr os umbraes da eternidade, mas

bem como a debil borboleta, retirou-se com as azas crestadas, e o ar fétido da campa apagou a sua luz.

Do mesmo modo, a philosophia nada havia conseguido: depois de haver vagueado cautelosamente em torno d'aquelle mysterioso recincto, examinando-o com reservado estudo, fallou pouco d'elle, viu-se forçada a não poder dar a tal respeito alguma explicação plausivel, e terminou confessando que era problema que deixava por não poder resolver, pois que tal mysterio era impenetravel: ou, buscando outros rodeios, limitava-se a affirmar que divergiam as suas opiniões!

Em quanto estes pensamentos se revolvem em triste silencio na mente de Fabiola, sua escrava está gozando da contemplação de uma visão celeste, radiante de luz. Via uma fórma humana sair da campa, como de um alambique, onde se havia purificado, deixando ahi todas as impurezas proprias da materia. Purificada e livre, bella e cheia de gloria, ella se afastava d'aquella immunda corrupção.

Após estas, muitas outras subiram, do mar e da terra; dos occultos cemiterios e de juncto dos sanctos altares; do bosque solitario, onde a mão da perversidade arrancou a vida ao justo, e dos campos onde pelo seu Deus pelejou o povo de Israel; e todas estas figuras, que do mundo subiam ao ceu, como outras tantas estrellas, junctaram-se em numero de muitos milhões, para viverem uma vida, que não mais acabaria.

E como sabia ella todas estas coisas?

Porque um Ente mais poderoso que os poetas, sabios ou sophistas, fôra o primeiro que passára por esta prova. Tambem Elle se deitára no leito da morte e abençoára-o como ao leito da infancia. Fizera da morte uma coisa sancta, e do tumulo um sanctuario.

Elle desceu alli em escuras trevas, e saiu resplandescente da belleza da manhã; baixou ungido de aromas, e saiu envolto em sua incorruptibilidade e omnipotencia.

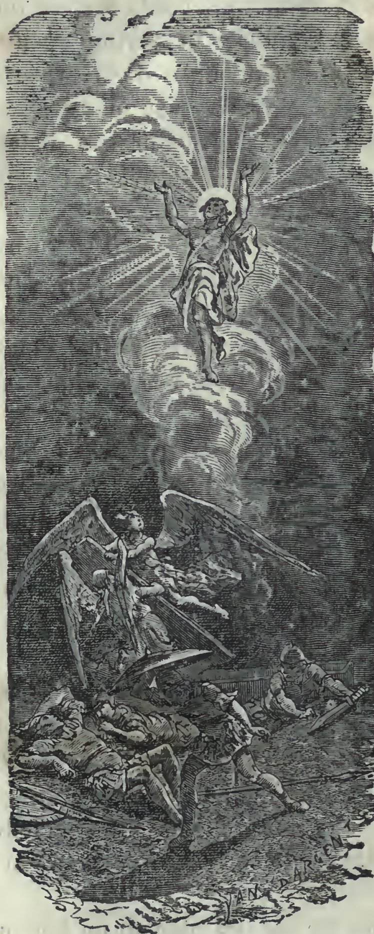
E desde esse dia, o tumulo deixára de ser um objecto de horror para a alma d'aquelle que fosse christão; porque Jesus o tornára o campo onde devia lançar-se a semente da immortalidade.

Não era, porém, ainda tempo de poder dizer-se isto a Fabiola.

Ainda chorava, como choram todos aquelles a quem fallece totalmente a esperança.

Os dias succediam-se, e vivia sempre absorta na profunda meditação da morte, até que, felizmente, outros cuidados conseguiram distrahil-a um pouco mais.

O cadaver chegou, e seguiu-se um funeral, como frequentes vezes Roma presenceava.



... saiu resplandescente... (Pag. 209).

Era uma vistosa procissão á luz de muitas tochas; iam no prestito os bustos de todos os antepassados d'aquella familia: uma pyra funebre feita de ricas madeiras aromaticas e embalsamada com os mais ricos perfumes da Arabia reduziu, em pouco tempo, o corpo a alguns punhados de cinzas, que foram guardadas em uma urna de alabastro, e esta em um nicho, na sepultura de familia, depois de sobre a tampa se haver gravado, como era costume, o nome d'aquelle cujas cinzas alli repousavam.

Foi Calpurnio o encarregado de pronunciar a oração funebre, na qual, segundo as idéas da epocha, procurou mostrar como singularmente contrastavam as virtudes d'este cidadão, industrioso e hospitaleiro, com a falsa moralidade dos chamados christãos, que passavam todo o dia a jejuar, e a orar, trabalhando occultamente para insinuar as suas perigosas doutrinas em todas as familias nobres, e espalhando a traição e a immoralidade em todas as classes. Se havia uma vida futura, no que differiam as opiniões dos philosophos, Fabio estava, por certo, nos Campos Elysios, saboreando o precioso nectar dos deuses.

—Oh! continuou o astuto hypocrita, quem recusará trocar um pequeno copo de vinho de Falerno, por uma amphora [1] d'esse precioso licor?! Oh! façam os deuses chegar breve esse dia em que eu, seu

[1] Vasos de barro, em que se guardava o vinho nas adegas.



Sua primeira visita foi a sua prima Ignez.

humilde cliente, me vá junctar á sombra do meu amigo, para participar de seus sobrios banquetes!

Este nobre sentimento provocou immensos applausos.

A estes cuidados succederam-se ainda outros.

Fabiola teve de empregar toda a perspicacia e energia de que era dotada, para examinar e ultimar os complicados negocios de seu pae.

Quantas vezes a affligiu descobrir o que lhe parecia injustiça, fraude, abuso e oppressão, nas transacções d'aquelle, que o mundo declarára o mais honrado e liberal dos homens? Poucas semanas depois, Fabiola, coberta de lucto, saiu a visitar as pessoas de sua amizade.

Sua primeira visita foi a sua prima Ignez.

CAPITULO IX

O FALSO IRMÃO

Faremos retroceder o nosso leitor alguns passos, para de novo fallarmos de Torquato. Na manhã seguinte á sua quéda, ao despertar, viu Fulvio á cabeceira. Era como o caçador de falcões, que tendo apanhado um ainda novo, ia domestical-o e ensinal-o a apoderar-se da prêsa innocente, que devia entregar-lhe, mediante a remuneração devida a seu serviço.

Com toda a frieza, adquirida pela longa practica do mundo, recordou-lhe todas as circumstancias da orgia da noite precedente: fez-

lhe conhecer sua ruina, e o unico meio de salvação. Com toda a sagacidade procurou ligal-o mais e mais pelo contracto da vespera, a que ajunctou algumas condições mais.

Critica era a posição de Torquato. Se voltasse ao christianismo, o que Fulvio lhe assegurava ser inutil, seria immediatamente entregue aos juizes, que puniriam sua traição com morte cruel: para que, porém, tudo lhe corresse bem, força era permanecer fiel ao pacto de traição concluido de vespera.

—Estaes pallido, e tendes febre, disse Fulvio, por fim; um passeio ao ar fresco da manhã ha de fazer-vos bem.

O desgraçado Torquato accedeu; e tinham apenas chegado ao Forum, quando Corvino, como por acaso, lhes saiu ao encontro.

Depois de mutuamente se haverem cumprimentado, disse elle:

—Estimo ter-vos encontrado; desejo que vejaes a loja onde meu pae trabalha.

—A loja? perguntou Torquato surprehendido.

—Sim, onde elle guarda as suas ferramentas, e que agora está perfeitamente fornecida. Eil-a, e aquelle velho porteiro, Catullo, está abrindo a porta.

Entraram em um pateo espaçoso, com um alpendre em volta, debaixo do qual haviam numerosos engenhos para torturas de toda a especie.

Torquato recuou.

—Entrae, meus senhores, não vos assusteis, disse o velho executor. As forjas não estão ainda accêsas, e ninguem vos fará mal algum, salvo se fordes alguns miseraveis christãos, pois por causa d'elles é que estamos pulindo e temperando nossos instrumentos.

—Vamos, Catullo, disse Corvino, mostra a este senhor, que nunca os viu, o uso de todos estes objectos.

Catullo, com boa vontade, lhes fez vêr aquella collecção de horrores, explicando-lhes tudo minuciosamente, e acompanhando estas explicações de gracejos, um tanto pesados; e, no seu enthusiasmo, quasi deu a Torquato uma demonstração practica do que descrevia, entallando-lhe de uma vez uma orelha n'um apparelho de agudos escalpellos, e, pouco depois, desarmando-lhe, muito proximo da cara, uma enorme machina, propria para esmagar. Fez-lhes vêr a roda, uma grande grelha, uma cadeira de ferro com uma fornalha para a pôr em braza, grandes caldeiras para preparar banhos de azeite ou

agua a ferver; colhéres de ferro para derreter chumbo, que deitavam pela bocca abaixo aos padecentes; escalpellos, ganchos e ancinhos, para descarnar; escorpiões ou disciplinas com ponctas de ferro, colleiras, algemas, e manilhas do mesmo metal, da fórma a mais horrivel; emfim, espadas, punhaes e machados.



Entrae, meus senhores... (Pag. 212).

Mostrava elle uma alegria feroz, ao lembrar-se de que todos estes instrumentos seriam, muito breve, empregados para castigar os christãos. [1]

Torquato estava mais morto que vivo. Levaram-n'o d'alli aos banhos de Antonino, onde excitou a attenção do velho Cucumio, guarda-roupa ou capsario, e de sua esposa Victoria, que o haviam visto na egreja.

Depois de lhe haverem dado abundante refeição, conduziram-n'o ás Thermas e á casa de jogo, onde, como de costume, perdeu.

[1] Estes instrumentos de tortura vem mencionados nas Actas dos Martyres, e são descriptos por alguns historiadores ecclesiasticos.

Fulvio emprestou-lhe dinheiro; mas exigiu-lhe um recibo de cada quantia. Por este meio, em poucos dias Torquato lhe pertenceu completamente.

Encontravam-se todos os dias, de manhã, e á noute; e durante o dia deixavam-n'o livre para que não perdesse a sua importancia, tornando-se suspeito aos christãos.

Corvino estava resolvido a tomar d'elles uma terrivel vingança, logo que o edicto fosse affixado.

Por isso exigiu de Torquato, segundo o que haviam tractado, que, como espia, estudasse os caminhos do cemiterio principal, onde o Summo Pontifice tencionava celebrar os divinos mysterios.

Sem difficuldade, Torquato conseguiu levar a effeito o que se lhe ordenava, e a sua visita ao cemiterio de Callisto foi em cumprimento do que havia tractado.

Quando se deu em seu espirito aquella lucta entre a graça e o peccado, que Severo notou, se elle cedeu ao mal, foi a imagem de Catullo com as suas horriveis machinas de tortura, e de Fulvio com os seus recibos, que o fizeram permanecer no caminho da perdição.

Corvino, depois de ter recebido d'elle as informações de que precisava, traçou, servindo-se d'ellas, uma tosca planta do cemiterio, que se resolveu a assaltar de manhã cedo, no dia seguinte áquelle em que saisse o decreto.

Fulvio tomou outra resolução.

Decidiu inteirar-se pessoalmente de tudo, com as principaes pessoas do clero, e com os chefes dos christãos de Roma.

Conseguindo isto, bem sabia que nenhum disfarce os poderia occultar á sua perspicacia, e que facilmente os apanharia, uns após outros.

Insistiu, pois, com Torquato, para que o levasse, como seu companheiro, á primeira funcção mais celebre em que se reunissem muitos padres presbyteros e diaconos, em torno do Papa.

Repelliu todas as observações de Torquato, tranquillisou-o, dissipando todos os seus receios, e assegurou-lhe que, uma vez vencida a difficuldade da entrada, por meio da senha, elle se haveria exactamente como um christão.

A' vista das suas razões, Torquato o informou de que, em breve, se offerecia uma excellente occasião, na proxima ordenação, que devia ter logar n'aquelle mez de dezembro.



CAPITULO X

A ORDENAÇÃO EM DEZEMBRO


odas as pessoas que tiverem lido a historia dos primeiros Papas, recordar-se-ão, sem duvida, de um facto, que apparece na vida de cada um d'elles, e vem a ser certas ordenações no mez de dezembro, nas quaes elles ordenavam os presbyteros, diaconos e bispos, para os differentes logares.

Os primeiros graus que referimos, conferiam-se para preencher o clero da cidade; o terceiro era a fim de fornecer pastores para outras dioceses.

Em tempos já mais recentes, os «dias de ordens» em dezembro, regulavam-se pela festividade de Santa Luzia, em que o Summo Pontifice fazia o seu consistorio, no qual nomeava os seus cardeaes, padres e diaconos, e preconisava, como é costume, os bispos de toda a parte do mundo.

E, actualmente, ainda que os consistorios presentemente não coincidem com as epochas da ordenação, comtudo fazem-se ainda para o mesmo fim.

Marcellino, em cujo pontificado tem logar a nossa narração, fez duas ordenações no referido mez, mas em dous annos differentes.

É uma d'estas, que nós dissemos ir, em breve, verificar-se. Saber onde era esta funcção, eis o primeiro interesse de Fulvio.

Não podemos deixar de crêr que este poncto será interessante sob o poncto de vista de antiguidade christã. Nem seriam completos nossos estudos sobre a antiga Egreja Romana, se não conhecessemos o logar privilegiado, onde os Pontifices successivamente prégaram e celebraram os mysterios divinos, onde reuniram os seus concilios, e fize-

ram aquellas gloriosas ordenações, que apresentaram não só bispos, mas até martyres para reger as egrejas, e deram a S. Lourenço o diaconato, e o presbyterato a S. Novato e S. Timotheo.

N'este logar sagrado, Polycarpo e Ireneu visitaram o successor de S. Pedro; e d'alli sairam os apostolos que converteram á fé nosso rei Lucio. [1] O palacio em que os Pontifices habitavam, e a egreja em que officiavam, até á epocha em que Constantino os installou no palacio e basilica Laterana, a residencia, e a egreja d'essa serie illustre de Papas martyres, durante trezentos annos, é, certamente, digno de nossos estudos.

E para que na descripção o espirito de parcialidade, pessoal ou nacional, não nos induza a erro, seguiremos a opinião de um sabio antiquario contemporaneo, que, no curso de seus estudos, reuniu por acaso as dactas uteis á nossa narração. [2]

Já dissemos que a casa da familia de Ignez era situada no *Vicus Patricius*, ou rua Patricia. Esta rua tinha tambem um outro nome, chamando-se rua dos Cornelios, *Vicus Corneliorum*, porque alli vivia a illustre familia d'esse nome.

O Centurião que S. Pedro converteu [3] pertencia a esta familia, e, provavelmente, é a elle que o apostolo deve a sua introducção em Roma, sendo admittido na casa de Cornelio Pudens, chefe da casa.

Este senador casou com Claudia, nobre senhora ingleza; e admira que o deshonesto poeta Marcial fraternizasse com os mais puros escriptores, quando cantou n'um epithalamio a união d'estes dois virtuosos esposos.

Foi em casa d'esta familia que viveu S. Pedro; e S. Paulo, seu irmão no apostolado, os nomeia entre os seus melhores amigos, quando escreve a Timotheo: «Eubulo e Pudens, Lino e Claudia, e todos os nossos irmãos, vos saudam.» [4]

D'aquella casa saíam então, enviados pelo principe dos apostolos, os bispos que em todas as direcções íam propagar a fé de Christo, e morrer por ella.

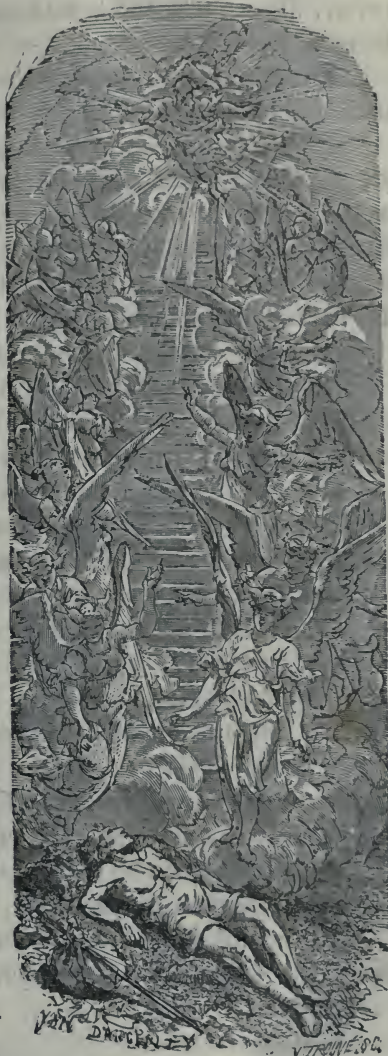
1 Rei de Inglaterra.

2 «*Sopra l'antichissimo altare di legno, rinchiuso nell'altare papale, etc.*» Sobre o mais antigo altar de madeira, incluso no altar papal da Sancta Basilica Laterana. Por Monsegn. D. Bartolini. Roma, 1852.

3 Actos X.

4 Tim. IV. 21.

Depois da morte de Pudens, sua casa tornou-se propriedade de seus filhos e netos,[1] os primeiros dos quaes eram dois filhos e duas filhas. Estas ultimas são mais conhecidas, porque occupam um logar no calendario geral da egreja, e porque deram os seus nomes a duas das mais illustres egrejas de Roma, a de Sancta Praxedes e a de Sancta Pudenciana.



Este logar é terrivel... (Pag. 218)

É a esta ultima, que Albano Busler chama «a mais antiga egreja do mundo,»[2] o que indica ao mesmo tempo, o *Vicus Patricius* e a casa de *Pudens*.

Como em todas as cidades, em Roma, o sacrificio da eucharistia celebrava-se pelo bispo, nos primeiros seculos n'uma só egreja. Mesmo depois de se haverem erigido mais egrejas consagradas aos fieis que n'ellas se reuniam, os diaconos traziam a communhão do altar para lhes ser distribuida pelos sacerdotes.

Foi o papa Evaristo, quarto successor de S. Pedro, quem multiplicou as egrejas em Roma, em circumstancias singularmente interessantes.

Duas coisas fez então este papa. A primeira foi prohibir que d'alli em deante se fizessem altares, que não fossem de pedra e benzidos; e a segunda, distribuir os *titulos*, isto é, dividir Roma em parochias, a cujas egrejas deu o nome de *titulos*.

A connexão entre estes dois actos será evidente para quem hou-

1 Falla-se de um Pudens segundo, ou mais novo.
2 Maio 19.

ver visto o *Genesis* XXVIII. Lê-se alli que Jacob tivera uma visão celeste, em quanto dormia, servindo-lhe de travesseiro uma pedra, e, ao despertar, dissera tremendo: Este logar é terrivel, é realmente a casa de Deus, e a porta do ceu!

Ao amanhecer, Jacob levantando-se, *tomou a pedra... ergueu-a como titulo* (monumento), *depois d'haver derramado azeite sobre ella.* [1]

A egreja ou oratorio, onde se celebravam os sagrados mysterios, era verdadeiramente para os christãos a casa de Deus; e o altar de pedra, que alli levantavam, era sagrado com oleo sancto sobre elle derramado, como ainda hoje se practíca (porque as leis de Evaristo conservam-se integralmente em execução); o altar fica sendo, d'este modo, um *titulo* ou monumento. [2]

Dois interessantes factos prendem com esta digressão.

Um d'elles é, que n'aquelle tempo havia apenas uma egreja, com altar, em Roma; e não resta duvida alguma de que esta era, e ainda é, a egreja conhecida pelo nome de *Sancta Pudenciana.*

O outro é, que o unico altar que então existia não era de pedra.

Era de certo o altar de madeira usado por S. Pedro, e guardado n'aquella egreja, até que foi transferido por S. Silvestre para a basilica Laterana, onde é o altar-mór. [3]

Além d'isto, nós concluimos d'aqui que a lei de Evaristo não teve effeito retroactivo, e que o altar de madeira dos Papas foi guardado n'aquella egreja, onde primeiro o haviam erigido, ainda que, de vez em quando, o hão conduzido, para d'elle se servirem, a outros logares.

A egreja no *Vicus Patricius*, que existia antes da creação dos *titulos*, não era um *titulo.*

Continuou a ser episcopal, ou antes, a egreja pontifical de Roma.

O pontificado de S. Pio I, de 142 a 154, fórma um periodo interessante na historia d'esta egreja, por duas razões:

A primeira porque aquelle Papa, sem alterar o caracter primitivo da egreja, lhe ajunctou um oratorio, de que fez um *titulo.* [4] Conferiu-o

1 Versos 17, 18.

2 Julgamos desnecessario mostrar o uso classico da palavra *titulus.*

3 Sómente o Papa alli póde dizer missa, ou um cardeal auctorisado por uma bulla especial; este altar foi ultimamente adornado com muito esplendor: uma tabua do altar antigo se tem sempre conservado, no altar de S. Pedro, na Egreja de Sancta Pudenciana. Ha pouco, comparando-se com a do altar Laterano, viu-se ser egual.

4 O logar d'elle é agora occupado pela capella *Caetani.*

a seu irmão Pastor, chamando-se-lhe depois *titulus Pastoris*, designação que por muito tempo conservou o cardinalato annexo á egreja. Isto mostra que o vocabulo egreja, significa mais que *titulo*.

Em segundo logar, porque n'este pontificado veiu a Roma, pela segunda vez, e soffreu o martyrio o sancto e sabio apologista S. Justino.

Comparando os seus escriptos com as suas actas [1] tiramos interessantes conclusões em relação ao culto dos christãos em tempos de perseguição.

—Em que logar se reunem os christãos? lhe perguntaram os juizes.

—Pensaes vós, respondeu elle, que nos reunimos todos no mesmo logar? Enganaes-vos.

Mas quando lhe perguntaram onde vivia, e onde reunia os seus discipulos, respondeu:

—Vivo perto da casa de um certo Martinho, juncto dos banhos conhecidos pelo nome de Timotheo. Vim a Roma pela segunda vez, nem conheço outro logar, além do que já vos disse.

Os banhos de Timotheo faziam parte da casa da familia Pudens, e eram aquelles em que dissemos que Corvino e Fulvio se encontraram uma manhã cedo.

Novato e Timotheo eram irmãos das sanctas virgens Praxedes e Pudenciana, e d'aqui veiu tomarem os banhos successivamente os nomes dos dois irmãos, por terem passado do primeiro para o segundo. Era n'este logar que vivia S. Justino, e, *como não conhecia nenhum outro em Roma,* alli celebrava os divinos mysterios. As mesmas leis da hospitalidade assim o exigiam.

Na sua *Apologia christã,* descrevendo a lithurgia certamente como se practicava no seu tempo, falla do celebrante em termos que sufficientemente indicam o bispo, ou pastor da cidade; dando-lhe não só um titulo usado pelos bispos da antiguidade, [2] mas mencionando-o como pessoa que agasalhava os orphãos e as viuvas, soccorria os enfermos, os indigentes, os prêsos, acolhia os peregrinos; n'uma palavra, que provia ás necessidades dos que soffriam.

1 Obras de Maurist, ou em Ruinart, I.

2 O *præpositus*, Heb. XIII. 17. Victor, bispo dos romanos. Euseb. H. E. l. v. 24. A palavra usada é a mesma, que a de S. Justino.

Por isso, parece-nos que este personagem não podia ser outro senão o bispo, ou o mesmo papa.

Accrescentaremos, além d'isso, que é tambem a S. Pio que se attribue o ter erigido fontes baptismaes fixas, na mesma egreja, uma outra prerogativa da cathedral, transferida com o altar papal para a basilica Laterana.

Referem que o sancto Papa Estevão (A. D. 257) baptisou o tribuno Nemesio e sua familia, bem como outros muitos neophytos *no titulo* de Pastor. [1]

Com o tempo, aquelle nome foi substituido por um outro. Comtudo o sitio é ainda o mesmo; e não ha duvida alguma que a egreja de Sancta Pudenciana foi durante os tres primeiros seculos a humilde cathedral de Roma.

Foi tambem aqui que Torquato, muito contra sua vontade, consentiu em conduzir Fulvio, para assistir á ordenação de dezembro.

Achamos nas inscripções sepulchraes, nos martyrologios e na historia ecclesiastica, bastantes vestigios das ordens, que, como ainda hoje, conferia a egreja catholica. As inscripções quasi sempre se referem ás do *leitor* e do *exorcista*.

Daremos um interessante exemplo de cada uma d'ellas.

A primeira é d'um leitor:

CINNAMIVS OPAS LECTOR TITVLI FASCIOLE
AMICVS PAVPERVM
QVI VIXIT ANN. XLVI. MENS. VII. D. VIII.
DEPOSIT IN PACE X. KAL. MART. [2]

A segunda é d'um exorcista:

MACEDONIVS
EXORCISTA DE KATOLICA. [3]

[1] O sabio Bianchini suppõe jndiciosamente que a estação do dia de Paschoa não era na egreja Laterana, nem na de S. Pedro, onde o papa officiava, com quanto seja mais natural que o fosse, maș na basilica Liberiana, porque era costume administrar o baptismo na egreja de Sancta Pudenciana, que fica a pequenissima distancia d'alli.

[2] Cinnamio Opas, leitor do *titulo* de Fasciola (agora dos sanctos Nereu e Achilleu), amigo dos pobres, que viveu sessenta e seis annos, sete mezes e oito dias. Sepultado em paz no decimo dia depois das calendas de março. (De S. Paulo).

[3] Macedonio, exorcista da egreja catholica. (Tirada de cemiterio dos sanctos Thraso e Saturnino, na via Salariana).

Ha porém a differença, entre as antigas ordens e as d'hoje, de não serem as menores graus que levam o ordinando, necessariamente, ás maiores, sendo que muitas pessoas ficavam toda a sua vida nas menores, raras vezes administradas; e eram-n'o estas separadamente das maiores, que se conferiam em publico.

Torquato depois de dar a senha, entrou, acompanhado de Fulvio, que mostrou rara habilidade em imitar tudo o que os outros faziam.

A assembléa não era numerosa.

Estava reunida em uma sala do palacio, convertida em egreja ou oratorio, compondo-se quasi toda só do clero e dos candidatos ás ordens.

Entre os ultimos, achavam-se os dois irmãos gemeos Marcos e Marcelliano, collegas na conversão de Torquato, que receberam ordens de diacono, bem como seu pae Tranquillino, que recebeu a de presbytero.

Fulvio conservou bem na memoria as feições e a figura d'estes ultimos; e ainda mais as do clero mais eminente de Roma, que alli se achava reunido. Mais, porém, que em todas as outras, fixou elle sua penetrante vista n'uma pessoa, estudando-lhe os gestos, o olhar, a voz e as maneiras.



Em seu rosto, de expressões...

Era ella o Pontifice que celebrava os sagrados ritos.

Marcellino tinha já regido a egreja durante seis annos, e era de veneravel presença. Em seu rosto, de expressões doces e brandas, não se podia lêr a firmeza, de que o martyrio carece, e de que deu provas, quando morreu por Christo.

N'estes dias, todos os signaes caracteristicos, que podessem designar o Pastor supremo aos olhos dos lobos esfaimados, se evitavam cuidadosamente.

O soberano Pontifice trazia, pois, o vestido ordinario dos homens respeitaveis d'este tempo.

Porém quando celebrava, apparecia com suas vestes especiaes, que

consistiam n'uma ampla alva, que lançava por sobre o vestuario ordinario. Os bispos punham tambem na cabeça uma corôa ou *infula*, origem das mitras d'hoje; e na mão traziam um baculo, emblema do seu cargo pastoral e da sua auctoridade.

Sobre o Pontifice, que estava de pé em face da assembléa, deante do sagrado altar de S. Pedro, que o separava do povo, [1] fitava o espia do oriente seus olhos perscrutadores. Examinou-o minuciosamente, medindo a sua estatura com a sua vista, reparando bem na côr da tez e nas feições, no cabello, na figura, na maneira de voltar a cabeça, no andar, no tom de voz e até no modo de respirar, e disse comsigo mesmo: Se o vir fóra d'aqui, por mais disfarçado que esteja, é minha prêsa, e eu conheço-lhe o valor.



1 Nas grandes basilisas antigas de Roma o celebrante está voltado para os fieis.



CAPITULO XI

PRIE IVN PAVSA BET PRAETIOSA ANNORVM PVLLA VIRGO XII TANTVM ANCILLA DEI ET XPI FL. VINCENTIO ET FRAVITO. VG· CONSS [1]

Se o sabio Thomassino tivesse conhecimento d'esta inscripção ultimamente descoberta, quando, com tanta eloquencia, demonstrou que nos tempos da primitiva egreja as virgens podiam professar na edade de doze annos, certamente a teria mencionado. [2]

Porque, podemos acaso duvidar de que á joven virgem, já aos doze annos, esposa de Nosso Senhor Jesus Christo, só podia competir tal nome por se haver consagrado a Deus?

Em tam tenra edade tal dedicação devia ser grata ao Eterno. Temos porém que observar ser em annos mais maduros a edade propria, segundo as leis ecclesiasticas, e a em que tal dedicação era permittida pela egreja, sendo um acto solemne esta consagração, e recebendo o veu da virgindade das mãos do bispo, por via de regra, no domingo de Ramos.

Antes d'esse acto, as neophytas recebiam de seus parentes um vestuario completo, todo preto. Porém quando algum perigo estava eminente, a egreja permittia a anticipação de alguns annos á edade legal, e animava as esposas de Christo nos seus designios, concedendo-lhes a sua benção. [3] Uma perseguição do caracter mais terrivel estava proxima a começar, ameaçando não poupar ainda as mais innocentes ovelhas do rebanho dos fieis; por isso não admirava que aquellas que no fundo do seu coração desejavam esposar o divino Cordeiro, e tornar-se suas para sempre, desejassem celebrar as suas nupcias antes de lhes chegar a hora do martyrio.

[1] 'No dia antes do primeiro de junho, deixou de viver Praetiosa, joven donzella, virgem de doze annos de edade apenas, e já esposa de Nosso Senhor Jesus Christo.

[2] Vetus et Nova Ecclesiae disciplina circa beneficia, par L. lib. III. (Luc. 1727).

[3] Tomassin p. 792.

Estas jovens e corajosas christãs desejavam, pois, ardentemente que o lirio da virgindade fosse enlaçado á palma do martyrio. Ignez tinha, desde a infancia, escolhido para si este estado de sanctidade.

A virtude sobrehumana, que sempre havia revelado nas suas palavras e nas suas acções, casada com a graciosa simplicidade e innocente candura da juventude e com sua prudencia habitual, suppriam-lhe a edade, fazendo com que fosse admittida áquelles esponsaes, por que o seu coração anhelava.

Com toda a avidez aproveitou ella a occasião, á vista do perigo que se avisinhava, para pedir a exceptuassem da lei, que demoraria ainda dez annos mais a satisfação dos seus mais ardentes desejos.

Uma outra pretendente se lhe reuniu na sua pretenção.

Facilmente podemos imaginar que a mais terna amizade a unia a Syra, desde a primeira entrevista que, como já dissemos, se dera entre ellas. Este laço cada dia se estreitára mais, com os elogios que Ignez ouvira fazer a Fabiola da sua escrava favorita.

Por isto, bem como pela modesta conversação d'esta ultima, Ignez sabia quanto aquella alma exultava, vendo progredir a obra a que do coração se havia dedicado,—a conversão de sua senhora, e que a si só se deveria tam nobre conquista, graças á prudencia e brandura que empregava.

Nas suas frequentes visitas a Fabiola, Ignez mostrava-se admirada, e approvava tudo o que sua prima lhe contava das conversações de Syra, mas evitava cuidadosamente mostrar que entre ellas houvesse a menor intelligencia. Syra, como serva, e Ignez, como parenta, tinham tomado lucto pela morte de Fabio, e por isso nenhuma suspeita podiam despertar de que houvessem feito secretamente os votos.

E foi assim que, com toda a segurança, combinaram pedir para serem admittidas á recepção da solemne benção pelo voto de perpetua castidade.

Esta graça foi-lhes concedida, mas, por obvias razões, adiada para um pouco mais tarde. A prudencia aconselhava tambem que houvesse rigoroso segredo sobre a resolução que haviam tomado.

Foi apenas um ou dois dias antes do aprasado para as suas nupcias espirituaes, que Syra a communicou tambem, debaixo de absoluto sagredo, á sua amiga cega.

— Oh! disse esta ultima, fingindo-se um tanto despeitada, quereis ser a unica a gozar d'esse supremo bem! É isso um acto de caridade?

—Minha querida filha, disse Syra com ternura, não te escandalizes; o segredo n'este passo é estrictamente necessario.

—Infeliz de mim! continuou a cega; e não poderei, ao menos, assistir á ceremonia?

—Oh! por certo, Cecilia, muito folgarei de que te aches presente, e de que vejas tudo o melhor que possas, replicou Syra, rindo.

—Não importa que eu não veja. Mas dizei-me como ides vestida? Tendes tudo prompto?

Syra descreveu-lhe, o melhor que pôde, o habito e o veu, a sua côr e fórma.

—Como tudo isso é interessante! exclamava a outra. E que tendes vós que fazer n'essa occasião?

Syra divertiu-se com aquella pueril curiosidade, e satisfêl-a, descrevendo-lhe minuciosamente a breve ceremonia.

—Muito bem, agora ainda uma pergunta mais, disse a cega. Onde, e quando deve isso ter logar? Dissestes-me que eu podia assistir, por isso desejo saber o dia e o local.

Syra disse-lhe que seria na egreja do Pastor, ao nascer do sol, d'alli a tres dias.

—Mas porque estás hoje tam amiga de perguntar, minha filha? Eu nunca te vi assim. Receio que tomes esse costume, que não é bom.

—Tranquillisae-vos, replicou Cecilia; assim como gostaes de ter segredos para mim, permitti que eu tambem guarde alguns meus.

Syra riu-se d'esta resposta, porque conhecia muito bem a simplicidade e candura da pobre rapariga.

Abraçaram-se affectuosamente, e Cecilia partiu. Foi direita a casa de Lucina, pois em toda a parte era muito estimada.

Apenas admittida á presença d'aquella respeitavel matrona, correu para ella, lançou-se-lhe nos braços e começou a chorar.

Lucina procurou tranquillisal-a com muitas caricias e bem depressa ella socegou.

Em poucos minutos recobrou suas maneiras alegres, e fallou em voz baixa com a respeitavel senhora, que tambem se mostrava muito contente e interessada no objecto da conversação. Retirou-se depois risonha e prasenteira, dirigindo-se a casa de Ignez, em cujo hospital vivia o bom padre Dionysio. Achou-o em casa, e ajoelhando deante d'elle, fallou-lhe com tal humildade e fervor, que elle, commovido, derramou algumas lagrimas, animando-a e acariciando-a.

Ainda não havia sido escripto o *Te Deum*, mas um cantico similhante parecia echoar aos ouvidos da pobre cega, em quanto se dirigia a casa. Tinha emfim raiado a feliz manhã; haviam-se celebrado os solemnes mysterios, e retirára-se a multidão dos fieis.

Só ficaram aquellas pessoas que deviam tomar parte n'uma funcção mais particular, e as que foram especialmente convidadas para assistirem a ella. Eram estas ultimas Lucina e seu filho, os velhos parentes de Ignez e Sebastião. Mas Syra debalde com a vista procurou a sua amiga cega; julgou que, sem duvida, se havia retirado com a multidão: e a pobre escrava receou que a reserva que guardára na ultima entrevista a tivesse escandalisado.

O recincto estava ainda apenas allumiado pela debil luz do crepusculo de uma manhã d'inverno; se bem que fóra parecia ella annunciar-se como uma das mais bellas do mez de dezembro. Sobre o altar ardiam cirios perfumados de grande dimensão e, em torno d'elle, lampadas de grande valor d'ouro e de prata espargiam bruxuleante luz sobre o sanctuario.

Em frente do altar estava collocada uma cadeira, tam veneravel como o altar: era a cadeira de S. Pedro, que hoje se acha no Vaticano. Alli estava assentado o sancto Pontifice com a tiara na cabeça, e, em derredor, viam-se seus ministros, quasi tam veneraveis como elle.

No meio de um sepulchral silencio ergueram-se vozes, harmoniosas como as dos anjos, cantando em doce cadencia um hymno que resumia os sentimentos depois reproduzidos no *Jesu corona virginum;* [1] e em seguida entraram em procissão no sanctuario as virgens já consagradas, conduzidas pelos padres e diaconos.

No meio d'ellas vinham duas, cujos vestidos brancos muito salientes se tornavam entre os escuros de suas companheiras. Eram estas as duas neophytas que fechavam o prestito, sendo cada uma conduzida por duas professas até juncto do altar, onde se ajoelharam aos pés do Pontifice. As madrinhas ajoelharam juncto d'ellas.

O Pontifice perguntou a cada uma o que desejava, e responderam que queriam receber o veu, e practicar os deveres da vida que abraçavam sob a tutela das que haviam escolhido para lhes servirem de guia. Pois ainda que, já n'esta epocha, as virgens que se consagravam ao Senhor viviam em communidade, comtudo algumas continuavam a resi-

1 «Jesus, corôa das virgens.» *Hymno das virgens.*

dir em suas casas, para que a perseguição lhes não perturbasse o retiro. Havia porém na egreja um logar reservado para ellas; e muitas vezes se reuniam em particular, para se instruirem e practicarem actos de devoção.

O bispo dirigiu então ás jovens noviças palavras affectuosas de conforto e de esperança. Fez-lhes vêr quanto era sublime viver na terra, á similhança dos anjos, e seguir o casto e difficil caminho do ceu que o Verbo Incarnado escolheu para sua Mãe, a fim de, no termo da viagem, serem recebidas nas celestes phalanges dos eleitos que para toda a parte seguem o Divino Cordeiro. Lembrou-lhes a doutrina de S. Paulo, em uma de suas epistolas aos corinthios, ácerca da superioridade da virgindade sobre qualquer outro estado; eloquentemente lhes demonstrou a felicidade que havia em não ter no mundo outra affeição além de uma, que em vez de terminar com a vida, renascia no ceu com a immortalidade e a gloria: e recordou-lhes, terminando, a ventura d'aquelles cujo unico amor na terra, em logar de murchar como os amores do mundo, se expande e completa na eternidade.

Depois d'esta allocução e do exame das que aspiravam a tam grande honra, como a de serem esposas de Christo, o sancto Pontifice começou a benção ás diversas partes de seus habitos religiosos, acompanhada de orações, provavelmente identicas ás que ainda hoje estão em uso; sendo em seguida revestidas pelas suas madrinhas. As novas professas curvavam então a cabeça sobre o altar, pronunciando o voto de abnegação pessoal. Não havia porém no Occidente, como no Oriente, o uso de cortar o cabello.

Depois da ceremonia, collocaram uma grinalda de flôres na cabeça de cada uma das esposas do Senhor, e ainda que era inverno, o bem provido jardim de Fabiola fornecêra mimosos adornos.

Tudo parecia terminado, e Ignez, ajoelhando juncto do altar, ficou immovel e como abstracta em extactica visão que parecia contemplar com os olhos erguidos para o ceu: ao passo que Syra juncto d'ella, com a cabeça pendida, sondava a humildade do seu coração, perguntando a si mesma como a tinham julgado digna de honra tam sublime.

Tam absortas estavam ambas, dando graças ao Senhor, que não perceberam um leve murmurio na assembléa, que parecia agitada por imprevisto incidente.

Foi a voz do bispo que lhes despertou a attenção, repetindo a pergunta:

— Minha filha, que desejas?

Antes que tivessem tempo de responder, uma mão pegou na mão de cada uma, e uma voz, que a ambas era cara, respondeu:

— Sancto Padre, receber o veu de consagração a Jesus Christo, meu unico amor n'este mundo, sob a tutela d'estas duas virtuosas virgens que já teem a ventura de serem suas esposas.

Ambas choraram de alegria e ternura, porque era a pobre cega, Cecilia.

Quando ouviu dizer a Syra a felicidade que a esperava, como vimos, correu a casa da boa Lucina, que a consolou dizendo-lhe que era possivel obter para si a mesma graça.

Lucina prometteu arranjar-lhe o habito de que precisava, que Cecilia lhe pediu com instancia fosse o mais grosseiro possivel, para ser mais apropriado á sua condição de mendicante.

O padre Dionysio apresentou a sua petição ao Pontifice, que accedeu a seus rogos, e como ella queria que as suas duas amigas fossem madrinhas, combinou-se que elle a conduziria ao altar, logo depois d'ellas haverem recebido o veu. De tudo isto guardou Cecilia segredo.

Depois de receber a benção, de ter posto o veu e vestido o habito, perguntaram-lhe se não tinha trazido grinalda. Tirou ella timidamente debaixo do habito a corôa que trouxera. Era um ramo de tojo, enrolado em fórma de grinalda, e apresentou-o, dizendo:

— Nenhumas flôres trago para offerecer ao meu noivo, e Elle tambem nunca se ornou de outras flôres, a não serem estas. Sou apenas uma pobre rapariga; e julgaes acaso que o Senhor se offenderá por lhe pedir que me corôe como, pela sua infinita bondade, quiz ser coroado por causa de mim? Além d'isso, as flôres n'aquellas que as trazem representam virtudes, mas a minha alma peccadora só espinhos tem produzido.

Ella não pôde vêr, com os seus olhos privados da luz, as suas amigas tirarem as corôas das cabeças para as collocarem na sua, mas um signal do Pontifice as deteve no seu designio, e, por entre os espectadores enternecidos, passou cheia de jubilo, assim enfeitada com a corôa de espinhos, emblema das doutrinas evangelicas da Egreja, que nos diz que a verdadeira realeza da virtude é a innocencia coroada pela penitencia.

FIM DO VOLUME PRIMEIRO

FABIOLA

OU

A EGREJA DAS CATACUMBAS

